

O Livro dos Segredos Volume 4

OSHO

AnDre
Advaita Samtusti
[a r z @terra.com.br](mailto:ar_z@terra.com.br)

Agradecimento a Ma Gyan Darshana por disponibilizar o ebook em espanhol

Capítulo 51

Voltar para a Existência

Os Sutras

76 Sob a chuva em uma noite escura, entra nessa negrume como a forma das formas.

77 Quando não estiver presente uma noite chuvosa sem Lua, fecha os olhos e encontra esta negrume ante ti. Ao abrir os olhos, vê negrume. Deste modo os defeitos desaparecem para sempre.

78 Sempre que sua atenção se pose, nesse mesmo ponto, experimenta.

Uma vez, um doutor - historiador e eminente erudito muito conhecido- estava hospedando-se em um povo. O administrador de correios, o velho administrador do povo, sentiu curiosidade por este ancião, este doutor. Tinha curiosidade por saber que tipo de doutor era, assim que um dia lhe perguntou: «Que tipo de doutor é você, senhor?».

O homem disse: «Doutor em filosofia». O ancião nunca tinha ouvido isso. Estava sentido saudades, e disse: «Nunca tive notícias de nenhum caso dessa enfermidade por aqui».

Não te ria, porque o velho administrador de correios tinha razão em certo modo: a filosofia é uma espécie de enfermidade. É obvio, os doutores em filosofia não são doutores; mas bem são as vítimas perfeitas de uma enfermidade.

A filosofia não é uma enfermidade específica, de modo que não pode pensar nela em função dos casos. Nasce com o ser humano. É tão velha como a humanidade ou a mente humana. E todo ser humano é uma vítima, mais ou menos, porque pensar não conduz a nenhuma parte; ou te leva em círculos, em círculos viciosos. Move-te muito, e se for perito pode te mover rapidamente, mas não chega a nenhuma parte.

Isto terá que compreendê-lo muito profundamente, porque se não poder compreender e sentir isto, não pode dar o salto à meditação. A meditação significa o enfoque contrário, contrário à filosofia. A filosofia significa pensar e a meditação significa um estado de não-pensamento. São pólos opostos.

Isto é só humano, pensar em perguntas e tratar de encontrar respostas. Mas a filosofia não chega a nenhuma resposta. A ciência chega a certas respostas, a religião chega a certas respostas, mas a filosofia não chega a nenhuma resposta. E todas as respostas às que a filosofia parece chegar são só fachadas: se escavar fundo nelas quão único encontrará é mais perguntas. De maneira que toda resposta conduz a mais pergunta; e isto segue e segue e segue.

A ciência chega a certas respostas, porque a ciência não depende do pensamento, mas sim da experimentação. O pensamento só se usa como uma ajuda, mas a base é a experimentação. Por isso a ciência contribuiu com algumas respostas. Os filósofos, conhecidos e desconhecidos, estiveram trabalhando e trabalhando durante séculos, mas não se obteve nenhuma só resposta, nenhuma só conclusão. Não pode obter-se. A

GRUPO PROVISÃO, ESTUDA MECÂNICA QUÂNTICA
VENHA PARTICIPAR , VC TAMBÉM
65 9 9632 0674

natureza mesma do pensamento é tal, que se usar o pensamento como uma ajuda encaminhada à experimentação, pode-se obter algo; por isso a ciência chega a certas respostas.

Mas a religião também chega a certas respostas, porque a religião também é experimentação. A ciência experimenta com o objeto, a religião experimenta com o sujeito, mas ambas as som experimentações e ambas dependem dos experimentos. Entre elas duas está a filosofia: só puro pensamento, pensamento abstrato, sem nenhum experimento. Pode seguir, pode seguir, mas não chega a nenhuma parte. O pensamento abstrato, o pensamento especulativo, é pensamento sem fim. Pode desfrutar, pode desfrutar da viagem, mas não há meta.

A religião e a ciência são similares em certo modo, ambas acreditam no experimento. É obvio, o experimento religioso é mais profundo que o cientista, porque na ciência o experimentador mesmo não está envolto. Está trabalhando com ferramentas, trabalhando com coisas, trabalhando com objetos; ele permanece distante, ele permanece fora do experimento. A religião é uma ciência mais profunda, porque o experimentador mesmo se converte no experimento. Não há mais ferramenta que ele, não há nenhum objeto que esteja fora dele. Ele é ambas as coisas, suas ferramentas, seus objetos, seu método; ele o é tudo. E tem que trabalhar consigo mesmo.

Isto é árduo. Como está envolto, é árduo. E como está envolto, o experimento se converte em uma experiência. Na ciência, o experimento não deixará de ser um experimento. O cientista não será afetado por isso, não será transformado por isso. O cientista seguirá sendo o mesmo. Mas na religião, ao passar pelo experimento, será um homem inteiramente diferente. Não pode sair sendo o mesmo; tem que trocar. Por isso o experimento religioso se converte em experiência.

Recorda isto: pode seguir pensando em Deus, na alma, no outro mundo, e pode que aparentes que sabe algo a respeito de Deus simplesmente pensando nele. Isso será falso. Não pode saber nada a respeito de Deus; a palavra «aproxima» é absurda. Pode conhecer deus, mas não pode saber «aproxima»... Esse «aproxima» cria a filosofia.

Como vai ou seja algo a respeito de Deus? Ou, por exemplo, como vai ou seja algo sobre o amor?

Pode conhecer o amor; não pode saber sobre o amor, porque «aproxima» significa que alguma outra pessoa sabe e você crie em seu conhecimento. Recolhe e aprovisiona opiniões. Diz: «sei algo sobre Deus». Todo conhecimento que é «aproxima» é falso, perigoso, porque pode ser enganado por ele.

Pode conhecer deus, pode conhecer o amor, pode te conhecer ti mesmo, mas esquece esse «aproxima». Esse «aproxima» é a filosofia. Os Upanishads dizem algo, veda-os dizem algo, a Bíblia diz algo, o Corán diz algo, mas, para ti, todo isso se voltará «aproxima». A não ser que se volte sua experiência, é fútil, está estragado.

Este ponto tem que penetrar profundamente em ti, porque pode seguir pensando, e a mente é tal que pode começar a pensar a respeito da meditação. Pode fazer de algo o objeto do pensamento. Inclusive pode pensar a respeito da meditação, e pode seguir pensando a respeito dela, não acontecerá nada.

Estou falando de muitos métodos. Há um perigo, pode que comece a pensar a respeito destes métodos, pode que te volte erudito. Isso não servirá, isso não serve para nada. Não só não serve para nada, mas também além disso é perigoso, porque a meditação é experiência, saber «aproxima» não tem nenhum valor.

Recorda esta palavra «experiência». Os problemas da vida, todos os problemas da vida, são existenciais, não são especulativos. Não pode resolvê-los pensando; só pode resolvê-los vivendo-os. Vivendo se abre o futuro. Pensando nunca se abre o futuro. Pelo contrário, inclusive o presente se fecha.

Pode que não o tenha observado, quando pensa, o que acontece? Quando pensa, está fechado. Tudo o que está presente afastamento. Entra em um caminho de ensonação em sua mente. Uma palavra cria outra, um pensamento cria outro, e segue entrando. quanto mais entra no pensamento, mais te afasta da existência. Pensar é uma forma de afastar-se. É um caminho de ensonação; é sonhar em conceitos. Volta para a Terra. A religião é muito terrestre neste sentido; não mundana, a não ser muito terrestre, substancial. Volta para a existência.

Os problemas da vida só podem ser resolvidos quando te arraiga profundamente na existência. Voando com os pensamentos te afasta das raízes, e quanto mais longe está, menor é a possibilidade de resolver nada. Mas bem o embrulhará tudo, e tudo ficará mais emaranhado. E quanto mais emaranhado esteja, mais pensará, e mais te afastará. Olho pensando!

Agora entraremos nas técnicas.

76 Te dissolva na escuridão.

Primeira técnica com a escuridão: *Sob a chuva em uma noite escura, entra nessa negrume como a forma das formas.*

Houve uma escola esotérica muito antiga sobre a que pode que não tenha ouvido. A escola se conhecia como a escola dos esenios. Jesus foi instruído nessa escola; pertencia ao grupo dos esenios. Esse grupo esenio é o único grupo em todo mundo que concebe a Deus como absoluta escuridão. O Corán diz que Deus é luz, os Upanishads dizem que Deus é luz, a Bíblia diz que Deus é luz. a dos esenios é a única tradição do mundo que diz que Deus é negrume absoluta, escuridão absoluta, uma infinita noite negra.

Isto é muito belo; estranho, mas muito belo..., e muito significativo. Deve compreender seu significado; então esta técnica será, muito útil, porque esta é a técnica usada pelos esenios para entrar na escuridão, para fundir-se com ela.

Reflete. por que Deus foi simbolizado em todas partes como luz? Não porque Deus seja luz, mas sim porque o homem lhe tem medo à escuridão. Este é um medo humano: nós gostamos da luz e nos assusta a escuridão, de modo que não podemos conceber a Deus como escuridão, como negrume.

Esta é uma concepção humana. Concebemos a Deus como luz porque nos assusta a escuridão.

Criamos nossos deuses de resulta de nosso medo. Damo-lhes forma e configuração. Essa forma e configuração a damos nós, diz algo sobre nós, não sobre nossos deuses. Eles são nossas criações. Temos medo na escuridão, de modo que Deus é luz. Mas estas técnicas pertencem à outra escola.

Os esenios dizem que Deus é escuridão, e isto, tem substância. Uma coisa, a escuridão é eterna. A luz vem e vai, e a escuridão permanece. Pela manhã sairá o Sol e haverá luz; ao entardecer o Sol ficará e haverá escuridão. Para a escuridão não tem que sair nada, sempre está aí. Nunca sai e nunca fica. A luz vem e vai; a escuridão permanece. A luz sempre tem alguma fonte; a escuridão não tem fonte. O que tem alguma fonte não pode ser infinito; só o que não tem fonte pode ser infinito e eterno. A luz tem uma certa perturbação; por isso não pode dormir quando há luz. Cria uma tensão. A escuridão é relaxação, relaxação total.

Mas por que lhe temos medo à escuridão? Porque a luz nos parece que é a vida, é-o; e a escuridão nos parece que é a morte: é-o. A vida chega com a luz, e quando morre parece que tem cansado em uma escuridão eterna. Por isso pintamos a morte de negro, e

o negro se converteu na cor do luto. Deus é luz, e a morte é negra. Mas estes são nossos medos projetados. Em realidade, a escuridão é infinita; a luz é limitada. A escuridão parece ser o útero de que sai tudo e no que cai tudo.

Os esenios adotaram este ponto de vista. É muito formoso e também muito útil, porque se pode amar a escuridão, já não lhe terá medo à morte. Se pode entrar na escuridão -e só pode, entrar se não ter medo-, obterá a relaxação total. Se pode te fundir com a escuridão, está dissolvido, é uma entrega. Já não há medo, porque se te fundiste com a escuridão, fundiste-te com a morte. Já não pode morrer; tornaste-te imortal. A escuridão é imortal. A luz nasce e morre; a escuridão simplesmente é. É imortal.

Para estas técnicas, primeiro terá que recordar que não deveria haver em sua mente nenhum medo com respeito à morte, com respeito à negrume; do contrário, como vais poder fazer este experimento? Primeiro terá que abandonar o medo. Assim faz algo como passo preliminar, sente-se na escuridão, apaga as luzes, sente a escuridão. Tenha uma atitude amorosa para com ela; deixa que a escuridão te toque. Olha-a. Abre os olhos em uma habitação escura ou em uma noite escura; tenha uma comunhão, te una, te embeba em uma relação. Assustará-te; então estas técnicas não podem servir de ajuda, não pode as fazer.

Primeiro é necessária uma amizade profunda com a escuridão. Às vezes, de noite, quando todos se foram a dormir, permanece com a escuridão. Não faça nada; tão somente permanece com ela. E simplesmente permanecer com ela te dá um profundo sentimento para ela, porque é muito relaxante. Não a conhecestes simplesmente devido ao medo. Se não ter sonho, acenderá a luz imediatamente, começará a ler ou a fazer algo, mas não permanecerá com a escuridão. Permanece com ela. Se pode permanecer com ela, terá novas conexões, novos contatos com ela.

O homem se fechou completamente contra a escuridão. Houve razões, razões históricas: porque a noite era muito perigosa, e o homem estava em covas ou em selvas. De dia estava mais seguro: podia ver o que lhe rodeava, e nenhum animal selvagem podia lhe atacar; ou podia tomar medidas, alguma defesa; ao menos, podia escapar. Mas de noite havia escuridão em todas partes e estava necessitado, assim que se assustou; e esse medo entrou no inconsciente, ainda temos medo.

Já não vivemos em covas e não estamos a mercê de animais selvagens, ninguém vai atacar nos; mas o medo segue aí. foi muito fundo, porque a mente humana teve medo durante milhões de anos. Seu inconsciente não é teu próprio; é o coletivo, é hereditário, recebeste-o. O medo o segue aí, e devido a esse medo não pode ter uma comunhão com a escuridão.

Uma coisa mais, devido a este medo, o homem começou a adorar o fogo. Quando tirou o chapéu o fogo, o fogo se voltou um deus. Não é porque o fogo seja um deus, a não ser devido ao medo à escuridão. Durante o dia havia luz e não havia medo, o homem estava mais protegido. De noite havia escuridão, assim é que quando tirou o chapéu o fogo, é obvio, o fogo se converteu em um deus, o maior. Os parsis ainda seguem adorando o fogo.

A adoração do fogo surgiu devido ao medo à escuridão. De noite, o fogo se voltou o amigo, o protetor, a segurança divina.

Esse medo segue aí. Pode que não seja consciente dele, porque não há situações nas que possa tomar consciencia dele; mas um dia apaga a luz de noite e sente-se..., e virá a ti o medo primitivo. Em sua própria casa, começará a sentir que há animais selvagens ao redor. Haverá algum ruído, e te assustará de animais selvagens, ronda algum perigo. Esse perigo não ronda; está em seu inconsciente.

De modo que primeiro tem que te sobrepôr a seu medo inconsciente, e então pode entrar nestas técnicas, porque estas técnicas têm que ver com a escuridão. E Shiva está dando todas as técnicas possíveis.

Minha própria experiência com estas técnicas é muito formosa. Se pode as fazer, são maravilhosas. Entrará em uma relaxação profunda que nunca conheceste. Mas primeiro descobre seus medos inconscientes e tenta viver e amar a escuridão. Está cheia de sorte. Uma vez que a conhece, e uma vez que está em contato com ela, está em contato com um fenômeno cósmico muito profundo.

De modo que sempre que ter a oportunidade de estar na escuridão, e acordado... Porque pode fazer duas coisas: pode acender a luz ou te pode dormir. Ambas as coisas são truques para fugir da escuridão. Se está dormido, então não tem medo, porque não está consciente. Ou se estiver consciente, então acenderá a luz. Não acenda a luz e não durma. Permanece com a escuridão.

Sentirá muitos medos. Sente-os. Sei consciente deles. Traz-os para sua mente consciente.

Virão por si mesmos, e quando vierem, permanece como uma testemunha. Desaparecerão, e não demorará para chegar um dia no que possa estar na escuridão com total entrega, sem nenhum medo. Pode estar na escuridão te abandonando totalmente. Então acontece um fenômeno muito formoso. Então pode apreciar o que dizem os esenios de que Deus é escuridão, absoluta escuridão.

Sob a chuva em uma noite escura, entra nessa negrume como a forma das formas.

Todas as formas surgem da escuridão e se dissolvem na escuridão. Os mundos vêm, são criados da escuridão, e voltam para a escuridão. A escuridão é o útero, o útero cósmico. Aí esta a quietude imperturbável, absoluta.

Shiva diz que será bom fazer esta técnica uma noite de chuva em que tudo esteja negro, em que haja nuvens e não se veja nenhuma estrela e o céu esteja completamente escuro. Em uma noite negra em que não haja Lua..., *entra nessa negrume como a forma das formas*. Sei uma testemunha dessa negrume, e então te dissolve nela. É a forma de todas as formas. Você é uma forma: pode te dissolver nela.

Quando há luz, está definido. Posso verte, há luz. Seu corpo tem uma definição. Está definido, tem confine. Confine-os existem devido à luz. Quando não há luz, confine-os se dissolvem. Na escuridão, nada está definido; tudo se funde em todo o resto. As formas desaparecem.

Pode que essa seja uma das causas de nosso medo: porque quando não está definido, não sabe quem é. Não se pode ver a cara, não se pode conhecer o corpo. Tudo se funde em uma existência sem forma. Pode que essa seja uma das causas do medo: porque não pode sentir sua existência definida. A existência se volta vaga e aparece o medo, porque agora não sabe quem é. O ego não pode existir indefinido, é difícil existir como um ego. Alguém se assusta. A gente quer que haja luz.

Contemplando; meditando, fundindo-se, será mais fácil fundir-se com a escuridão que fundir-se com a luz, porque a luz estabelece distinções. Laoscuridad elimina todas as distinções. Na luz é bonito ou feio, rico ou pobre. A luz te dá uma personalidade, uma distinção: culto, inculto, santo ou pecador. A luz lhe manifesta como uma pessoa distinta. A escuridão te envolve, aceita-te...; não como uma pessoa distinta; simplesmente te aceita sem nenhuma definição. Está envolto e te funde com ela.

A escuridão sempre está fazendo-o, mas como tem medo, não pode entendê-lo. Deixa de lado seu medo e te funda com ela.

Entra nessa negrume como a forma das formas.

Entra nessa negrume... Como pode entrar na negrume? Três coisas: uma, olhe fixamente a negrume. É difícil. É fácil olhar fixamente uma chama, qualquer fonte de luz, porque está aí como um objeto, enfocada; pode dirigir sua atenção a ela. A escuridão não é um objeto; está em todas partes, está por todos lados. Não pode vê-la como um objeto. Olhe fixamente o vazio. Está em todas partes; simplesmente olha-a. Sinta-se a gosto e olha-a. Começará a entrar em seus olhos. E quando a escuridão entra em seus olhos, você está entrando nela.

Permanece com os olhos abertos quando estiver fazendo esta técnica em uma noite escura. Não feche os olhos, porque com os olhos fechados têm uma escuridão diferente. Essa é tua, é mental; não é real. *Não é real.* Em realidade, é uma parte negativa; não é escuridão positiva. Aqui há luz, fecha os olhos e pode ter uma escuridão, mas essa escuridão é simplesmente o negativo da luz. Igual a quando olha pela janela e logo fecha os olhos, tem uma figura em negativo da janela. Toda nossa experiência é da luz, de modo que quando fechamos os olhos, temos uma experiência em negativo da luz e a chamamos escuridão. Não é real, não servirá.

Abre os olhos, permanece com os olhos abertos na escuridão, e terá uma escuridão diferente: a escuridão diferente que há aí. Olha-a fixamente. Segue olhando a escuridão. Aparecerão as lágrimas, lhe irritarão os olhos, doerão-lhe. Não se preocupe, segue. E no momento em que a escuridão, a escuridão real, entre em seus olhos, dará-te uma sensação tranqüilizadora muito profunda. Quando a escuridão real entre em ti, encherá-te dela.

E esta entrada da escuridão te esvaziará de toda a escuridão negativa. Este é um fenômeno muito profundo. A escuridão que tem dentro é uma coisa negativa; está contra a luz. Não é a ausência de luz; opõe-se à luz. Não é a escuridão da que fala Shiva como a forma de todas as formas, a escuridão real que existe. Temo-lhe tanto medo que *criamos* muitas fontes de luz meramente como amparo, e vivemos em um mundo iluminado. Então fechamos os olhos e o mundo iluminado se reflete negativamente por dentro. pedimos o contato com a escuridão real que existe, a escuridão dos esenios, ou a escuridão da Shiva. perdemos o contato com ela. Agarramo-lhe tanto medo que a rechaçamos completamente. Estamos-lhe dando as costas.

De maneira que isto será difícil, mas se o pode fazer, é milagroso, é mágico. Terá um ser inteiramente diferente. Quando a escuridão entra em ti, você entra nela. Sempre é recíproco, mútuo. Não pode entrar em nenhum fenômeno cósmico sem que o fenômeno cósmico entre em ti. Não pode violá-lo, não pode entrar pela força. Só se estiver disponível, aberto, vulnerável, e se dá aconteço a que entre em ti algum fenômeno cósmico, entrará você nele. Sempre é mútuo. Não pode forçá-lo; só pode permiti-lo.

Agora é difícil encontrar escuridão real nas cidades; é difícil encontrar escuridão real em nossas casas. Com a luz irreal o temos feito tudo irreal. Inclusive nossa escuridão está polucionada, não é pura. De modo que é bom ir a algum lugar remoto só para sentir a escuridão. Vete a um povo remoto no que não haja eletricidade, vete ao topo de uma montanha. Fique ali uma semana para experimentar a escuridão pura. Voltará sendo um homem diferente, porque, nesses sete dias de absoluta escuridão, surgirão todos os medos, todos os medos primitivos. Terá que confrontar monstros, terá que confrontar seu próprio inconsciente. A humanidade inteira... Será como se estivesse atravessando a totalidade do tempo, e surgirão muitas coisas do profundo de seu inconsciente. Parecerão reais. Pode que te assuste, que te atemorize, porque parecerão tão reais..., e são somente suas criações mentais.

Muitos loucos em nossos manicômios não sofrem de outra coisa que da erupção dos medos primitivos que levam dentro. Os medos estão aí; os loucos estão assustados, atemorizados em cada momento de suas vidas. E ainda não sabemos como deixar que se evaporem esses medos primitivos. Se se pode ajudar aos loucos a que meditem na escuridão, a loucura desaparecerá.

Mas só no Japão trabalham um pouco nessa direção. comportam-se de maneira absolutamente diferente com seus loucos. Se alguém se voltar louco, psicótico ou neurótico, o método japonês é lhe deixar que viva isolado durante três ou seis semanas, conforme seja necessário em cada caso. Simplesmente lhe deixam viver isolado. Não vai ver lhe nenhum médico, nenhum psicanalista. Provêem-lhe de comida, cobrem-se suas necessidades, e lhe deixa sozinho.

De noite não há luz; está sozinho na escuridão, sofrendo, é obvio; atravessando muitas fases. Lhe dispensam todos os cuidados, mas não lhe dá companhia. Tem que enfrentar-se a sua própria loucura, imediata e diretamente, e em um prazo de três a seis semanas, a loucura começa a desaparecer. Em realidade, não se tem feito nada; simplesmente lhe deixou sozinho. Esta é a única medida que se tomou.

Os psiquiatras ocidentais se ficaram assombrados. Não podem entender realmente como acontece, porque eles trabalham durante anos: psicoanalizam, tratam, fazem de tudo, mas nunca deixam ao homem sozinho. Nunca lhe deixam que se em frente totalmente a seu inconsciente interno ele sozinho. Porque quanta mais ajuda lhe oferece, mais indefeso lhe volta porque depende mais de ti. E é uma questão de um encontro interno; em realidade, ninguém pode ajudar. De modo que os que sabem lhe deixarão que enfrente a ti mesmo.

Tem que te conciliar com seu inconsciente. E esta meditação com a escuridão absorverá completamente toda sua loucura. Prova-a. Pode prová-la inclusive em sua casa. Cada noite, permanece uma hora com a escuridão. Não faça nada; simplesmente olhe fixamente a escuridão. Terá uma sensação de fusão, e sentirá que algo está entrando em ti e que você está entrando em algo.

Permanecendo, vivendo com a escuridão durante três meses, uma hora ao dia, perderá toda a sensação de individualidade, de separação. Então não será uma ilha; voltará-te o oceano. Será um com a escuridão. E a escuridão é tão oceânica, nada é tão imenso, nada é tão eterno, e nada está tão perto de ti, e a nada tem tanto medo e temor. Está à volta da esquina, sempre esperando.

Sob a chuva em uma noite escura, entra nessa negrume como a forma das formas.

Olhe para que entre em seus olhos.

O segundo: te tombe e sente que está junto a sua mãe. A escuridão é a mãe, a mãe de tudo. Pensa: quando não havia nada, o que havia?

Não pode pensar em outra coisa que a escuridão. Se tudo desaparecer, o que haverá ainda? Haverá escuridão.

A escuridão é a mãe, o útero, assim te tombe e sente que está no útero de sua mãe. E se voltará real, voltará-se quente, e cedo ou tarde começará a sentir que a escuridão, o útero, está-te envolvendo por toda parte. Está nela.

E terceiro, andando, indo trabalhar, falando, comendo, fazendo algo, leva um emplastro de escuridão dentro de ti. A escuridão que entrou em ti leva-a contigo. Ao igual a falamos de levar uma chama, leva escuridão. E ao igual a te disse que se levar uma chama e sente que é luz, seu corpo começará a irradiar uma certa luz estranha, e os que sejam sensíveis começarão a senti-la, o mesmo ocorrerá com a escuridão.

Se levar escuridão dentro de ti, todo seu corpo, ficará tão depravado e acalmado, tão sereno, que se notará. E ao igual a quando leva luz dentro de ti algumas pessoas se sentirão atraídas a ti, quando leva escuridão dentro algumas pessoas simplesmente fugirão de ti. Assustarão-se e se atemorizarão. Não serão capazes de suportar um ser tão silencioso; resultará-lhes insuportável.

Se levar escuridão dentro de ti, os que lhe têm medo à escuridão tentarão fugir de ti; não se aproximarão de ti. E todo mundo lhe tem medo à escuridão. Começará a notar que seus amigos lhe estão deixando. Sua família se alterará quando entrar, porque entra como um lago de serenidade, e todo mundo está agitado e excitado. Resultará-lhes difícil te olhar aos olhos, porque seus olhos se voltarão como cerca, um abismo. Se alguém lhe olhe aos olhos, enjoará-se, sentirá neles semelhante abismo profundo...

Mas você sentirá muitas coisas. Resultará-te impossível te zangar. Levando escuridão dentro, não pode estar zangado. Levando uma chama pode te zangar muito facilmente, mais facilmente que nunca, porque a chama pode te excitar. Levando uma chama se sentirá mais sexual que nunca, porque a chama te excitará, criará paixão. Mas levando escuridão dentro de ti, sentirá que te acontece uma profundad asexualidad. Não se sentirá sexual; não te será possível te zangar facilmente. A paixão desaparecerá. Não sentirá que é um homem ou uma mulher. Parecerá-te que essas palavras se tornaram irrelevantes, sem sentido. Simplesmente é.

Levar escuridão dentro todo o dia te ajudará muitíssimo, porque então, quando contemplar e medite com a escuridão de noite, a escuridão interna que levaste todo o dia te ajudará a te unir, a interna virá a unir-se à externa.

E com apenas recordar que leva escuridão -que está cheio de escuridão, que cada poro do corpo, cada célula do corpo está cheia de escuridão-, sentirá-se muito depravado. Prova-o. Sentirá-se muito depravado. Tudo em ti irá mais devagar. Não poderá correr, caminhará, e seu caminhar também será mais lento. Andará devagar, como caminha uma mulher grávida. Caminhará devagar, com muito cuidado. Está levando algo.

E acontecerá justo o contrário quando estiver levando uma chama, andará mais depressa; mas bem, você gostaria de correr. Haverá mais movimento, voltará-te mais ativo. Levando escuridão estará depravado. Outros começarão a pensar que é preguiçoso.

Quando eu estava na universidade, estive fazendo este experimento durante dois anos. Voltei-me tão preguiçoso que inclusive sair da cama era difícil. Meus professores se inquietaram muito, e pensaram que me tinha passado algo mau, ou estava doente ou havia me tornado absolutamente indiferente. Um professor que me queria muito, o reitor do departamento, preocupou-se tanto que nos dias dos exames vinha a me recolher à residência pela manhã para me levar a sala dos exames para que chegasse a tempo. Todos os dias olhava se tinha entrado na sala, e só então se sentia bem e se ia a casa.

Prova-o. É uma das experiências mais belas da vida levar escuridão em seu útero, voltar-se escuro. Ao andar, ao comer, ao estar sentado, ao fazer algo, recorda: a escuridão te encheu, está cheio dela. E então vê como trocam as coisas. Não pode te acalorar, não pode estar muito ativo, não pode estar tenso. Dormirá tão profundamente que os sonhos desaparecerão e andará todo o dia como se estivesse embriagado.

Os sufies usaram este método, uma seita específica de sufies, e a esses sufies lhes conhece como os sufies bêbados. Estão bêbados desta escuridão. Fazem buracos na terra, e se deitam nos buracos cada noite, e meditam tombados em seus buracos; meditam com a escuridão, fundindo-se com ela. E em seus olhos se verá que estão embriagados. Pode notar em seus olhos uma relaxação tão profunda, uma vibração tão

relaxada, que só acontece se estiver inteiramente embriagado ou tem muito sonho. Só então podem ter seus olhos essa expressão. Lhes conhece como os sufíes bêbados. E estão bêbados de escuridão.

77 Tirando a escuridão interna.

Segunda técnica com a escuridão: *Quando não estiver presente uma noite chuvosa sem Lua, fecha os olhos e encontra esta negrume ante ti. Ao abrir os olhos, vê negrume. Deste modo os defeitos desaparecem para sempre.*

Hei dito que se fechar os olhos, a negrume será falsa, assim que o que fazer se não fazer uma noite sem Lua, uma noite escura?, se houver Lua e há luz de Lua? Este sutra te dá uma chave.

Quando não estiver presente uma noite chuvosa sem Lua, fecha os olhos e encontra esta negrume ante ti.

Esta negrume será falsa ao princípio. Pode fazê-la real, e o método para fazê-la real é, *Ao abrir os olhos, vê negrume.* Primeiro fecha os olhos, vê negrume. Logo abre os olhos, e a negrume que viu dentro, vela fora. Se desaparecer fora, isso significa que a negrume que viu dentro era falsa.

Esta é um pouco mais difícil. Na primeira, leva a seu interior a escuridão real. Na segunda, sacas a falsa; segue movendo-a. Fecha os olhos, sente a escuridão; abre os olhos, e com os olhos abertos vê a escuridão fora. Assim é como sacas a escuridão interna falsa.

Segue desprezando-a. Levará a menos de três a seis semanas, e logo, um dia, de repente será capaz de fazer sair a escuridão interna. O dia que pode fazer sair a escuridão interna encontra a escuridão interna real. A real a pode mover; a falsa não a pode mover.

E é uma experiência muito mágica. Se pode tirar a escuridão interna, pode fazê-lo inclusive em uma habitação iluminada, e se pulverizará ante ti um emplastro de escuridão. A experiência é muito estranha, porque a habitação está iluminada. Ou inclusive à luz do Sol..., se tiver chegado à escuridão interna, pode tirá-la. Então aparece um emplastro de escuridão ante seus olhos. Pode seguir pulverizando-a.

Uma vez que sabe que pode acontecer, pode ter escuridão, escura como a mais escura das noites, em um dia totalmente ensolarado. Brilha o Sol, mas pode pulverizar a escuridão. A escuridão sempre está aí; inclusive quando brilha o Sol, a escuridão está aí. Não pode vê-la; está coberta pela luz do Sol. Uma vez que sabe como deixá-la ao descoberto, pode fazê-lo.

No Tíbet há muitos métodos como este. Pode tirar o mundo externo costume do mundo interno. Pode que tenha ouvido falar de uma técnica muito famosa; chamam-na «ioga do calony. Faz uma noite muito fria, heladora, está nevando, e um monge tibetano, um *lama* tibetano, pode sentar-se sob o céu aberto, com a neve caindo por toda parte, a temperatura baixo zero, e pode começar a suar. Isto é um milagre médico. Como está suando? Está fazendo sair o calor interno.

E o frescor interno ou o frio interno também se podem tirar. conta-se que em vida da Mahavira... Ninguém tratou que explicá-lo até agora. Os jainas pensam que Mahavira simplesmente estava praticando austeridade; não é assim. conta-se que quando era verão, a estação do calor, e o sol era abrasador, sempre estava em algum sítio no que não havia sombra, árvores, nada absolutamente. Passava os dias do verão sob o sol

ardente, e no inverno encontrava algum lugar fresco, o mais frio: sob uma árvore, uma árvore sombria, ou perto de um rio, ou onde estava gelando.

Na estação do frio, encontrava um lugar fresco para meditar, e na estação do calor encontrava o lugar mais caloroso para meditar. A gente pensava que estava louco, e seus seguidores pensam que simplesmente estava praticando austeridade. Não é assim. Em realidade, estava provando algumas técnicas internas como esta.

Quando fazia calor, tentava tirar seu frio interno; e só se pode sentir por contraste. Quando fazia *frio* fora, tirava seu calor interno; E isso só se pode sentir quando há um contraste. Não era inimigo do corpo, não estava contra seu corpo, como pensam os jainas. Eles pensam que estava matando seu corpo, porque se pode matar seu corpo, pode matar seu desejo. Isto é uma perfeita tolice. Não estava fazendo nada pelo estilo. Estava tirando o interno, e estava protegido pelo interno. Ao igual aos *lamba* tibetanos podem criar calor e podem suar enquanto está nevando, Mahavira estava sob um sol abrasador e não suava. Estava tirando seu frio interno, e esse frio interno saía e protegia seu corpo.

De modo semelhante, pode tirar sua escuridão interna, e essa sensação é muito fresca. Se pode tirá-la, está protegido por ela: nenhum aquecimento, nenhuma paixão te perturbará. Prova-o. Estas três coisas: olhe fixamente a escuridão com os olhos abertos e permite que a escuridão entre em ti. Segundo, sente a escuridão como o útero de uma mãe que te rodeia; vive nele; te esqueça cada vez mais de ti mesmo. E terceiro, leva um emplastro de escuridão em seu coração em qualquer lugar que vá.

Se pode fazer isto, a escuridão se voltará a luz. Iluminará-te mediante a escuridão.

Quando não estiver presente uma noite chuvosa sem lua, fecha os olhos e encontra esta negrume ante ti.

Ao abrir os olhos, vê negrume.

Esse é o método. Primeiro sente-a dentro, sente-a tão profundamente que possa percebê-la fora. Então abre os olhos de repente e sente-a fora. Levará tempo.

Deste modo os defeitos desaparecem para sempre.

E se pode tirar a escuridão interna, os defeitos desaparecem para sempre, porque se perceber a escuridão interna, tornaste-te tão sereno, tão silencioso, tão incapaz de te acalorar, que os defeitos não podem permanecer em ti.

Recorda isto: os defeitos só podem existir se for propenso a te acalorar, se tender a te acalorar. Não existem em si mesmos; existem em sua capacidade de te acalorar. Alguém te insulta, e não tem escuridão dentro de ti para absorver o insulto; aviva-te, zanga-te, arde por dentro, e então tudo é possível. Pode ser violento, pode matar, e pode fazer o que só pode fazer um louco. Tudo é possível: tornaste-te louco. Alguém te elogia, volta-te louco de novo, no outro extremo.

Há situações por toda parte, e não é capaz de absorver. Insulta a um buda: pode absorvê-lo; simplesmente pode tragá-lo, digeri-lo. Quem digere esse insulto? Uma lacuna interna de escuridão, silêncio. Tiras algo venenosa; é absorvida. Não produz nenhuma reação.

isto prova, e quando alguém te insulte, recorda que está cheio de escuridão, e sentirá de repente que não há reação. Passa por uma rua, vê uma mulher bonita ou a um homem bonito, excita-te.

Sente que está cheio de escuridão, de repente, a paixão desaparecerá. Prova-o. Isto está totalmente apoiado em experimentos; não há necessidade de acreditá-lo.

Quando sentir que está cheio de paixão ou de desejo ou de sexo, simplesmente recorda a escuridão interna. Durante um só momento, fecha os olhos e sente a escuridão e vê a paixão desaparecer, já não há desejo. A escuridão interna o absorveu. Tornaste-te um vazio infinito no que algo pode cair e não voltar. Agora é como um abismo.

Por isso diz Shiva: *Deste modo os defeitos desaparecem para sempre*. Estas técnicas parecem muito singelas; são-o. Mas não deixe de provar porque pareçam tão simples. Pode que não desafiem a seu ego, mas as prove de todos os modos. Acontece sempre que nunca tentamos as coisas simples, porque pensamos que são tão singelas que não podem ser verdade. E a verdade sempre é simples, nunca é complexa. Não há necessidade de que seja complexa. Só as mentiras são complexas. Não podem ser simples, porque se forem simples serão descobertas imediatamente.

E porque algo parece simples, pensamos que disso não pode resultar nada. Não é que disso não possa resultar nada; o que passa é que nosso ego só se sente desafiado quando algo é muito difícil. Muitas escolas e muitos sistemas complicaram seus métodos simplesmente devido a ti. Não há necessidade, mas têm que criar complexidades, travas desnecessárias, para fazê-los difíceis e que você se sintam bem porque seu ego se sente desafiado. Se algo for muito difícil e só uns poucos podem fazê-lo, então sente: «Agora sim; isto é o que terá que fazer, porque só uns poucos podem fazê-lo; raramente pode fazê-lo alguém».

Estes métodos são absolutamente simples. Shiva não te está tendo em conta. Simplesmente está descrevendo o método exato tal como é; da maneira mais singela possível, o mais telegraficamente possível, só os requisitos diretos. Assim não procure nenhum desafio para o ego. Estas técnicas não são para te lançar a uma viagem de engrandecimento do ego. Pode que não lhe supõem um desafio, mas se pode as provar, transformarão-lhe. E o desafio não é bom, porque com o desafio fica febril, volta-te louco.

78 Desenvolve a atenção pura.

Terceira técnica: *Sempre que sua atenção se pose, nesse mesmo ponto, experimenta.*

O que? Experimenta, o que? Nesta técnica, primeiro tem que desenvolver a atenção. Tem que desenvolver um tipo de atitude atenta; só então será possível esta técnica, de modo que, cada vez que sua atenção se pose, possa experimentar, possa te experimentar a ti mesmo. Com apenas olhar uma flor pode te experimentar a ti mesmo. Então, olhar uma flor não é só olhar a flor, mas também ao que a olhe; mas só se conhecer o segredo da atenção.

Você também olha uma flor, e pode que pense que está olhando a flor, mas começaste a pensar na flor, e te perde a flor. Já não está aí; foste a alguma outra parte, afastaste-te. Atenção quer dizer que quando está olhando uma flor, está olhando uma flor e não está fazendo nada mais: como se a mente se parou, como se não houvesse pensamento e só houvesse uma simples experiência da flor. Você está aqui, a flor está aí, e entre os dois não há nenhum pensamento.

de repente -se isto for possível-, de repente, da flor sua atenção voltará para ti, ricocheteará para ti. Converterá-se em um círculo. Olhará a flor e o olhar voltará; a flor a refletirá, devolverá-a. Se não haver pensamentos, acontece isto. Então não só está olhando a flor; está olhando também ao que a olhe. Então o que a olhe e a flor se voltam dois objetos e você te tornaste uma testemunha de ambos.

Mas primeiro terá que adestrar a atenção, porque não tem atenção absolutamente. Sua esta atenção flutuando, indo disto ao outro, disso ao de mais à frente. Não está atento nem sequer um momento. Embora esteja falando aqui, nunca ouve todas minhas palavras. Ouve uma palavra, então sua atenção se vai a alguma outra parte; logo volta, ouve outra, então sua atenção se vai a alguma outra parte. Ouve umas poucas palavras, e cheias os ocos, e logo pensa que me ouviste.

E tudo o que leva em ti é só teu assunto, é sua própria criação. Só me ouviste umas poucas palavras, e logo preencheste os ocos, e o que cheias nos ocos o troca tudo. Eu digo uma palavra, e você começaste a pensar nela. Não pode permanecer em silêncio. Se pode permanecer em silêncio enquanto está ouvindo, saberá estar atento.

Atenção significa uma alerta silenciosa sem nenhum pensamento que interfira. Desenvolve-a. Só pode desenvolvê-la fazendo isto; não há outra forma. Faz-o mais e a desenvolverá. Fazendo algo, estando em qualquer parte, trata de desenvolvê-la. Vai de carro, ou em trem o que está fazendo aí? Trata de desenvolver a atenção; não perca o tempo. Estará meia hora em um trem: desenvolve a atenção. Simplesmente permanece ali. Não pense. Olhe a alguém, olhe o trem ou olhe fora, mas sei o olhar. Não pense em nada. Deixa de pensar. Permanece aí e olhe. Seu olhar se voltará direta, penetrante, e de todas partes seu olhar será refletido de volta e tomará consciencia do que olhe.

Não é consciente de ti mesmo porque há um muro. Quando olha uma flor, primeiro seus pensamentos trocam seu olhar; dão-lhe sua própria cor. Então esse olhar vai à flor. Volta, mas então seus pensamentos voltam a lhe dar uma cor diferente. E quando volta, nunca te encontra ali. Foste a alguma outra parte; não está aí.

Tudo olhar volta; tudo é refletido, «respondido», mas você não está presente para recebê-lo. Durante todo o dia pode tentá-lo com muitas coisas e, com o tempo, desenvolverá a capacidade de estar atento. Com essa capacidade faz isto:

Sempre que sua atenção se pose, nesse mesmo ponto, experimenta.

Então olhe a qualquer parte, mas simplesmente olhe. A atenção se posou... e você experimentará a ti mesmo, mas o primeiro requisito é ter a capacidade de estar atento. E pode exercitá-la. Não é necessário lhe dedicar tempo extra.

Independentemente do que esteja fazendo -comendo, te dando um banho, estando sob a ducha-, simplesmente permanece atento. Mas qual é o problema? O problema é que o fazemos tudo com a mente, e estamos continuamente planejando o futuro. Pode que esteja viajando em um trem, mas pode que sua mente esteja planejando outras viagens, programando, organizando. Deixa de fazer isto.

Um monge Zen, Bokuju, há dito: «Esta é a única meditação que conheço. Quando como, como. Quando ando, ando. E quando tenho sonho, durmo. O que acontece, acontece. Nunca interfiro».

Isso é tudo: não interfira. E algo que aconteça, deixa que aconteça: você simplesmente permanece aí. Isso te dará capacidade de atenção. E quando põe atenção, esta técnica está ao alcance de sua mão.

Sempre que sua atenção se pose, nesse mesmo ponto, experimenta.

Experimentará ao que experimenta; voltará para ti mesmo. Reverberará em todas partes; será refletido em todas partes. Toda a existência se voltará um espelho, refletirá-te em todas partes. Toda a existência te refletirá, e só então te pode conhecer ti mesmo; nunca antes.

A não ser que toda a existência se volte um espelho para ti, a não ser que cada parte da existência te revele, a não ser que toda relação te abra... É um fenômeno tão infinito, os espelhos normais não servirão. Dentro é uma existência tão imensa, que a menos que a existência inteira se volte um espelho, não poderá ter um vislumbre. Só quando todo o universo se volte um espelho será refletido. Em ti existe o divino...

E a técnica para fazer que a existência seja um espelho é esta: cria atenção, ponha mais alerta, e então, em qualquer lugar que sua atenção se pose -onde seja, em qualquer objeto que te pose-, de repente te experimente a ti mesmo. Isto é possível, mas agora mesmo é impossível, porque não satisfaz o requisito básico. Pode olhar uma flor, mas isso não é atenção. Só está correndo perto da flor, dando voltas e mais voltas. Viu a flor enquanto corria; não estiveste aí nem um só momento.

Então toda a vida se volta meditativa, *Sempre que sua atenção se pose, nesse mesmo ponto, experimenta*. Simplesmente te recorde a ti mesmo.

Há uma razão profunda pela que esta técnica pode ser útil. Pode arrojara uma bola contra uma parede, a bola voltará. Quando olha uma flor ou uma cara, está arrojando uma certa energia, seu olhar é energia. E não é consciente de que quando olha, está confiriendo energia, está lançando energia. Por isso se sente esgotado depois de passar o dia observando a rua, a gente que passa, os anúncios, a multidão, as lojas. Olhando-o todo te cansa, e então quer fechar os olhos e te relaxar. O que aconteceu? por que se sente tão esgotado? Está lançando energia.

Tanto Buda como Mahavira insistiram em que suas monges não deviam olhar muito; deviam concentrar-se no chão. Buda diz que só pode olhar até um metro e médio diante de ti.

Não olhe a nenhuma parte; olhe tão somente o caminho pelo que está indo. Olhar metro e médio diante de ti é suficiente, porque quando tiver avançado metro e médio, estará de novo olhando metro e médio diante de ti. Não olhe mais que isso, porque não deve desperdiçar energias innecesariamente.

Quando olha, está lançando uma certa quantidade de energia. Espera, permanece em silêncio, deixa que volte a energia. E te surpreenderá. Se pode deixar que volte a energia, nunca se sentirá esgotado. Faz-o. Amanhã pela manhã, prova-a. Em silêncio, olhe algo. Permanece em silêncio, não pense nisso, e espera pacientemente um só momento, a energia voltará; de fato, pode que se sinta revitalizado.

A gente me pergunta continuamente... Leão continuamente, assim que me perguntam: «por que seus olhos ainda estão bem? Deveria ter necessitado óculos a muito tempo tempo».

Pode ler, mas se os silenciosamente sem nenhum pensamento, a energia volta. Nunca se esbanja. Nunca se sente cansado. Toda minha vida estive lendo doze horas ao dia, às vezes inclusive dezoito horas ao dia, mas nunca hei sentido nenhum cansaço. Nunca hei sentido nada nos olhos, nenhum cansaço. Sem pensamentos, a energia volta; não há barreira.

E se estiver aí, reabsorve-a, e esta reabsorção é rejuvenescedora. Em vez de sentir-se cansados, seus olhos se sentem mais relaxados, mais vitais, cheios de energia.

Capítulo 52

Entrar neste Momento

Perguntas

Não são as estruturas filosóficas antimeditação?

podem resolver problemas pensando?

Ao olhar, dá igual o objeto?

Podem encontrá-la ciência e a religião?

Como superar a impaciência?

Por favor, arroja mais luz sobre a escuridão.

Primeira pergunta:

A outra noite disse que as filosofias são antimeditação. Mas, por outra parte, está de acordo em que as filosofias orientais, como o tantra, o ioga e o Vedanta, são os escritos de sábios iluminados. por que os sábios iluminados deixam a herança de uma forte estrutura de contemplação filosófica se as filosofias forem antimeditação?

A filosofia não é *darshan*. *Darshan* é o término oriental. *Darshan* significa percepção; filosofia significa pensar. Herman Hesse cunhou uma palavra nova para traduzir *darshan* às línguas ocidentais. Chama-o «filosía»: «era» vem de ver.

Filosofia significa pensar, e *darshan* significa ver. Os dois são basicamente diferentes; não só diferentes, mas também diametralmente opostos, porque quando está pensando, não pode ver. Está tão cheio de pensamentos que a percepção se turva, a percepção se nubla. Quando deixa de pensar, volta-te capaz de ver. Então tem os olhos abertos; limpam-se. A percepção só acontece quando cessa o pensamento.

Para o Sócrates, Platón e Aristóteles, e toda a tradição ocidental, pensar é a base. Para o Kanad, Kapil, Patanjali, Buda e toda a tradição oriental, ver é a base. De modo que Buda não é um filósofo, absolutamente; nem tampouco Patanjali, nem Kapil ou Kanad. Não são filósofos: viram a verdade; não pensaram sobre ela.

Recorda bem que só pensa quando não pode ver. Se pode ver, não há razão para pensar. Pensar se faz sempre na ignorância. Pensar não é conhecimento, porque quando sabe, não há necessidade de pensar. Quando não sabe, enche esse oco pensando. Pensar é mover-se às cegas. De modo que as filosofias orientais não são filosofias. Usar a palavra filosofia para o *darshan* oriental é absolutamente errôneo. *Darshan* significa ver, conseguir a visão, dar-se conta, saber... imediatamente, diretamente, sem a mediação de pensar e o pensamento.

Pensar nunca pode levar ao desconhecido.

Como vai levar? É impossível. Terá que compreender o processo mesmo de pensar. Quando pensa, o que faz realmente? Segue repetindo velhos pensamentos, lembranças. Se te fizer uma pergunta -existe Deus?-, pode pensar sobre ela. Repetirá tudo o que ouviste, tudo o que tem lido, tudo o que acumulaste a respeito de Deus. Inclusive se chegar a uma conclusão nova, sua novidade será só aparente, não real. Será simplesmente uma combinação de velhos pensamentos. Pode combinar muitos pensamentos velhos e criar uma nova estrutura, mas essa estrutura será aparentemente nova, não nova.

Pensar nunca pode levar a nenhuma verdade original. Pensar nunca é original; não pode sê-lo. Sempre é do passado, do velho, do conhecido. Pensar não pode tocar o desconhecido; move-se repetitivamente no círculo do conhecido.

Não conhece a verdade, não conhece deus. O que pode fazer? Pode pensar sobre isso. Moverá-te em círculos, dando mais e mais voltas. Nunca pode chegar a nenhuma experiência disso.

De modo que a ênfase não está em pensar, a não ser em ver. Não pode pensar a respeito de Deus, mas pode ver. Não pode chegar a nenhuma conclusão a respeito de Deus, mas pode cair na conta. pode-se voltar uma experiência. Não pode chegar a isso mediante a informação, mediante os conhecimentos, mediante as Escrituras, mediante teorias e filosofias; não, não pode chegar a isso. Só pode chegar a isso se descartar todos os conhecimentos. Tudo o que ouviste e lido e aprovado, todo o pó que recolheu sua mente, todo o passado, deve ser posto de lado. Então seus olhos são novos, então sua consciência está livre de nuvens, e então pode vê-lo.

Está aqui e agora; você é o que está nublado. Não tem que ir a nenhuma outra parte para encontrar o divino ou a verdade: está aqui. Está aqui mesmo, onde está. E sempre foi assim, só que você está cheio de nuvens, seus olhos estão fechados. De modo que não é questão de pensar mais; a questão é como alcançar uma consciência não pensante. Por isso digo que a meditação e a filosofia são contrárias. A filosofia pensa, a meditação alcança uma consciência não pensante. E as filosofias orientais não são realmente filosofias. No Ocidente, existe a filosofia; no Oriente, só as realizações religiosas.

É óbvio, quando acontece um Buda, quando acontece um Kanad ou um Patanjali, quando alguém chega a realizar o absoluto, fala disso. As enunciações que faz são diferentes das enunciações aristotélicas, das conclusões filosóficas ocidentais. A diferença é esta: um Kanad, um Buda, primeiro chega à realização -a realização é o primeiro- e logo faz enunciações sobre ela. A experiência é o primário, e logo a expressa. Aristóteles, Hegel e Kant pensam, e então, mediante o pensamento e a argumentação e a dialética lógicas, chegam a conclusões específicas. Essas conclusões se alcançam mediante o pensamento, mediante a mente, não mediante alguma prática de meditação. Então fazem asseverações, fazem enunciações. A fonte é diferente.

Para um Buda, suas enunciações são só um veículo para comunicar. Ele nunca diz que mediante sua comunicação alcançará a verdade. Se pode entender a Buda, isso não significa que tenha alcançado a verdade; significa simplesmente que aprovaste conhecimentos. Terá que passar por meditações, êxtase profundos, atoleiros profundos da mente, e só então chegará à verdade.

De modo que a verdade se alcança mediante uma certa experiência existencial. É existencial, *não* é mental. Deve trocar para conhecê-la e para sê-la. Se segue sendo o mesmo e segue aprovando informação, voltará-te um grande erudito, um filósofo, mas não será um iluminado. Seguirá sendo o mesmo homem; não terá havido nenhuma mutação.

Por isso pinjente que a filosofia é uma dimensão, e a meditação justo a contrária: a oposta, a dimensão polarmente oposta. Assim não pense sobre a vida; mas bem, vive-a a fundo. E não pense a respeito de problemas supremos; mas bem, entra neste mesmo momento no supremo. E o supremo não está no futuro: está sempre aqui, intemporalmente aqui.

Outra pessoa tem feito também uma pergunta similar. perguntou:

podem resolver problemas pensando?

Sim, certos problemas se podem resolver pensando, só os problemas que são criados pelo pensamento podem ser resolvidos por ele. Mas nenhum problema real pode ser resolvido com ele; nenhum problema vivido pode ser resolvido com ele. Não está criado por ele; está na vida mesma. Pensar não servirá de muito. Só em uma certa forma te

pode ajudar o pensamento, e é que pensando e pensando e pensando tropeçará *com* a verdade de que pensar é inútil. E no momento em que cai na conta de que pensar é inútil para os problemas existenciais, isso te ajuda em certo modo. É pensando como tem que chegar a esta realização.

Mas os problemas que se criam com o pensamento podem ser resolvidos pelo pensamento mesmo. Por exemplo, um problema matemático, pode resolver pensando, porque todas as matemática são criadas pelo pensamento. Por exemplo, se não haver nenhum homem na Terra, haverá matemática? Não haverá matemática. Com o desaparecimento da mente humana, desaparecerão as matemática. Não há matemática na vida e a existência. No jardim, há árvores, mas quando conta «um, dois, três», não há três árvores, porque o «três» é uma coisa mental. As árvores existem, mas as cifras não existem. A cifra «três» está em sua mente. Se você não estiver, as árvores estarão aí, mas não três árvores, a não ser só árvores. O três é uma qualidade dada pela mente, é uma qualidade projetada.

A mente cria as matemática, de modo que qualquer problema das matemática será resolvida pela mente, será resolvido pensando. Recorda: não pode resolver um problema matemático sem pensar. Nenhuma meditação servirá de algo, porque a meditação dissolverá a mente, e com a mente se dissolverão todas as matemática. De modo que há problemas que são criados pela mente; podem ser resolvidos. Mas há problemas que não são criados pela mente, mas sim são existenciais. Esses problemas não podem ser resolvidos pela mente. Terá que entrar no profundo da existência mesma.

Por exemplo, o amor. É um problema existencial. Não pode resolvê-lo pensando; antes bem, aturdirá-te mais. quanto mais pense, menos estará em contato com a fonte do problema. A meditação ajudará. Dará-te compreensão, levará-te às raízes inconscientes do problema. Se pensar a respeito dele, permanecerá na superfície.

Assim recorda, os problemas vitais não podem resolver pensando. Pelo contrário, para falar a verdade, ao pensar muito está errando todas as soluções, e se criam mais problemas. Por exemplo, a morte. A morte não é um problema criado pelo pensamento; não pode resolvê-lo pensando. Pense o que pense, como vais poder resolvê-lo? Pode te consolar, e pode pensar que o consolo é uma solução; não o é. Pode te enganar a ti mesmo; isso é possível pensando. Pode criar explicações, e mediante as explicações pode pensar que o resolveste. Pode escapar do problema pensando, mas não pode resolvê-lo. E ver claramente a distinção.

Por exemplo, a morte está aí. Sua amada morre, ou seu amigo, ou sua filha, a morte está aí. O que pode fazer agora? Pode pensar sobre ela. Pode pensar e pode dizer que a alma é imortal..., porque o tem lido. Nos Upanishads se diz que a alma é imortal, que só morre o corpo. Você não sabe absolutamente. Se realmente souber, não há problema, ou há um problema? Se realmente souber que a alma é imortal, então a morte não ocorreu; não há nenhum problema, absolutamente. Mas aí está o problema, a morte ocorreu, e está turbado e muito triste. Agora quer fugir desta tristeza, agora quer esquecer esta tristeza de alguma forma.

Pode tomar a explicação de que a alma é imortal, agora, isto é um truque. Não é que a alma não seja imortal -não estou dizendo isso-, mas para ti isto é um truque. Está tentando te enganar a ti mesmo. Está triste, e agora quer escapar desta tristeza, assim é que esta explicação será útil. Agora pode te consolar a ti mesmo com que a alma é imortal, ninguém morre, só o corpo, igual a se alguém se troca de roupa, ou troca de morada, de modo que a alma foi que uma casa a outra. Pode seguir pensando, mas não sabe nada respeito a isso. Tem lido, aprovisionaste informação; mas mediante essas explicações estará a gosto. Pode te esquecer da morte.

Em realidade, isto não é uma solução ao problema. Não se resolveu nada. Ao dia seguinte morrerá outra pessoa e se apresentará o mesmo problema. Voltará a morrer alguém e se apresentará o mesmo problema. E no fundo sabe que terá que morrer. Não pode escapar da morte..., e tem medo. Mas pode seguir pospondo, e pode seguir escapando mediante explicações. Isto não servirá.

A morte é um problema existencial. Não pode resolvê-lo pensando. Só pode criar soluções falsas. O que fazer então? Então há outra dimensão: a dimensão da meditação, não do pensamento, não da «mentación». Simplesmente te enfrenta à situação. A morte ocorreu. Seu ser querido está morto. Não comece a pensar, não implique aos Upanishads e o Gita e a Bíblia. Não pergunte aos Cristos e os Budas. Ihes deixe em paz.

A morte está aí, confronta-a, lhe faça frente. Permanece totalmente nesta situação. Não pensa nela, o que pode pensar? Só pode repetir velhas tolices. A morte é um fenômeno tão novo, tão desconhecido, que seus conhecimentos não lhe vão ajudar em modo algum. Assim deixa de lado sua mente, permanece em uma meditação profunda com a morte.

Não faça nada, porque o que pode fazer que sirva para algo? Não sabe. Assim sei ignorante. Não traga conhecimentos falsos, conhecimentos emprestados. A morte está aí, permanece com ela. Confronta a morte estando totalmente presente. Não vá ao pensamento, porque então te está escapando da situação, está-te indo daqui. Não pense. Estate presente com a morte.

Haverá tristeza, haverá aflição, haverá uma carga pesada sobre ti, deixa que a haja. Forma parte da vida, e parte da maturidade, e parte da realização suprema. Permanece com ela, totalmente presente. Isto será meditação, e alcançará uma compreensão profunda da morte. Então a morte mesma se volta vida eterna.

Mas não introduza a mente e os conhecimentos. Permanece com a morte; então a morte se revelará a ti, então saberá o que é a morte. Entrará em suas mansões internas. Então a morte te levará a centro mesmo da vida; porque a morte é o centro mesmo da vida. Não está contra a vida; é o processo mesmo da vida.

Mas a mente introduz a contradição de que a vida e a morte são opostas. Então segue pensando, e como a raiz é falsa, como a oposição é falsa, nunca pode chegar a nenhuma conclusão que possa ser verdadeira e real.

Sempre que houver um problema vivido, permanece com o problema sem sua mente -isso é o quero dizer com meditação-, e simplesmente estar aí com o problema resolverá. E se realmente estiveste aí, a morte não voltará a te ocorrer, porque então sabe o que é a morte.

Nunca fazemos isto: nunca com o amor, nunca com a morte, nunca com nada que é autenticamente real. Sempre vamos aos pensamentos, e os pensamentos são os falsificadores. São emprestados, não são teus próprios. Não podem te liberar. Só a verdade que seja tua própria pode converter-se em sua liberação. E só pode chegar a sua própria verdade mediante uma presença muito silenciosa. Com qualquer problema, isso enguiço. Pensar não resolverá os problemas reais, mas pensar pode resolver problemas rreales criados pelo pensamento mesmo, porque esses problemas seguem as regras da lógica. A vida não segue as regras da lógica. A vida tem suas próprias leis ocultas e não pode lhes impor a lógica.

Uma coisa mais respeito a isto, sempre que introduz a mente, a mente disecciona, analisa. A realidade é uma, e a mente sempre divide. E quando dividiste uma realidade, falsificaste-a. Agora pode te esforçar toda sua vida, não obterá nada, porque, basicamente, a realidade era uma, e a mente a dividiu em dois, e agora está operando com a divisão.

Por exemplo, como estava crescendo, a vida e a morte são uma, mas para a mente são duas e a morte é a inimizada da vida. Não o é, porque a vida não pode existir sem a morte. Se a vida não pode existir sem a morte, como vai ser a morte a inimizada? É a situação básica. Faz possível a vida. A vida cresce dela; é a alma. Sem ela, a vida é impossível. Mas a mente, pensando, divide-a e a situa como um pólo oposto. Entontes pode seguir pensando sobre ela. Tudo o que pense será falso, porque ao princípio cometeste um pecado: o pecado da divisão.

Quando medita, a divisão desaparece. Quando medita, não pode haver divisões, porque como vais dividir em silêncio.

Estamos aqui. Todo mundo está pensando uma coisa ou outra em sua própria mente; então somos diferentes, todo mundo é diferente, porque seu pensamento é teu, e meu pensamento é meu. Em minha mente tenho meus próprios sonhos, e você tem os teus. Há muitos indivíduos aqui, mas se todos estamos meditando -nem você está pensando, nem eu estou pensando; o pensamento cessou-, então não haverá tantos indivíduos. Em realidade, não haverá indivíduos absolutamente. Se todos estamos meditando, então desapareceram as limitações.

Quando eu estou meditando e você está meditando, não há duas pessoas, não pode as haver, porque dois silêncios se fazem um. Não podem ser dois, porque como vais delimitar um silêncio de outro silêncio? Não pode delimitar. Pode delimitar um pensamento de outro, uma mente de outra, mas dois silêncios são simplesmente um, igual a dois ceros. Dois ceros não são dois; dois ceros são um. Pode pôr mil ceros, mas são um.

A meditação está criando um zero dentro, todas as limitações, todas as divisões desaparecem. E isso te dá o olho real, o terceiro olho, *darshan*. Agora tem o olho real para ver. Para esses olhos reais, a realidade é clara, está aberta, revelada. E com a realidade revelada não há problemas.

Terceira pergunta:

Que diferença há entre olhar um céu aberto claro, olhar a foto de um professor iluminado e olhar a escuridão?

A técnica de olhar não está realmente interessada no objeto; o que lhe interessa é o olhar mesmo. Porque quando olha fixamente sem pestanejar, centra-te, e a natureza da mente é estar constantemente movendo-se. Se realmente olhar, sem te mover absolutamente, a mente estará em dificuldades.

A natureza da mente é ir de um objeto a outro, mover-se constantemente. Se está olhando a escuridão ou uma luz ou alguma outra coisa, se realmente está olhando, o movimento da mente cessa. Porque se a mente segue movendo-se, não estará olhando; seguirá te perdendo do objeto.

Quando a mente se foi a alguma outra parte, se esquecerá; não poderá recordar o que estava olhando. O objeto estará aí fisicamente, mas para ti terá desaparecido, porque você não estas aí; foste-te ao pensamento.

Olhar, *tratak*, significa não deixar que se mova seu consciencia. E quando não está deixando que se mova a mente, ao princípio desta luta, luta com força, mas se continuar com a prática de olhar, à larga a mente perde a luta. Se para durante momentos. E quando a mente se para, não há mente, porque a mente só pode existir em movimento, o pensamento só existir em movimento. Quando não há movimento, o pensamento desaparece, não pode pensar, porque pensar significa movimento, ir de um pensamento a outro. É um processo.

Se miras algo continuamente, com completa consciencia e alerta... Porque pode olhar com olhos mortos: então pode seguir pensando. Só olhos, olhos mortos, sem olhar..., só olhando com olhos de morto, mas sua mente se estará movendo. Isso não servirá para nada. Olhar significa não só seus olhos, mas também a totalidade de sua mente enfocada através dos olhos.

De modo que seja qual seja o objeto... Depende, se você gostar da luz, está bem. Se você gostar da escuridão, bem. Seja qual seja o objeto, se miras profundamente, é irrelevante. A questão é imobilizar completamente a mente em seu olhar, enfocá-la, para que afastamento o movimento interno, o desassossego; que afastamento a flutuação interna. Simplesmente está olhando, sem fazer nada. Esse olhar profundo te trocará completamente. Voltará-se uma meditação.

E isto é bom; pode prová-lo. Mas recorda que seus olhos e seu consciencia deveriam unir-se no enfoque. Deve estar olhando realmente pelos olhos; não deve estar ausente. Sua presença é necessária; totalmente presente. Então não pode pensar, então o pensamento é impossível. Só há um perigo: pode que perca o sentido, pode que fique dormido. Inclusive com os olhos abertos é possível que durma. Então seu olhar se voltará pétrea.

Ao princípio, o primeiro problema será que olhará mas não estará presente. Esta é a primeira barreira. Sua mente se moverá. Seus olhos não estarão fixos, sua mente estará movendo-se, não haverá um encontro dos olhos e a mente. Esta será a primeira dificuldade. Se a superar, a segunda dificuldade será que ao olhar sem movimento, dormirá. Entrará em uma autohipnosis, hipnotizará a ti mesmo. Isso é natural, porque nossa mente só conhece dois estados: ou o movimento constante ou dormir. A mente só conhece dois estado naturalmente, o movimento constante -pensar- ou ficar dormido. E a meditação é um terceiro estado.

O terceiro estado, a meditação, significa que sua mente está tão silenciosa como quando dorme profundamente, e tão alerta e consciente como quando pensa ambas as coisas devem estar presente. Deve estar alerta, completamente alerta, e tão silencioso como se estivesse profundamente dormido. De modo que os *Ioga Swras* do Patanjali dizem que a meditação é uma espécie de dormir profundo, com apenas uma diferença que está alerta. Patanjali equipasse o *sashtipti* e o *samadhi*, o dormir profundo e a meditação suprema. A diferença é só que no dormir profundo não está consciente, e na meditação está consciente, mas a qualidade de ambos é o silêncio profundo, silêncio sem flutuações, inconvencible, silêncio sem alterações.

Ao princípio pode que aconteça que olhando fique dormido. De modo que se já é capaz de focar sua mente, e a mente não se está movendo, então permanece alerta, não durma. Porque se fica dormido, tem cansado no abismo, o fosso. Justo entre estes dois fossos -o pensamento constante e dormir- está a estreita ponte da meditação.

Quarta pergunta:

Há dito que a ciência experimenta com o objetivo, e a religião com o subjetivo. Mas agora há uma nova ciência crescente: a psicologia, ou mais exatamente, a psicologia profunda, que é tão subjetiva como objetiva. De modo que a ciência e a religião se encontram na psicologia profunda.

Não podem encontrar-se. A psicologia profunda, ou o estudo dos fenômenos psíquicos, também é objetiva. E, o método da psicologia profunda é o método da ciência objetiva.

Tenta ver a distinção. Por exemplo, pode estudar meditação de maneira científica. Pode observar a alguém que esteja meditando, mas então, isto se tornou objetivo para ti. Você medita e eu observo. Posso trazer todos os instrumentos científicos para observar o que te está acontecendo, o que está acontecendo dentro de ti, mas o estudo segue sendo objetivo. Eu estou fora. Eu não estou meditando. Você está meditando; é um objeto para mim.

Então eu trato de compreender o que te está acontecendo. Inclusive mediante instrumentos se podem saber muitas coisas *sobre* ti, mas isso seguirá sendo objetivo e cientista. De modo que, em realidade, o que estou estudando não é o que te está acontecendo realmente, a não ser os efeitos que seu corpo está registrando.

Não pode penetrar em um buda, no que lhe está acontecendo, porque, em realidade, não está acontecendo nada. O centro mais profundo de um iluminado é um nada. Não está acontecendo nada ali. E se não estar acontecendo nada, como vais poder estudá-lo? Pode estudar algo. Pode estudar as ondas alfa; o que lhe está acontecendo à mente, ao corpo, à química, pode-o compreender. Mas, em realidade, quando alguém se ilumina, não está acontecendo nada no mais fundo. Todo acontecimento cessou.

Isto é o que quer dizer: o mundo cessou. Já não há *sansara*, nenhum acontecimento. É como se não fora. Por isso diz Buda: «Agora me tornei um *no-forma*, não-ser. Não há ninguém dentro de mim. Sou só um vazio. Chama-a desapareceu, e a casa está desocupada». Não está acontecendo nada. O que pode registrar respeito a isso? E como muito pode registrar que não está acontecendo nada. Se acontecer algo, pode ser registrado objetivamente.

O método da ciência segue sendo objetivo, e a ciência tem muito medo ao subjetivo, por muitas razões. A ciência e a mente científica não podem acreditar no subjetivo, porque, em primeiro lugar, é privado e individual e ninguém pode entrar nisso. Não pode fazer-se público e coletivo, e a não ser que algo seja público e coletivo, não se pode dizer nada sobre isso. Pode que a pessoa que está dizendo esteja enganada, ou pode que esteja enganando a outros. Pode que seja um mentiroso, ou pode que seja simplesmente um iludido, não um mentiroso. Pode que esteja pensando e acreditando que isto lhe aconteceu, e pode que isto seja uma falsa ilusão, um autoengano.

De modo que para a ciência a verdade deve ser objetiva. Outros devem poder participar dela, para que possamos julgar se está acontecendo ou não. Em segundo lugar, tem que poder repetir-se; deve ser repetible. Se esquentarmos água, evapora-se ao chegar a certo grau, deve ser repetible. De maneira que repetimos e repetimos e se evapora uma e outra vez ao chegar a certo grau. Se se evaporar só uma vez aos cem graus e não volta a fazê-lo, ou às vezes aos noventa e outras vezes aos oitenta, não pode voltar um fato científico. Deve ser repetible, e se deveria chegar à mesma conclusão mediante muitos experimentos repetidos.

Mas a realização subjetiva não é repetible; nem sequer é previsível. E não pode requerê-la; acontece. Não pode forçá-la. Pode que obtenha uma meditação profunda, pode que tenha uma experiência cúpula muita viva, mas se alguém diz: «Repete-a aqui», pode que não seja capaz de repeti-la. Pelo contrário, como alguém diz isto e você faz um esforço por repeti-la, pode que o esforço mesmo se converta na barreira. Pode que inclusive a presença de observadores seja perturbadora. Pode que não seja capaz de repeti-la.

A ciência requer experimentos objetivos, repetibles. E a psicologia, se quer ser uma ciência, deve seguir as regras científicas. A religião é subjetiva. Não lhe interessa provar nenhum feito; mas bem, o que lhe interessa é chegar a uma experiência individual disso. E o mais profundo deve permanecer individual, e o supremo deve permanecer privado;

não pode fazer-se coletivo. Porque, a não ser que todo mundo alcance o estado de um iluminado, não pode fazer-se coletivo. Tem que te desenvolver para obtê-lo.

De modo que a ciência e a religião não podem encontrar-se realmente, porque seus enfoques são diferentes. A religião é absolutamente privada, a incumbência do indivíduo consigo mesmo. devido a isto, os países que no passado foram mais religiosos que outros, seguiram sendo individualistas. Por exemplo, Índia. Índia é individualista. Às vezes, parece inclusive egoísta. Todo mundo se ocupa de si mesmo, seu próprio crescimento, sua própria iluminação; não se ocupa de outros, é indiferente a outros, indiferente à sociedade, as condições sociais, a pobreza, a escravidão. Todo mundo se ocupa de si mesmo, em crescer até o topo supremo. Isso também parece egoísta.

Os países ocidentais são mais socialistas, menos individualistas. Por isso, o conceito mesmo do comunismo foi impossível com a mente a Índia. demos um Buda e um Patanjali, mas não podemos dar um Marx. veio que o Ocidente, onde a sociedade, a coletividade, é mais importante que o indivíduo; onde a ciência é mais importante que a religião; onde o que acontece objetivamente é mais importante que o que acontece em sua absoluta intimidade. O que acontece na intimidade é como um sonho para o Ocidente.

Observa isto, o que acontece publicamente nós o chamamos *maia*, ilusão. Shankara diz que o mundo inteiro é ilusão; só o que acontece no mais fundo de ti, o supremo, o *Brahma* que acontece aí, é real, e todo o resto é irreal. A atitude científica ocidental é justo a oposta: o que acontece dentro de ti é ilusório; o real é o que acontece fora. A realidade está fora, o mundo de sonho está dentro.

Estas são as duas atitudes..., tão diferentes, com um enfoque tão diametralmente oposto, que não pode haver nenhum encontro. Tampouco é necessário. Suas dimensões são diferentes, suas esferas são diferentes. Nunca se invadem mutuamente; não há nenhum conflito absolutamente. E não há necessidade de que haja nenhum conflito. A ciência se ocupa do mundo objetivo, a religião se ocupa do mundo individual, subjetivo. Nunca se cruzam. Não pode haver nenhum conflito.

E, para mim, quando te estiver ocupando do mundo externo, faz-o com uma atitude científica. Quando te estiver ocupando de ti mesmo, faz-o com uma atitude religiosa. E não crie nenhum conflito; não é necessário. Não leve a ciência ao mundo interno e não leve a religião ao mundo externo.

Se levar a religião ao mundo externo, criará caos. Na Índia o criamos: é uma desordem. Se levar uma atitude científica ao interno, criará loucura: Ocidente a criou. Agora Ocidente está completamente neurótico. E os dois cometeram o mesmo engano. Não confunda as duas coisas, e não trate de unir o externo ao interno, ou o interno ao externo. Deixa que o subjetivo seja subjetivo e deixa que o objetivo seja o objetivo. Quando for para fora, sei científico e objetivo, e quando for para dentro, sei religioso e subjetivo.

Não há necessidade de criar nenhum conflito. Não há nenhum. O conflito só surge porque queremos impor uma atitude nos dois âmbitos. Queremos ser ou totalmente científicos, ou totalmente religiosos; isso é um engano. Com o objetivo, o enfoque subjetivo será falso, perigoso, prejudicial; e viceversa.

Quinta pergunta:

falaste a respeito de muitos métodos e técnicas. O desejo de ter êxito neles é muito grande. Como podemos superar nossa grande impaciência?

Terá que recordar duas coisas. Uma: a espiritualidade não pode ser um resultado do desejo, porque o desejo é a causa básica de toda nossa ansiedade e angústia. E não pode dirigir seus desejos ao âmbito espiritual. Mas acontece, é natural, porque só conhecemos um movimento: o do desejo. Desejamos as coisas do mundo. Alguém deseja riqueza, alguém deseja fama, alguém deseja prestígio e poder, ou alguma outra coisa. Desejamos coisas do mundo, e mediante este desejo nos frustramos.

Estamos abocados a estar frustrados; é irrelevante que um desejo se cumpra ou não. Se não se cumprir, obviamente estaremos frustrados. Se se cumprir, também então estaremos frustrados, porque sempre que um desejo se cumpre, cumpre-se o desejo, mas a esperança, o que prometia, não se cumpre. Pode conseguir toda a riqueza que deseje, mas a riqueza não era o que desejava realmente, desejava outra coisa através dela: isso nunca se cumpre.

Pode conseguir riqueza, mas a esperança que subsistia -o sonho de felicidade, de sorte, de uma vida enlevada- não se cumpre. Se não conseguir a riqueza, sentirá-se frustrado. Se conseguir a riqueza, então também se sentirá frustrado, porque o que prometia não se cumpriu, o sonho não se cumpriu. Tudo está aí. Os meios estão aí, e o fim se escapuliu. O fim sempre é escorregadio.

Através do desejo um chega à frustração profunda. Quando ocorre esta frustração, começa a procurar algo absolutamente distinto deste mundo: nasce o desejo religioso, uma ânsia religiosa..., mas outra vez começa a desejar. Impacienta-te; quer obter isto e aquilo. A mente não trocou. O objeto do desejo é diferente: era a riqueza, agora é a meditação. Era poder e prestígio, agora é silêncio e paz. Antes era algo, agora é outra coisa. Mas a mente, o mecanismo, o funcionamento mesmo de seu ser, é o mesmo. Desejava A, agora deseja B, mas o desejo segue aí.

E o problema é desejar, não o que deseje; isso não é o problema. O que desejas não é o problema: o problema é *que desejas*. Agora está desejando de novo, e voltará a estar frustrado. Se o conseguir, estará frustrado. Se não o conseguir, estará frustrado. Acontecerá-te o mesmo, porque não o entendeste, entendeste-o mau.

Não pode desejar a meditação, porque a meditação só acontece quando não há desejo. Não pode desejar a liberação, o *nirvana*, porque só acontece em um estado sem desejos. Não pode fazer um objeto do desejo. De modo que, para mim, e para todos os que sabem, desejar é o mundo. Não que deseje coisas mundanas: desejar, o fenômeno mesmo de desejar, é o mundo.

E quando deseja, terá que haver impaciência, porque a mente não quer esperar, a mente não quer postergar. É impaciente. A impaciência é a sombra do desejo. Quanto mais intenso é o desejo, mais impaciência haverá. E a impaciência criará ansiedade. Assim que como conseguirá a meditação? O desejo criará o movimento da mente, e então desejar criará impaciência, e a impaciência te levará a mais ansiedades.

De modo que acontece, e o observo diariamente, que uma pessoa que estava levando uma vida muito mundana, normalmente não estava tão ansiosa. Quando começa a meditar, ou a procurar a dimensão religiosa, se inquieta mais, mais que nunca. A razão é que agora tem um desejo até mais urgente, mais impaciência. E com as coisas mundanas, as coisas eram tão reais e objetivas que podia esperar às ter. Sempre estavam a seu alcance. Agora, no mundo espiritual as coisas são tão escorregadias, tão distantes, que nunca parecem estar ao alcance. A vida parece muito curta, e agora o objeto do desejo parece ser infinito: há mais impaciência, e logo mais ansiedade. E com uma mente ansiosa, como vais meditar?

Assim é que este é o enigma. Trata de compreendê-lo. Se realmente está frustrado e chegaste a sentir que tudo o que está fora é vão -o dinheiro ou o sexo ou o poder ou o prestígio, simplesmente vão-, se tiver chegado a esta realização, então também é

necessária uma realização mais profunda. Se estas coisas forem vões, então desejar é ainda mais vão: desejas e desejas e não acontece nada..., e seu desejo cria a desdita.

Observa o fato de que desejar cria desdita. Se não desejar, não há desdita. Assim deixa de desejar! E não crie um novo desejo; simplesmente deixa de desejar. Não crie um desejo espiritual. Não diga: «Agora vou procurar a Deus. Agora vou encontrar isto e aquilo. Agora vou perceber a verdade». Não crie um novo desejo. Se o criar, isso mostra que não compreendeste sua desdita.

Olhe a desdita que cria o desejo. Sente que o desejo é desdita e deshaz dele. Não é necessário nenhum esforço para desfazer-se dele. Recorda: se fizer um esforço, criará outro desejo. Por isso necessita algum outro desejo; porque então pode deixá-lo. Se houver outro desejo, pode te aferrar a ele. Pode te aferrar ao novo desejo e pode deixar o velho. Deixar o velho é fácil se se pode ganhar algum novo; mas então não está entendendo nada. Simplesmente deixa o desejo porque é desdita, e não crie um novo desejo.

Então não haverá impaciência. Então, em realidade, não terá que praticar a meditação; começará a te acontecer, porque uma mente sem desejos está em meditação. Então pode jogar com estas técnicas. E digo jogar... Então pode jogar com estas técnicas; não há prática. «Prática» não é uma boa palavra; a palavra mesma é errônea. Então pode jogar com estas técnicas, e pode desfrutar jogando, porque não há nenhum desejo de obter algo e não há nenhuma impaciência por chegar a alguma parte.

Pode jogar, e mediante o jogo, quando a meditação é um jogo, tudo é possível. E tudo é possível imediatamente, porque não está ansioso, não está impaciente, não tem nenhuma pressa, não está indo a nenhuma parte, chegando a nenhuma parte. Está aqui e agora. Se acontecer a meditação, bem. Se não acontecer, também está bem. Não te passa nada mau, porque não há desejo, não há expectativa, não há futuro. E recorda: quando a meditação ou a não-meditação são semelhantes para ti, aconteceu-te a meditação. chegaste. Agora chegou o objetivo; o supremo descendeu a ti. Isto parecerá estranho: que diga que não faça uma prática da meditação, mas sim dela faça um jogo, uma diversão. Desfruta quando estiver fazendo-a, não por nenhum resultado.

Mas nossas mentes são muito sérias, extremamente sérias. Inclusive se jogarmos, fazemos disso algo sério. Convertemo-lo em um trabalho, uma obrigação. Joga como os meninos pequenos. Joga com as técnicas de meditação, e então muito mais é possível mediante elas. Não lhe tome a sério; toma as como uma diversão. Mas nos tomamos tudo a sério. Inclusive se estamos jogando, nos tomamos a sério. E com a religião sempre fomos muito sérios. A religião nunca foi divertida; por isso a Terra permaneceu irreligiosa. A religião deve voltar uma diversão e uma festividade, uma celebração: uma celebração do momento, desfrutando de tudo o que se esteja fazendo; desfrutando-o tanto e tão profundamente que a mente cesse.

Se realmente me compreender, estas cento e doze técnicas lhe mostrarão que tudo pode voltar uma técnica; se realmente compreender. Por isso há cento e doze. Tudo pode voltar uma técnica se compreender a qualidade da mente que traz a meditação. Então, tudo o que possa fazer se volta uma técnica. Joga, celebra-o, desfruta-o. Entra tão profundamente nisso que o tempo cesse.

Mas o tempo não pode cessar se houver desejo. Em realidade, o desejo é o tempo. Quando deseja, é necessário o futuro, porque o desejo não pode ser satisfeito aqui e agora. O desejo só pode ser satisfeito em algum ponto futuro, de modo que necessitará um futuro ao que ir. E então o tempo te destrói. Perde-te a eternidade. A eternidade está aqui.

Assim tome a meditação como uma diversão, uma festividade, uma celebração de algo. Está cavando no jardim: pode-se voltar uma técnica. Simplesmente cava e desfruta

e celebra o ato mesmo. te volte o ato e esquece ao ator. O «eu» não está; só fica a ação, e está presente na ação, felizmente presente. Então há êxtase, não impaciência, nem desejo, nem motivação.

Se levar motivação, desejo e impaciência à meditação, destruirá-o tudo. E então, quanto mais faça, mais frustrado se sentirá. Dirá: «Estou fazendo muito e não está acontecendo nada».

A gente vem para mim e diz: «Estou fazendo tal e estou fazendo qual, e durante tantos meses e durante tantos anos, e não aconteceu nada».

Esteve aqui um buscador holandês, e fazia uma determinada técnica trezentas vezes ao dia. E me disse: «estive fazendo esta técnica trezentas vezes ao dia durante dois anos. Não houve nem um só dia que não a tenha feito. Deixei-o tudo, porque tenho que fazer isto trezentas vezes ao dia..., e não aconteceu nada». E estava ao bordo de um ataque de nervos, devido à técnica.

Assim que lhe disse: «O primeiro é deixar isto. Faz qualquer outra coisa, mas não faça isto. Voltará-te louco». Tomava extremamente a sério.

Era um problema de vida ou morte para ele. Tinha que obtê-lo.

E disse: «Quem sabe quantos dias ficam? Há pouco tempo, e devo obtê-lo nesta vida. Não quero voltar a nascer. A vida é tal sofrimento».

Voltará a nascer uma e outra vez. Da maneira em que o está fazendo, voltará-se cada vez mais louco. Mas isto não está bem: toda esta atitude é errônea. Tome a meditação como um jogo, uma diversão, desfruta-a, e então a qualidade mesma troca. Então não é algo que está fazendo como uma causa para conseguir algum efeito. Não; está-o desfrutando aqui e agora. É a causa e é o efeito; ambas as coisas. É o princípio e é o fim.

E então não pode errar a meditação. Não lhe pode perder isso, acontecerá-te, porque agora está preparado para recebê-la. Está aberto. Ninguém há dito que a meditação deveria tomar-se como uma diversão, mas eu o digo. Converte-a em um jogo. Joga com ela como os meninos pequenos.

Última pergunta:

O outro dia disse que a escuridão é mais fundamental para a existência; enquanto que a maioria das religiões mantêm a posição contrária. Poderia arrojá-luz sobre esta questão, em particular considerando o que a ciência moderna tem que dizer a respeito? Não diz que os últimos componentes divisíveis da matéria são só energia elétrica?

De novo a mesma divisão: luz e escuridão. São dois se as miras através da mente. São uma se meditar com elas. Quando medita com a luz ou com a escuridão, dá no mesmo. Se meditar, a outra se dissolve nisso. Então a luz não é outra coisa que menos escuridão, e a escuridão não é outra coisa que menos luz; a diferença é de grau. Não são duas coisas que se opõem mutuamente; mas bem são dois graus de um só fenômeno. E esse fenômeno não é nem luz nem escuridão. Isso do que estas dois são graus não é nem luz nem escuridão..., ou é ambas as coisas. Pode entrar nisso da luz, pode entrar nisso da escuridão.

Muitas religiões usaram a luz porque é mais cômodo, mais fácil. A escuridão é difícil, mais incômoda, e se tráficos de entrar através da escuridão, escolheste um caminho árduo. Por isso muitas religiões escolheram a luz. Mas você pode escolher qualquer das duas; depende de ti. Se for aventureiro, valente, escolhe a escuridão. Se tiver medo e não quer seguir um caminho árduo, escolhe a luz. Porque ambas pertencem

a um fenômeno que em um ponto se apresenta como luz, e em outro ponto como escuridão.

Por exemplo, esta habitação está cheia de luz. Mas não está cheia da mesma luz para todo mundo, ou sim? Se meus olhos forem débeis, então a luz não é tão clara como o é para ti. Eu a vejo um pouco mais escura. Imagina que vem alguém de Marte ou de outro planeta, que tem olhos muito penetrantes. Então, onde você vê luz, ele verá muita, luz, mais luz que você. E onde você vê escuridão, ele verá luz. Há animais e pássaros que vêm de noite onde você não pode ver. Para eles! é luz; para ti é escuridão.

Assim que o que é a luz e o que é a escuridão? Um só fenômeno. E quanto possa penetrar nele. E quanto possa penetrar em ti..., dessa penetração depende se o chama luz ou escuridão. Estes pólos opostos parecem opostos. Não o são; são graus relativos de um fenômeno. Assim é que os cientistas dizem que os últimos componentes divisíveis da matéria são só energia elétrica. Mas não dizem que sejam luz; dizem energia elétrica. A escuridão também é energia elétrica, e a luz também é energia elétrica. Energia elétrica não é sinônimo de luz. Se lhe der o nome de energia elétrica, então a luz é uma expressão e a escuridão é outra.

Mas não há necessidade de entrar em uma discussão científica sobre isso. É inútil. Melhor, pensa em sua própria mente, no que você gosta. Se se sentir a gosto com a luz, entra mediante a luz. Essa é sua porta. Se se sentir a gosto com a escuridão, entra mediante a escuridão. E ambas lhe levarão ao mesmo.

Muitos métodos entre estes cento e doze têm que ver com a luz; uns poucos têm que ver com a escuridão. E Shiva está tratando de explicar todos os métodos possíveis. Não está falando com tipos determinados; está falando com todos os tipos. Mas há poucas pessoas às que gostariam de entrar mediante a escuridão. Por exemplo, uma mente feminina, mais passiva, mais receptiva, quererá entrar mediante a escuridão; resultará-lhe mais aceitável. A uma mente masculina gostará mais da luz.

Pode que não tenha observado o fato de que muitos poetas do passado e do presente, muitos filósofos, e muitos outros que tiveram uma percepção profunda da mente humana, sempre compararam o feminino com a escuridão, e o masculino com a luz. A luz é agressiva, um elemento masculino; a escuridão é receptiva, um elemento feminino. A escuridão é como um útero.

Assim depende: se você gostar da escuridão, bem, entra por ela. Se você gostar da luz, entra por ela. Às vezes, inclusive o oposto resulta atrativo. Pode provar também isso. Não há perigo em provar nada, porque todo caminho leva a mesma meta.

Mas não siga pensando no que escolher. Não perca o tempo; melhor, prova. Porque pode seguir pensando eternamente sobre o que será adequado, o que fazer e que não fazer, e por que tantas religiões têm feita insistência na luz, e tão poucas na escuridão. Não se preocupe por essas coisas; não ajudam. Melhor, reflète sobre seu próprio tipo, sobre o que será adequado para ti, com o que se sentirá mais confortável, e então começa com isso.

E logo te esqueça de outros, porque nenhum destes cento e doze métodos é para ti. Inclusive se escolher um só método, para ti é suficiente. Não precisa acontecer por cento doze métodos; um método bastará. Assim sei receptivo e consciente para poder detectar o método que é para ti. Não precisa preocupar-se por todos outros métodos; isso é desnecessário. Escolhe um, joga com ele, e se se sente bem e está acontecendo algo, então entra nele e te esqueça dos outros cento e onze. Se sentir que escolheste mau, então deixa-o, escolhe outro, e joga com ele. Se isto provas com quatro ou cinco ou seis métodos, dará com o correto. Não seja sério: joga.

Da Morte à Imortalidade

Os Sutras

79 *Te concentre em fogo subindo por sua forma dos dedos dos pés até que o corpo se faça cinzas, mas você não.*

80 *Medita com o mundo fictício ardendo até fazer-se cinzas, e te volte um ser por cima do humano.*

81 *Igual a, subjetivamente, as letras se unem formando palavras, e igual a, objetivamente, os círculos se unem formando mundos, e os mundos formando princípios, descobre ao fim que estes confluem em nosso ser.*

Todos os iluminados, todas as religiões, estão de acordo em uma só coisa. Seus desacordos são muitos, mas há uma concordância entre todos, e é que o homem, devido a seu ego, está fechado à realidade. O ego é a única barreira, a sensação de que «eu sou». Neste ponto todos os Budas e os Cristos e os Krishnas estão de acordo. E como todos estão de acordo, parece-me que isto é o básico em todo empenho religioso. Todo o resto é acidental; isto é essencial: que está impossibilitado devido a seu próprio ego.

O que é este ego? No que consiste? Como surge? E por que se volta tão importante?

Observa sua mente; porque não pode entender o fenômeno do ego teoricamente; só pode entendê-lo existencialmente. Olhe sua mente, observa-a, e chegará a um profundo entendimento. E se pode entender o que é o ego, não há problema; pode desprezar-se facilmente. Mas bem não há necessidade de desprezá-lo. Se pode entendê-lo, o entendimento mesmo se volta o desechamiento, porque o ego se cria mediante sua falta de entendimento, cria-se mediante seu adormecimento.

Se puser alerta com respeito a ele, se centrar seu consciencia nele, desaparece. Desaparece: igual a quando traz luz a uma habitação e a escuridão desaparece. Inclusive se trouxe luz para olhar a escuridão, para ver o que é a escuridão..., se trouxe luz, desaparece. O ego existe porque nunca estiveste alerta a sua existência; é uma sombra de sua falta de alerta. De modo que, em realidade, não há necessidade de desprezá-lo. Se pode olhá-lo, despreza-se por si só.

O que é? percebeste algum momento em que não há ego? Quando está silencioso, não há ego. Quando sua mente está agitada, faladora, inquieta, o ego está aí. Quando está depravado, silencioso e acalmado, não há ego. Agora mesmo, se estiver silencioso, onde está o ego? Você estará aí, mas não a sensação do «eu». E acontece justo o contrário: se está preocupado, em conflito, ansioso, sente um ego centrado dentro de ti. Quando está zangado, acalorado, violento, agressivo, sente um ego cristalizado dentro de ti. Quando está amoroso, compassivo, não está aí.

Por isso não podemos amar, porque com o ego, o amor é impossível. Por isso seguimos falando tanto do amor, mas nunca amamos. E o que chamamos amor é mais ou menos sexo, não é amor; porque não pode perder seu ego, e o amor não pode existir a menos que o ego tenha desaparecido. O amor, a meditação, Deus..., todos eles requerem uma coisa: não deve haver ego. Por isso Jesus tem razão quando diz que Deus é amor, porque ambos os fenômenos só acontecem quando não há ego.

Se conhecer o amor, não há necessidade de conhecer deus: já lhe conheceste. O amor é só outro nomeie para o mesmo. Se conhecer o amor, não há necessidade de entrar em

meditação: já o tem feito. O amor é só outro nomeie para o mesmo. necessitam-se tantas técnicas de meditação, e tantos professores, e se necessitam tantas escolas de meditação, porque não há amor. Se houver amor, não há necessidade de praticar nada, porque isso já aconteceu. E isso é o desaparecimento do ego.

Assim que isto é o primeiro que terá que compreender: sempre que está silencioso, não há ego. E não cria em mim. Não estou falando de uma teoria; isto é um fato. Não precisa aceitar minha opinião; pode observá-lo em ti mesmo. E não há necessidade de postergá-lo para o futuro; agora mesmo pode observar o fato de que se estiver silencioso, você está, mas sem nenhuma limitação, sem nenhum centro. Existe sem o centro; não há um «eu» cristalizado. A presença está aí, a consciencia está aí, mas não há ninguém que possa dizer «eu sou».

Quando está silencioso, não há ego. E quando não está silencioso, há ego. De modo que o ego é a enfermidade, todas as enfermidades combinadas juntas; daí a ênfase em entregar o ego. A ênfase recai em entregar a enfermidade.

Segundo: se em silêncio, embora seja um só momento, tem o vislumbre de sua existência sem ego, então pode analisá-la, e então pode entrar no fenômeno do ego, pelo que é. A mente é passado acumulado. A mente nunca está aqui, nunca está agora. Sempre é do passado. É uma acumulação. A mente é lembrança: todas as experiências pelas que passaste, toda a informação que encontraste, todos os conhecimentos que provisionaste, ouvido, escutado, lido: isso se acumulou. A mente está constantemente acumulando.

A mente é o maior acumulador; não deixa de acumular. Segue acumulando inclusive enquanto não está consciente; a mente está acumulando inclusive enquanto está dormido. Pode que não seja consciente disso. Enquanto está dormido, e há ruído na rua, a mente está acumulando. Podem-lhe hipnotizar pela manhã e lhe podem perguntar sobre isso, e o dirá tudo, contará-o tudo: tudo o que a mente acumulou durante a noite. Inclusive se tiver entrado em vírgula, ou está inconsciente, ou te deu um ataque, a mente está acumulando.

A mente não necessita seu consciencia para acumular; segue acumulando. Inclusive enquanto estava no útero de sua mãe, a mente estava acumulando. E mediante a hipnose se podem despertar as lembranças de seus dias no útero de sua mãe. Não recorda nada de seu nascimento, mas a mente estava acumulando. Tudo o que estava passando, a mente o estava acumulando. E agora se pode voltar a despertar. Mediante a hipnose se pode trazer a lembrança de novo a seu foco. E milhões de lembranças estão sendo acumuladas: esta acumulação é a mente. A lembrança é a mente.

Como se cria o eu, o ego? A consciencia está dentro de ti, e em torno da consciencia estão acumulados todas estas lembranças na periferia. São úteis, e não pode sobreviver sem eles, são necessários, mas então acontece algo novo entre os dois, um epifenómeno.

A consciencia está dentro, você está dentro, sem o «eu». Não há «eu» dentro. Existe, sem um centro. Na periferia a cada momento se acumulam conhecimentos, experiências, lembranças. Isto é a mente. E sempre que miras o mundo, olha através da mente. Sempre que passas por uma experiência nova, olha através de suas lembranças, interpreta-a através de suas lembranças. Miras todas através das lembranças. O passado se volta um mediador.

Olhando constantemente através do passado, identifica-te com ele; essa identificação é o ego. me permita que o expresse desta forma: a identificação da consciencia com as lembranças é o ego. Diz: «Sou hindu», ou «Sou cristão», ou «Sou jaina». O que está fazendo? Ninguém nasce cristão, ou hindu, ou jaina; nasce simplesmente como ser humano. Logo lhe ensinam, logo lhe condicionam para que pense que é cristão, ou

hindu, ou jaina. Isto é uma lembrança. Ensinar-lhe que é cristão. Isto é uma lembrança, e agora, sempre que miras através desta lembrança, sente: «Sou cristão.»

Seu consciencia não é cristã; não pode sê-lo. É simplesmente consciencia. Ensinar-lhe que é cristão. Este ensino, está acumulada na periferia. Agora olha através desses óculos e o mundo inteiro está distorcido. Esses óculos se aderiram muito e muito profundamente a ti, e nunca te separa delas, nunca as deixa de lado. Acostumaste-te tanto a elas que esqueceste que leva óculos ante seus olhos. Então diz: «Sou cristão.»

Cada vez que te identifica com qualquer memória, qualquer conhecimento, qualquer experiência, qualquer nome e forma, nasce esse «eu». Então é jovem, é velho, é rico, é pobre, é bonito ou não é bonito, é culto ou não é culto, é respeitado ou não é respeitado... Então segue te identificando com coisas que se acumulam em torno de ti e nasce o ego. O ego é a identificação com a mente.

Por isso, quando está silencioso não há ego, porque quando está silencioso a mente não está funcionando. Isso é o que significa o silêncio. Quando a mente está funcionando, não está silencioso. Não pode está-lo, o funcionamento da mente é o ruído interno, o bate-papo, o bate-papo constante dentro de ti. Quando o bate-papo cessa, ou não existe, ou a há transcendido, ou foste dentro de ti, entraste em ti, há silêncio, e nesse silêncio não há ego.

Mas só acontece às vezes, -e só por um momento- que esteja silencioso. Por isso sente que as situações nas que isso acontece são encantadoras. Começa a desejar essas situações. Vai a uma colina, e pela manhã olha o amanhecer. de repente tem um arrebatamento de alegria. Sente-se ditoso; descende sobre ti uma bem-aventurança.

DA MORTE À IMORTALIDADE

O que aconteceu em realidade? devido à manhã silenciosa, e ao amanhecer silencioso, e ao verdor, e à colina, de repente cessou seu bate-papo interno. O fenômeno é tão grandioso -tal beleza por toda parte, tal paz e tranqüilidade que paraste por um momento. Nessa parada percebeste um estado de não-ego; por um só momento, é obvio.

Isto pode acontecer mediante muitas situações. Acontece no sexo, pode acontecer com a música; com algo que seja tão grandiosa que se sinta deslumbrado, que sinta que é superior a ti, e seu bate-papo interno é posto a um lado, é forçada a estar de lado; voltará. Sempre que está sem ego, acidentalmente ou mediante alguma prática, sente uma sorte sutil que não há sentido antes.

A sorte não vem de fora. Não vem das colinas ou do amanhecer ou das formosas flores; não vem do ato sexual. Não vem do exterior; o exterior só está criando uma oportunidade. Vem de dentro. De modo que se repetir a situação externa uma e outra vez, não virá, porque te fará imune a ela, acostumará a ela.

A mesma colina e a mesma manhã... Volta ali e não a sente. Sente que falta algo. Porque a primeira vez foi tão novo que parou completamente sua mente. A admiração foi tão grande e o milagre foi tão novo que não pôde continuar com o bate-papo passado. Cessou; cessou de puro assombro. Mas a seguinte vez que vai ali, conhece-o tudo. Não há assombro, não há mistério: a mente continua. Isto acontece com todas as experiências. Em qualquer experiência, se sentir alegria, destruirá-se se a repete, porque então, em uma experiência repetida, não pode deixar de lado a mente.

Assim que o segundo que terá que recordar é que a mente é acumulação. Seu consciencia está oculta detrás deste passado acumulado, e você está identificado com ele. Cada vez que diz: «Sou tal, sou qual», está criando o ego.

Terceiro: se entender isto, então o terceiro ponto não é difícil, e o terceiro ponto é que terá que usar a mente. Não é necessário identificar-se; pode usá-la como instrumento..., e é um instrumento. Não há necessidade de identificar-se com ela. Permanece sempre por cima dela.

E, em realidade, sempre está por cima dela, porque está aqui, agora, sempre presente, e a mente sempre é o passado. Sempre está diante dela. Está ficando detrás de ti, é uma sombra. Este mesmo momento é novo; sua mente não pode o ter. Um momento depois será absorvido na memória; então a mente pode o ter. É livre a cada instante.

Por isso Buda pôs tanto ênfase no momento. Diz: «Permanece no momento e não haverá mente.» Mas o momento é muito atômico, é muito sutil; lhe pode perder isso facilmente. A mente sempre é o passado -tudo o que conhecestes-, e a realidade que está acontecendo agora mesmo não forma parte da mente. Voltará-se parte da mente um momento depois.

Se pode ser consciente da realidade aqui e agora, permanecerá sempre além da mente. E se pode permanecer além da mente -sempre por cima, nunca enredado nela; usando-a, mas nunca te envolvendo nela; usando-a como um instrumento, sem te identificar nunca com ela-, o ego desaparecerá. Não terá ego, e quando está sem ego, não terá que fazer nada mais. Então -todo o resto te acontece. Tornaste-te vulnerável, tem-te aberto. Então te acontece toda a existência, então todos os êxtases são teus, então o sofrimento é impossível.

O sofrimento chega pelo ego. A sorte chega pela porta sem ego.

Agora entraremos nas técnicas, porque estas técnicas têm que ver com não ter ego. Técnicas muito simples, mas se compreender este trasfondo, então pode as fazer, e muitas coisas se fazem possíveis mediante elas.

79 Te concentre no fogo.

Primeira técnica referente ao fogo: *te concentre em fogo subindo por sua forma dos dedos dos pés até que o corpo se faça cinzas, mas você não.*

Uma técnica muito simples e prodigiosa, muito fácil de fazer, mas antes terá que cumprir alguns requisitos básicos. A Buda gostava de muito esta técnica; iniciou a seus discípulos nesta técnica.

Sempre que alguém era iniciado pela Buda, o primeiro era isto: dizia-lhe que fora ao lugar das cremações e que observasse um corpo sendo queimado, um cadáver sendo queimado. Não tinha que fazer nada em três meses; só sentar-se ali e observar. De modo que o buscador ia ao lugar das cremações do povo. ficava ali três meses, dia e noite, e quando traziam um cadáver, sentava-se a meditar. Simplesmente olhava o cadáver; então faziam o fogo e o corpo começava a arder. E durante três meses é quão único fazia continuamente: olhar cadáveres sendo queimados.

Buda dizia: «Não pense nisso. Simplesmente olha-o.» E é difícil não tropeçar com o pensamento de que cedo ou tarde seu corpo será queimado. Três meses é muito tempo, e continuamente, dia e noite, sempre que houvesse um corpo que queimar, o buscador tinha que meditar. cedo ou tarde começava a ver seu próprio corpo na pira. Começava a ver-se a si mesmo sendo queimado.

Será útil; se quer fazer esta técnica, vete a um lugar de cremações. Olhe..., não durante três meses, mas ao menos olhe um corpo sendo queimado; observa-o. Então pode fazer esta técnica facilmente contigo mesmo. Não pense: simplesmente olhe o fenômeno, observa o que está acontecendo.

A gente vai queimar os corpos de seus parentes, mas nunca olham. Começam a falar de outras coisas, ou da morte; debatem e discutem. Fazem muitas coisas. Falam de muitas coisas e fofocam, mas nunca olham. Deveria ser uma meditação. Não se deveria permitir falar ali, porque é uma experiência pouco comum ver alguém que amas sendo queimado. Terá que sentir que você também está ardendo aí. Se está vendo arder a sua mãe, ou a seu pai, ou a sua mulher, ou a seu marido, está exposto a verte também a ti mesmo em chamas. Essa experiência resultará útil para esta técnica.

O segundo: se tiver muito medo à morte, não pode fazer esta técnica, porque o medo mesmo te protegerá. Não pode entrar nisso, ou só pode imaginar levianamente, mas seu ser profundo não estará nisso. Então não te acontecerá nada. Assim recorda o segundo: tenha medo ou não, a morte é a única certeza. Dá no mesmo que tenha medo ou não; é irrelevante. Na vida não há nada seguro exceto a morte. Tudo é incerto; só a morte não é acidental. E observa a mente humana. Sempre falamos da morte como se fora um acidente. Sempre que morre alguém, dizemos que sua morte é prematura. Sempre que morre alguém, começamos a falar como se tivesse sido um acidente. Só a morte não é um acidente: *só a morte*. Todo o resto é acidental. A morte é absolutamente inevitável. Tem que morrer.

E quando digo que tem que morrer, parece no futuro, muito longe. Não é assim: já morreste. No momento em que nasceu, morreu. Com o nascimento, a morte se tornou um fenômeno fixo. Uma parte dela já aconteceu: o nascimento; agora só tem que acontecer a segunda parte, posterior. De modo que já está morto, meio morto, porque uma vez que alguém nasce, a gente chegou ao âmbito da morte, entrou nele. Já nada pode trocá-lo, já não há forma de trocá-lo. Entraste nele. Com o nascimento está meio morto.

O segundo: a morte não vai acontecer ao final; já está acontecendo. É um processo. Igual à vida é um processo, a morte é um processo. Creamas o agora; mas a vida e a morte são como seus dois pés, suas duas pernas. A vida e a morte são um só processo. Está morrendo a cada momento.

me permita que o expresse desta forma: quando inspira, é a vida, e quando exalta, é a morte. O primeiro que faz um menino é inspirar. Um menino não pode exaltar. O primeiro é a inspiração. Não pode exaltar, porque não há ire em seu peito; tem que inspirar. O primeiro ato é a inspiração. E o ancião, ao morrer, fará o último ato, que será a expiração. Ao morrer, não pode inspirar, ou sim? Quando te está morrendo, não pode inspirar. O último ato não pode ser a inspiração; o último ato será a expiração. O primeiro ato é a inspiração e o último é a expiração. A inspiração é o nascimento e a expiração é a morte. Mas está fazendo ambas em todo momento: inspirando, exaltando. A inspiração é vida; a expiração é morte.

Pode que não o tenha observado, mas tenta fazê-lo. Quando exalta, está mais em paz. Espira profundamente e sentirá uma certa paz dentro de ti. Quando inspira, fica intenso, fica tenso. A intensidade mesma da inspiração cria uma tensão. E a ênfase normal, corrente, fica sempre na inspiração. Se te disser que respire profundamente, começará sempre com a inspiração.

Em realidade, dá-nos medo exaltar. Por isso a respiração se tornou superficial. Nunca exalta; segue inspirando. Só o corpo segue exaltando, porque o corpo não pode existir com a inspiração sozinha. Necessita ambas: a vida e a morte.

Faz um experimento. Durante todo o dia, sempre que te lembre, espira profundamente e não inspire. Deixa que inspire o corpo; você simplesmente espira profundamente. E sentirá uma paz profunda, porque a morte é paz, a paz é silêncio. E se pode emprestar atenção, mais atenção, à expiração, sentirá-se sem ego. Com a inspiração se sentirá mais egoísta; com a expiração se sentirá mais sem ego. Empresta

mais atenção à respiração. Todo o dia, sempre que te lembre, espira profundamente e não inspire. Deixa que inspire o corpo; você não faça nada.

Esta ênfase na expiração te ajudará muitíssimo a fazer este experimento, porque estará disposto para morrer. Esta disposição é necessária; do contrário a técnica não servirá de muito. E só pode estar disposto se tiver conhecido a morte em certa maneira. Espira profundamente e terá uma amostra dela. É bela.

A morte é bela, porque não há nada como a morte, tão silencioso, tão relaxante, tão acalmado, tão sereno. Mas a morte nos dá medo. E por que nos dá medo a morte? por que há tanto medo à morte? Temo-lhe medo à morte devido não à morte, mas sim a que não a conhecemos. Como pode ter medo a algo com o que alguma vez te topaste? Como pode ter medo a algo que não conhece? Ao menos deve conhecê-lo para lhe ter medo. De modo que, em realidade, não lhe tem medo à morte; o medo é a outra coisa. Nunca viveste realmente: isso cria o medo à morte.

O medo chega porque não está vivendo, assim tem medo: «Ainda não vivi, e se acontecer a morte, então o que? Morrerei insatisfeito, sem ter vivido.» O medo à morte só chega aos que não estão realmente vivos. Se estiver vivo, dará-lhe a bem-vinda à morte. Então não há medo. conheceste a vida; agora quererá conhecer também a morte. Mas lhe temos tanto medo à vida mesma que não a conhecemos, não entramos profundamente nela. Isso cria o medo à morte.

Se quer entrar nesta técnica, deve ser consciente deste medo profundo. E este medo profundo deve ser descartado, purgado... Só então pode entrar na técnica. Isto ajudará: empresta mais atenção à expiração. E, em realidade, se pode pôr toda sua atenção na expiração e te esquecer da inspiração... Não tenha medo de morrer; não morrerá o corpo inspirará por si só. Não precisa interferir. Então uma relaxação muito profunda se estenderá por toda sua consciencia. Sentirá-se depravado todo o dia, e se criará um silêncio interno.

Pode fazer que esta sensação seja mais profunda se fizer outro experimento. Durante só quinze minutos ao dia, espira profundamente. Sente-se em uma cadeira ou no chão, espira profundamente, e enquanto esteja exaltando, fecha os olhos. Quando o ar você saia entra. E então deixa que inspire o corpo; e quando entre o ar, abre os olhos e sal. É justo o oposto: quando o ar sai, você entra; quando o ar entra, você sai.

Quando exalta, cria-se espaço dentro, porque a respiração é vida. Quando exalta profundamente, está vazio, a vida saiu. Em certo modo, está morto; por um momento está morto. Nesse silêncio da morte, entra em ti. O ar está saindo fecha os olhos e entra em ti. Há espaço e pode entrar facilmente.

Recorda: quando está inspirando é muito difícil ir para dentro, porque não há espaço para mover-se. Quando está exaltando pode entrar em ti. E quando o ar entra, você sai; abre os olhos e sal. Cria um ritmo entre estes dois. Em quinze minutos se sentirá profundamente depravado, e estará preparado para fazer esta técnica.

antes de fazer esta técnica, faz isto durante quinze minutos para estar preparado; não só preparado, mas também receptivo, dando a bem-vinda. Não há medo à morte, porque agora a morte parece uma relaxação, a morte parece um descanso profundo. A morte não parece antagônica à vida, a não ser sua fonte mesma, sua energia mesma. A vida é como ondas na superfície de um lago, e a morte é o lago mesmo. Quando não há ondas, o lago segue aí. E o lago pode existir sem as ondas, mas as ondas não podem existir sem o lago. A vida não pode existir sem a morte. A morte pode existir sem a vida, porque é a fonte. Então pode fazer esta técnica.

"Te concentre em fogo subindo por sua forma dos dedos dos pés..."

te tombe. Primeiro imagine a ti mesmo morto; o corpo é como um cadáver. te tombe, e então leva sua atenção aos dedos dos pés. Com os olhos fechados, entra em ti. Leva sua atenção aos dedos dos pés e sente que o fogo está subindo daí, tudo se está queimando. Conforme ascende o fogo, seu corpo está desaparecendo. Começa nos dedos dos pés e vete subindo.

por que nos dedos dos pés? Será mais fácil. Porque os dedos dos pés estão muito longe de seu «eu», de seu ego. Seu ego existe na cabeça. Não pode começar na cabeça; será muito difícil, assim começa no ponto mais distante. Os dedos dos pés são o ponto mais distante do ego. Começa o fogo aí. Sente que os dedos dos pés se estão queimando, só ficam cinzas, e logo sobe lentamente, queimando tudo o que encontra o fogo. Todas as partes -as pernas, as coxas- desaparecerão.

E segue vendo que se feito cinzas. O fogo está ascendendo, e as partes pelas que aconteceu já não estão; tornaram-se cinzas. Segue subindo, e finalmente desaparece a cabeça. Tudo se tem feito cinzas..., o pó voltou para pó...; *até que o corpo se faça cinzas, mas você não.*

Você permanecerá como alguém que olhe de uma colina. O corpo estará aí -morto, queimado, cinzas- e você será o que o observa, você será a testemunha. Esta testemunha não tem ego.

Esta técnica é muito boa para alcançar o estado sem ego. por que? Porque se implicam muitas coisas nela. Parece simples; não é tão simples. O mecanismo interno é muito complexo. Em primeiro lugar: suas lembranças formam parte do corpo. A lembrança é matéria; por isso pode registrar-se. Está registrado nas células do cérebro. São materiais, parte do corpo. pode-se fazer uma operação nas células do cérebro, e se se extirpam certas células do cérebro, desaparecerão-lhe certas lembranças. As lembranças estão registradas nas células do cérebro. A memória é matéria; pode ser destruída. E agora os cientistas dizem que pode ser replantada, pode voltar a ser transplantada.

cedo ou tarde encontraremos formas para que quando mora uma pessoa como Albert Einstein possamos preservar as células de seu cérebro.

E essas células cerebrais poderão ser transplantadas em um menino, e esse menino terá as lembranças do Albert Einstein sem ter que acontecer todas essas experiências. Forma parte do corpo; a memória forma parte do corpo, e se o corpo inteiro é queimado e reduzido a cinzas, não terá nenhuma lembrança.

Recorda: isto é o que terá que compreender: se a lembrança seguir aí, então o corpo segue aí, e não estiveste jogando limpo. Se realmente aprofundar na sensação de que o corpo está morto, ardendo, e o fogo o destruiu completamente, não terá nenhuma lembrança nesse momento. Nesse momento de observação, não haverá mente. Tudo se terá detido: nenhum movimento do pensamento, só observação, só ver o que aconteceu.

E uma vez que conhece isto, pode permanecer continuamente neste estado. Uma vez que soubeste que pode te separar do corpo... Esta técnica é simplesmente um método para te separar do corpo, para criar uma distância entre você e o corpo, para estar fora do corpo uns poucos momentos. Se pode fazer isto, então pode permanecer no corpo e não estará no corpo. Pode seguir vivendo como vivia antes, mas não voltará a ser o mesmo.

Esta técnica suporá ao menos três meses. Segue fazendo-a. Não vai acontecer em um dia, mas se segue fazendo-a todos os dias durante uma hora, em menos de três meses, algum dia de repente sua imaginação terá ajudado e se criará a distância, e verá realmente o corpo convertido em cinzas. Então pode olhar.

Nessa observação cairá na conta de um fenômeno profundo: que o ego é uma entidade falsa. Estava aí porque estava identificado com o corpo, com os pensamentos,

com a mente. Não é nenhum dos dois: nem a mente nem o corpo. É diferente de tudo o que te rodeia; é diferente de sua periferia.

Aparentemente, a técnica é simples, mas pode te levar a uma profunda mutação. Mas primeiro vete a meditar ao *ghat* das cremações, ao terreno das cremações, para que veja como arde o corpo, como o corpo volta a ser pó..., para que possa imaginar facilmente. Logo começa pelos dedos dos pés e balança muita lentamente. E antes de fazer esta técnica, empresta mais atenção à expiração. Justo antes de entrar na técnica, espira e fecha os olhos durante quinze minutos; deixa que inspire o corpo e abre os olhos. Durante quinze minutos, sente uma relaxação profunda, e logo entra na técnica.

80 Imagina o mundo inteiro ardendo.

Segunda técnica referente ao fogo: *Medita com o mundo fictício ardendo até fazer-se cinzas, e te volte um ser por cima do humano.*

Se pode fazer a primeira, a segunda será muito fácil. Se pode chegar a imaginar que seu corpo está ardendo, não é difícil imaginar que o mundo inteiro está ardendo..., porque seu corpo é o mundo, e está vinculado ao mundo por meio de seu corpo. Em realidade, só por seu corpo está vinculado ao mundo: o mundo é o corpo expandido. Se pode pensar e imaginar que seu corpo está ardendo, não há nenhuma dificuldade para imaginá-lo com o mundo inteiro. E o sutra diz que é um mundo fictício: só porque crie, existe. O mundo inteiro está ardendo, desaparecendo.

Mas se te parece que a primeira é *muito* difícil, pode inclusive começar com a segunda. A segunda é muito fácil se pode fazer a primeira, e em realidade, não há necessidade de fazer a segunda se tiver feito a primeira. Com seu corpo, tudo desaparece automaticamente. Mas também pode fazer a segunda diretamente, se a primeira for muito difícil.

Pinjente que começasse pelos dedos dos pés porque estão muito longe da cabeça, do ego, mas pode que nem sequer se sinta capaz de começar com os dedos dos pés. Então te afaste ainda mais, começa com o mundo, e logo vete te aproximando cada vez mais para ti. Começa com o mundo e logo vete te aproximando. E quando o mundo inteiro esteja ardendo, resultará-te fácil arder nesse mundo ardente.

A segunda é: *Medita com o mundo fictício ardendo até fazer-se cinzas, e te volte um ser por cima do humano..*

Se pode ver o mundo inteiro ardendo, foste por cima do humano, tornaste-te sobre-humano. chegaste a conhecer uma consciencia sobre-humana. Pode imaginá-la, mas é necessário um adestramento da imaginação. Nossa imaginação não está muito adestrada. Está muito pouco adestrada, porque não há nenhuma instrução para a imaginação. adestra-se o intelecto, existem colégios e universidades, e se passa grande parte da vida adestrando o intelecto. A imaginação não é adestrada. E a imaginação tem uma maravilhosa dimensão própria. Se pode adestrar sua imaginação, pode fazer portentos com ela.

Começa com coisas pequenas, porque é difícil saltar a coisas maiores e pode que fracasse. Por exemplo: esta imaginação de que o mundo inteiro está ardendo... não pode ir muito fundo. Primeiro, sabe que é imaginação, e inclusive se pensar na imaginação que há chamas por toda parte, sentirá que o mundo não ardeu, que segue aí, porque é só sua imaginação. Não sabe que a imaginação pode fazer-se realidade. Primeiro tem que senti-lo.

Prova um simples experimento antes de entrar nesta técnica. Entrelaça as duas mãos, fecha os olhos, e imagina que já não pode abrir as mãos, que estão mortas, duras, e não pode fazer nada para as abrir. Ao princípio sentirá que só o está imaginando e que pode as abrir. Mas segue pensando durante dez minutos que não pode as abrir, não pode fazer nada, não há maneira de abrir as mãos. E depois de dez minutos, tenta as abrir.

Quatro de cada dez pessoas terão êxito imediatamente; aos quarenta por cento da gente lhe sairá bem imediatamente depois de dez minutos, não podem abrir as mãos; a imaginação se feito realidade. Não importa como o tentem..., e quanto mais se esforcem pelas abrir, mais difícil será. Começará a suar. Está vendo suas próprias mãos e não pode as abrir. Estão duras!

Mas não tenha medo. Volta a fechar os olhos, e volta a imaginar que agora pode as abrir; só assim será capaz das abrir. Aos quarenta por cento da gente lhe sairá bem imediatamente. Esse quarenta por cento pode entrar facilmente nesta técnica; não há problema para eles.

Para sessenta por cento restante será difícil, levará tempo. Os que são muito sensíveis podem imaginar algo e acontecerá. E uma vez que sentem que a imaginação se feito realidade, conhecem a sensação e podem usá-la. Então pode fazer muitas coisas com sua imaginação. Já está fazendo-o sem sabê-lo. Já o está fazendo, mas não é consciente.

Chega à cidade certa enfermidade -chega uma gripe francesa- e cai vítima dela. Nunca pode acreditar que setenta de cada cem casos se devem somente à imaginação. Como chegou a gripe, começa a imaginar que tem cansado presa dela..., e cairá. Muitas enfermidades se contraem só através da imaginação; cria muitos problemas devido a sua imaginação. Também pode resolvê-los uma vez que sabe que é você quem os está criando. Adestra um pouco sua imaginação, e então esta técnica será muito útil.

81 Tudo conflui em seu ser.

Terceira técnica: Igual a, subjetivamente, as letras se unem formando palavras, e igual a, objetivamente, os círculos se unem formando mundos, e os mundos formando princípios, descobre ao fim que estes confluem em nosso ser.

Essa também é uma técnica imaginativa. O ego sempre tem medo: medo de ser vulnerável, aberto, medo de que algo possa entrar e te destruir. Assim que o ego cria uma fortificação em torno de si; começa a viver em uma prisão murada. Não terá que permitir que nada entre em ti. Tem medo -se entrar algo e te incomoda, o que vai, a fazer?-, assim é melhor não deixar que entre nada. Toda a comunicação cessa. Inclusive com os que amas ou pensa que amas não há comunicação.

Observa a um matrimônio falando. Não estão falando o um ao outro; não há comunicação. Mas bem se estão evitando mutuamente mediante as palavras. Estão falando para poder evitar a comunicação. Em silêncio se voltarão vulneráveis, em silêncio estarão mais perto, porque em silêncio o ego, o muro, não estará aí. De modo que o marido e a mulher nunca estarão em silêncio. Falarão disto ou do outro para encher o tempo, e para não estar abertos o um ao outro. Temos tanto medo ao outro...

ouvi a respeito de Amacie Nasruddin que um dia, justo quando estava saindo de casa, disse-lhe sua mulher: «Nasruddin, esqueceste que dia é hoje?».

Nasruddin sabia: era o vinte e cinco aniversário de suas bodas; assim disse: «O se, o se muito bem».

A esposa insistiu: «Então, como vamos celebrar o?».

De modo que Nasruddin disse: «Não o se, carinho». E então se arranhou a cabeça, perplexo, e disse: «Que tal se guardarmos dois minutos de silêncio para celebrá-lo?».

Não pode permanecer em silêncio com alguém; começa-te a sentir inquieto. Em silêncio, o outro entra em ti. Está aberto, suas portas estão abertas, suas janelas estão abertas. Tem medo. Segue falando, segue criando mutretas para permanecer fechado.

O ego é uma prisão, é uma prisão, e aceitamos a prisão porque nos sentimos muito inseguros. A prisão te dá uma certa sensação de segurança: está protegido, resguardado. Para fazer esta técnica, esta terceira técnica, o primeiro e o mais básico é: tenha muito claro que a vida é insegurança. Não há maneira de fazê-la segura. Nada do que faça ajudará. Só pode criar uma ficção de segurança: a vida segue sendo insegura. É sua natureza mesma, porque a morte está envolta nela, de modo que como vai ser segura a vida?

E pensa um momento: se a vida for realmente segura, já estará morta. Uma vida absolutamente, totalmente segura, não pode estar viva, porque se perdeu a aventura mesma. Se está protegido de todos os perigos, estará morto. No ser mesmo da vida há aventura, perigo, insegurança. Está envolta a morte.

Amo-te... entrei em um caminho perigoso. Já nada pode ser seguro, mas agora tentarei fazê-lo todo seguro. Em altares do manhã, matarei tudo o que está vivo, porque só então posso me sentir seguro também amanhã.

O amor é transformado em matrimônio: o matrimônio é uma segurança. O amor é inseguro: ao momento seguinte tudo pode trocar. E investiste tanto, e ao momento seguinte a amada te deixa, ou o amigo te deixa e fica em um vazio. O amor é inseguro. Não pode fixar o futuro, não pode predizê-lo. De modo que matamos o amor e encontramos um sucedâneo seguro: isso é o matrimônio.

Com o matrimônio pode estar seguro; é predecible. A mulher seguirá sendo sua mulher ao dia seguinte; o marido seguirá sendo seu marido também no futuro..., mas só porque o afiançaste. E agora não há perigo. Está morto. Agora a relação está morta, porque só as coisas mortas podem ser permanentes; as coisas vivas estão destinadas a ser cambiantes. A mudança é a qualidade mesma da vida, e na mudança está a insegurança.

Os que queiram entrar em âmbitos mais profundos da vida devem estar dispostos a sentir-se inseguros, devem estar dispostos a estar em perigo, devem estar dispostos a entrar no desconhecido, e não devem tratar de fixar o futuro em modo algum. O esforço mesmo o matará tudo. E recorda isto também: essa insegurança não só está viva; é bela. A segurança é insípida, feia. A insegurança está cheia de vida e é formosa. Pode te sentir seguro se fechar suas portas e janelas, e tudo. Não entra nem luz nem ar; não entra ninguém. Está seguro em certo modo, mas não está vivendo; já entraste em sua tumba.

Esta técnica é possível se for vulnerável, se estiver aberto, se não ter medo, porque consiste em permitir que entre em ti todo o universo.

Igual a, subjetivamente, as letras se unem formando palavras e igual a, objetivamente, os círculos se unem formando mundos, e os mundos formando princípios, descobre ao fim que estes confluem em nosso ser.

Tudo confluindo em seu ser... Estou sob o céu aberto, e toda a existência, de todas partes, de cada esquina e rincão, está confluindo em mim; o ego não pode existir. Nessa abertura em que a existência inteira está confluindo em ti, não pode existir como um «eu». Existirá como um espaço aberto, mas não como um «eu» cristalizado.

Para fazer esta técnica, começa com um pequeno passo. Simplesmente sente-se sob uma árvore. A brisa está soprando e as folhas da árvore estão sussurrando. O vento te toca, move-se a você

ao redor, passa. Mas não deixe que simplesmente passe; deixa que entre em ti e passe por ti. Fecha os olhos, e quando estiver passando pela árvore e se produza o murmúrio das folhas, sente que você também é como uma árvore, aberto, e que o vento está soprando através de ti; não junto a ti, a não ser através de ti.

O murmúrio da árvore entrará em ti, e sentirá que o ar está passando por cada poro de seu corpo. Está passando realmente através de ti. Não é só uma imaginação, mas também um fato; esqueceste-o. Não está respirando só pelo nariz; está respirando por todo o corpo, por cada um de seus poros, por milhões de poros. Se te permite respirar pelo nariz, mas fecham, pintam, todos os poros de seu corpo, morrerá em menos de três horas. Não pode viver respirando tão somente pelo nariz. Cada célula de seu corpo é um organismo vivo, e cada uma delas está respirando. O ar está acontecendo realmente por ele, mas perdeste o contato. Assim sente-se sob uma árvore e sente.

Ao princípio parecerá imaginação, mas logo se transformará em uma realidade. É uma realidade que o ar está passando através de ti. Então sente-se sob um sol nascente, e não sinta só que os raios do sol lhe estão tocando, mas sim estão entrando em ti, e passando através de ti, de modo que te volta vulnerável, começa a te sentir alerta.

E isto se pode fazer contudo. Por exemplo, estou falando aqui e você me está ouvindo. Pode ouvir com os ouvidos, ou pode ouvir com todo o corpo. Pode prová-lo aqui mesmo, com apenas uma mudança de ênfase: não está ouvindo minhas palavras só com os ouvidos; está-me ouvindo com todo seu corpo. E quando ouve realmente, e quando escuta realmente, é todo o corpo o que escuta. Não é só uma parte, não é uma energia fragmentada a que escuta, a não ser todo você. A totalidade de seu corpo está envolta em escutar. Então minhas palavras estão passando através de ti: está as bebendo por cada uma das células, por cada poro. Estão sendo absorvidas por toda parte.

Pode fazer isto: vete a te sentar em um templo. Haverá muitos devotos indo e vindo e o sino do templo soará uma e outra vez. Simplesmente escuta com todo seu corpo. O sino está soando e todo o templo está hirviente; o som está refletindo-se em todos os muros. Para fazer que se reflita, para sentir que o som está confluindo em ti, criamos uma forma redonda, para que o som seja devolvido de todas partes. Conflui em ti de todas partes, e pode escutá-lo com todo o corpo: cada poro, cada célula, escutando, bebendo, absorvendo-o; e está passando através de ti. Tornaste-te poroso; a porta está aberta em todas partes.

Já não é uma barreira para nada: o ar, ou as palavras, ou o som, ou os raios, ou algo. Não é uma barreira; não resiste a nada.

Quando chegar a sentir que já não resiste, que não está lutando, de repente tomará consciência de que o ego não está aí, porque o ego só pode existir quando lutas. É uma resistência. Quando diz «não», o ego chega à existência; quando diz «sim», não há ego. De modo que chamo *astik*, um verdadeiro teísta, ao homem que há dito «sim» a toda a existência; não há nenhum «não» nele, nenhuma resistência. Aceita-o tudo, deixa que tudo aconteça. Inclusive se chegar a morte, ele não fechará sua porta. As portas permanecerão abertas.

Esta abertura terá que consegui-la; só então pode fazer esta técnica, porque esta técnica diz que todo o universo está caindo, confluindo em ti sem resistência, acolhendo-o, permitindo que conflua. Simplesmente desaparecerá, voltará-te um espaço, espaço infinito, porque este universo infinito não pode confluir em uma coisa tão estreita e atômica como o ego. Só pode confluir quando te tornaste infinito como ele,

quando você mesmo te tornaste um espaço infinito. Mas isto acontece. Pouco a pouco tem que te voltar mais e mais sensível, e tem que tomar consciência de suas resistências.

Temos muitas resistências. Se te tocar, pode sentir que te está resistindo ao contato, está criando uma barreira, para que meu calor não possa entrar em ti, meu contato não possa entrar em ti. Não nos permitimos nos tocar. Se alguém te tocar, põe-te alerta, e o outro diz: «Perdoa.» Há resistência por toda parte. Se lhe Miro, resiste, porque o olhar pode entrar em ti, pode penetrar fundo, pode te remover, e então o que fará? E isto não é só com os estranhos. Não há necessidade nem sequer com os estranhos, porque ninguém é um estranho e todo mundo é um estranho. Como vai eliminar-se essa estranheza com apenas viver sob o mesmo teto? Conhece seu pai, que te tem feito nascer? É um estranho. Conhece sua mãe? Segue sendo uma estranha. De modo que todo mundo é um estranho, ou ninguém é um estranho. Mas temos medo e criamos barreiras por toda parte. Estas barreiras nos fazem insensíveis; então nada pode entrar em nós.

A gente vem a me dizer: «Ninguém ama. Ninguém me ama.» E monte a esse homem e sinto que tem medo incluso ao contato. Há um lugar retirado sutil. Tomo sua mão na meu e ele se retira. Não está na mão; só há uma coisa morta na minha: ele se retirou. E diz: «Ninguém me ama.» Como vai amar te alguém? E inclusive se o mundo inteiro te amar, não o notará, porque está fechado. O amor não pode entrar em ti; não há entrada, não há porta. E está sofrendo em sua própria prisão.

Se houver ego, está fechado: ao amor, à meditação, a Deus. Assim primeiro tenta ser mais sensível, mais vulnerável, aberto, deixando que lhe aconteçam as coisas. Só então pode acontecer o

divino, porque isso é quão último acontece. Se não poder permitir que lhe aconteçam as coisas correntes, como vais permitir o supremo? Porque quando te acontecer o supremo, você já não estará aí. Simplesmente não estará.

Kabir há dito: «Quando te buscava, não estava. E agora que você está, onde está esse buscador, Kabir? Já não está. Assim que tipo de encontro é este?» Kabir se pergunta: «Que tipo de encontro é este? Quando estava eu, não estava o divino. Agora está o divino, mas não eu. Assim que tipo de encontro é este?».

Mas, em realidade, este é o único encontro, porque dois não podem, encontrar-se. Normalmente pensamos que se necessitam dois para um encontro: como vai haver um encontro se só houver um? De modo que a lógica ordinária diz que para um encontro são necessários ao menos dois; o outro é necessário. Mas para um encontro real, para um encontro que chamamos amor, para um encontro que chamamos oração, para um encontro que chamamos *samadhi*, êxtase, é necessário um. Quando está o buscador, não está o buscado; e quando chegou o buscado, o buscador desapareceu.

por que é isto assim? Porque o ego é a barreira. Quando sente que está, está tanto que nada pode entrar em ti. Está cheio de seu próprio eu. Quando não está, então tudo pode passar por ti. Tornaste-te tão imenso que inclusive o divino pode passar por ti, porque está preparado.

De modo que toda a arte da religião é como não estar, como dissolver-se, como entregar-se, como voltar um espaço aberto.

Capítulo 54

O Fogo da Consciência

Perguntas

Como preservar a psique vulnerável das vibrações daninhas?

Como pode o «eu sou» dissolver-se na consciencia?

Podemos chegar a aceitar e desenvolvemos totalmente?

Primeira pergunta:

Um meditador que é vulnerável, passivo, aberto e receptivo sente que com estas características sofre, devido à influência das vibrações não meditativas, negativas e tensas que lhe rodeiam. Por favor, explica como pode preservar sua psique vulnerável das vibrações daninhas?

Se for realmente vulnerável, nada é negativo para ti..., porque o negativo é sua interpretação. Nada é daninho para ti..., porque o daninho é sua interpretação. Se realmente estiver aberto, então nada pode te danificar, nada te pode parecer daninho. Sente que algo é negativo e algo é daninho porque resiste, porque está contra isso, porque não o aceita. Isto terá que compreendê-lo profundamente.

O inimigo existe porque te está protegendo a ti mesmo contra ele. O inimigo existe porque não está aberto. Se estiver aberto; a existência inteira é amiga; não pode ser de outra forma. Em realidade, nem sequer a sentirá como amiga, simplesmente é amiga. Nem sequer há a sensação de que é amiga, porque essa sensação só pode existir com a sensação contrária de inimizade.

me permita expressar o desta forma. Se for vulnerável, isso significa que está disposto a viver na insegurança. No fundo significa que está disposto inclusive a morrer. Não resistirá, não te oporá, não porá travas. Se chegar a morte, não haverá resistência. Simplesmente permitirá que aconteça. Aceita a existência em sua totalidade. Então como vais sentir a como uma morte?

Se rehúsas, então a considerará o inimigo. Se não rehúsas, como vais considerar ao inimigo? O inimigo se cria com sua negativa. A morte não pode te danificar, porque o dano é sua interpretação. Agora ninguém pode te danificar; tornou-se impossível.

Este é o segredo do ensino taoísta. O ensino básico do Lao Tsé é esta: se aceitar, a existência inteira está contigo; não pode ser de outra forma. Se rehúsas, cria ao inimigo. quanto mais rehúsas, quanto mais te defende, quanto mais te protege, mais inimigos se criam. Os inimigos som sua criação. Não estão fora; existem em sua interpretação.

Uma vez que compreende isto, esta pergunta nunca pode surgir. Não pode dizer: «Sou meditativo, sou vulnerável, aberto, assim que como devo me defender contra as vibrações negativas que me rodeiam?». Já nada pode ser negativo. O que significa o negativo? O negativo faz referência ao que quer rechaçar, o que não quer aceitar, o que pensa que é daninho. Então não está aberto, então não está em um estado meditativo.

Esta pergunta só surge intelectualmente; esta não é uma pergunta sentida. Não experimentaste a meditação, não a conheceste. Simplesmente está pensando. E esse pensamento é só uma hipótese. Supõe: «Se meditar e me volto aberto, então estarei inseguro. As vibrações negativas entrarão em mim e serão daninhas. Como vou defender me então?». Esta é uma pergunta suposta. Não me façam perguntas supostas. São fúteis, irrelevantes.

Medita, te volte aberto, e então nunca me fará esta pergunta, porque com apenas te abrir, o negativo terá desaparecido. Então nada é negativo. E se pensar que algo é negativo, não pode te abrir. O mero medo ao negativo criará a teimosia. Estará fechado; não pode te abrir. O mero medo a que algo possa te danificar...

Como vais voltar te vulnerável? Por isso faço insistência no fato de que, a menos que desapareça de ti o medo à morte, não pode te voltar vulnerável, não pode estar aberto. Permanecerá fechado em sua própria mente, em seu próprio encarceramento.

Mas pode seguir caso coisas, e tudo o que suponha será errôneo, porque a mente não pode saber nada sobre a meditação, não pode penetrar nesse âmbito. Quando cessa completamente, acontece a meditação. De modo que não pode supor nada, não pode pensar nisso. Ou o conhece ou não o conhece... Não pode pensar nisso.

Permanece aberto..., e com apenas te abrir, tudo o que é negativo na existência desaparece. Nem sequer a morte é negativa então. Nada é negativo. Seu medo cria a negatividad. No fundo, tem medo; devido a esse medo, cria medidas de segurança. Contra essas medidas de segurança, existe o inimigo.

Observa este fato: que você cria ao inimigo. A existência não te é hostil. Como vai ser o? Pertence-lhe, é uma parte dela, uma parte orgânica. Como te vai ser hostil a existência? Você é a existência. Não está separado; não há nenhum espaço entre você e a existência.

Sempre que sente que o negativo, a morte, o inimigo, o ódio, está aí, e que se estiver aberto, indefeso, a existência te destruirá, considera que tem que te defender. E não só te defender..., porque a melhor maneira de defender-se é ser agressivo, ofensivo. Não pode simplesmente ser defensivo. Quando sente que tem que te defender, volta-te ofensivo, porque passar à ofensiva, ser agressivo, é a melhor maneira de te defender.

O medo cria ao inimigo, e então o inimigo cria a defesa, e então a defesa cria a ofensiva. Volta-te violento. Está constantemente em guarda. Está contra todo mundo. Isto terá que entendê-lo: que se tiver medo, está contra todo mundo. Pode haver diferenças de grau, mas então tanto seu inimigo como seu amigo são seu inimigo. O amigo o é um pouco menos; isso é tudo. Então seu marido ou sua mulher também é seu inimigo. chegastes a um acerto; isso é tudo. Acoplaste-lhes. Ou pode que ambos tenham um inimigo comum e maior, e lhes tenham unido contra esse inimigo comum..., mas a inimizade segue aí.

Se está fechado, a existência inteira te resulta hostil. Não é que o seja; parece-te que é hostil. Quando está aberto, a existência inteira se feito seu amiga. Agora, quando está fechado, inclusive o amigo é o inimigo. Não pode ser de outra forma. No fundo também lhe tem medo a seu amigo.

Em alguma parte, Henry Thoreau, ou algum outro, tem escrito que orou a Deus: «Eu me ocuparei de meus inimigos, mas você te ocupe de meus amigos. Eu lutarei com meus inimigos, mas me proteja de meus amigos.»

Na superfície há amizade; no fundo há inimizade. Pode que sua amizade seja só uma fachada para ocultar ao inimigo. Se está fechado, só pode criar ao inimigo, porque só quando está aberto se manifesta o amigo. Quando está totalmente aberto a alguém, a amizade aconteceu. Não pode acontecer de nenhuma outra forma.

Como vais amar quando está fechado? Você vive em sua prisão, eu vivo em minha prisão, e quando nos encontramos, só se tratam os muros de nossas prisões, e nós estamos ocultos atrás deles. Movemo-nos em nossas cápsulas: as cápsulas se tocam, os corpos se tocam, mas no fundo permanecemos isolados.

Inclusive ao fazer o amor, quando seus corpos entraram o um no outro, vós não entrastes. Só os corpos se estão juntando; vós seguem ainda em sua cápsula, em sua célula. Estão-lhes enganando a vós mesmos pensando que há uma comunhão. Nem sequer no sexo, que é a relação mais profunda, há comunhão. Não pode acontecer porque está fechado. O amor se tornou uma impossibilidade. E esta é a razão: tem medo.

Assim não faça semelhantes pergunta; não faça perguntas falsas. Se tiver estado aberto alguma vez, não pode sentir que algo possa te resultar daninho. Já nada é daninho. Por isso digo que inclusive a morte é uma bênção. Seu enfoque se tornou diferente. Agora, quando olha, olha com um coração aberto. Essa abertura de coração troca a qualidade de tudo, e não pode sentir que algo vai ser daninho, não pode perguntar como te defender: não há necessidade. A necessidade surge porque está fechado.

Mas pode seguir caso perguntas. A gente vem e me diz: «Muito bem, se tivermos realizado a Deus, então, o que? Começam com a pergunta: «Se...?» Não há “sis”. Na existência não pode fazer tais perguntas. São absurdas, estúpidas, porque não sabe o que está dizendo. «Se tiver realizado a Deus, então, o que?».

Esse «então, o que?» nunca surge, porque com a realização você já não está; só Deus está. E com a realização não há futuro; só há o presente.

E com a realização não há preocupação, porque te tem feito um com a existência. De modo que a pergunta “então, o que?” nunca surge. Esta pergunta surge devido à mente, que está em uma preocupação constante, em uma luta constante, pensando constantemente no futuro.

Segunda pergunta:

Conforme me volto mais e mais consciente, minha atenção se desenvolve e persiste uma sensação de que eu existo, eu estou presente, eu sou consciente. Por favor, explica como pode dissolver-se esta sensação em um estado de só consciencia.

Esta é, de novo, uma pergunta suposta. *Conforme me volto mais e mais consciente, minha atenção se desenvolve e persiste uma sensação de que eu existo, eu estou presente, eu sou consciente.* Isto não acontece nunca, porque conforme cresce a consciencia, o «eu» decresce. Na consciencia plena, é, mas não há nenhuma sensação de que «Eu sou». Com palavras se pode dizer como muito isto: que sente uma sutil existência, mas não há nenhum «eu».

Sente existência, e a sente em abundância, um momento pleno, mas não está o «eu». Não pode sentir «eu existo»; não pode sentir «eu estou presente»; não pode sentir «eu sou consciente».

Isso forma parte da inconsciência, da falta de atenção; forma parte de seu estado adormecido. Não pode existir. Não pode existir quando está realmente alerta e acordado e consciente.

Assim é como podem surgir as perguntas supostas. Pode seguir pensando sobre elas, e nada resolverá. Se acontecer isto -que sente «eu sou; eu sou consciente»-, então só tem que advertir uma coisa: que não está alerta, que não é consciente. Estas sensações -«eu estou alerta, eu sou consciente, eu existo»- são pensamentos, está-os pensando; não são momentos realizados. Pode pensar «eu sou consciente»; pode seguir repetindo «eu sou consciente»..., mas isso não servirá. A consciencia não é esta repetição. E quando é consciente, não há necessidade de repetir: «eu sou consciente». Simplesmente é consciente; já não há «eu».

Prova a consciencia. Ponha alerta agora mesmo. Onde está o «eu»? É -em realidade, é mais intensamente-, mas onde está o «eu», o ego? Na intensidade mesma da consciencia já não há ego. Depois, quando perde consciencia e começa o pensamento, pode sentir «eu sou», mas no momento da consciencia não há «eu». Experimenta-o agora mesmo. Está aqui em silêncio, pode sentir sua presença, mas onde está o «eu»? O

«eu» não surge. Só surge quando, retrospectivamente, pensa. Quando perde consciencia, o «eu» surge imediatamente.

Se pode experimentar a simples consciencia embora seja um só momento, é, e não há «eu». Quando perde consciencia, quando o momento se escapuliu, foi-se, e está pensando, o «eu» volta imediatamente. Forma parte do processo do pensamento. O conceito mesmo de «eu» é um pensamento, pertence ao pensamento. «Eu sou» é um pensamento.

Quando está alerta e não há pensamentos, como vais sentir «eu sou»? O «ser» está aí..., mas isso tampouco é um pensamento, não é pensar.

Está aí existencialmente; é um fato. Mas pode transformar o fato em pensamento imediatamente, e pode pensar sobre esse intervalo que existiu quando não havia «eu». E no momento em que pensa, o «eu» tornou. Com o pensamento, entra o ego: pensar é o ego. Sem pensar, não há ego.

De modo que quando quiser fazer uma pergunta, primeiro faz-a existencial. antes de me formular a pergunta, mede se o que está perguntando é relevante ou não. Semelhantes pergunta só se fazem relevantes verbalmente, mas são desta maneira: digo que se acendeu a luz e logo pergunto: «acendeu-se a luz e, entretanto, a escuridão persiste, assim que o que terá que fazer com a escuridão?». Quão único passa é que a luz está apagada, não foi acesa; do contrário, como vai persistir a escuridão? E se houver escuridão, então não há luz. E se houver luz, então não há escuridão. Não podem estar as duas juntas.

A consciencia e o ego não podem estar juntos. Se tiver chegado a consciencia, se estiver aí, o ego desapareceu. Isto é simultâneo; não há nem um segundo solo de intervalo. A luz está acesa e a escuridão desapareceu. Não é que tenha desaparecido pouco a pouco, em etapas, gradualmente. Não pode vê-la sair; não pode dizer que agora a escuridão está indo-se.

Há luz, e imediatamente não há escuridão. Não há nem um só momento de intervalo, porque se houver um intervalo, então pode ver a escuridão saindo. E se houver um só momento de intervalo, então não há razão alguma pela que não pode haver um intervalo de uma hora. Não há intervalo. O ato é simultâneo. Em realidade, a chegada da luz e a retirada da escuridão são dois aspectos de um só fenômeno.

O mesmo acontece com a consciencia: quando é consciente, não há ego. Mas o ego pode seguir utilizando truques, e o ego pode dizer: «Eu sou consciente.» O ego pode dizer: «Eu sou consciente», e pode te enganar. Então surgirá a pergunta. E o ego quer acumulá-lo tudo, inclusive a consciencia. O ego não só quer riqueza, poder e prestígio; também quer meditação, também quer *samadhi*, também quer iluminação.

O ego quer tudo. O que é possível deve ser poseído. O ego quer possui-lo tudo: inclusive a meditação, o *samadhi*, o *nirvana*. De modo que o ego pode dizer: «Agora obtive a meditação», e então a pergunta surgirá. obteve-se a meditação, chegou a consciencia, mas o ego segue aí, o sofrimento segue aí. Toda a carga do passado permanece. Não troca nada.

O ego é um fanfarrão muito sutil. Se consciente disso. Pode-te enganar. E pode usar palavras, pode verbalizar. Pode verbalizar algo, inclusive o *nirvana*.

ouvi que uma vez havia duas mariposas voando sobre as grandes avenidas de Nova Iorque.

Ao passar junto ao Empire State, a mariposa macho lhe disse à fêmea: «sabe, se quisesse com um só golpe poderia fazer que se desabasse este edifício do Empire State.»

Um sábio que acertou a estar por ali ouviu este comentário, assim chamou à mariposa macho e lhe perguntou: «O que estava dizendo? Sabe muito bem que não

pode fazer que se desabe o Empire State com um só golpe. Sabe muito bem, não é necessário que lhe diga isso, assim por que disse semelhante coisa?»

A mariposa macho disse: «me perdoe, senhor. Sinto-o muito. Só estava tratando de impressionar a minha noiva.»

O sábio disse: «Não o faça», e se despediu da mariposa.

A mariposa macho voltou junto a sua noiva. É obvio a noiva perguntou: «O que te estava dizendo esse sabichão?».

De modo que o macho fanfarrão disse: «Rogou-me dizendo: "Não o faça!". Estava muito assustado, tremendo, nervoso. Tinha ouvido que eu ia fazer que se desabasse o Empire State, assim que me disse: "iNo o faça!"».

Isto mesmo está acontecendo continuamente. O sábio disse essas palavras com um sentido muito diferente. O queria dizer: «Não diga semelhantes costure», mas o ego lhe tirou proveito. Seu ego pode tirar proveito a algo; é profundamente ardiloso. E tem tanta experiência em manhas -experiência de milênios-, que nem sequer pode detectar quando começa a manha.

A gente vem para mim e me diz: «aconteceu a meditação. O que devo fazer agora com minhas preocupações?». Assim é como o ego segue fazendo truques..., e nem sequer são conscientes do que estão dizendo. «aconteceu a meditação, a *kundalini* hasubidd. O que devo fazer agora? As preocupações ainda continuam.»

Sua mente quer acreditar coisas, de maneira que, sem fazer nada, segue acreditando, te enganando..., fantasiando. Mas a realidade, não troca com seus fantaseos, as preocupações continuam. Pode te enganar a ti mesmo; não pode enganar às preocupações. Não desaparecerão porque diga: «aconteceu a meditação e subiu a *kundalini*, e agora entrei no quinto corpo.» Essas preocupações nem sequer ouvirão o que está dizendo. Mas se a meditação acontece realmente, onde estão as preocupações? Como vão existir em uma mente meditativa?

Assim recorda isto: quando é consciente, é..., mas não é o ego. Então é ilimitado, então é espaço infinito, mas sem nenhum centro. Não há nenhuma sensação centrada de «eu»; só existência não centrada, que não começa em nenhuma parte, não acaba em nenhuma parte: só céu infinito. E quando este «eu» desaparece, automaticamente desaparece o «você», porque o «você» só pode existir em referência ao «eu». Eu estou aqui; é por isso que você está aí. Se este «eu» desaparecer de mim, você já não está aí. Não pode estar. Como vais existir?

Não quero dizer que não estará aí corporalmente, que não estará aí fisicamente. Estará aí tal como é, mas para mim não pode ser «você». O «você» é significativo em referência a meu «eu»; meu «eu» cria o «você». Uma parte desaparece; a outra desaparece para mim. Então há simples existência; todas as barreiras se hão dissolvido. Ao desaparecer o ego, toda a existência se volta uma. O ego é o divisor..., e o ego existe porque não está atento. O fogo da consciencia o destruirá.

Tenta-o mais e mais. de repente, ponha alerta. Andando pela rua, para lhe imediatamente, respira profundamente, ponha alerta por um momento. E quando digo alerta, simplesmente quero dizer alerta ao que está acontecendo: o ruído do tráfico, a gente passando e falando, tudo o que há a seu redor. Simplesmente te ponha alerta. Você não está aí nesse momento: está a existência e sua beleza.

Então o ruído do tráfico não parece ruído, não parece uma perturbação, porque não há ninguém para resistir a ele e lutar contra ele. Simplesmente chega a ti e passa; ouve-o e já não o ouve mais. Chega e passa. Não há barreira contra a que pode chocar. Não pode te produzir nenhuma ferida, porque todas as feridas se produzem no ego. Passará. Não haverá nenhuma barreira contra a que possa chocar; não haverá nenhuma luta, nenhuma perturbação.

Recorda isto: o ruído que há na rua não é a perturbação. Quando o ruído da rua luta contra ti, quando tem uma idéia fixa de que é uma perturbação, volta-se uma perturbação. Quando o aceita, chega e passa, e simplesmente é banhado por ele; sai dele mais viçoso. E então nada te cansa. Quão único cansa, que segue dissipando sua energia, é esta resistência que chamamos o ego.

Mas nunca o consideramos desta maneira. O ego se converteu em nossa vida, em sua essência mesma. Em realidade, não há ego. Se disser a alguém -acontece muitas vezes- que dissolva este ego, imediatamente me olhe como se me fizesse a pergunta, pergunta-a nua: «Se o ego se dissolver, onde está a vida? Então eu já não existo.»

ouvi que perguntaram a um grande político, um grande líder de um país: «Deve estar cansando-se. Todo o dia, vá onde vá, há uma multidão de caçadores de autógrafos.»

Esse político, esse líder, disse: «Isso quase me mata..., mas isto é só a metade da verdade.» Deve ter sido um homem muito excepcional, honesto. Disse: «Quase me mata..., mas quase. Se não houvesse ninguém pedindo meu autógrafo, isso me mataria completamente. Esta multidão contínua quase me mata, mas o outro seria mais perigoso. Mataria-me completamente se não houvesse ninguém que pedisse meu autógrafo.»

De modo que, independentemente do exaustivo, quão extenuante seja o ego, ainda te parece que é a vida, e que se não haver ego; parece-lhe que a vida desaparecerá de sua mente. Não pode conceber que a vida possa existir sem ti, sem que haja sempre o ponto de referência do «eu». É lógico em certo modo, porque nunca vivemos sem ele. vivemos através dele, vivemos em torno dele; só conhecemos um tipo de vida, que está apoiada no ego. Não conhecemos nenhuma outra vida.

E como vivemos através dele, não pudemos viver realmente. Estamos simplesmente lutando por viver, e a vida nunca nos acontece, só passa a nosso lado. Está sempre ao alcance, na esperança: amanhã, o momento seguinte..., e estaremos vivendo. Mas nunca chega, nunca se obtém. Segue sendo sempre uma esperança e um sonho. Mas seguimos nos movendo, e como não chega, movemo-nos rapidamente. Isso também é lógico: se a vida não nos está acontecendo, a mente só pode pensar uma coisa: não nos estamos movendo o suficientemente rápido, assim date pressa, corre.

Aconteceu uma vez que um dos grandes cientistas, T. H. Huxley, ia dar uma conferência em Londres. Chegou à estação, à estação de cercanias, mas o trem tinha atraso, assim correu a um táxi e lhe disse ao condutor: «Dese pressa! Vá à velocidade máxima!»

Foram a toda pressa, quando de repente se deu conta de que não tinha dado a direção. Mas então recordou também que ele mesmo tinha esquecido a direção. De modo que lhe perguntou ao condutor: «Chofer, sabe aonde tenho que ir?».

Ele disse: «Não, senhor. Mas estou indo o mais rápido que posso.»

Isto é o que está acontecendo. Vai o mais rápido que pode. Onde vai?, qual é o destino? por que te está movendo? Pela esperança de que algum dia te aconteça a vida. E por que não está acontecendo agora mesmo? Está vivo... por que não está acontecendo agora mesmo? por que o *nirvana* sempre está no futuro, sempre amanhã? por que não hoje? E amanhã nunca chega..., ou, quando chegar, sempre será hoje e lhe voltará isso a perder. Mas só vivemos que esta maneira.

Só conhecemos uma dimensão de viver desta suposta vida que já estamos -vivendo, que está morta, absolutamente viva-, tão somente unindo esforços de algum jeito, tão somente esperando.

Com o ego sempre segue sendo uma espera..., e uma espera inútil. Pode fazê-lo rapidamente, pode te dar pressa, mas nunca chegará a nenhuma parte: só que te apressando dissipará energia e morrerá. E tem feito isso tantas vezes... Sempre tiveste

pressa, e nessa pressa estiveste dissipando energia, e então só chega a morte e nada mais. Está te dando pressa para alcançar a vida, e só chega a morte e nada mais, mas a mente, como só está acostumada a uma dimensão, como só conheceu um caminho –que nem sequer é um caminho; só parece ser um caminho-, dirá que se não haver ego, onde está a vida?

Mas eu te digo que se houver ego, não há nenhuma possibilidade de vida, só promessas. O ego é perfeito fazendo promessas, não deixa de te prometer coisas. E você é tão inconsciente... Nenhuma promessa se cumpre nunca, mas seu volta a acreditar. Quando se fazem novas promessas, você volta a acreditar.

Volta a vista atrás! O ego prometeu muitas coisas, e não se obteve nada com isso. Todas as promessas se vieram abaixo. Mas nunca volta a vista atrás, nunca compara. Quando foi um menino, havia promessas para a juventude: haveria vida quando crescesse. Todos o diziam, e você também confiava em que quando te fizesse maior, aconteceria tudo o que tinha que acontecer. Agora esses dias passaram, a promessa segue sem cumprir-se, mas o esqueceste. esqueceste a promessa, esqueceste que não se cumpriu. É tão doloroso olhá-lo que nunca o faz.

Agora confia na idade amadurecida: que na maturidade, *sannyas* florescerá, a meditação te acontecerá. Então se terão acabado as preocupações: seus filhos se foram à universidade, e todo se assentou. Então não terá responsabilidades. Então poderá procurar o divino.

Então, na idade amadurecida, vai acontecer o milagre..., e morrerá insatisfeito.

Não vai acontecer, porque nunca acontece na esperança, nunca acontece com a esperança. Nunca acontece com a promessa do ego. Pode acontecer agora mesmo: só pode acontecer agora mesmo. Mas então é necessária uma consciencia muito intensa, para poder desprezar todas as promessas, e todas as esperanças, e todos os programas futuros, e todos os sonhos, e olhar diretamente aqui e agora ao que é.

Nessa volta a ti mesmo -não que seu consciencia se adiante para alguma parte, a não ser voltando para ti mesmo- converte-te em um círculo de consciencia. Este momento se volta eterno. Está alerta e consciente. Nessa alerta, nessa consciencia, não há «eu», a não ser simples existência, simples ser. E a simplicidade resulta dessa consciencia.

A simplicidade não é um tanga, a simplicidade não é viver na pobreza, a simplicidade não é fazer-se mendigo. Essas são coisas muito complexas e muito ardilosas, muito calculadas. A simplicidade nasce quando obtiveste uma existência simples em que não existe nenhum «eu». A simplicidade resulta disso; volta-te humilde. Não é que tenha que praticá-la, porque uma simplicidade praticada nunca pode ser simplicidade. Uma humildade praticada é tão somente um ego oculto.

Acontece: se pode ser consciente, começa a florescer em ti. Volta-te humilde; não contra o ego, porque uma humildade contra o ego é de novo, um tipo diferente de ego, um ego mais sutil e mais perigoso, mais venenoso. Esta humildade é a ausência do ego; não é o oposto ao ego, a não ser só sua ausência. O ego desapareceu. chegaste a ti mesmo e soubeste que não há ego, surge a simplicidade, surge a humildade... Simplesmente, fluem. Não tem feito nada por elas; são produtos derivados, produtos derivados da consciencia intensa.

De modo que este tipo de pergunta é uma tolice. Se sentir que é consciente e o «eu» ainda segue aí, tenha muito claro que não é consciente. te esforce por ser consciente. E este é o critério: quando é consciente, não há «eu»; quando é consciente, o «eu» não se encontra aí. Este é o único critério.

Terceira pergunta:

Um dia explicou o desequilíbrio entre a cultura ocidental, centrada no objeto, e a cultura oriental, centrada no sujeito, e também mencionou que em nenhuma parte, em nenhuma cultura, aceita-se ao ser humano total. Visualiza uma cultura vindoura que seja capaz de aceitar e desenvolver o ser humano em sua totalidade: tanto objetivo como subjetivo?

Este desenvolvimento unilateral ocorreu como uma falácia natural, uma falácia muito natural. Tenta compreender a falácia natural, porque dela dependem muitas coisas.

Sempre que se diz algo, nega-se seu oposto. Sempre que se diz algo, algo é negado simultaneamente. Se disser: «Deus está dentro», nega-se que «Deus está fora». Não o mencionei absolutamente. Mas se disser: «Deus está fora», então se nega que «Deus está dentro». Se disser: «Estar silencioso é ter ido para dentro», desprende-se que, se for para fora, nunca estará silencioso. De modo que, independentemente do que se diga com a linguagem, sempre nega algo.

Isto significa que a linguagem nunca pode abranger a totalidade da vida. Se tenta cobrir a totalidade da vida, a linguagem se volta ilógico, irracional. Se disser: «Deus está dentro e Deus está fora», volta-se sem sentido. Se disser: «Tudo é Deus», volta-se sem sentido. Se disser: «Vá fora ou vá dentro, pode-se obter o silêncio», não tem nenhum sentido, porque estou dizendo ambos: os dois opostos simultaneamente. Estou-os juntando; negam-se o um ao outro..., e então não se diz nada.

tentou-se. tentou-se muitas vezes abranger a totalidade da vida com a expressão lingüística. Nunca se teve êxito, e não pode se ter. Pode fazê-lo, mas então suas afirmações se voltam místicas; não transmitem nenhum significado. A lógica tem alguns requisitos que terá que cumprir..., e a linguagem é lógica.

Se me perguntar: «Está aqui?» e digo: «Sim, em certo sentido estou aqui, e em certo sentido não estou aqui», ou digo: «Sim e não», então, se me ama dirá que sou um místico; se não me amar, dirá que sou um louco, porque como vão ser as duas coisas? estou aqui, e então devo dizer que sim; ou não estou aqui, e então devo dizer que não. Mas se disser sim e não de uma vez, estou abandonando a estrutura lógica da linguagem.

A linguagem é sempre uma eleição. devido a isto, todas as culturas, todas as sociedades, todas as civilizações, voltam-se unilaterais. E nenhuma cultura pode existir sem linguagem. Em realidade, a linguagem cria a cultura. O homem é o único animal de linguagem; nenhum outro animal cria nenhuma cultura ou sociedade ou civilização. Só o homem cria cultura e civilização e sociedade. E com a linguagem surge a eleição; e com a eleição, o desequilíbrio. Nenhum animal está desequilibrado. Recordar: só o homem está desequilibrado. Todos os animais existem em um profundo equilíbrio; as árvores e as rochas, e tudo. Tudo está equilibrado; só o homem está desequilibrado. Qual é o problema? Que o homem vive por meio da linguagem. A linguagem cria eleição.

Se disser a alguém que é bonito e feio, a frase não transmite nenhum significado. Feio e bonito? O que quer dizer? Se disser: «É bonito», tem sentido. Se disser: «É feio», tem sentido. Mas se disser: «É as duas coisas. É preparado e tolo», não pode transmitir nenhum significado.

Mas a realidade é assim. Em realidade, ninguém é simplesmente feio e ninguém é simplesmente bonito. Onde existe a beleza, existe a fealdade; onde existe a fealdade, existe a beleza. Formam parte de um tudo. E onde existe a sabedoria, existe a estupidez.

Não pode encontrar um sábio que não seja também um parvo, e não pode encontrar um parvo que não seja também um sábio.

Pode que te resulte difícil de conceber, porque quando diz: «Este homem é um parvo», deixa de explorar, está fechado, fechaste a porta. Diz: «este homem é um parvo.» Já não vais procurar sua sabedoria. E inclusive se sua sabedoria te é revelada, não fará conta. Dirá: «Este homem é tolo. Como vai ser sábio? É impossível; aconteceu algo impróprio. Deve havê-lo feito de uma maneira tola. Isto é algo accidental. Não pode ser sábio.» Se decidir que este homem é sábio e logo surge algo estúpido dele, não lhe pode acreditar isso, ou terá alguma explicação e o racionalizará: que deve ser sábio.

A vida é ambas as coisas juntas, mas a linguagem divide. A linguagem é uma eleição. devido a isto, toda cultura cria sua própria pauta de eleição. No Oriente desenvolveram a tecnologia, desenvolveram a investigação científica; desenvolveram tudo o que agora se desenvolve no Ocidente. Faz cinco mil anos o desenvolveram tudo, e então sentiram a falta de sentido de todo isso..., igual a se sente agora no Ocidente. Sentiram que era inútil.

Quando sentiram que era inútil, foram-se ao extremo oposto. Disseram: «Agora volta para dentro. Tudo o que há fora é ilusório, não leva a nenhuma parte. Volta para dentro.» Então a sociedade deixou de crescer, então a tecnologia se deteve; e não só se deteve: quando voltaram para dentro, começaram a condenar tudo o que estava fora. «iVive só a vida que há dentro! Deixa tudo o que está fora!» voltaram-se em contra do mundo, contrários à vida, rechaçando tudo o que é material... Só o espiritual, o espiritual puro.

A vida é ambas as coisas. Em realidade, dizer que a vida é ambas as coisas não é correto. A vida é uma. O que chamamos material é só uma expressão do espiritual, e o que chamamos espiritual não é mais que uma expressão do material. A vida é uma. O interno e o externo não são duas coisas opostas, a não ser só dois pólos de uma existência.

Mas sempre que a sociedade alcança o extremo de uma eleição -porque uma eleição está destinada a ser extremista- imediatamente perde a outra opção, e o que te perde o sente mais. O que tem o pode esquecer, mas o que não tem o sente mais. De modo que Oriente, no topo do desenvolvimento científico e tecnológico, sentiu o absurdo de todo isso: é inútil, não pode obter o silêncio por meio disso, não pode obter a sorte por meio disso, assim despreza-o, renuncia a isso, vê para dentro, entra no mundo interno. E então este movimento interno se voltou automaticamente uma negação do externo.

No Ocidente está acontecendo isso agora. Agora Ocidente alcançou uma cúpula tecnológica; agora se sente a falta de sentido. Agora a Índia chegou ao fundo da pobreza. Tinha que acontecer, porque a mente oriental começou a ir para dentro. Quando for para dentro a costa de todo o externo, será pobre, e estará em cativo, e terá enfermidades e sofrerá. Isto tem que ser assim.

Agora a Índia não está interessada na meditação, Índia não está interessada no mundo interno, Índia não está interessada no *nirvana*. Índia está interessada na tecnologia moderna. O estudante índio está interessado na engenharia, na ciência médica. Os gênios índios vão ao Ocidente a adquirir conhecimentos, a aprender sobre energia atômica. E os gênios ocidentais estão interessados em vir para Oriente a aprender o que é a meditação, a aprender a entrar no espaço interno, e o conseguiram. Pela primeira vez na história do homem, aprenderam a entrar no espaço exterior. chegaram à Lua. Agora que chegaram à Lua, o assunto se tornou absurdo. Agora estão perguntando: “O que resultará disso? fomos inclusive à Lua, e o que aconteceu? O homem segue na mesma desdita”. A Lua não vai ajudar, porque pode transladar ao homem à Lua, mas segue sendo o mesmo homem. De modo que o movimento ao

espaço exterior parece não servir para nada, uma perda de energia. Como entrar no espaço interno?

Agora voltam o olhar ao Oriente, e Oriente está voltando o olhar ao Ocidente; de novo a eleição. Se Ocidente voltar o olhar completamente ao Oriente, em dois ou três séculos Ocidente será pobre. Olhe aos *hippies*: já estão fazendo isso. E se a nova geração ocidental se volta absolutamente *hippie*, então quem vai trabalhar para a tecnologia, e quem vai trabalhar para a indústria, e quem vai trabalhar pela civilização que conseguiu Ocidente? demora-se séculos e séculos em conseguir algo; pode perdê-lo em uma geração.

Se a geração se negar e diz: «Não vamos às universidades», o que se pode fazer? A velha geração... durante quanto tempo pode mantê-lo? Tudo pode desaparecer em vinte anos, com apenas a negativa da nova geração: «Não vou à universidade.» E se estão indo, estão-se marginando. Dizem: «Do que serve ter carros grandes, casas grandes, uma grande tecnologia, se não haver amor? Se não haver tranquilidade de espírito, do que serve toda esta riqueza? Do que serve este alto nível de vida se não haver vida? Assim deixa-o!».

Em um prazo de dois séculos, Ocidente pode ir ao fundo mesmo da pobreza. aconteceu no Oriente. Nos tempos do Mahabharata, desenvolveu-se quase a mesma tecnologia no Oriente. Então se viu que era inútil. E se a mente a Índia volta a vista à tecnologia, em duas gerações a religião desaparecerá -já desapareceu- e a mera palavra «meditação» parecerá antiquada. Se falas do interno, a gente pensará que não está em seus cabais: «A que te refere com isso de "o interno"? Não há nada interno.»

Isto acontece a causa da linguagem, porque a linguagem é uma eleição, e a mente se vai ao extremo. E quando se vai a um extremo, o outro se perde. E com o outro desaparecem muitas qualidades, e quando desaparecem, sente-se faminto delas. Então volta a ir ao outro extremo. Então se perde outra coisa.

De modo que ainda não nasceu nenhuma cultura total, e não pode nascer a menos que o homem aprenda a permanecer silencioso, a menos que o silêncio se volte o núcleo mesmo da mente humana. Não a linguagem, a não ser o silêncio, porque em silêncio está inteiro, na linguagem sempre é uma parte. A não ser que a humanidade comece a viver por meio do silêncio -não por cresço da linguagem, não por meio da mente, mas sim por meio da totalidade do ser-, não é possível nenhuma cultura real. Só os seres humanos totais podem constituir uma cultura total.

O ser humano é parcial e fragmentado. Todo ser humano é só um fragmento do que pode ser, pelo que deveria ser. É só um fragmento de sua potencialidade. Estes seres humanos fragmentários criam sociedades fragmentárias. Sempre houve sociedades fragmentárias. Mas agora parece possível que possamos tomar consciencia de toda esta tolice de ir-se aos extremos. E se esta consciencia se volta intensa, e não vamos ao oposto, mas sim, mas bem, começamos a olhar a totalidade...

Por exemplo, eu mesmo. Não estou contra o material, não estou contra o espiritual. Estou a favor do espiritual, e estou a favor do material. Estou a favor de ambos. Para mim não há eleição entre o material e o espiritual, o interno e o externo. Estou a favor de ambos, porque só se aceitar ambos te volta total e inteiro. Mas isto é difícil de compreender, de captar, devido a nossa herança.

Sempre que vê um homem espiritual começa a olhar a ver se for pobre ou não. Deve ser pobre, deve estar vivendo em uma cabana, deve estar morrendo de fome. por que? por que deveria ser pobre e por que deveria estar acontecendo fome? Porque terá que escolher o interno contra o externo; isso se converteu em parte de nossa herança. Se vir um homem que vive no luxo, não pode acreditar que seja espiritual. Como vai ser espiritual?

O que tem que mau no luxo? E em que maneira está a espiritualidade em contra do luxo? Em realidade, a espiritualidade é o luxo supremo. Em realidade, só um homem espiritual pode viver no luxo. Ele sabe relaxar-se, e sabe desfrutar, e sabe levar a sorte em qualquer lugar que vai. Mas a herança penetrou nas células mesmas de seu cérebro. Se vir um homem espiritual andando na pobreza, considera que deve ser autêntico. No que se relaciona a pobreza com a espiritualidade? E por que? estivemos escolhendo extremos. Isto é difícil de compreender devido a uma larga tradição..., e nem sequer é consciente disso.

Acaba de estar aqui alguém que me disse que na Wardha, onde vive Vinoba, Jhora faz muito calor todo o dia, e ele nem sequer usa um ventilador; não quer usar um ventilador, não quer usar um aparelho de ar condicionado de ar. impossível! Como vai usar um aparelho de ar condicionado de ar um homem espiritual? Não pode usar nem sequer um ventilador. O homem que tinha vindo de ali estava muito impressionado. Disse: «Vê, que homem mais espiritual! Nem sequer usa um ventilador.»

Então lhe perguntei: «O que faz?».

Ele disse: «Durante todo o dia, da dez até as cinco, durante sete horas, segue ficando panos frios na cabeça e no estômago.»

Sete horas da Vinoba desperdiçadas cada dia! E quanto custa um ventilador ou um sistema de refrigeração ou um aparelho de ar condicionado de ar? E as sete horas da Vinoba desperdiçadas cada dia...? Mas se houvesse um ventilador, a este homem teria parecido que Vinoba não é espiritual. E, de algum modo, Vinoba também está de acordo com este tipo de atitude: que essas sete horas ao dia da Vinoba não são importantes.

A vida é muito curta, e um gênio como Vinoba está desperdiçando sete horas innecesariamente. Mas ele mesmo considera também que, de alguma forma, a tecnologia é antiespiritual. Entre o externo e o interno..., ele escolheu o interno. Mas se está escolhendo o interno, inclusive ficar panos frios é externo. É fazer o mesmo, só que de uma maneira mais primitiva. O que está fazendo? Está criando um tipo de refrigeração. E está perdendo sete horas para isso! Isto tem um preço muito alto. Mas diremos: «Não, isto é austeridade, isto é espiritualidade, e este é um grande homem.» Isto entrou nas células mesmas de nossos cérebros.

Eu aceito a vida em sua totalidade. O externo e o interno estão aqui, e ambos me pertencem. E devem estar equilibrados: não precisa escolher um a costa do outro. E se escolher, está caindo vítima, vítima de um extremo, e sofrerá por isso.

Cria um equilíbrio. O externo e o interno não estão contrapostos, são movimentos da mesma energia, duas bordas do mesmo rio, e o rio não pode fluir com apenas uma borda. Pode te esquecer da outra, mas a outra seguirá aí. E o rio só pode existir se a outra está aí. Pode esquecê-lo completamente, então nasce a hipocrisia, porque tem que ir escondendo a outra innecesariamente. Não há necessidade.

O rio não pode fluir. A vida flui entre o interno e o externo, e ambos são essenciais. A vida não pode existir com um. E os dois não são realmente dois. As duas bordas do rio só parecem ser dois; se for ao profundo do rio, estão unidas: o mesmo chão se apresenta como duas bordas: O externo e o interno som o mesmo chão, o mesmo fenômeno.

Se este entendimento se fizer profundo, e os seres humanos -e eu estou interessado nos seres humanos, não nas culturas, não nas sociedades, não nas civilizações- voltam-se totais e equilibrados, é possível que algum dia a humanidade possa voltar uma sociedade equilibrada. E só então se sentirá a gosto o homem. E só então será possível crescer sem nenhuma dificuldade desnecessária.

Agora, raramente acontece que alguém cresça; raramente. Quase todas as sementes se malogram.

Uma semente entre milhões cresce e chega a florescer. Isto parece um total desperdício. Mas se a sociedade está equilibrada -não se nega nada, não se escolhe nada, e a totalidade é aceita em uma profunda harmonia-, então muitos crescerão. Em realidade, ocorrerá justo o contrário: acontecerá raramente que alguém não cresça.

Capítulo 55

Só o Irreal se Dissolve

Os Sutras

82 *Sente: meu pensamento, o eu, os órgãos internos..., mim.*

83 *Antes do desejo e antes de saber, como posso dizer que sou? Considera-o. te dissolva na beleza.*

Uma vez um visitante, perguntou a muita gente em um pequeno povo sobre o prefeito: «Que tipo de homem é seu prefeito?»

O padre Filho: «Não é bom.»

O encarregado do posto de gasolina disse: «É um folgazão.»

E o barbeiro disse: «Não votei em minha vida por esse descarado.»

Então o visitante conheceu prefeito, um homem muito denegrado, e o visitante lhe perguntou: «Que salário cobra por seu trabalho?»

O prefeito disse: «Deus santo, não recebo nenhum salário por isso! aceitei este trabalho só pela honra do ter!»

Esta é a situação do ego: só você pensa a respeito de seu ego, ninguém mais. Só você pensa que seu ego está entronizado; para ninguém mais é isto assim. Ninguém está de acordo com seu ego exceto você; todos outros estão contra ele. Mas você segue vivendo em um sonho, em uma falsa ilusão. Você cria sua própria imagem. Sente essa imagem, protege essa imagem, e pensa que o mundo inteiro existe para ela. Isto é um delírio, uma loucura. Isto não é a realidade.

O mundo não está existindo para ti. A ninguém interessa seu ego; a ninguém absolutamente. Dá igual a exista ou que não exista. É só uma *onda*. A *onda* vem e vai; o oceano não está preocupado por ela. Mas você pensa que é muito importante.

Os que queiram dissolver o ego, primeiro devem cair na conta deste fato. E a não ser que deixe de lado *sua* estrutura egoísta, não poderá ver a realidade, porque tudo o que vê, tudo o que percebe, seu ego o distorce. Tenta manipulá-lo tudo a favor de si mesmo. E nada está a seu favor, porque a realidade não pode ajudar a nada que seja falso. Recorda isso.

A realidade não pode apoiar nada que não exista, e seu ego é o mais impossível, a maior falsidade. Não existe; é sua criação, sua criação imaginativa. A realidade não pode lhe emprestar apoio. A realidade sempre está fazendo-o pedaços, sempre está destruindo-o. Cada vez que seu ego entra em contato com a realidade, a realidade resulta lhe impacte. Para te defender a ti mesmo contra estes impactos que chegam sempre, que chegam continuamente para destruir seu ego, à larga evita ver a realidade.

Em vez de perder seu ego, trata de evitar ver a realidade. E, então, cria em torno de seu ego um mundo falso que pensa que é a realidade. Então vive em seu próprio mundo. Não está em contato com o mundo real, não pode está-lo, porque tem medo. Está vivendo em uma casa de cristal do ego. Tem medo: sempre que entra em contato a realidade, pode que seu ego seja destruído, assim é melhor não entrar em contato com a

realidade. Seguimos escapando da realidade tão somente para proteger, para defender, este ego impossível.

por que o chamo impossível? por que digo que é falso? Tenta compreender isto. A realidade é uma: a realidade existe como um tudo, como uma totalidade. Não pode existir sozinho, ou sim? Se as árvores não existirem, não poderá existir, porque eles estão produzindo oxigênio para ti. Se o ar desaparecer, simplesmente morrerá, porque esse ar te está dando vitalidade, vida. Se o sol se for, não seguirá aqui, porque o calor, os raios, são sua vida.

A vida existe como uma totalidade cósmica. Não está sozinho, e não pode existir sozinho. Existe em um mundo. Não existe como uma existência atômica, separada, isolada; existe como uma onda no tudo cósmico. Está interrelacionado. E o ego te dá a sensação de que é individual, de que está sozinho, separado, isolado. O ego te dá a sensação de que é uma ilha; não o é. Por isso é falso o ego. É irreal, e a realidade não pode apoiá-lo.

De modo que só há dois caminhos. Se entrar em contato com a realidade, se abrir a ela, seu ego se dissolverá; ou tem que criar seu próprio mundo de sonho, e logo viver nele. E criaste esse mundo. Todo mundo está vivendo em seu próprio sonho.

A gente vem para mim e os Miro, e vejo que estão profundamente dormidos, sonhando. Seus problemas resultam de seus sonhos, e querem resolvê-los. Não podem ser resolvidos porque não são reais. Como vai poder ser resolvido um problema irreal? Se existir, pode ser resolvido, mas não está em nenhuma parte; não pode ser resolvido. Um problema irreal, como a ser resolvido? Só pode ser resolvido com uma resposta irreal. Mas essa resposta irreal criará outros problemas que, de novo, serão irreais. E então cai interminavelmente; não tem fim.

Se quer chegar a encontrar a realidade... E encontrar a realidade é encontrar a Deus. Deus não é algo oculto em alguma parte no céu, a não ser a realidade que te rodeia. Deus não está escondido; você está escondido em uma irrealidade. Deus é a presença imediata mais próxima, mas você está escondido em uma cápsula de seu próprio mundo irreal e segue protegendo-o..., e seu centro é o ego.

O ego é irreal, porque não está isolado; é um com a realidade. Existe como parte orgânica dela. Não pode estar separado dela. Se está separado, não pode estar vivo nem sequer um momento. Com cada respiração está unido com o cosmos; a cada momento está entrando e saindo, te unindo ao real e voltando.

É uma pulsação, não uma entidade morta, e essa pulsação existe em profunda harmonia com o real. Mas esqueceste essa pulsação. criaste um ego falso, um conceito - «Eu sou»-, e este conceito sempre está contra a totalidade: defendendo-se a si mesmo, lutando, em conflito, em guerra. Desde aí a insistência de todas as religiões em dissolver o ego.

Em primeiro lugar é irreal; por isso pode ser dissolvido. Nada real pode ser dissolvido. Como vais dissolver o? Se algo for real, não pode ser destruído; permanecerá. E permanecerá faça o que faça. Só as coisas irreais podem ser dissolvidas. Podem desaparecer, podem evaporar-se simplesmente em um nada. Seu ego pode dissolver-se porque é irreal. É só um pensamento, uma idéia; não tem nenhuma substância.

Em segundo lugar: nem sequer pode carregar com este ego continuamente as vinte e quatro horas do dia. É tão irreal que tem que lhe jogar combustível, alimentá-lo, constantemente. Quando está dormido, o ego não está. Por isso se sente tão afresco pela manhã, porque estiveste em contato profundo com a realidade. A realidade te rejuvenesceu, revitalizado.

Ao dormir profundamente, seu ego não existe. Seu nome, sua forma, tudo se há dissolvido. Não sabe quem é -culto ou inculto, pobre ou rico, um pecador ou um santo-,

não sabe. Ao dormir profundamente voltaste para a totalidade cósmica; não há ego. Pela manhã se sente vivificado, fresco, jovem; a energia chegou a ti desde alguma fonte profunda. Está vivo de novo. Mas, se de noite houver sonhos e sonhos e sonhos, pela manhã se sente cansado, porque nos sonhos o ego persiste. Nos sonhos o ego persiste, está presente, e não te deixa entrar na fonte original. Pela manhã se sentirá cansado.

Ao dormir profundamente, o ego não existe. Quando ama profundamente, o ego não existe. Quando está depravado, silencioso, o ego não existe. Quando está, absorto em algo tão totalmente que te esqueceste, o ego não existe. Escutando música, esqueceste-te que existe, o ego não existe. E em realidade, o que chega a ti não é através da música; chega porque esqueceste o ego. A música é um meio.

Olhando um belo amanhecer ou um belo Pôr-do-sol, se esquece de ti mesmo. Então sente de repente que te aconteceu algo. Você não está; está algo maior que você. Esta presença do grande... Jesus a chama Deus; essa palavra é só simbólica. Mahoma a chama Deus; essa palavra é só simbólica. «Deus» significa «maior que você», um momento no que sente que te está acontecendo algo maior que você. E só pode sentir isto quando você não está. Quando está, o maior não pode te acontecer, porque você é a barreira.

Em qualquer momento, se estiver ausente, Deus está presente. Sua ausência é a presença do divino; sua presença é a ausência do divino. De modo que, em realidade, a questão não é como chegar a Deus, a questão não é como alcançar a Deus; a questão é como estar ausente.

Não precisa preocupar-se pelo divino; pode te esquecer completamente disso. Não há necessidade de recordar sequer a palavra «deus». É irrelevante, porque o básico não é Deus, o básico é seu ego. Se não estar, Deus te acontece. E se o tenta, se fizer um esforço por chegar a Deus, por alcançar a Deus, por te liberar, pode que erre, porque pode que todo este esforço esteja centrado no ego.

Esse é o problema para o buscador espiritual. Pode que só seja o ego o que está pensando em chegar a Deus. Não pode estar satisfeito com seus êxitos mundanos. tiveste êxito; no mundo externo alcançaste uma certa posição, um certo renome, prestígio. É poderoso, é rico, culto, respeitado, mas seu ego não está satisfeito. O ego nunca está satisfeito. E a causa?. A mesma. Uma fome real pode ser saciada. A fome do ego é falso; não pode ser satisfeito. Faça o que faça, será inútil. Como a fome é falsa, nenhum alimento pode saciá-lo. Se a fome for real, pode ser satisfeito.

Todas as fomes naturais se podem saciar -não é nada, não é nenhum problema-, mas as fomes não naturais não podem saciar-se. Em primeiro lugar, não são fomes; como vais poder saciá-los? E são irreais; só há vazío aí. Pode seguir lançando comida, e está lançando comida a um abismo, um abismo sem fundo. Não chegará a nenhuma parte. O ego não pode satisfazer-se.

ouvi que quando Alejandro vinha a Índia, alguém lhe disse: «meditaste alguma vez, sobre o fato de que só há um mundo, e o que fará se o conquista?»

E se conta que, para ouvir isto, Alejandro ficou muito triste e disse: «Não pensei nisso, mas me põe muito triste. Verdadeiramente, só há um mundo, e vou conquistar o. E quando o tiver conquistado, o que vou fazer então?».

Nem sequer o mundo inteiro saciará sua sede, porque a sede é falsa, irreal. A fome não é natural.

O ego pode ir em busca de Deus. Em quase noventa e nove casos de cada cem, esta foi minha impressão: que é o ego o que está procurando. E então a busca está destinada ao fracasso do mesmo princípio, porque o ego não pode encontrar o divino, e o ego está fazendo todo tipo de esforços por chegar a isso. Recorda bem: sua meditação, sua

oração, sua veneração, não deveria ser uma glorificação do ego. Se o for, está desperdiçando sua energia innescessariamente. Assim que se perfeitamente consciente.

E isto é só uma questão de consciencia. Se for consciente, pode averiguar como se move, e funciona seu ego. Não é difícil; não se requer nenhum adestramento em particular. Pode fechar os olhos e ver qual é a busca. Pode perguntar se realmente está procurando o divino, ou se, de novo, é só uma glorificação do ego: porque isso é respeitável, porque a gente pensa que é religioso, porque no fundo pensa: «Como vou estar satisfeito a menos que possua a Deus?»

vai ser Deus sua posse? Os Upanishads dizem que alguém que diz que obteve a Deus não chegou, porque a afirmação mesma «obtive a Deus» é uma afirmação do ego. Os Upanishads dizem que alguém que afirme que soube, não soube. A afirmação mesma mostra que não soube, porque a afirmação «Eu soube» vem do ego..., e o ego não pode saber. O ego é a única barreira.

Agora entraremos nas técnicas.

82 Sente, não pense.

Primeira técnica: *Sente: meu pensamento, o eu, os órgãos internos..., mim.*

Uma técnica muito simples e muito formosa. *Sente: meu pensamento, o eu, os órgãos internos..., mim.* O primeiro não é pensar, a não ser sentir. Estas são duas dimensões diferentes. E nos chegamos a centrar tanto no intelecto que inclusive quando dizemos que estamos sentindo, em realidade não estamos sentindo, a não ser pensando. deixaste completamente de sentir; tornou-se um órgão morto em ti. Inclusive quando diz: «Amo», não é um sentimento; é de novo, um pensamento.

E qual é a diferença entre sentir e pensar? Se sentir, sentirá a ti mesmo centrado junto ao coração; se disser: «Amo-te», este sentimento mesmo de amor fluirá desde meu coração, o centro estará junto ao coração. Se for só um pensamento, virá da cabeça. Quando amar a alguém, tenta sentir se vier da cabeça ou se vier do coração.

Quando sente profundamente, não tem cabeça. Nesse momento, não há cabeça; não pode havê-la. O coração se volta todo seu ser, como se a cabeça tivesse desaparecido. Ao sentir, o centro do ser é o coração. Quando está pensando, o centro do ser é a cabeça. Mas pensar resultou muito útil para a sobrevivência, de modo que paralisamos todo o resto. Todas as demais dimensões de nosso ser foram paralisadas e fechadas. Somos só cabeças, e o corpo é só uma situação para que exista a cabeça. Não deixamos de pensar; pensamos inclusive a respeito das sensações. Assim tenta sentir. Terá que lhe dedicar trabalho, porque essa capacidade, essa qualidade, permaneceu estancada. Deve fazer algo para voltar a abrir essa possibilidade.

Miras uma flor e imediatamente diz que é bonita. Sopesa o fato, tome seu tempo. Não emita um julgamento apressado. Espera..., e então vê se vier simplesmente da cabeça que haja dito que é bonita, ou se o há sentido. É simplesmente algo rotineiro, porque sabe que uma rosa é bonita, que se supõe que é bonita? A gente diz que é bonita, e você também *há* dito muitas vezes que é bonita.

No momento em que vê uma flor, a mente te abastece, a mente diz que é bonita. acabou-se. Já não há contato com a rosa. Não há necessidade; há-o dito. Agora pode passar a outra coisa. Sem nenhuma comunhão com a rosa... A mente não te permitiu sequer um vislumbre da rosa. A mente se interpôs, e o coração não pôde entrar em contato com a rosa. Só o coração pode dizer se for bonita ou não, porque a beleza é uma sensação, não é um conceito.

Não pode dizer da cabeça que é bonita. Como vais poder dizê-lo? A beleza não é as matemática, não é mensurável. E a beleza não está realmente na rosa, porque para outro pode que não seja bonita absolutamente; e outro pode que acontecer olhá-la; e para outro pode que inclusive seja feia. A beleza não existe simplesmente na rosa; a beleza existe no encontro do coração com a rosa. Quando o coração tem um encontro com a rosa, floresce a beleza. Quando o coração entra em contato profundo com algo, é um grande fenômeno.

Se entrar em contato profundo com qualquer pessoa, a pessoa se volta bela. quanto mais profundo é o contato, mais beleza se manifesta. Mas a beleza é um fenômeno que lhe acontece ao coração, não à mente. Não é um cálculo, e não há nenhum critério pelo que julgá-la. É uma sensação.

De modo que se disser: «Esta rosa não é bonita», não pode discutir sobre isso. Não há necessidade de discutir. Você dirá: «Isso é o que você sente. E a rosa é bela; isso é o que eu sinto.» Não pode haver nenhuma discussão. A cabeça pode discutir, o coração não pode discutir. terminou-se, é um ponto final. Se disser: «Isto é o que eu sinto», então não pode haver nenhuma discussão.

Com a cabeça, a discussão pode continuar e podemos chegar a uma conclusão. Com o coração, a conclusão já aconteceu. Com o coração, não há nenhum processo encaminhado à conclusão; a conclusão é imediata, foto instantânea. Com a cabeça, é um processo: debate, discute, analisa, e logo chega a uma conclusão a respeito de se isto for assim ou não. Com o coração é um fenômeno imediato: a conclusão chega primeiro. Observa-o: com a cabeça, a conclusão chega ao final. Com o coração, a conclusão chega primeiro, e logo pode prosseguir para encontrar o processo; mas isso é o trabalho da cabeça.

De modo que quando terá que praticar semelhantes técnicas, a primeira dificuldade será que não sabe o que é sentir. Tenta cultivá-lo. Quando tocar algo, fecha os olhos; não pense, sente. Por exemplo, se tomo sua mão na minha e te digo: “Sente o que está acontecendo”, dirá imediatamente: «Sua mão está na minha.» *Mas* isso não é sentir, a não ser pensar.

Então te digo de novo: «Sente, não pense.» Então diz: «Está expressando seu amor.» Isso também é pensar. Se voltar a insistir: «Simplesmente sente, não use a cabeça. O que está sentindo agora mesmo?» Só então será capaz de sentir e dizer: «A calidez». Porque o amor é uma conclusão. «Sua mão está na meu» é um pensamento centrado na cabeça.

A sensação real é que uma certa calidez está fluindo de minha mão à tua, ou de sua mão à minha. Nossas energias vitais se estão unindo e o ponto de contato se esquentou, tornou-se quente. Esta é a sensação, a impressão, o real. *Mas* seguimos continuamente com a cabeça. tornou-se um hábito; fomos adestrados para isso. De modo que terá que voltar a abrir seu coração.

Tenta viver com sensações. Algumas vezes, durante o dia, quando não te estiver ocupado de nenhum assunto em particular..., porque ao te ocupar de assuntos, ao princípio será difícil viver sentindo. Nos assuntos, a cabeça demonstrou ser muito eficiente, e não pode estar sujeito ao que sente. Quando está em casa jogando com seus filhos, a cabeça não é necessária, isso não é um «assunto»; mas também aí está com a cabeça. Jogando com seus filhos ou sentado com sua mulher, ou sem fazer nada, te relaxando em uma cadeira, sente. Sente a textura da cadeira.

Sua mão está tocando a cadeira: como a sente? O ar está soprando, a brisa está entrando. Toca-te. O que sente? Chegam aromas da cozinha. O que sente? Simplesmente sente; não pense neles. Não comece a refletir que este aroma revela que se está preparando algo na cozinha..., pois então começará a sonhar acordado. Não,

simplesmente sente o que se presente. Permanece com a realidade; não vá ao pensamento. Está rodeado por toda parte. De todas partes confluem em ti muitíssimas coisas. Toda a existência chega de todas partes para encontrar-se contigo, está entrando em ti por todos seus sentidos, mas você está na cabeça, e seus sentidos se adormeceram; não sentem.

Será necessário um certo desenvolvimento antes de que possa fazer isto, porque isto é um experimento interno. Se não poder sentir o externo, resultará-te muito difícil sentir o interno, porque o interno é o sutil. Se não poder sentir o áspero, não pode sentir o sutil. Se não poder ouvir os sons, então te resultará difícil ouvir o silêncio interno..., resultará muito difícil. É tão sutil...

Está sentado no jardim, há tráfego e há muitos ruídos e muitos sons. Fecha os olhos e tráfego de encontrar o som mais sutil que haja a seu redor. Um corvo está grasnando: te concentre nesse som. O ruído do tráfego é ensurdecido. O som é tal, é tão sutil, que não pode ser consciente dele a menos que enfoque seu consciencia nele. Mas se focar seu consciencia, todo o ruído do tráfego se afastará e o som do corvo se voltará o centro. E o ouvirá, todos seus matizes; muito sutil, mas será capaz de ouvi-lo.

Cultiva sua sensibilidade. Quando tocar, quando ouvir, quando comer, quando te banhar, deixa que seus sentidos estejam abertos. E não pense...; sente.

Está sob a ducha, sente o frescor da água que cai sobre ti. Não pense nela, Não diga imediatamente: «Está muito fresca. Está fria. Está boa.» Não diga nada. Não verbalices, porque no momento em que verbalizas, perde-te a sensação. Assim que entram as palavras, a mente começou a funcionar. Não verbalices. Sente o frescor e não diga que está fresca. Não há necessidade de dizer nada. Mas nossas mentes estão loucas; seguimos dizendo isto ou o outro.

Lembrança que em uma universidade em que estive trabalhando, havia uma professora que sempre estava dizendo isto ou o outro. Resultava-lhe impossível guardar silêncio em nenhuma situação. Um dia me encontrava no alpendre da universidade e o Sol se estava pondo. Era tremendamente belo. E ela estava a meu lado, assim que lhe disse: «Olhe!»

Ela não parava de falar, assim que lhe disse: «Olhe! Que belo Pôr-do-sol.»

De modo que, muito a contra gosto, reconheceu-o. Disse: «Sim, mas não pensa que deveria haver um pouco mais arroxeadado aí à esquerda?» Não era um quadro; era um Pôr-do-sol real!»

Seguimos dizendo coisas, sem nem sequer ser conscientes do que estamos dizendo. Deixa de verbalizar; só então pode fazer mais profundas suas sensações. Se as sensações se fizerem mais profundas, então esta técnica pode fazer milagres para ti.

Sente, meu pensamento...

Fecha os olhos e sente o pensamento. Há um fluxo incessante de pensamentos, um contínuo, uma corrente; flui um rio de pensamentos. Sente estes pensamentos; sente sua presença. E quanto mais sintas, mais lhe manifestarão..., capas e mais capa. Não só pensamentos que estão na superfície; detrás deles há mais pensamentos, e detrás deles há ainda mais pensamentos..., capas e mais capa.

E a técnica diz: *Sente, meu pensamento*. E seguimos dizendo: Estes são meus pensamentos.» Mas sente... São realmente teus? Pode dizer «meus»? quanto mais sintas, menos possível te resultará dizer que são teus. São todos emprestados, são todos do exterior. chegaram a ti, mas não são teus. Nenhum pensamento é teu: só pó acumulado. Inclusive se não poder reconhecer a fonte da que te chegou este pensamento, nenhum

pensamento é teu. Se puser empenho, pode descobrir de onde chegou a ti este pensamento.

Só o silêncio interno é teu. Ninguém lhe deu isso. Nasceu com ele, e morrerá com ele. Os pensamentos lhe foram jogo de dados; foste submetido a eles. Se for hindu, tem um tipo diferente, uma série diferente de pensamentos; se for muçulmano..., é obvio, uma série diferente de pensamentos; se for comunista, de novo uma série diferente de pensamentos. Foram-lhe jogo de dados, ou pode que os tenha tomado voluntariamente, mas nenhum pensamento é teu.

Se sentir a presença dos pensamentos, a corrente, também pode sentir isto: que não são teus. A corrente chegou a ti, acumulou-se em torno de ti, mas não te pertence. E só se pode sentir isto -que nenhum pensamento é teu-, pode desprezar a mente. Se forem teus, defenderá-os. E a sensação mesma de que «este pensamento é meu» é o apego. então lhe dou raízes em mim mesmo. Então me converto na terra, e o pensamento pode permanecer enraizado em mim. Se se arrancar tudo o que posso ver que não é meu, então não estou apegado a isso. A sensação de «meu» cria apego.

Pode lutar por seus pensamentos, pode inclusive te converter em um mártir por seus pensamentos, ou pode te converter em um assassino, em um homicida, por seus pensamentos. E os pensamentos não são teus. A consciencia é tua, mas os pensamentos não são teus. E por que ajudará isto? Porque se pode ver que os pensamentos não são teus, então nada é teu, porque o pensamento é a raiz de tudo. A casa é minha e a propriedade é minha e a família é minha...; estas são as coisas externas. No fundo, os pensamentos são meus. Só se os pensamentos são meus podem ser minhas todas estas coisas, a superestrutura.

Se os pensamentos não forem meus, então não importa nada, porque isto também é um pensamento: que você é minha mulher, ou que você é meu marido. Isto também é um pensamento. E se, basicamente, o pensamento mesmo não é meu, então como pode ser meu o marido, ou como pode ser minha a esposa? Se se arrancarem os pensamentos, arranca-se tudo. Então pode viver no mundo e não viver nele.

Pode-te ir aos Himalayas, pode abandonar o mundo, mas se pensar que seus pensamentos são teus, não te moveste nem um centímetro. Sentado nos Himalayas estará tão no mundo como aqui, porque os pensamentos são o mundo. Leva seus pensamentos aos Himalayas.

Abandona a casa, mas a casa real é interna, e a casa real está construída com tijolos de pensamento. Não é a casa externa.

De modo que isto é estranho, mas acontece todos os dias: vejo uma pessoa que abandonou o mundo, mas segue sendo hindu. faz-se sannyasin e ainda segue sendo hindu ou segue sendo jaina. O que significa isto? Renuncia ao mundo mas não renuncia aos pensamentos. Ainda é jaina, ainda é hindu..., ainda leva o mundo do pensamento. E esse mundo do pensamento é o mundo real.

Se pode ver que nenhum pensamento é teu... E o verá, porque será o que vê, e os pensamentos se voltarão os objetos. Quando olhar silenciosamente os pensamentos, os pensamentos serão os objetos e você será o que olhe. Será o que vê, a testemunha, e os pensamentos estarão fluindo ante ti.

E se miras profundamente e sente profundamente, verá que não há raízes. Os pensamentos estão flutuando como nuvens no céu; não têm raízes em ti. Vêm e vão. É só uma vítima, e te identifica innecesariamente com eles. Diz sobre cada nuvem que passa junto a sua casa: «Esta é minha nuvem.» Os pensamentos são como nuvens: seguem passando pelo céu de seu consciencia, e seu segue te aferrando a cada um deles. Diz: «Isto é meu», e isto é tão somente uma nuvem errante que acontece. E passará.

Considera sua infância. Tinha certos pensamentos, e estava acostumado a te aferrar a eles e estava acostumado a dizer que eram seus pensamentos. Logo a infância desapareceu, e com essa infância desapareceram essas nuvens. Agora nem sequer te lembra. Logo foi jovem, então chegaram a ti outras nuvens que são atraídas quando se é jovem, e começou a te aferrar a elas.

Agora que é maior, esses pensamentos já não existem; nem sequer te lembra deles. E eram tão importantes que tivesse podido morrer por eles, e agora nem sequer te lembra. Agora te pode rir de toda essa tolice de que uma vez pensou que poderia morrer por eles, poderia ser um mártir por eles. Agora não está disposto a dar nem um centímo por eles. Já não lhe pertencem. Agora essas nuvens se foram, mas chegaram outras nuvens, e te está aferrando a elas.

As nuvens vão trocando, mas sua teimosia nunca troca. Esse é o problema. E não é que só vão trocar quando já não for um menino; estão trocando a cada momento. Faz um minuto estava cheio de certas nuvens; agora está cheio de outras nuvens. Quando veio aqui, havia certas nuvens gravitando sobre ti; quando sair desta habitação, haverá outras nuvens gravitando sobre ti... , e segue te aferrando a cada nuvem. Se ao final não encontra nada em suas mãos, é natural, porque das nuvens não sai nada, e os pensamentos são só nuvens.

Este sutra diz: *Sente* -primeiro te assenta em sentir; logo: *meu pensamento*. Observa esse pensamento que sempre chamaste «meu», *meu pensamento*. Situado em sentir, observando o pensamento, o «meu» desaparece. E «meu» é o truque, porque o «eu» se compõe de muitos «meus», de muitos «mins»: isto é meu, isto é mi... Tantos «meus»...; deles se desenvolve o «eu».

Esta técnica começa na raiz mesma. O pensamento é a raiz de tudo. Se pode cortar a sensação de «meu» na raiz mesma, não voltará a aparecer, não voltará a ver-se em nenhuma parte. Mas se não a corta aí; pode seguir cortando em todas partes e é inútil; seguirá aparecendo uma e outra vez.

Posso cortá-la. Posso dizer: «Minha mulher? Não, somos estranhos, e o matrimônio é tão somente uma formalidade social.» Corto-me mesmo. Digo: «Ninguém é minha mulher», mas isto é muito superficial. Logo digo: «Minha religião.» Logo digo: «Minha congregação.» Logo digo: «Esta é a Bíblia, este é o Corán..., este é *meu* livro.» Então o «meu» continua em algum outro campo e segue sendo o mesmo.

Meu pensamento, e logo *o eu*. Primeiro olhe o tráfico do pensamento, o processo do pensamento, o fluxo como de rio do pensamento, e descobre se algum pensamento te pertence ou se só forem nuvens que passam. E quando tiver chegado a sentir que nenhum pensamento é teu, que atribuir «meu» a qualquer pensamento é uma ilusão, então o segundo, então pode aprofundar mais. Então se consciente do *eu*. Onde está este «eu»?

Ramana Maharshi estava acostumado a dar uma técnica a seus discípulos: simplesmente tinham que inquirir: «Quem sou eu?» No Tíbet usam uma técnica similar, mas ainda melhor que a da Ramana. Não perguntam: «Quem sou eu?» Perguntam: «Onde estou eu?», porque o «quem» pode criar um problema. Quando inquire: «Quem sou eu?» dá por sentado que é; a única questão é saber quem é. pressupuseste que é. Isso não se rebate, dá-se por sentado que é. Agora a única, pergunta é *quem* é. Só terá que conhecer a identidade, terá que reconhecer o rosto, mas está aí..., não reconhecido, está aí.

O método tibetano é ainda mais profundo. Dizem que esteja em silêncio e logo procure dentro onde está. Entra no espaço interno, vete a todos os pontos, e pergunta: «Onde estou eu?». Não o encontrará em nenhuma parte. E quanto mais procure, menos estará ali. E perguntando «Quem sou eu?» ou «Onde estou eu?», chega um momento

em que chega a um ponto em que é, mas não um «eu»...; te aconteceu uma simples existência. Mas só acontecerá quando os pensamentos não sejam teus. Esse é um âmbito mais profundo: *o eu*.

Nunca o sentimos. Seguimos dizendo «eu». A palavra «eu» se usa continuamente -a palavra mais usada é «eu» -, mas não sente nada.

O que quer dizer comigo»? Quando diz «eu», a que te refere? O que se conota com essa palavra? O que se expressa? Posso fazer um gesto, e dizer: «Refiro a isto.» Posso assinalar meu corpo: «Refiro a isto.» Mas então se pode perguntar: «Quer dizer sua mão? Quer dizer sua perna? Quer dizer seu estômago?». Então terei que negar, terei que dizer que não. Então todo o corpo será negado. Então, a que te refere quando diz «eu»? Refere a sua cabeça? No fundo, sempre que diz «eu» é uma sensação muito vaga, e a sensação vaga é de seus pensamentos.

Situado em sentir, cindido dos pensamentos, te enfrente ao *eu*; e quando te enfrenta ao ele, descobre que não existe. Era só uma palavra útil, um símbolo lingüístico..., necessário, mas não real. Inclusive um buda tem que usá-lo, inclusive depois de sua iluminação. É só um utensílio lingüístico. Mas quando um buda diz «eu», nunca quer dizer «eu», porque não há nenhum.

Quando enfrentar a este «eu», desaparecerá. O medo se pode dar procuração de ti nesse momento, pode te assustar. E acontece a muitos: entram profundamente em semelhantes técnicas e se assustam tanto que escapam delas.

Assim recorda isto: quando sentir e enfrente a seu «eu», estará na mesma situação em que estará quando morrer: a mesma, porque o «eu» está desaparecendo, e sente que te está ocorrendo a morte. Terá uma sensação de que te afunda, sentirá que te está afundando mais e mais. E se te assusta, voltará a sair e aferrará aos pensamentos, porque esses pensamentos serão úteis. Essas nuvens estarão aí, pode te aferrar a elas, e então o medo se irá de ti.

Recorda: este medo é muito bom, é um sinal muito esperanzadora. Põe de manifesto que agora está aprofundando... e a morte é o ponto mais profundo. Se pode entrar na morte, voltará-te imortal, porque o que entra na morte não pode morrer. Então a morte também está simplesmente a seu redor; nunca no centro, só na periferia. Quando o «eu» desaparece, é como a morte. O velho já não existe e o novo chegou à existência.

A consciencia que resultará é absolutamente nova, descontaminada, jovem, virgem. O velho já não existe..., e o velho nem sequer foi meio doido. Esse «eu» desaparece, e está em sua virgindade antiga, em seu frescor absoluto. há-se meio doido a capa mais profunda do ser.

Assim considera o desta maneira: os pensamentos, debaixo deles o «eu», e em terceiro lugar:

Sente: meu pensamento, o eu, os órgãos internos..., mim.

Quando os pensamentos desapareceram ou não te está aferrando a eles -se estão passando, não é teu assunto; você está distante e desapegado e sem te identificar, e o «eu» desapareceu-, então pode olhar os órgãos internos. Estes órgãos internos... Esta é uma das coisas mais profundas. Conhecemos os órgãos externos: toco-te com as mãos, vejo-te com os olhos...; estes são os órgãos externos.

Os órgãos internos são aqueles através dos quais sinto meu próprio ser. Os externos som para outros, se a respeito de ti mediante os externos. Como se a respeito de mim? Inclusive que existo..., como o se? Quem me dá a sensação de meu próprio ser? Há órgãos internos. Quando os pensamentos cessaram e quando já não há «eu»..., só então, nessa pureza, nessa claridade, pode ver os órgãos internos.

A consciência, a inteligência... são órgãos internos. Mediante eles sou consciente de meu próprio ser, de minha própria existência. Por isso, se fechar os olhos, se esquece de seu corpo imediatamente, mas sua própria sensação de que existe permanece. E é concebível que quando uma pessoa morre... É um fato: quando uma pessoa morre, para nós está morta, mas ela demora um pouco de tempo em reconhecer o fato de que está morta, porque a sensação interna de ser segue sendo a mesma.

No Tíbet têm exercícios especiais para morrer, e dizem que alguém deve estar disposto para morrer. Um dos exercícios é este: quando alguém se está morrendo, o professor ou o sacerdote ou alguém que conhece os exercícios do *bardo*, irá repetindo: «Recorda, estate alerta, está deixando o corpo». Porque inclusive quando tiver deixado o corpo, levará tempo reconhecer que está morto, porque a sensação interna permanece igual; não há nenhuma mudança.

O corpo é só para tocar e sentir a outros. Mediante ele, nunca te há meio doido a ti mesmo; mediante ele, nunca conheste a ti mesmo. Conhece-te ti mesmo mediante outros órgãos que são internos. Mas esta é a desdita: que não somos conscientes desses órgãos internos, e nossa imagem, em nossos próprios olhos, criam-na outros. Tudo o que outros dizem de mim é meu conhecimento de mim mesmo. Se disserem que sou bonito ou se disserem que sou feio, acredito. O que meus sentidos me dizem através de outros, refletido através de outros, é o que acredito de mim mesmo.

Se pode reconhecer os órgãos internos, fica completamente liberado da sociedade. Isso é o que quer dizer quando se afirma nas antigas Escrituras que um sannyasin não forma parte da sociedade, porque agora se conhece si mesmo mediante seus próprios órgãos internos.

Agora este conhecimento sobre si mesmo não se apóia em outros, não é um pouco refletido. Já não necessita nenhum espelho para conhecer-se si mesmo. encontrou o espelho interno, e se conhece mediante o espelho interno. E a realidade interna só pode conhecer-se quando chegaste aos órgãos internos.

Os órgãos internos... Então pode olhar com os órgãos internos. E então... o *mim*. É difícil expressá-lo com palavras. Por isso se usa a palavra «mim»: qualquer palavra será errônea

-«mim» também é errônea-, mas o «eu» desapareceu. Assim recorda: este «mim» não tem nada que ver comigo». Quando se arrancam os pensamentos, quando o «eu» desapareceu, quando se conhecem os órgãos internos, aparece o «mim». Então se revela por primeira vez meu ser real: a esse ser real lhe chama “mim”.

O mundo externo já não está, os pensamentos já não estão, a sensação do ego já não está, e cheguei a reconhecer meus próprios órgãos internos de conhecer a consciência, a inteligência, ou como quero que o chame..., consciência, alerta. Então, à luz deste órgão interno, revela-se «mim».

Este «mim» não te pertence. Este «mim» é seu centro mais íntimo, desconhecido para ti. Este «mim» não é um ego. Este «mim» não está contra nenhum «você». Este «mim» é cósmico, este «mim» não tem limites. Neste «mim», está comprometido tudo. Este «mim» não é a onda, este «mim» é o oceano.

Sente: mim pensamento, o eu, os órgãos internos. Então há intervalo, e de repente se revela o «mim». Quando se revela este «mim», então a gente chega ou seja: «*Aham Brahmasmi*. Sou Deus.» Este conhecimento não é alguma afirmação do ego; o ego já não existe. Pode te transformar mediante esta técnica, mas primeiro te assenta em sentir.

83 Leva seu enfoque aos intervalos.

Segunda técnica: *Antes do desejo e antes de saber, como posso dizer que sou? Considera-o. te dissolva na beleza.*

Antes do desejo e antes de saber, como posso dizer que sou? Surge um desejo: com o desejo surge a sensação de que «eu sou». Surge um pensamento, com o pensamento surge a sensação de que «eu sou». Busca o em sua própria experiência. Antes do desejo e antes de saber, não há ego.

Sente-se em silêncio, olhe dentro de ti. Surge um pensamento: identifica-te com o pensamento. Surge um desejo: identifica-te com o desejo. Na identificação, volta-te o ego. Então pensa: não há nenhum desejo e não há nenhum conhecimento e nenhum pensamento: não pode te identificar com nada. O ego não pode surgir.

Buda usou esta técnica, e disse a seus discípulos que fizessem unicamente uma coisa: quando surgir um pensamento, percebe-o. Buda estava acostumada dizer que quando surgisse um pensamento, percebêssemos que está surgindo um pensamento. por dentro, percebe-o: agora está surgindo um pensamento, agora surgiu um pensamento, agora desapareceu um pensamento. Simplesmente recorda que agora o pensamento está surgindo, agora o pensamento surgiu, agora o pensamento está desaparecendo, para não te identificar com ele.

É muito formoso e muito simples. Surge um pensamento. Está andando pela rua; passa um carro bonito. Olha-o... e, apenas o olha, surge o desejo de possui-lo. Faz-o. Ao princípio, verbaliza; dava lentamente: «Vi um carro. É bonito. Agora surgiu um desejo de possui-lo.» Verbalízalo.

Ao princípio, isto está bem; se o pode dizer em voz alta, está muito bem. Dava em voz alta: «Estou percebendo que aconteceu um carro; a mente há dito que é bonito e agora surgiu o desejo e devo possuir este carro». Verbalízalo todo, te fale em voz alta, e imediatamente sentirá que é distinto disso. Percebe-o.

Quando houver te tornado eficiente em perceber, não é necessário dizê-lo em voz alta. por dentro, percebe que surgiu um desejo. Passa uma mulher bonita; surgiu o desejo. Simplesmente percebe-o -como se não lhe atañera; simplesmente está percebendo o fato de que está acontecendo-, e então, de repente, estará fora disso.

Buda diz: Percebe tudo o que acontece. Segue percebendo, e quando desaparecer, volta a perceber que agora o desejo desapareceu, e advertirá que está a uma distância do desejo, do pensamento.

Esta técnica: *Antes do desejo e antes de saber, como posso dizer que sou?*

E se não haver desejo e não há pensamento, como vais poder dizer «eu sou»? *Como, Posso dizer que sou?* Então tudo é silencioso; não há nenhuma ondulação. E sem nenhum ondulação, como vou poder criar esta ilusão do «eu»? Se houver alguma ondulação, posso-me apegar a ela, e mediante ela posso sentir «eu sou». Quando não há nenhum ondulação na consciencia, não há «eu».

De modo que antes do desejo, recorda; quando o desejo se vá, segue recordando. Quando surgir um pensamento, recorda. Olha-o. Percebe que surgiu um pensamento. cedo ou tarde se irá, porque tudo é momentâneo, e haverá um intervalo. Entre dois pensamentos há um intervalo, entre dois desejos há um intervalo, e no intervalo não há «eu».

Percebe um pensamento na mente e então advertirá que há um intervalo. Por pequeno que seja, há um intervalo. Logo chega outro pensamento; então volta a haver um intervalo. Nesses intervalos não há «eu», e esses intervalos são seu ser real. Os pensamentos passam pelo céu. Nesses intervalos pode olhar entre duas nuvens, e pode ver o céu.

Considera-o. te dissolva na beleza.

E se pode considerar que surgiu um desejo e um desejo se foi, e você permaneceu no intervalo e o desejo não te perturbou... Chegou. foi. Esteve aí, e já não está, e você permaneceu inalterado, permaneceu tal como foi antes dele. Não houve nenhuma mudança em ti. Chegou e passou como uma sombra. Não te há meio doido; permanece sem nenhuma cicatriz.

Considera este movimento do desejo e o movimento do pensamento; mas sem nenhum movimento em ti. *Considera-o. te dissolva na beleza.* e esse intervalo é belo. te dissolva nesse intervalo. Cai no intervalo e se o intervalo. É uma experiência mais profunda de beleza. E não só de beleza, mas também também de bem e de verdade. No intervalo, é.

Toda a ênfase tem que ir dos espaços cheios aos espaços vazios. Está lendo um livro: há palavras, há frases, mas entre as palavras há intervalos; entre as frases há intervalos. Nesses intervalos, é. É a brancura do papel, e os pontos negros são só nuvens de pensamento e desejo que passam por ti. Troca a ênfase, troca a *gestalt*. Não olhe os pontos negros; olhe o branco.

Em seu próprio ser interno, olhe os intervalos. Se indiferente aos espaços cheios, os espaços ocupados. Ponha seu interesse nos intervalos, os espaços vazios. Mediante esses intervalos pode te dissolver na beleza suprema.

Capítulo 56

Descobrir o Vazio

Perguntas

Como aprender a viver com o vazio?

Uma transformação existencial de um ego não existencial?

É o processo de transformação também um sonho?

Como saber se a busca espiritual é real?

Primeira pergunta:

Na meditação, quando o «eu» cessa temporalmente e se cria um vazio dentro, depois se sente uma frustração quando esse vazio não se enche com a entrada do desconhecido. Como pode um aprender a viver com esse vazio?

O vazio é o desconhecido. Não espere e não tenha a esperança de que algo vai encher o vazio. Se está esperando, tendo essa esperança, desejando, não está vazio. Se está esperando que algo, alguma força desconhecida, descenda sobre ti, não está vazio: está aí esta esperança, está este desejo, está este desejo. Assim não deseje que algo te encha. Simplesmente, estate vazio. Nem sequer espere.

O vazio é o desconhecido. Quando está realmente vazio, desconhecido-o descendeu sobre ti. Não é que primeiro te volte vazio e logo entre o desconhecido. Está vazio, e o

desconhecido entrou. Não há nem um só momento de intervalo. O vazio e o desconhecido são uma só coisa.

Ao princípio te parece vazio; isso é só uma aparência, porque sempre estiveste cheio do ego. Em realidade, está sentindo a ausência do ego; por isso se sente vazio. Primeiro desaparece o ego; mas a sensação de que já não está o ego cria a sensação do vazio. Só a ausência...; algo estava aí, e agora não está. O ego se foi, mas se sente a ausência do ego. Primeiro desaparecerá o ego, e logo desaparecerá a ausência do ego. Só então estará realmente vazio. E estar realmente vazio é estar realmente cheio.

Esse espaço interno que se cria com a ausência do ego é o divino. O divino não tem que vir de nenhuma outra parte; já é isso. Não pode percebê-lo, não pode vê-lo, não pode tocá-lo, porque está cheio do ego. Impede-lhe isso uma barreira transparente do ego.

Quando o ego cessou, a barreira cessou. Já não está a cortina. Não tem que vir nada; o que tem que vir já está aí. Recorda isto: que nada novo vai vir a ti. Tudo o que é possível já está aí, já é real. Assim não é uma questão de obter; é só uma questão de descobrir. O tesouro está aí, só que abafado; desentope-o.

Quando se voltou um homem realizado, a Buda perguntaram muitíssimas vezes: «O que conseguiste? O que obtiveste?».

conta-se que Buda disse: «Não obtive nada. Mas bem, pelo contrário, perdi-me mesmo. E o que obtive já estava aí, assim não posso dizer que o tenha obtido. Não era consciente disso; agora tomei consciencia. Mas não posso dizer que o tenha obtido. Mas bem, pelo contrário, agora me pergunto como era possível que não soubesse antes. E estava sempre aí, à volta da esquina: só era necessário um giro.»

A divindade não é um futuro, sua divindade é o presente. Está aqui e agora. Neste mesmo momento é isso; inconsciente, sem olhar na direção correta, ou sem recorrer a isso; isso é tudo.

Há uma rádio: as ondas estão acontecendo agora mesmo, mas se a rádio não está sintonizada em uma onda específica, a onda não se manifesta. Sintoniza a rádio e a onda se manifesta. É necessária uma sintonização. A meditação é uma sintonização. Quando está sintonizado, o que não estava manifesto, se manifesta.

Mas recorda: não deseje, porque o desejo não te deixará estar vazio. E se não estar vazio, nada é possível, porque não há espaço, de maneira que sua própria natureza, que não está manifesta, não pode manifestar-se. Necessita espaço para manifestar-se. E não pergunte como viver com o vazio. Essa não é a pergunta autêntica. Simplesmente estate vazio. Ainda não está vazio.

Se conhecer alguma vez o que é o vazio, amará-o. É enlevado. É a experiência mais bela possível para a mente, para o homem, para a consciencia. Não perguntará como viver com o vazio. Está perguntando-o como se o vazio fora algo como um sofrimento. Isso é o que lhe parece com o ego. O ego sempre tem medo ao vazio, de modo que perguntas como viver com ele como se fora um inimigo.

O vazio é seu centro mais íntimo. Toda a atividade está na periferia; o centro mais íntimo é tão somente um zero. Todo o manifesto está na periferia; o centro mais profundo de seu ser é o vazio não manifesto. Buda lhe deu um nome: *shunyata*. Significa nada ou vazio. Essa é sua natureza, esse é seu ser, e dessa nada sai tudo, e tudo volta para ela.

Esse vazio é a fonte. Não peça que se encha, porque quando pedir que se encha criará mais e mais ego: o ego é o esforço por encher o vazio. E inclusive este desejo de que agora algo deve descender sobre ti -um deus, uma divindade, um poder divino, alguma energia desconhecida- é outra vez um pensamento. Algo que pense sobre Deus não será Deus; será simplesmente um pensamento.

Quando diz «o desconhecido», converteste-o no conhecido. O que sabe você do desconhecido? Inclusive para dizer que é o desconhecido conhecestes uma de suas qualidades: a qualidade de ser desconhecido. A mente não pode conceber o desconhecido. Inclusive o desconhecido se volta conhecido, e algo que diga a mente será tão somente uma verbalização, um processo de pensamento.

Deus não é a palavra «deus». O pensamento de Deus não é Deus. E só quando não há nenhum pensamento chega a sentir e a cair na conta do que é. Não se pode dizer nada mais sobre isso. Só se pode indicar. E todas as indicações são errôneas porque todas são indiretas.

Isto é o que se pode dizer: que quando você não está. E só deixa de estar quando não há nenhum desejo, porque existe com o desejo. O desejo é o alimento mediante o que existe. O desejo é o combustível. Quando não há nenhum desejo, nenhum desejo, nenhum futuro, e quando você não está, esse vazio é a existência mais plena. Nesse vazio, a existência inteira te é revelada. Volta-te ela.

Assim não pergunte como viver com o vazio. Primeiro se vazio. Não há necessidade de perguntar como viver com ele. Está tão cheio de sorte: é a sorte mais profunda. Quando pergunta como viver com o vazio, em realidade está perguntando como viver com a gente mesmo. Mas não conhecestes a ti mesmo. Entra mais e mais nisso.

Na meditação, às vezes sente uma espécie de vazio; isso não é realmente o vazio. Chamo-o só uma espécie de vazio. Quando estiver meditando, em certos momentos, durante uns poucos segundos sentirá que o processo de pensamentos se parou. Ao princípio chegarão estes intervalos. Mas como te parece que o processo de pensamentos se parou, isto é outra vez um processo de pensamentos, um processo de pensamentos muito sutil. O que está fazendo? Está dizendo por dentro: «O processo de pensamentos se parou.» Mas o que é isto? Isto é um processo de pensamentos secundário que começou. E diz: «Isto é o vazio.» Diz: “Agora vai acontecer algo”. O que é isto? começou outra vez um novo processo de pensamentos.

Quando isto volte a acontecer, não caia vítima disso. Quando sentir que está descendendo um certo silêncio, não comece a verbalizarlo, porque o está destruindo. Espera: não algo; simplesmente, espera. Não faça nada. Não diga: «Isto é o vazio.» No momento em que o há dito, destruíste-o. Simplesmente olha-o, penetra nisso, discerne-o, mas espera; não o verbalices.

Que pressa tem? Mediante a verbalização a mente tornou a entrar por uma rota diferente e te enganou. Estate alerta a este truque da mente.

Ao princípio, isto está exposto a acontecer, assim quando voltar a acontecer, simplesmente espera. Não caia na armadilha. Não diga nada; permanece em silêncio. Então entrará, e então não será passageiro; porque uma vez que conhecestes o vazio real, não pode perdê-lo. O real não se pode perder; essa é sua qualidade.

Uma vez que conhecestes o tesouro interno, uma vez que te puseste em contato com seu centro mais profundo, então pode entrar em atividade, então pode fazer o que quiser, então pode viver uma vida mundana corrente, mas esse vazio permanecerá contigo. Não pode esquecer-lo. Entrará em ti. Ouvirá sua música. Independentemente do que esteja fazendo, a ação estará só na periferia; por dentro permanecerá vazio.

E se pode permanecer vazio por dentro, atuando só na periferia, tudo o que faz se volta divino, tudo o que faz adquire a qualidade do divino, porque já não provém de ti. Agora vem diretamente do vazio original, um nada original. Se falas então, essas palavras não são tuas. Isso é o que quer dizer Mahoma quando afirma: «Este Corán não está dito por mim. Vem para mim como se outro tivesse falado através de mim.» veio que vazio interno. Isso é o que querem dizer os hindus quando afirmam: «Veda-os não

estão escritos pelo homem, não são documentos humanos, mas sim o divino, Deus mesmo, falou.»

Estas são formas simbólicas de dizer algo que é muito misterioso. E este é o mistério: quando está profundamente vazio, tudo o que faz ou diz não vem de tí, porque você já não está. Vem do vazio. Vem da fonte mais profunda da existência. Vem da mesma fonte da que veio toda esta existência. Então entraste no útero, o útero mesmo da existência. Então suas palavras não são tuas, então seus atos não são teus. É como se fosse só um instrumento, um instrumento da totalidade.

Se o vazio se sentir só momentaneamente, e logo vem e vai como um brilho, não é real. E se começar a pensar sobre isso, inclusive o irreal se perde. necessita-se muita valentia para não pensar nesse momento. É o maior controle que conheço. Quando a mente se volta silenciosa e quando te está esvaziando, necessita-se a maior valentia para não pensar, porque todo o passado da mente se defenderá. Todo o mecanismo dirá: «Pensa agora!»

De formas sutis, de formas indiretas, suas lembranças passadas lhe obrigarão a pensar; e se pensar, tornaste. Se pode permanecer em silencio nesse momento, se não ser tentado pelo mecanismo de sua memória e mente... Em realidade, isto é Satanás: sua própria mente que lhe prova. Sempre que te está esvaziando, a mente lhe prova e cria algo no que pensar; e se começar a pensar, tornaste.

diz-se que quando um dos professores maiores, Bodhidharma, foi a China, muitos discípulos se congregaram a seu redor. Ele foi o primeiro professor Zen. Um discípulo, que tinha chegado a ser seu principal discípulo, aproximou-se dele e disse: «Agora me tornei totalmente vazio.»

Bodhidharma lhe esbofeteou imediatamente e disse: «Agora vete e despreza também este vazio! Agora está cheio de vazio: despreza-o também. Só então estará realmente vazio.»

Compreende? Pode estar cheio da idéia do vazio. Então gravitará sobre ti, voltará-se uma nuvem. Ele disse: «Despreza também este vazio, e logo volta para mim.» Se disser que está vazio, não está vazio: Agora a palavra «vazio» se tornou significativa e está cheio dela. Eu te digo o mesmo: despreza também este vazio.

Segunda pergunta:

falaste que a transformação e mutação da mente humana, do inconsciente humano em supraconsciente, e há dito que a espiritualidade é uma experimentação existencial. Mas ontem à noite disse que o ego é uma entidade falsa e que não tem substância e realidade. Significa isso que toda a experimentação espiritual é uma transformação existencial de um ego que não é existencial?

Não. A transformação espiritual não é a transformação do ego; é sua dissolução. Não vais transformar o ego, porque independentemente de como se transforme, o ego seguirá sendo o ego. Pode que se volte superior, mais refinado, mais culto, mas o ego seguirá sendo o ego. E quanto mais culto se volta, mais venenoso. quanto mais sutil seja, mais estará em seu poder, porque não será capaz de ser consciente dele. Nem sequer é consciente de um ego tão áspero. Quando se voltar sutil, não será consciente dele; não haverá nenhuma possibilidade.

Há maneiras de refinar o ego, mas essas maneiras não são as da espiritualidade. A moralidade existe apoiada nesses métodos. E essa é a diferença entre a moralidade e a religião. A moralidade existe apoiando-se em métodos para refinar o ego; a moralidade existe apoiando-se na respeitabilidade. De modo que dizemos a uma pessoa: «Não faça

isso. Se fizer isso, está em jogo seu respeito. Não faça isso... O que pensarão de ti outros? Não faça isso, não lhe respeitarão. Faz isto e todo mundo te respeitará.»

Toda a moralidade depende de seu ego, um ego sutil. A religião não é uma transformação do ego, a não ser uma transcendência. Simplesmente deixa o ego. E não é que o deixe porque é mau. Recorda esta distinção. A moralidade diz sempre: «Deixa o que é mau, e faz o que é bom.» A religião diz: «Deixa o que é falso»... Não mau, a não ser falso. «Deixa o que é irreal, e entra no real.» Com a espiritualidade, o valor é a verdade, não o bem. Porque o bem mesmo pode ser falso, e em um mundo falso necessitamos bens falsos para que se oponham aos males.

A espiritualidade não é uma transformação do ego, a não ser uma transcendência. Vai mais à frente do ego. E este ir mais à frente é, em realidade, um despertar; é uma alerta profunda para ver se o ego existe ou não. Se existir, se for uma parte, uma parte real de seu ser, não pode transcendê-lo. Só se for falso é possível a transcendência. Pode despertar de um sonho; não pode despertar de uma realidade, ou sim? Pode transcender um sonho, mas não pode transcender a realidade.

O ego é uma entidade falsa. E o que queremos dizer quando afirmamos que o ego é uma entidade falsa? Queremos dizer que existe só porque não o confrontaste. Se o confrontar, não existirá. Existe em sua ignorância; existe porque não é consciente. Se tomadas consciência, não existirá. Se tomadas consciência e alguma entidade desaparece simplesmente porque tomadas consciência, isso significa que era falsa. O real será manifestado na consciência e o falso desaparecerá.

De modo que, em realidade, tampouco é correto dizer isto: «deixa seu ego», porque quando se diz, dá uma sensação de que o ego é algo e de que pode deixá-lo. Pode inclusive começar a lutar por desprezar este ego. Todo o esforço será absurdo. Não pode desprezá-lo, porque só uma realidade pode ser desprezada. Não pode lutar com ele. Como vais poder lutar com uma sombra? E se lutas, recorda: será derrotado. Não porque a sombra seja muito poderosa, mas sim porque a sombra não existe; não pode derrotá-la. Será derrotado por sua própria estupidez.

Luta com uma sombra e não poderá vencer; isso é seguro. Será derrotado. Isso também é seguro, porque dissipará sua própria energia na luta. Não é porque a sombra seja muito poderosa, mas sim porque a sombra não existe. Está lutando com seu próprio ser, está esbanjando sua energia. Então te esgotará e cairá. E pensará que a sombra ganhou e que está derrotado..., e a sombra não existiu absolutamente. Se lutas com o ego, será derrotado. Melhor entra e trata de descobrir onde está.

diz-se que o imperador da China perguntou a Bodhidharma: «Minha mente é muito inquieta. Estou em constante agitação interior. me dê um pouco de paz ou me dê alguma chave secreta para poder entrar no silêncio interno.»

Assim Bodhidharma disse: «Vêm pela manhã cedo, às quatro, quando não houver aqui ninguém. Vêm quando estiver sozinho em minha cabana; e recorda: traz contigo sua mente inquieta. Não a deixe em casa.»

O imperador estava muito turbado, pensando que este homem estava louco. Disse: «Traz contigo sua mente inquieta. Não a deixe em casa; do contrário, a quem vou silenciar, sossegarei-a, mas itráela! Recorda-o bem.»

O imperador se foi, mas mais turbado que nunca. Tinha estado pensando que este homem era um iluminado, um sábio, e que lhe daria alguma chave, mas tudo o que disse parecia uma tolice: como pode um deixar sua própria mente em casa? Não pôde dormir. Os olhos da Bodhidharma e a maneira em que lhe tinha cuidadoso... Estava hipnotizado, como se lhe atraísse um ímã. Não pôde dormir em toda a noite, e às quatro estava preparado. Em realidade, não queria ir, porque este homem estava louco. E indo tão cedo, na escuridão: quando não havia ninguém ali..., este homem poderia fazer algo.

Entretanto, sentia-se tão atraído que foi a pesar dele. E o primeiro que perguntou Bodhidharma... Estava sentado diante de sua cabana com sua vara em à mão, e disse: «Muito bem. Assim vieste. Onde está sua mente inquieta? Trouxeste-a? Estou preparado para sossegá-la.»

O imperador disse então: «Do que está: falando? Como vai um a poder esquecer a mente? Sempre está aí.»

Bodhidharma disse: «Onde? Onde está? Insignia me a para que possa sossegá-la, e possa voltar.»

O imperador disse: «Mas não é algo objetivo. Não lhe posso ensinar isso, não posso pô-la em minha mão. Está dentro de mim.»

Assim Bodhidharma disse: «Muito bem, fecha os olhos e tenta descobrir onde está. E, no momento em que a pilhe, abre os olhos e me diga isso e eu a sossegarei.» Nesse silêncio e com este louco, o imperador fechou os olhos.

Tentou-o e o tentou. E também teve medo, porque Bodhidharma estava sentado com sua vara... Daria-lhe um golpe em qualquer momento. Tentou-o e o tentou e o tentou. Olhou por toda parte, em todos os rincões de seu ser... Onde está a mente que é inquieta?

E quanto mais olhava, mais caía na conta de que a inquietação tinha desaparecido. quanto mais tentava procurar..., como uma sombra, não existia.

Passaram duas horas, e nem sequer era consciente do que tinha acontecido. Seu rosto se voltou silencioso, voltou-se como uma estátua da Buda, e então, ao amanhecer, Bodhidharma disse: «Agora abre os olhos. É suficiente. Duas horas são mais que suficiente. Pode me dizer agora onde está?»

O imperador abriu os olhos. Estava tudo quão silencioso pode estar um ser humano. Pôs sua cabeça aos pés da Bodhidharma e disse: «Já a sossegaste.»

O imperador Wu tem escrito em sua autobiografia: «Este homem é milagroso, mágico. Sem fazer nada, sossegou minha mente. E eu tampouco fiz nada. Unicamente entrei em mim mesmo e tratei de descobrir onde está. É obvio, ele tinha razão, primeiro localiza-a, averigua onde está. E com apenas o esforço por localizá-la, não se encontrou ali.»

Não encontrará o ego. Se entrar em ti, se o buscar, não o encontrará. Nunca existiu. É só um sucedâneo falso. Tem alguma utilidade; por isso o inventaste. Como não conhece o real, o centro real, e é difícil funcionar sem um centro, criaste uma ficção, um centro fictício, e funciona mediante ele.

O centro real está oculto. criaste um centro falso: o ego é um centro falso, um centro substitutivo. Sem um centro, é difícil existir, difícil funcionar. Necessita um centro para funcionar. E não conhece seu centro real, assim que a mente criou um centro falso. A mente é muito perita em criar sucedâneos. Sempre te dá um sucedâneo se não poder encontrar o real, porque se não, voltará-te louco. Sem um centro, voltará-te louco. Dispersará-te, fragmentará-te; não haverá nenhuma unidade. De modo que a mente cria um centro falso.

É como ao sonhar. Sonha que tem sede. Se a sede se voltar aguda, perturbará-se seu dormir, porque então terá que te levantar beber água.

Agora a mente te dará um sucedâneo, a mente criará um sonho. Não é necessário levantar-se, não há necessidade de perturbar o dormir: sonha que está bebendo água. Está agarrando água do frigorífico e bebendo-a. A mente te deu um sucedâneo. Agora se sente bem. A sede real não foi saciada, a não ser somente enganada. Mas agora sente que bebeste, que ingeriste água. Agora pode dormir; pode seguir dormindo tranquilamente.

Em sonhos, a mente te está dando continuamente sucedâneos para proteger seu dormir. E o mesmo está acontecendo quando está acordado. A mente te está dando sucedâneos para proteger sua prudência; do contrário, dispersará-te em fragmentos.

A não ser que se conheça o centro real, o ego tem que funcionar. Uma vez que se conhece o centro real, não há necessidade de sonhar com água. Quando conseguiste a água real, pode bebê-la. Não há necessidade de sonhar com ela. A meditação te leva a centro real. E ao acontecer isso, a utilidade do falso desaparece.

Mas isto terá que mantê-lo na consciencia, que o ego não é seu centro real. Só então pode começar uma busca do real. E a espiritualidade não é uma transformação do ego.

Não pode ser transformado. É irreal; simplesmente não existe. Não pode fazer nada com ele. Se for consciente, se estiver alerta, se o observar dentro de ti, desaparece. Com apenas a chama de seu consciencia, já não está. A espiritualidade é uma transcendência.

Terceira pergunta:

Se o ego for irreal, não significa isso que a mente inconsciente, a acumulação de lembranças nas células do cérebro, e o processo de transformação, que é o tema da espiritualidade, é também irreal, um sonho?

Não. O ego é irreal; as células do cérebro não são reais. O ego é irreal; as lembranças não são reais. O ego é irreal; o processo do pensamento não é irreal. O processo do pensamento é uma realidade. As lembranças são reais, as células do cérebro são reais, seu corpo é real. Seu corpo é real, sua alma é real. São duas realidades. Mas quando sua alma se identifica com o corpo, forma-se o ego, isso é uma irrealidade.

É desta maneira. Estou ante um espelho: sou real, o espelho é real, mas o reflexo do espelho não é real. Eu sou real, o espelho também é real, mas o reflexo que há no espelho é um reflexo, não é uma realidade. As células do cérebro são reais, a consciencia é real, mas quando a consciencia se envolve, apega-se, identifica-se com as células do cérebro, forma-se o ego. Esse ego é irreal.

De modo que quando tiver despertado, quando te tiver iluminado, sua memória não vai desaparecer. A memória seguirá aí. Em realidade, será mais limpa. Então funcionará com mais precisão, porque não haverá nenhuma perturbação do ego falso. Seu processo do pensamento não desaparecerá. Antes bem, será capaz de pensar pela primeira vez. antes disso, simplesmente estava tomando coisas emprestadas. Então será realmente capaz de pensar. Mas então você será o amo, não o processo do pensamento.

Antes, o processo do pensamento era o amo. Você não podia fazer nada respeito a ele. Prosseguia por si mesmo; você foi só uma vítima. Queria dormir e a mente seguia pensando. Queria pará-la, mas não se parava. Em realidade, quanto mais tentava pará-la, mais obstinada se voltava. Era sua ama. Quando te iluminar, seguirá aí, mas então será um instrumento. Quando a necessitar, poderá usá-la. Quando não a necessitar, não abarrotará seu consciencia. Então a pode chamar e logo a pode parar.

As células do cérebro seguirão aí, o corpo seguirá aí, a memória seguirá aí, o processo do pensamento seguirá aí. Só uma coisa não seguirá aí: a sensação de «eu» não estará aí. Isto é difícil de compreender.

Buda anda, Buda come, Buda dorme, Buda recorda. Tem memória; suas células do cérebro funcionam magnificamente. Mas Buda há dito: «Eu ando, mas ninguém anda em mim. Falo, mas ninguém fala em mim. Como, mas ninguém come em mim.» A consciencia interna já não é o ego. De modo que quando Buda tem fome não a tem

como você. Você sente: «Tenho fome.» Quando Buda tem fome, sente: «O corpo tem fome. Eu sou só o que sabe.» E esse que sabe não tem nenhuma sensação de «eu».

O ego é a entidade falsa, a única entidade falsa; todo o resto é real. Duas realidades podem unir-se, e em sua união se pode criar um terceiro epifenómeno. Quando duas realidades se unem, pode acontecer algo falso. Mas o falso só pode acontecer se houver consciencia. Se não haver consciencia, o falso não pode acontecer. O oxigênio e o hidrogênio se unem: não pode acontecer uma água falsa. O falso só pode acontecer quando é consciente, porque só a consciencia pode errar. A matéria não pode errar, a matéria não pode ser falsa. A matéria sempre é verdadeira. A matéria não pode enganar e não pode ser enganada; só a consciencia pode. Com a consciencia há a possibilidade de errar.

Mas recorda outra coisa: a matéria sempre é real, nunca falsa, mas tampouco nunca verdadeira. A matéria não pode saber o que é a verdade. Se pode errar, pode saber o que é a verdade. Ambas as possibilidades se abrem simultaneamente. A consciencia humana pode errar e pode saber que errou e pode apartar-se disso. Isso é formoso. Há perigo, mas tem que havê-lo. Com cada desenvolvimento entram novos perigos. Para a matéria não há nenhum perigo.

Considera o desta forma. Sempre que algo novo se desenvolve na existência, que algo novo evolui, com essa existência vêm perigos. Para uma pedra não há nenhum perigo. Então há pequenos organismos... Nas amebas, o sexo não existe da maneira que existe no homem ou nos animais. Simplesmente dividem seus corpos. Quando uma ameba se faz mais e maior, quando alcança um certo tamanho, automaticamente seu corpo se divide em dois. O corpo pai se divide em dois. Agora há duas amebas.

Algumas bactérias podem viver eternamente; como não há nascimento, não há morte. Com o sexo apareceu o nascimento; com o nascimento apareceu a morte; com o nascimento apareceu a individualidade; com a individualidade apareceu o ego.

Cada desenvolvimento tem seus próprios perigos potenciais, mas são formosos. Se pode compreender, não há necessidade de cair neles, e pode transcendê-los. E quando transciendes, sua natureza e você alcançam uma síntese maior. Se cair vítima, a síntese maior não se alcança.

A espiritualidade é o topo, o último, a síntese suprema de todo crescimento. O falso é transcendido, e o real, absorvido. E só o real permanece; todo o falso cessa. Mas não pense que o corpo é irreal; é real. As células do cérebro são reais, o processo do pensamento é real. Só a relação entre a consciencia e o processo do pensamento é irreal. Isso é uma atadura. Pode desatá-la. E no momento em que a desata, tem aberto a porta.

Última pergunta:

Como pode um saber que a busca espiritual em que está envolto não é uma glorificação do ego, a não ser uma autêntica busca religiosa?

Se não saber, se estiver confuso, então tenha muito claro que isto é uma glorificação do ego. Se não estar confuso, se souber muito bem que isto é autêntico, se não haver confusão absolutamente, então é autêntico. E não é uma questão de enganar a outro. É uma questão de te enganar ou não a ti mesmo. Se estiver confuso, dúbio, é uma glorificação do ego, porque no momento em que há uma busca autêntica, não há nenhuma dúvida. Acontece a fé.

me permita expressar o de outra maneira. Sempre que falas de semelhantes problemas, a confusão mesma mostra exatamente que vai por mau caminho. Alguém

vem a me dizer: «me diga. Não sei se minha meditação se está fazendo profunda ou não.»

De modo que digo: «Se se está fazendo profunda, não há necessidade de vir a me perguntar. A profundidade é uma experiência tal, que saberá. E se não saber quão profundo está, quem vai ou seja? Só vieste a me perguntar porque não sente a profundidade. Agora quer que outro te certifique. Se disser: "Sim, sua meditação é muito profunda", sentirá-se muito bem; isto é uma glorificação do ego.»

Quando está doente, sabe que está doente. Pode que às vezes aconteça que a enfermidade esteja muito, muito oculta. Pode que não seja consciente dela. Mas nunca acontece o inverso, quando está perfeitamente são, sabe. Pode que não seja tão consciente de sua enfermidade, mas da saúde -se tiver saúde- sim é consciente, porque o fenômeno mesmo da saúde é um fenômeno de bem-estar. Se você não pode sentir sua saúde, quem a vai sentir? Para sua má saúde pode que haja peritos que lhe digam que tipo de enfermidade tem; não há nenhum perito que lhe de conta de sua saúde. Não há necessidade. Mas se perguntas se estiver são ou não, está falta de saúde; isso é seguro. Esta mesma confusão o demonstra.

De modo que quando está em uma busca espiritual, pode saber se for uma glorificação do ego ou uma busca autêntica. E a confusão mesma demonstra que isto não é uma busca autêntica; isto é um tipo de glorificação do ego. O que é a glorificação do ego? Está menos interessado no fenômeno real; está mais interessado em possuí-lo.

A gente vem a me dizer: “Você sabe, e pode saber a respeito de nós. nos diga se nossa *kundalini* subiu ou não”. Não lhes interessa a *kundalini*, não lhes interessa realmente; necessitam um certificado. E às vezes jogo e digo: «Sim, seu *kundalini* subiu», e imediatamente são muito felizes. A pessoa veio muito, muito triste e sombria, e quando lhe digo: «Sim, seu *kundalini* despertou», está feliz como um menino.

vai muito feliz; e quando está saindo de minha habitação, volto-lhe a chamar e lhe digo: «Só estava jogando. Não é real. Não te aconteceu nada.» Volta a sentido. Não está realmente interessado em despertar; simplesmente está interessado em sentir-se bem: agora seu *kundalini despertou*, agora pode sentir-se superior a outros.

E assim é como muitos supostos gurús seguem te explorando: porque está aí por seu ego. Podem-lhe dar certificados, podem-lhe dizer: «Sim, já despertaste. Tornaste-te um buda.» E você não vais negar o. Se disser isto a dez pessoas, das dez, nove não o negarão. Sentirão-se muito felizes. Estavam procurando um gurú que lhes dissesse que despertaram.

Os falsos gurús existem devido a sua necessidade, porque nenhum gurú autêntico vai dizer te isto, ou te dar nenhum certificado, porque um certificado é uma exigência do ego. Não é necessário nenhum certificado. Se o está experimentando, está-o experimentando. Se o mundo inteiro o negar, deixa que o negue; dá no mesmo. Se existir a experiência real, o que importa quem diga que a obtiveste, e quem diga que não a obtiveste? É irrelevante. Mas não é irrelevante, porque sua busca básica é o ego. Quer acreditar que o obtiveste tudo.

E isto acontece muitas vezes, quando fracassaste no mundo, quando está sofrendo no mundo, quando não pode ter êxito e quando sente que sua ambição segue sem satisfazer-se e que a vida está passando, recorre à espiritualidade. A mesma ambição pede agora ser satisfeita aqui. E é fácil satisfazê-la, fácil, porque na espiritualidade pode te enganar facilmente a ti mesmo. No mundo real, no mundo da matéria, não pode te enganar tão facilmente.

Se for pobre, como vais fingir que é rico? E se fingir, não engana a ninguém. Se segue insistindo em que é rico, então toda a sociedade, toda a gente que te rodeia, pensará que te tornaste louco.

Uma vez conheci um homem que começou a pensar que era o Pandit lawaharlal Nehru. Sua família, seus amigos, todo mundo tentou lhe persuadir: «Não diga essas tolices; se não, pensarão que está louco.»

Mas ele dizia: «Não estou dizendo tolices. Sou o Pandit lawaharlal Nehru.»

Começou a assinar «lawaharlal Nehru». Enviava telegramas a casas dos arredores, a oficiais, a coletores, a chefes da polícia, dizendo: «Chego logo. Pandit lawaharlal Nehru.»

Tiveram que lhe agarrar e lhe encerrar em sua casa.. fui ver lhe; vivia em meu povo. Disse: «Você é um homem de grande entendimento; pode compreender. Estes tolos... Ninguém me compreende... Sou o Pandit lawaharlal Nehru.»

Assim que lhe disse: «Sim, por isso vim a lhe ver. E não tenha medo a estes tolos, porque os grandes homens como você sempre sofreram.»

Ele disse: «Exato.» Estava muito feliz. Disse: «É o único homem que pode me compreender. Os grandes homens têm que sofrer.»

No mundo externo, se tráficos de te enganar a ti mesmo, pensarão que está louco, mas na espiritualidade é muito fácil. Pode dizer que seu *kundalini* subiu. Simplesmente porque tem uma certa dor em suas costas, seu *kundalini* subiu. Como seu cérebro se sente um pouco desajustado, pensa que se estão abrindo os centros. Como tem uma contínua dor de cabeça, pensa que se está abrindo o terceiro olho. Pode enganar e ninguém pode dizer nada, e não interessa a ninguém. Mas há falsos professores que dirão: «Sim, é assim.» E se sentirá muito feliz.

Uma glorificação do ego significa que não está realmente interessado em se transformar; só está interessado em proclamá-lo. E a proclamação é fácil, pode comprá-la muito troca. E é uma coisa mútua. Quando um gurú, um suposto gurú, diz que é um homem acordado, é evidente que foi ele quem te despertou, de maneira que tem que render honras a este gurú. Isto é algo mútuo. Você lhe rende honras, e já não pode deixar a esse gurú, porque no momento em que abandone a esse gurú, o que acontecerá a seu despertar, a seu *kundalini*? Não pode ir. Esse gurú depende de ti porque você lhe dá respeito e honra, e então você dependerá dele porque ninguém mais vai acreditar que está acordado. Não pode lhe deixar. Isto é uma fanfarronada mútua.

Se realmente está procurando, não é tão fácil. E não necessita nenhuma testemunha. É difícil e árduo; pode que inclusive tenha vistas. E é doloroso, é um prolongado sofrimento, porque terá que eliminar muitas coisas, terá que transcender muitas coisas, terá que romper cadeias muito arraigadas. Não é fácil. Não é um jogo de meninos. É árduo, e terá que haver sofrimento, porque quando começa a trocar sua pauta, terá que desprezar todo o velho. E tudo o que investiste está no velho. Terá que sofrer.

Quando começar a procurar seu ego dentro de ti e não o encontre, o que acontecerá sua imagem, com a que viveste? Sempre pensaste que foi um homem muito bom, moral, isto e o outro...

O que acontecerá isso? Quando descobrir que não te pode encontrar em nenhuma parte, onde estará esse homem bom? Seu ego implica tudo o que pensaste sobre ti mesmo. Tudo está comprometido nele. Não é algo que possa desprezar facilmente. É você, todo seu passado. Quando o desprezar, voltará-te como um zero, como se nunca tivesse existido antes. Nasce pela primeira vez; sem experiência, sem conhecimentos, sem passado..., igual a um menino inocente. necessita-se valentia, necessita-se audácia.

A busca autêntica é árdua. Uma glorificação do ego é muito fácil. E pode satisfazer-se muito facilmente, porque, em realidade, não se tem satisfeito nada. Começa a acreditar; começa a acreditar que te aconteceu algo. Simplesmente está perdendo o tempo, a energia, a vida. De modo que se realmente está com um professor, ele te

empurrará constantemente a sair dessa glorificação. Deverá tomar cuidado de que não te volte louco, de que não comece a pensar em sonhos. Terá que te fazer voltar.

E é algo muito, muito difícil, porque sempre que te faz voltar, venha-te do professor. «Estava subindo tanto, e estava a ponto de explorar, e ele diz: "Não está acontecendo nada. Lhe está imaginando isso".» Faz-te voltar para a Terra.

Com um professor autêntico, é difícil ser um discípulo. E os discípulos quase sempre estão contra seus professores, porque estão em sua glorificação do ego e o professor está tentando lhes tirar disso. E estes discípulos criam falsos professores. Têm uma necessidade, uma necessidade tão grande, que qualquer que satisfaça sua necessidade se converterá em seu professor. E é fácil ajudar a crescer a seu ego, porque você está a favor disso. É muito difícil ajudar a seu ego a desaparecer.

Recorda-o bem, e comprova cada dia e em cada momento que sua busca não é uma glorificação do ego. Segue comprovando-o. É sutil, e as táticas do ego são muito, muito, muito sutis. Não estão na superfície. O ego te manipula de dentro; do fundo, do inconsciente. Mas se estiver alerta, o ego não pode te enganar. Se estiver alerta, chegará a conhecer, chegará a conhecer sua sensação, porque está sempre indo em busca de experiências. Esta é a palavra chave.

O ego sempre está procurando experiências, sexuais ou espirituais, dá no mesmo. O ego está ávido de experimentar isto e de experimentar aquilo, de experimentar a *kundalini* e de experimentar o sétimo corpo. O ego sempre anda em busca de experiências. A busca real não é uma avidez de qualquer experiência, porque qualquer experiência te frustrará, está destinada a te frustrar, porque qualquer experiência será repetitiva. Então te fartará dela; então voltará a exigir alguma nova experiência.

A busca do novo persistirá com o ego. Meditará, e se só está meditando para obter alguma nova emoção, porque a vida se há voltado aborrecida... Está farto de sua vida habitual corrente, assim quer alguma emoção. Pode que a consiga, porque o homem consegue tudo o que tenta encontrar. Essa é a desdita, tudo o que deseje, encontrará-o. E então te arrependerá. Conseguirá a emoção... Então o que?

Então te farta também dela. Então quer tomar LSD ou alguma outra coisa. Então segue indo de um professor a outro, de um *ashram* a outro, procurando uma nova emoção.

O ego é uma avidez de novas experiências. E toda nova experiência se voltará velha, porque tudo o que é novo se voltará velho; então, outra vez... A espiritualidade não é realmente uma busca de experiências. A espiritualidade é uma busca do próprio ser. Não de nenhuma experiência -nem sequer da sorte, nem sequer do êxtase-, porque a experiência é algo externo; à margem de quão interna seja, é externa.

A espiritualidade é a busca do ser real que há dentro de ti, devo saber qual é minha realidade. E ao isso saber, toda a avidez de experiências cessa. E ao isso saber, não há nenhuma ânsia, nenhuma anseia de ir a por alguma nova experiência. Ao conhecer a verdadeira realidade interna, o ser autêntico, toda busca cessa.

Assim não vá a por uma experiência. Todas as experiências são meramente truques da mente, todas as experiências são meramente escapamentos.

A meditação não é uma experiência, a não ser um cair na conta. A meditação não é uma experiência; mas bem é uma cessação de toda experiência. devido a isto, os que realmente tentaram expressar o acontecimento interno -por exemplo, Buda- dizem: «Não pergunte o que acontece aí.» Ou, se insistir, dirão: «Não acontece nada aí.»

Se disser que não acontecerá nada na meditação, o que fará? Deixará-o imediatamente. Se não ir acontecer nada, do que serve? Isso mostra que está em uma glorificação do ego. Se disser que aí não acontece nada, e ainda diz: «Muito bem, conheci muitas situações e conheci muitas experiências, e toda experiência resultou ser

lhe frustrare...» Passa por ela e então sabe que não era nada; e então um anseia de repetir, e logo a repetição se converte em aborrecimento. Então passa a outra coisa... Assim é como estiveste atuando durante vistas e vistas; durante milhares e milhares de vistas estiveste perseguindo experiências.

Se disser: «conheci as experiências. Já não quero nenhuma nova experiência; quero conhecer que as tem», toda a ênfase troca. A experiência é algo externo a ti; que a tem é seu ser.

E esta é a diferença entre a verdadeira espiritualidade e a falsa: se for a por experiências, a espiritualidade é falsa; se for a pelo que as tem, então é verdadeira. Mas então não se preocupa a *kundalini*, não se preocupam os *chakras*, não lhe preocupam todas essas coisas. Acontecerão, mas não se preocupam, não lhe interessam, e não irá por esses desvios. Seguirá indo para o centro interno em que não permanece nada exceto você em sua total solidão. Só permanece a consciencia, sem conteúdo.

O conteúdo é a experiência. Tudo o que experimenta é o conteúdo. Experimento desdita, então a desdita é o conteúdo de meu consciencia. Logo experimento agradar, então o prazer é o conteúdo. Logo experimento aborrecimento, então o aborrecimento é o conteúdo. E logo experimento silencio, então o silêncio é o conteúdo. E logo experimento dita, então a sorte é o conteúdo. De modo que vai trocando de conteúdo. Pode seguir trocando eternamente, mas isto não é o autêntico.

Autêntico é aquele a quem lhe acontecem estas experiências, ao que lhe acontece o aborrecimento, ao que lhe acontece a sorte. A busca espiritual não é *o que* acontece, a não ser *a quem* lhe acontece. Então não há nenhuma possibilidade de que surja o ego.

Capítulo 57

Está em Todas Partes

Os Sutras

84 *Despreza o apego ao corpo, caindo na conta de que estou em todas partes. Quem está em todas partes está contente.*

85 *Pensar em nada fará ilimitado ao ser limitado.*

ouvi uma história sobre um ancião doutor. Um dia, seu assistente lhe chamou por telefone porque estava em um grande apuro, seu paciente se estava asfixiando. Tinha uma bola de bilhar obstruída na garganta, e o assistente não tinha nem idéia do que fazer. Assim que lhe perguntou ao ancião doutor: «O que se supõe que devo fazer agora?». O ancião doutor disse: «lhe faça cócegas ao paciente com uma pluma.»

Depois de uns poucos minutos o assistente voltou a chamar, muito feliz e jubiloso, e disse: «Seu tratamento resultou maravilhoso, o paciente começou a rir e cuspiu a bola. Mas me diga onde aprendeu esta técnica tão assombrosa.»

O ancião doutor disse: «Acabo de inventá-la. Este foi sempre meu lema: Quando não souber o que fazer, faz algo.»

Mas isto não servirá no referente à meditação. Se não saber o que fazer; não faça nada, porque a mente é muito complicada, complexa, delicada. Se não saber o que fazer, é melhor não fazer nada, porque algo que faça sem saber, criará mais complexidades

que as que pode resolver. Inclusive pode que resulte fatal, inclusive pode que resulte suicida.

Se não saber nada sobre a mente... E verdadeiramente, não sabe nada sobre ela. A mente é só uma palavra. Não conhece suas complexidades. A mente é o mais complexo que há na existência; não há nada comparável a ela. E é o mais delicado, pode destruí-la, pode fazer algo que logo não se pode desfazer. Estas técnicas se apóiam em um conhecimento muito profundo, em um encontro muito profundo com a mente humana. Cada técnica se apóia em uma prolongada experimentação.

Assim recorda isto, não faça nada por sua conta, e não mescle duas técnicas, porque seu funcionamento é diferente, seus modos são diferentes, seus fundamentos são diferentes. Conduzem ao mesmo fim, mas como meios são totalmente diferentes. Às vezes, inclusive pode que sejam diametralmente opostos. De modo que não mescle duas técnicas. De fato, não mescle nada, usa a técnica tal como se dá.

Não a troque, não a melhores, porque não pode melhorá-la, e qualquer mudança que lhe faça será fatal. E antes de começar a fazer uma técnica, te assegure completamente de que a compreendeste. Se se sentir confuso e não sabe realmente o que é a técnica, é melhor não fazê-la, porque cada técnica é para criar uma revolução em ti.

Estas técnicas não são evolutivas. Ao dizer «evolução» me refiro a que, se não fazer nada e simplesmente segue vivendo, dentro de milhões de anos a meditação te acontecerá automaticamente; em milhões de anos evoluirá. No curso natural do tempo, chegará ao ponto ao que um buda chega mediante uma revolução. Estas técnicas são revolucionárias. Em realidade, são atalhos; não são naturais. A natureza te levará a estado búdico, à iluminação -chegará a isso um dia-, mas então depende da natureza; você não pode fazer nada a respeito, exceto seguir vivendo na desdita. Levará muitíssimo tempo; verdadeiramente, milhões de anos e vidas.

A religião é revolucionária. Dá-te uma técnica que pode cortar o prolongado processo, e com a que pode dar um salto, um salto que evitará milhões de vidas. Em um só momento pode atravessar milhões de anos. De maneira que é perigosa, e a não ser que a compreenda corretamente, não a faça. Não mescle nada por sua conta. Não troque nada.

Primeiro trata de compreender a técnica absolutamente bem. Quando a tiver compreendido, então prova-a. E não use o lema desse ancião doutor de que quando não souber o que fazer, faz algo. Não; não faça nada. Não fazer nada será muito mais benéfico para ti que fazer algo. Isto é assim porque a mente é tão delicada que se fizer algo erroneamente, será muito difícil desfazê-lo..., muito difícil desfazê-lo. É muito fácil fazer algo mal, mas muito difícil desfazê-lo. Recorda isto.

Primeira técnica de desapego: *Despreza o apego ao corpo, caindo na conta de que estou em todas partes. Quem está em todas partes está contente.*

Terá que compreender muitos pontos. Primeiro: *Despreza o apego ao corpo.* Há um fundo apego ao corpo; tem que havê-lo, é natural. estiveste vivendo no corpo durante muitíssimas vidas, desde o começo mesmo. Os corpos trocaram, mas sempre teve um corpo, estive sempre encarnado. houve certas vezes e momentos em que não estava encarnado, mas então não estava consciente. Quando morre de um corpo, morre na inconsciência e permanece inconsciente. Logo volta a nascer em um novo corpo, mas também então está inconsciente. O intervalo entre uma morte e outro nascimento é inconsciente, de modo que não sabe como se sentirá quando não estiver encarnado. Não sabe quem é quando não está em um corpo. Só conhece um fenômeno, e é o da encarnação; sempre conhecestes a ti mesmo no corpo.

Isto foi tão prolongado, tão contínuo, que esqueceste que é distinto a ele. Isto é uma amnésia -natural, abocada a acontecer dadas as circunstâncias-; daí o apego. Sente que é o corpo, este é o apego. Sente que não é outra coisa que o corpo, nada mais que o corpo. Pode que não esteja de acordo comigo nisto, mas muitas vezes pensa que não é o corpo, que é a alma, o ser. Mas isto não é seu conhecimento; isto é simplesmente o que ouviste, o que tem lido, e o que acreditaste sem saber.

De modo que o primeiro que terá que fazer é cair na conta do fato de que, em realidade, isto é o que sabe, que é o corpo. Não engane a ti mesmo, porque o engano não ajudará. Se pensar que já sabe que não é o corpo, então não pode desprezar o apego, porque em realidade, para ti não há apego; já sabe. Então surgirão muitas dificuldades que não podem ser resolvidas. Uma dificuldade terá que resolvê-la ao princípio. Uma vez que perde o princípio, nunca pode resolvê-la; tem que voltar para princípio. Assim recorda bem, e cai bem na conta de que não te conhece ti mesmo em algo que não seja seu próprio corpo corno. Esta é a primeira realização básica.

Esta realização ainda não está presente. Sua mente está turvada por tudo o que ouviste; sua mente está condicionada pelo conhecimento de outros, é emprestado, não é real. Não é que seja falso -os que o hão dito, souberam-no-, mas para ti é falso a não ser que se volte sua própria experiência. De modo que quando digo que algo é falso, refiro-me a que não é sua experiência. Pode que seja verdade para alguma outra pessoa, mas não é verdade para ti. E a verdade é individual neste sentido, que a verdade só é verdade quando se experimenta; não experimentada, é falsa. Não há verdades universais. Toda verdade tem que ser individual antes de fazer-se verdadeira.

Sabe, ouviste; isto forma parte de seu conhecimento, parte de uma herança -que não é o corpo-, mas não é real para ti. Primeiro despreza este conhecimento irreal. Confronta o fato de que só te conhece ti mesmo como o corpo. Isso criará uma grande tensão em ti; foi só para ocultar essa tensão que acumulou este conhecimento. Segue acreditando que não é o corpo e segue vivendo como o corpo, de maneira que está dividido, e todo seu ser se volta inautêntico, falso.

Verdadeiramente, este é um estado paranóico. Vive como um corpo e pensa e falas como uma alma: então há uma luta e um conflito, e então está em constante agitação interna, um fundo desassossego que não pode ser resolvido. Assim primeiro confronta o fato de que não sabe nada sobre a alma, o ser, tudo o que sabe é sobre o corpo.

Isto desencadeará um estado de grande ansiedade em ti. Tudo o que está adulto sairá à superfície. Ao cair na conta deste fato, de que é o corpo, começará literalmente a suar. Ao cair na conta deste fato, de que é o corpo, sentirá-se muito inquieto, estranho, mas terá que acontecer essa sensação; só assim pode saber o que significa o apego ao corpo.

Os professores seguem dizendo que não deveria estar apegado ao corpo, mas o básico -o que é o apego ao corpo- desconhece-o. O apego ao corpo é uma profunda identificação com o corpo, mas primeiro tem que te dar conta do que é esta identificação. De maneira que despreza todos os conhecimentos que lhe deram uma sensação ilusória de que é a alma. Cai na conta de que só conhece uma coisa, e é o corpo. Como se cria isto e como desencadeia isto a agitação oculta e um inferno oculto dentro de ti?

No momento em que cai na conta de que é o corpo, pela primeira vez cai na conta do apego. Pela primeira vez absorve em seu consciencia o fato de que este corpo que nasce, e este corpo que vai morrer, é você. Pela primeira vez cai na conta do fato de que estes ossos, este sangue..., isto é você. Pela primeira vez cai na conta do fato de que este sexo, esta ira..., isto é você. De modo que todas as imagens falsas se derrubam. Volta-te real.

A realidade é dolorosa, muito dolorosa; por isso seguimos ocultando-a. É um truque profundo. Segue pensando em ti mesmo como o ser, e tudo o que você não gosta, joga

em cima ao corpo. De modo que diz que o sexo é do corpo; o amor é teu. Então diz que a avareza e a ira são do corpo; a compaixão é tua. A compaixão pertence a ti, e a crueldade lhe pertence ao corpo. O perdão é do ser, e a ira é do corpo. De maneira que tudo o que te parece que é mau, feio, joga em cima ao corpo, e segue te identificando com tudo o que te parece que é belo. Cria uma divisão.

Esta divisão não te permitirá saber o que é o apego, e a menos que saiba o que é o apego e a menos que sofra a desdita e o inferno que produz, não pode desprezá-lo. Como vais poder desprezá-lo? Só pode desprezar algo quando resulta ser uma enfermidade, quando resulta ser uma pesada carga, quando resulta ser um inferno; só então pode desprezá-lo.

Seu apego ainda não resultou ser um inferno. O que diga Buda e o que diga Mahavira é irrelevante. Podem seguir dizendo que o apego é o inferno, mas esta não é sua impressão. Por isso perguntas uma e outra vez como não apegar-se, como não estar apegado, como transcender o apego. Segue perguntando este «como» só porque não sabe o que é o apego. Se souber o que é o apego, simplesmente o deixa de um salto; não pergunta «Como?».

Se sua casa estiver em chamas, não perguntará a ninguém, não irá em busca de um professor para lhe perguntar como sair dela. Se a casa estiver em chamas, simplesmente sairá dela. Não perderá nem um só momento. Não procurará um professor, não consultará as Escrituras. E não tratará de escolher em que forma terá que sair, que meios terá que adotar, e qual é a porta adequada. Estas coisas são irrelevantes quando a casa está em chamas.

Quando sabe o que é o apego, a casa está em chamas. Pode desprezá-lo.

Para entrar nesta técnica, primeiro tem que descartar o conhecimento falso do ser, para que o apego ao corpo fique totalmente de manifesto. vai ser muito difícil; vai supor uma funda ansiedade e angústia confrontá-lo. Não vai ser fácil; é árduo, mas uma vez que o confronta, pode desprezá-lo; e não há necessidade de perguntar como. É absolutamente um fogo, um inferno. Pode sair dele de um salto.

Este sutra diz: *Despreza o apego ao corpo, caindo na conta de que estou em todas partes.*

E no momento em que despreze o apego, cairá na conta de que está em todas partes.

devido a este apego, sente que está limitado pelo corpo. Não é o corpo o que te está limitando; é seu apego a ele. Não é o corpo o que está criando uma barreira entre você e a realidade; é seu apego a ele. Uma vez que sabe que não há apego, não há corpo para ti. Mas bem, toda a existência se volta seu corpo; seu corpo se volta uma parte da existência total. Então não está separado.

Em realidade, seu corpo não é outra coisa que existência vinda a ti, existência chegada a ti. É a existência mais próxima a ti, isso é tudo; e logo segue expandindo-se. Seu corpo é simplesmente sua esquina mais próxima, e logo há toda a existência, segue expandindo-se. Uma vez que não há apego, não há corpo para ti; ou toda a existência se tornou seu corpo. Está em todas partes.

No corpo está em alguma parte; sem o corpo está em todas partes. No corpo está confinado a um espaço em particular; sem o corpo não há confinamento. Por isso os que souberam dizem que o corpo é a prisão. Não é que o corpo seja a prisão; em realidade, o apego é a prisão. Uma vez que seus olhos não estão enfocados no corpo, está em todas partes.

Isto parece absurdo. À mente que está no corpo, isto lhe parece absurdo, uma loucura: como vais estar em todas partes? A um buda, tudo o que dizemos -que «estou aqui»- parece-lhe realmente uma loucura. Como vais estar em alguma parte? A

consciência não é um conceito espacial. Por isso, se fechar os olhos e tráficos de descobrir em que parte do corpo está, ficará em branco. Não pode descobrir onde está.

houve muitas religiões e muitas seitas que pregaram que está no umbigo. Algumas dizem que está no coração, algumas dizem que está neste centro ou aquele, mas Shiva diz que não está em nenhuma parte. Por isso, se fechar os olhos e tráficos de descobrir onde está, não pode dizê-lo. Está, mas não há nenhum «onde» para ti. Simplesmente está.

Ao dormir profundamente, não é consciente do corpo. Está *você*. Pela manhã dirá que o dormir foi muito profundo, muito ditoso. Foi consciente de uma profunda sorte que o enchia completamente, mas não foi consciente do corpo. Onde está ao dormir profundamente? Quando morre, onde vai? A gente pergunta continuamente: «Quando alguém morre, onde vai?». Mas a pergunta é absurda, tola. Está relacionada com nossa consciência encarnada; pensamos que estamos em alguma parte, assim, então, quando morremos, onde vamos. A nenhuma parte.

Quando morre, não está em nenhuma parte; isso é tudo. Não está confinado em um espaço; isso é tudo. Mas se tiver um desejo de estar confinado, voltará a estar confinado. Seu desejo te leva a novos confinamentos. Mas quando não está no corpo, não está em nenhuma parte, ou está em todas partes; isto depende, de que palavra você goste.

Se perguntar a Buda, dirá que não está em nenhuma parte. Por isso escolhe a palavra *nirvana*. *Nirvana* significa que não está em nenhuma parte. Igual a uma chama que se apagou... Como vais dizer onde está a chama? O dirá que não está em nenhuma parte. Chama-a simplesmente deixou que ser. Buda usa um término negativo, em nenhuma parte. Isso é o que significa *nirvana*. Quando não está apegado ao corpo, está em *nirvana*, não está em nenhuma parte.

Shiva escolhe um término positivo: ele diz «em todas partes»; mas ambos os termos significam o mesmo. Se, está em todas partes, não pode estar em alguma parte. Se estiver em todas partes, isso é quase o mesmo que dizer que não está em nenhuma parte.

Mas no corpo estamos aderidos, e sentimos que estamos confinados. Este confinamento é um ato mental; faz-o seu mesmo, e pode te confinar a ti mesmo em algo. Tem um valioso diamante. Seu ser pode estar confinado nele, e se o diamante é roubado, pode que lhe suicides ou pode que te volte louco. O que aconteceu? Há tantas pessoas sem um diamante, nenhuma está suicidándose, nenhuma está sentindo nenhuma dificuldade sem um diamante, mas o que aconteceu a ti?

Houve uma vez em que você tampouco tinha um diamante; não havia nenhum problema. Agora volta a estar sem um diamante, mas há um problema. Como se criou este problema? Cria-o você mesmo. Agora está apegado, confinado. O diamante se tornou seu corpo. Já não pode viver sem ele; é impossível viver sem ele.

Quando te apegas, converte-se em uma nova prisão. E tudo o que estamos fazendo na vida é isto, seguimos criando mais e mais prisões, cárceres cada vez maiores nas que viver. Logo vamos decorando esses cárceres para que pareçam um lar, e então nos esquecemos completamente de que são cárceres.

Este sutra diz que se desprezar o apego ao corpo, cai na conta de que *Estou em todas partes*. Tem uma sensação oceânica, seu consciência existe sem nenhuma localização. Seu consciência existe sem estar sujeita a nenhuma parte. Volta-te como um céu, abrangendo-o tudo; tudo está em ti. Seu consciência se expandiu à possibilidade infinita. E então este sutra diz: *Quem está em todas partes está contente*.

Confinado em um lugar será desventurado, porque sempre é maior que onde está confinado. Esta é a desdita, é como se te estivesse colocando à força em uma pequena terrina; como se se estivesse colocando à força o oceano em uma pequena panela. Terá

que haver desdita. Esta é a desdita, e sempre que se há sentido esta desdita, surge a busca da iluminação, a busca do *Brahma*. *Brahma* significa o infinito. A busca de *moksha* significa a busca da liberdade. Em um corpo limitado não pode ser livre; em alguma parte será um escravo. Em nenhuma parte ou em todas partes, pode ser livre.

Observa a mente humana, seja qual seja a direção, sempre é para a liberdade, procurando a liberdade. Pode que seja política, pode que seja econômica, pode que seja psicológica, pode que seja religiosa, pode ser em qualquer direção, mas a mente humana sempre está procurando provas a liberdade. A liberdade parece ser a necessidade mais funda. Em qualquer lugar que a mente humana encontra alguma barreira, alguma escravidão, alguma limitação, luta contra ela. Toda a história humana é uma luta pela liberdade.

Pode que as dimensões sejam diferentes: um Marx, um Lenin, estão lutando pela liberdade econômica; um Gandhi, um Lincoln, estão lutando pela liberdade política. E há milhares e milhares de escravidões, e a luta continua. Mas uma coisa é segura, em alguma parte no fundo, o homem está continuamente procurando mais e mais liberdade.

Shiva diz, e todas as religiões dizem, que pode chegar a ser livre politicamente, mas a luta não cessará. Só um tipo de escravidão terá deixado de existir, mas ficam outros tipos de escravidão, e quando for livre politicamente tomará consciência de outras escravidões. A escravidão econômica pode cessar, mas então tomará consciência de outras escravidões, sexuais, psicológicas. Esta luta não pode cessar a menos que comece a sentir e ou seja que está em todas partes. No momento em que sente que está em todas partes, obtém-se a liberdade.

Esta liberdade não é política, esta liberdade não é econômica, não é sociológica. Esta liberdade é existencial. Esta liberdade é total. Por isso a chamamos *moksha*, liberdade total. E só então pode estar contente. O gozo ou a sorte só é possível quando é totalmente livre.

Em realidade, ser totalmente livre significa gozo. O gozo não é uma consequência, a não ser o acontecimento mesmo. Quando é totalmente livre, está contente, é ditoso. Esta sorte não está acontecendo como um efeito. A liberdade é sorte, a escravidão é desdita. No momento em que se sente limitado, é desventurado; em qualquer lugar que se sente limitado, sente-se desventurado. Quando se sente ilimitado, a desdita desaparece. De modo que a desdita existe nas barreiras, e a sorte existe em um espaço sem barreiras, em uma existência sem barreiras.

Sempre que sente esta liberdade, acontece-te o gozo. Inclusive agora, sempre que sente uma certa liberdade, inclusive se não ser total, o gozo chega a ti. Apaixona-te por alguém, acontece-te um certo gozo, uma certa sorte. por que acontece isto? Em realidade, sempre que está apaixonado, desprezaste seu apego ao corpo. Em certo sentido profundo, agora o corpo da outra pessoa também se tornou seu corpo. Já não está confinado em seu próprio corpo; o corpo de outra pessoa se tornou também seu corpo, tornou-se também seu lar, tornou-se também sua morada. Sente uma liberdade. Agora pode entrar em outro; e o outro pode entrar em ti. Em certo sentido limitado, tem cansado uma barreira. É mais que antes.

Quando ama a alguém, é mais que nunca foste; seu ser se acrescentou, expandiu-se. Seu consciência não está limitada como o estava antes; alcançou um novo âmbito. Sente certa liberdade no amor. Não é total, e cedo ou tarde voltará a te sentir confinado. Sente-se expandido, mas ainda finito. De modo que os que realmente amam, cedo ou tarde estão abocados a entrar na oração.

-Oração significa um amor maior. Oração significa um amor com toda a existência. Agora conhece o segredo. Conhece uma chave, uma chave secreta, que amava a uma pessoa, e assim que amou, comporta-as se abriram e as barreiras se dissolveram e, ao

menos para uma pessoa mais, seu ser se expandiu, acrescentou-se. Agora conhece a chave secreta. Se pode te apaixonar por toda a existência, não será o corpo.

No amor profundo te volta imaterial. Quando ama a alguém, não sente a ti mesmo como um corpo. Quando não é amado, quando não ama, sente a ti mesmo mais como um corpo, volta-te mais consciente do corpo. O corpo se volta uma carga; tem que carregar com ele. Quando é amado, o corpo perdeu peso. Quando é amado e amas, não sente que a gravitação te afete. Pode dançar, pode voar verdadeiramente. Em um sentido mais profundo, o corpo já não está; mas isto é em um sentido limitado. O mesmo pode acontecer quando está apaixonado por toda a existência.

No amor, o gozo vem a ti. Não é prazer. Recorda, o gozo não é prazer. O prazer te chega através dos sentidos; o gozo te chega quando não é sensual. Os prazeres lhe chegam através do corpo; o gozo vem a ti quando não é o corpo. Quando por um momento o corpo desapareceu e é simplesmente consciencia, então o gozo vem a ti. Quando é o corpo, pode-te acontecer o prazer. É sempre através do corpo. Através do corpo é possível a dor, é possível o prazer. O gozo só é possível quando não é o corpo.

Acontece também de ordinário, também acidentalmente. Está escutando música e, de repente, perde-se a gravitação. Está tão absorto na música que te esqueceste que seu corpo. Está cheio de música e te tem feito um com a música. Não há alguém que escuta, que escuta e o que se escuta se feito um. Só existe a música; você já não está. Expandiste-te. Agora está fluindo com as notas musicais. Agora não há limite para ti. As notas se estão dissolvendo no vazio, e você também te está dissolvendo no vazio com elas. O corpo é esquecido.

Sempre que o corpo é esquecido, despreza-se sem sabê-lo inconscientemente, e te acontece o gozo. Com o tantra e o ioga pode fazê-lo metodicamente. Então não é um acidente; então você tem controle disso. Então não te está acontecendo; então tem a chave em suas mãos e pode abrir a porta quando quiser. Ou, pode abrir a porta para sempre e atirar a chave; não há necessidade de voltar a fechar a porta.

O gozo acontece também na vida corrente, mas não sabe como acontece. Acontece sempre quando não é o corpo; recorda isto. De modo que sempre que voltar a sentir algum momento de gozo, toma consciencia de se for o corpo nesse momento ou não. Não o será. Sempre que há gozo, o corpo não está. Não é que o corpo desapareça... O corpo permanece, mas não está aderido a ele. Não está aderido a ele, não está sujeito a ele. saíste que um salto.

Pode que tenha saído devido à música, pode que tenha saído devido a um belo amanhecer, pode que tenha saído porque um menino se estava rendo, pode que tenha saído porque estava apaixonado. Pode ser por qualquer causa, mas saíste por um momento... fora do corpo. O corpo está aí, mas deixado de lado; não está apegado a ele. Te puseste-se a voar.

Mediante esta técnica, sabe que alguém que está em todas partes não pode ser desventurado; está contente, é gozo. De modo que quanto mais te confina, mais desventurado é. te expanda, retira seus limites, e sempre que poder, deixa de lado o corpo. Miras o céu e há nuvens flutuando, vete com as nuvens, deixa o corpo aqui na Terra. E há Lua, vete com a Lua. Sempre que poder, te esqueça do corpo, não perca a oportunidade, sal de viagem. E então acostumar-se ao que significa estar fora do corpo.

E isto é só uma questão de atenção. O apego é uma questão de atenção. Se dispostas atenção ao corpo, está apegado. Se a atenção se foi, não está apegado.

Olhe, por exemplo: está jogando no campo de esportes; está jogando hóquei ou ao voleibol ou a alguma outra coisa. Quando está profundamente no jogo, sua atenção não está no corpo. Alguém te deu um golpe nos pés e está fluindo o sangue, não é consciente. Há dor, mas você não estas aí. O sangue está emanando, mas você está fora

do corpo. Seu consciencia, sua atenção, pode que esteja voando com a bola, pode que esteja correndo com a bola. Sua atenção está em outra parte. A partida finaliza, de repente volta para corpo, e há sangue e dor. E te pergunta como aconteceu, quando aconteceu e como aconteceu e como é que não foi consciente disso.

Para estar no corpo, é necessário que sua atenção esteja aí. Assim recorda-o, em qualquer lugar que está sua atenção, aí está você. Se sua atenção estiver nas nuvens, está aí. Se sua atenção estiver na flor, está aí. Se sua atenção estiver no dinheiro, está aí. Sua atenção é seu ser. E se sua atenção não está em nenhuma parte, está em todas partes.

De modo que todo o processo da meditação é estar em um estado de consciencia no que sua atenção não está em nenhuma parte, não tem objeto. Quando não tem objeto, não há corpo para ti. Sua atenção cria o corpo. Sua atenção é seu corpo.

E quando sua atenção não está em nenhuma parte, está em todas partes, acontece-te o gozo. Não está bem dizer que te acontece, é o gozo. Já não pode te abandonar; é seu próprio ser. A liberdade é gozo; por isso há tanta ânsia de liberdade.

85 Pensa em nada.

Segunda técnica de desapego: *Pensar em nada fará ilimitado ao ser limitado.*

Isso é o que estava dizendo. Se sua atenção não tiver objeto, não está em nenhuma parte; ou, está em todas partes, é livre. Tornaste-te liberdade. Este segundo sutra diz: *Pensar em nada -não estar pensando- fará ilimitado ao ser limitado.*

Se não estar pensando, é ilimitado. Pensar te dá um limite, e há muitos tipos de limites. É hindu, isso te dá um limite. Ser hindu é estar aderido a um pensamento, a um sistema, a uma pauta.

É cristão, então também está limitado. Um homem religioso não pode ser hindu ou cristão. E se alguém é hindu ou cristão, não é religioso -impossível-, porque estes são pensamentos. Ser um homem religioso significa não pensar pensamentos; não estar limitado por nenhum pensamento, por nenhum sistema, por nenhuma pauta; não estar limitado pela mente, viver no ilimitado.

Quando tem um certo pensamento, esse pensamento se converte em sua barreira. Pode que seja um belo pensamento... Segue sendo uma barreira. Um bela prisão segue sendo uma prisão. Pode que seja um pensamento de ouro, mas isso dá no mesmo, aprisiona-te de todos os modos.

E sempre que tem um pensamento e está apegado a ele, está sempre contra alguém, porque as barreiras não podem existir se não estar contra alguém. Um pensamento é sempre um prejuízo; é sempre a favor e em contra.

ouvi falar de um cristão muito religioso que era um pobre camponês. Pertencia à Sociedade de Amigos; era qualquer. Os quaisquer são não-violentos; acreditam no amor, na amizade. Voltava da cidade a seu povo em seu carro de mulas, e de repente, sem nenhuma causa aparente, a mula se parou e não havia forma de que se movesse. Tentou-o, tratou de convencer à mula por meios cristãos, tratou de fazer entrar em razão à mula de maneira muito amistosa, de maneira no-violenta. Era qualquer, não podia golpear à mula, não podia usar palavras fortes, não podia insultar, arreganhar, mas estava cheio de ira. Mas como ia golpear à mula?

Querida golpeá-la, assim que lhe disse à mula:

«te leve bem! Como sou qualquer, não posso te fustigar, não posso ser violento..., ipero recorda, mula, que te posso vender a alguém que não seja cristão!».

O cristão tem seu próprio mundo, e o não cristão é o oposto. O cristão não pode conceber que o no-cristianizo possa alcançar o reino de Deus. Um hindu não pode

conceber, um jaina não pode conceber, que outros possam entrar no âmbito da sorte... Impossível. O pensamento cria uma limitação, uma barreira, um limite, e se considera que todos os que não estão a favor, estão em contra. Quem não esteja de acordo comigo está contra mim.

Como vais poder estar em todas partes? Pode estar com o cristão; não pode estar com o no-cristianizo. Pode estar com o hindu, mas não pode estar com o não-hindu, com o muçulmano. O pensamento tem que estar contra algo; contra alguém ou contra algo. Não pode ser total. Recorda, o pensamento não pode ser total; só o não-pensamento pode ser total.

Segundo: o pensamento é sempre da mente, é sempre um produto derivado da mente. É sua atitude, sua especulação, seu prejuízo; é sua reação, sua formulação, seu conceito, sua filosofia, mas não é a existência mesma. É algo a respeito da existência; não é a existência mesma.

Há uma flor. Pode dizer algo sobre ela; isso é um pensamento. Pode dizer que é bonita, pode dizer que é feia, pode dizer que é sagrada, mas algo que diga sobre a flor não é a flor. A flor existe sem seus pensamentos, e sempre que está pensando algo sobre a flor, está criando uma barreira entre você e a flor.

A flor não necessita seus pensamentos. Existe. Abandona seus pensamentos, e então pode te abandonar a ti mesmo na flor. Tudo o que diga sobre uma rosa não tem sentido; independentemente de quão formoso pareça, não tem sentido. O que diz não é necessário. Não está dando nenhuma existência à flor. Está criando um filme entre você e a flor; está criando uma limitação. De modo que sempre que há pensamento, fica proscrito; fecha-se a porta à existência.

Este sutra diz: *Pensar em nada fará ilimitado ao ser limitado.*

Se não pensar, se simplesmente for, totalmente alerta, consciente, mas sem nenhuma nuvem de pensamentos, é ilimitado. O corpo não é o único corpo; um corpo mais profundo é a mente. O corpo consta de matéria; a mente também consta de matéria, sutil, mais refinada. O corpo é a capa externa; a mente é a capa interna. E é fácil estar desapegado do corpo. É mais difícil estar desapegado da mente, porque com a mente sente que é mais você mesmo.

Se alguém disser que parece que seu corpo está doente, não se sente ofendido. Não está tão apegado; está um pouco além de ti. Mas se alguém diz que sua mente parece patológica, doente, sente-se ofendido. Insultou-te. Da mente está mais perto. Se alguém disser algo sobre seu corpo, pode-o tolerar. Se alguém disser algo sobre sua mente, é impossível tolerá-lo, porque te pegou mais fundo.

A mente é a capa interna do corpo. A mente e o corpo não são dois, o corpo é a capa externa de seu corpo e a mente é a capa interna. É igual a se tiver uma casa, pode ver a casa de fora e pode ver a casa de dentro. De fora se verá a capa externa dos muros; de dentro, a capa interna.

A mente é sua capa interna. Está mais perto de ti, mas é ainda um corpo. Ao morrer, seu corpo externo cai, mas te leva contigo a capa interna, sutil. Está tão apegado a ela que nem sequer a morte pode te separar de sua mente. A mente continua. Por isso se podem conhecer seus nascimentos passados, porque ainda leva todas as mentes que tiveste. Estão aí. Se foi uma vez um cão, a mente de cão ainda está contigo. Se foi uma vez uma árvore, a mente de árvore ainda está contigo. Se uma vez foi uma mulher ou um homem, leva essas mentes. Leva em cima todas as mentes. Está tão apegado a elas que nunca as soltas.

Ao morrer, o externo se dissolve, mas o interno se leva. É uma coisa material muito sutil. Em realidade, são só vibrações de energia, vibrações de pensamento. Leva-as, e

segundo a pauta de pensamento que leve, entra em um corpo novo. Segundo a pauta de pensamentos, a pauta de desejos, a mente, cria um novo corpo para ti. O bosquejo está na mente, e a capa externa volta a acumular-se.

O primeiro sutra é deixar de lado o corpo. O segundo sutra é deixar de lado a mente, o corpo interno. Nem sequer a morte pode te separar; só a meditação pode separar. Por isso a meditação é uma morte maior, uma cirurgia mais profunda, mais profunda que a morte mesma; por isso há tanto medo. A gente segue falando da meditação, mas nunca a farão. Falarão, podem escrever sobre ela, podem pregar sobre ela, mas nunca a farão. Existe um medo profundo com respeito à meditação, e o medo é à morte.

Os que fazem meditação, um dia ou outro, chegam a um ponto no que se assustam, tornam-se atrás. Vêm a me dizer: «Já não podemos entrar mais. É impossível.» Chega um ponto em que alguém sente que se está morrendo. E esse ponto é de uma morte mais profunda que qualquer morte, porque agora se está separando o mais íntimo; a identidade mais íntima está sendo eliminada. A gente sente que se está morrendo; a gente sente que agora está entrando na não-existência. abre-se um profundo abismo, abre-se um vazio infinito. Alguém se assusta, volta correndo a aferrar-se ao corpo para não ser arrojado, porque a terra se está movendo sob seus pés, está desaparecendo. está-se abrindo um vale, uma nada.

De modo que, inclusive se o tenta, a gente sempre o faz levianamente; jogam com a meditação. Inconscientemente, dão-se conta de que se aprofundarem, deixarão de ser. E isso é certo, o medo é verdadeiro, não voltará a ser você mesmo. Uma vez que tenha conhecido esse abismo, esse *shunya*, o vazio, não voltará a ser o mesmo.

Volta, mas ressuscitaste, é um homem novo. o de antes desapareceu. Não pode encontrar nem rastro dele, de aonde foi. o de antes era a identidade com a mente. Agora não pode estar identificado com a mente. Agora pode usar a mente, pode usar o corpo, mas se tornaram instrumentos; está por cima deles. Tudo o que faça, pode-o fazer, mas não é um com eles. Isto dá liberdade. Mas isto só pode acontecer quando estiver *pensando em nada*, né?

Isto é muito paradoxal: *Pensar em nada*. Pode pensar em coisas; como vais pensar em nada? O que significa este «nada»? E como pode pensar nisso? Sempre que pensa em algo, volta-se uma coisa, volta-se um objeto, volta-se um pensamento, e os pensamentos são coisas. Como vais pensar em nada? Não pode, mas no esforço mesmo -o, esforço por pensar em nada-, o pensamento se perderá, o pensamento se dissolverá.

Pode que tenha ouvido falar dos *koans* do Zen. Os professores Zen dão um enigma absurdo ao buscador para que pense nele. E é algo que não pode ser pensado. dá-se sabendo, para parar o pensamento. Por exemplo, dizem-lhe ao buscador: “Vete a descobrir qual é seu rosto original, o rosto que tinha quando não tinha nascido. Não pense neste rosto que tem; pensa no rosto que tinha antes do nascimento”.

Como vais pensar nele? Não havia rosto antes do nascimento; o rosto chega com o nascimento. O rosto forma parte do corpo. Você não tem rosto; só o corpo tem rosto. Fecha os olhos, e não tem rosto. Sabe a respeito de seu rosto mediante o espelho. Não o viu você mesmo, e não pode vê-lo, de modo que como vai um a pensar no rosto original? Mas um o pode tentar; o esforço mesmo ajudará.

O buscador o tentará e o tentará..., e é impossível. Irá uma e outra vez ao professor, perguntando: «É este o rosto original?». E antes de que o diga ao professor, o professor diz: «É errôneo. Tudo o que traga será errôneo.»

Durante meses seguidos, o buscador vem uma e outra vez. Encontra algo, imagina algo, e vê o rosto: «É assim o rosto original?». E o professor diz: «Não.» iY todas as vezes é «não, não», e pouco a pouco vai desconcertando-se mais e mais. Não pode pensar. Tenta-o e o tenta e o tenta, e fracassa. Esse fracasso é o básico. Um dia chega a

um fracasso total. Todo o pensamento cessa nesse fracasso total, e chega a cair na conta de que o rosto original não pode pensar-se. O pensamento cessa.

E sempre que esta última vez acontece a um buscador, quando vai ao professor, o professor diz: «Já não há necessidade. Vejo o rosto original.» Os olhos se tornaram vãos. O buscador não veio a dizer nada, só a estar junto ao professor. Não encontrou nenhuma resposta. Não havia nenhuma. veio pela primeira vez sem a resposta. Não há resposta. Vem em silêncio.

Sempre que vinha, tinha alguma resposta. A mente estava aí, o pensamento estava aí, estava limitado por esse pensamento. Tinha encontrado ou imaginado algum rosto, estava limitado por esse rosto. Agora se tornou original; agora não há nenhum limite. Agora não tem nenhum rosto, nenhuma idéia, nenhum pensamento. veio sem nenhuma mente. Este é o estado de no-mente.

Neste estado de no-mente, o ser limitado se «limita». Os limites se dissolvem. de repente está em todas partes, de repente é todo mundo. de repente está na árvore e na pedra e no céu e no amigo e no inimigo, de repente está em todas partes. A existência inteira se tornou um espelho, está em todas partes, refletido. Este estado é o estado da sorte. Agora nada pode te perturbar, porque não existe nada exceto você. Agora nada pode te destruir; não existe nada exceto você. Agora não há morte, porque está inclusive na morte. Agora nada é oposto a ti. Existe sozinho.

A esta solidão Mahavira o chamou *kaivalya*, solidão total. por que *solidão total*? Porque tudo está envolto, absorvido; tornou-se você. Pode expressar este estado de duas maneiras. Pode dizer: «Só eu existo. *Aham Brahmasmi*: Sou o Deus, o divino, a totalidade. Tudo veio a mim; todos os rios se hão dissolvido em meu oceano. Existo sozinho. Não existe nada mais.» Os místicos sufíes dizem isto, e os muçulmanos nunca puderam compreender por que os sufíes dizem tais coisas. Um sufí diz: «Não há Deus. Existo eu sozinho.» Ou «Eu sou o Deus.» Esta é uma maneira positiva de dizer que já não há separação. Buda usa uma forma negativa. Diz: «Já não existo. Nada existe.»

Ambas as som verdade, porque quando tudo está incluído em mim, não tem sentido me chamar a mim mesmo «eu». O «eu» sempre está oposto ao «você»; «eu» sempre se opõe ao você». Tem sentido em relação com «você». Quando não há «você», «eu» perde sentido. De modo que Buda diz que não há «eu», que nada existe. Ou todo se tornou você, ou te tornaste um não-ser e te dissolve em tudo.

Ambas as expressões são certas. É obvio, nenhuma expressão pode ser totalmente certa; por isso a expressão oposta também é sempre certa. Toda expressão é parcial, uma parte; por isso a expressão oposta também é certa, também forma parte dela. Recorda isto. Algo que expressos pode que seja certa, e o oposto pode que também seja certo, o oposto mesmo. Em realidade, tem que ser certo, porque toda expressão é só uma parte.

E há dois tipos de expressão, pode escolher a positiva ou pode escolher a negativa. Se escolher a positiva, a negativa parece falsa. Não o é; é complementar. Não se opõe realmente a ela. De modo que, diga *Brahma*, a totalidade, ou diga *nirvana*, um nada, é o mesmo. Ambas conotam a mesma experiência, e a experiência é esta, pensando em nada, chega a conhecê-la.

Terá que compreender algumas costure básicas sobre esta técnica. Uma: ao pensar, está separado da existência. Pensar não é uma relação, não é uma ponte, não é uma comunicação; é uma barreira. Ao não pensar, está relacionado, unido; está em comunhão. Quando está falando com alguém, não está relacionado. O falar mesmo se converte em uma barreira. quanto mais fala, mais te afasta. Se estiver com alguém em silêncio, está relacionado. Se o silêncio for realmente profundo e não há pensamentos em sua mente e ambas as mentes estão totalmente silenciosas, são um.

Dois zeros não podem ser dois. Dois zeros se voltam um. Se somas dois zeros, não se fazem dois, a não ser um zero maior, um só. E, em realidade, um zero não pode ser maior, mais ou menos grande. Um zero é simplesmente um zero. Não pode lhe somar algo, não pode lhe subtrair algo. Um zero está completo. Sempre que está em silêncio com alguém, são um. Quando está em silêncio com a existência, é um com ela.

Esta técnica diz que se estiver em silêncio com a existência, saberá o que é Deus. Só há um diálogo com a existência, e é em silêncio. Se falas com a existência, erra. Então está envolto em seus próprios pensamentos.

isto prova como um experimento. Prova-o com algo como um experimento...; inclusive com uma pedra. Permanece em silêncio com ela, agarra-a na mão e guarda silêncio..., e haverá uma comunhão. Entrará profundamente na pedra, e a pedra entrará profundamente em ti. Seus segredos lhe serão revelados à pedra, e a pedra te revelará seus segredos. Mas não pode usar a linguagem com ela. A pedra não conhece nenhuma linguagem. Como usa a linguagem, não pode te relacionar com ela.

E o homem perdeu completamente o silêncio. Nem sequer está silencioso quando não está fazendo nada; a mente segue fazendo isto ou o outro.

devido a esta constante conversa interna, este contínuo bate-papo interno, não está relacionado com nada. Nem sequer está relacionado com as pessoas às que amas, porque este bate-papo continua.

Pode que esteja sentado com sua mulher, está charlotteando em sua própria mente; ela está charlotteando em sua própria mente. Os dois estão charlotteando. Estão muito longe um do outro, lejísimos. É como se a gente estivesse em uma estrela, e o outro em outra estrela, e há um espaço infinito entre eles. Então sentem que não há intimidade, e então se jogam a culpa o um ao outro: «Não me ama.»

Esta não é realmente a questão. O amor não é possível. O amor é uma flor do silêncio. Só floresce em silêncio, porque floresce em comunhão. Se não poder estar sem pensamentos, não pode amar; e então é impossível estar em oração. Mas inclusive se orarmos, charloteamos. Para nós, a oração é só um charloteo com Deus.

Habituo-nos tanto a charlotear que inclusive se formos à igreja ou ao templo, continuamos charloteando também ali. Conversamos com Deus, falamos com Deus. Isto é uma absoluta tolice. Deus, a existência, não compreende sua linguagem. A existência compreende só uma linguagem, o do silêncio. E o silêncio não é nem sânscrito nem árabe nem inglês nem hindu. O silêncio é universal; não pertence a ninguém.

Há ao menos quatro mil línguas na Terra, e todo mundo está encerrado em sua própria língua. Se não conhecer sua língua, não pode te relacionar com ele. Não pode te relacionar. Se não compreender sua língua e você não compreende a minha, não podemos nos relacionar. Somos estranhos. Não podemos penetrar o um no outro, não podemos compreender, não podemos amar. Isto está acontecendo tão somente porque não conhecemos uma linguagem universal básica: o silêncio.

Em realidade, um só se relaciona mediante o silêncio. E se conhecer a linguagem do silêncio, então pode te relacionar com algo, porque as pedras estão em silêncio, as árvores estão em silêncio, o céu está em silêncio... É existencial. Tudo sabe o que é o silêncio; tudo existe no silêncio.

Se tiver uma pedra na mão, a pedra não está conversando consigo mesma, e você sim está conversando; por isso não pode te relacionar com a pedra. E a rocha está aberta, vulnerável, acolhedora. A pedra te dará a bem-vinda, mas você está charloteando e a pedra não pode compreender o charloteo, isso se converte na barreira. De modo que nem sequer com os seres humanos pode ter uma relação profunda; não pode haver intimidade.

A linguagem, as palavras, destrói-o tudo.

Meditação significa silêncio, não pensar em nada. Não pensar absolutamente; só ser aberto, disposto, ansioso de te relacionar, acolhedor, receptivo, amoroso, mas sem pensar absolutamente. Então te acontecerá o amor infinito, e nunca dirá que ninguém te ama. Nunca o dirá, nunca o sentirá.

Agora, faça o que faça, dirá isto e sentirá isto. Pode que nem sequer o diga. Pode fingir que alguém te ama, mas no fundo sabe que não.

Inclusive os amantes seguem perguntando o um ao outro: «Ama-me?». De formas muito diferentes, seguem perguntando-o continuamente. Todo mundo está assustado, duvidoso, inseguro. Tratam de descobrir de muitas formas se alguém realmente os ama. E nunca podem estar seguros, porque seu amante pode dizer: «Sim, amo-te», mas isso não oferecerá nenhuma garantia. Como vais sentir te a gosto? Como pode saber se te está enganando ou não? Pode argüir, pode te convencer. Pode te convencer intelectualmente, mas o coração não estará convencido. De modo que os amantes sempre estão em agonia. Não podem estar convencidos de fato de que o outro os ama. Como vais estar convencido?

Em realidade, não há maneira de convencer por meio da linguagem. E está perguntando por meio da linguagem, e enquanto seu amante está aí, você está charlotteando na mente, questionando, debatendo. Nunca estará convencido, e sempre sentirá que não foste amado, e isto se converte na mais funda desdita. E isto está acontecendo não porque alguém não te ame; isto está acontecendo porque está encerrado entre paredes, está fechado em seus pensamentos. Nada pode entrar. Não se pode entrar nos pensamentos a não ser que os despreze. Se os desprezar, toda a existência entra em ti.

Este sutra diz: *Pensar em nada fará ilimitado, ao ser limitado.*

Voltará-te ilimitado. Voltará-te inteiro. Voltará-te universal, estará em todas partes.

E então há gozo. Agora não é mais que desdita. Os que são ardilosos seguem enganando-se a si mesmos com que não são desventurados, ou seguem esperando que algo troque, algo aconteça, e alcançá-lo ao final de sua vida..., mas é desventurado. Pode criar rostos, enganos, rostos falsos; pode seguir sorrindo continuamente; mas no fundo sabe que é desventurado. Isso é natural. Confinado em seus pensamentos, será desventurado. Sem confinar além dos pensamentos -alerta, acordado, consciente, mas sem nuvens de pensamentos-, será gozo, será sorte, será alegria.

Capítulo 58

Vê Mais à frente do Carma

Ir, vê mas lá do carma

Perguntas

Não estão os atalhos em contra do Tao?

por que não estamos iluminados?

São os atalhos uma possibilidade divina?

Pode definir “não-fazer”?

Primeira pergunta:

As técnicas são atalhos, revoluções, mas não estão estas coisas em contra do Tao, swabhav, a natureza?

Estão-o. Estão em contra do *Tao*, estão contra *swabhav*. Qualquer esforço está contra *swabhav*, o *Tao*; o esforço em si está em contra do *Tao*. Se pode deixar-lhe tudo a *swabhav*, o *Tao*, a natureza, então não é necessária nenhuma técnica, porque essa é a técnica suprema. Se pode deixar-lhe tudo ao *Tao*, essa é a mais profunda entrega possível. Está te entregando a ti mesmo, seu futuro, suas possibilidades. Está entregando o tempo mesmo, todo esforço. Isto significa infinita paciência, espera.

Se pode entregá-lo tudo à natureza, então não há esforço, então não faz nada. Simplesmente flutua. Está em um profundo estado de deixar ir. As coisas lhe acontecem, mas seu não está fazendo nenhum esforço por elas; nem sequer as está procurando. Se acontecerem, está bem; se não acontecerem, está bem; não tem nenhuma preferência. O que acontece, acontece, não tem expectativas e, é obvio, tampouco frustrações.

A vida vai fluindo; você flui nela. Não tem nenhum objetivo que alcançar, porque com o objetivo entra o esforço. Não tem nenhuma parte a que ir, porque se tiver alguma parte a que ir, entrará o esforço; está implícito. Não tem nenhuma parte a que ir, nenhuma parte para a que chegar, nenhuma meta, nenhum ideal; não terá que obter nada..., entrega-o tudo.

Neste momento de entrega, neste mesmo momento, tudo te acontecerá. O esforço levará tempo; entrega-a não levará tempo. A técnica levará tempo; entrega-a não levará tempo. Por isso a chamo a técnica suprema. É uma não-técnica. Não pode praticá-la; não pode praticar a entrega. Se a praticar, não é entrega. Então está confiando em ti mesmo; então não está totalmente necessitado; então está tentando fazer algo; inclusive se for a entrega, está tentando fazê-la. Então entrará a técnica, e com a técnica entra o tempo, entra o futuro.

Entrega-a é intemporal; está mais à frente do tempo. Se te entregar, neste mesmo momento está mais à frente do tempo, e tudo o que pode acontecer, acontecerá. Mas então não o está procurando, não está indo a seu encontro; não está cobiçando-o. Não pensa nisso absolutamente, que aconteça ou não, te dá exatamente igual.

Tao significa entrega, entrega a *swabhav*, à natureza. Então não é. O tantra e o ioga são técnicas. Mediante elas chegará a *swabhav*, mas será um comprido processo. Ao final, depois de toda técnica terá que te entregar, mas com as técnicas acontecerá ao final; com o *Tao*, no *Tao*, acontece ao princípio. Se pode te entregar agora mesmo, não é necessária nenhuma técnica, mas se não poder. E se me pergunta como te entregar, então é necessária uma técnica. De modo que, entre milhões e milhões de homens, excepcionalmente há um que pode entregar-se sem perguntar como. Se perguntas «como», não é do tipo apropriado que pode entregar-se, porque o «como» significa que está pedindo uma técnica.

Estas técnicas são para os que não podem desfazer-se deste «como». Estas técnicas são só para te desfazer de sua ansiedade básica com respeito ao «como», como fazê-lo. Se pode te entregar sem perguntar, então não necessita nenhuma técnica. Mas então não teria vindo a mim, poderia-te ter entregue em qualquer momento, porque a entrega não requer nenhum professor. Um professor só pode te ensinar técnicas.

Quando procura, está procurando alguma técnica; toda busca é uma busca de alguma técnica. Quando vais perguntar lhe a alguém, está pedindo uma técnica, um método. Do

contrário não há necessidade de ir a nenhuma parte. A busca mesma mostra que tem uma profunda necessidade de uma técnica. Estas técnicas são para ti.

Não é que sem técnica não possa acontecer. Pode acontecer, mas aconteceu a muito poucas pessoas. E essas poucas pessoas não são realmente excepcionais, em suas vidas passadas estiveram esforçando-se com técnicas, e estiveram esforçando-se tanto com técnicas que agora estão fartas, estão aborrecidas. Chega um ponto de saturação quando perguntaste uma e outra vez: «Como? Como? Como?», e ao final o «como» cai. Então pode te entregar.

A técnica é necessária em todos os aspectos. Um Krishnamurti pode dizer que não é necessária nenhuma técnica; mas esta não é sua primeira vida, e não teria podido dizer isto em sua vida passada. Inclusive nesta vida lhe foram dadas muitas técnicas, e trabalhou com elas. Mediante técnicas pode chegar a um ponto no que te entregar -pode desprezar todas as técnicas e simplesmente ser-, mas também isso é mediante técnicas.

Está em contra do Tao porque você está em contra do Tao. Tem que ser descondicionado. Se estiver no Tao não é necessária nenhuma técnica. Se estas são, então não é necessária nenhuma medicina. Toda medicina está contra a saúde.

Mas está doente; é necessária a medicina. Esta medicina matará sua enfermidade. Não pode te dar a saúde, mas se se elimina a enfermidade, a saúde te acontecerá. Nenhuma medicina pode te dar a saúde. Basicamente, toda medicina é um veneno, mas acumulaste algum veneno; necessita um antídoto. Este equilibrará, e a saúde será possível.

Uma técnica não vai te dar sua divindade, não vai te dar sua natureza. Destruirá tudo o que acumulaste em torno de sua natureza. Tão somente lhe descondicionará. Está condicionado, e agora mesmo não pode dar um salto à entrega. Se pode dá-lo, está bem; mas não pode dá-lo. Seu condicionamento perguntará: «Como?» Então as técnicas serão úteis.

Quando a gente vive no Tao, não é necessário nenhum ioga, nenhum tantra, nenhuma religião. A gente está perfeitamente são; não é necessária nenhuma medicina. Toda religião é medicinal. Quando o mundo viva totalmente no Tao, as religiões desaparecerão. Não será necessário nenhum professor, nenhum Buda, nenhum Jesus, porque todo mundo será um Buda ou um Jesus. Mas agora mesmo, tal como é, necessita técnicas. Essas técnicas são antídotos.

acumulaste em torno de ti uma mente tão complexa que tudo o que te diga ou de, complicará-o. Fará-o mais complexo, fará-o mais difícil. Se te disser: «te entregue», perguntará: «Como?». Se disser: «Usa técnicas», perguntará: «Técnicas? Não estão as técnicas em contra o Tao?». Se disser: «Não é necessária nenhuma técnica; simplesmente te entregue e Deus te acontecerá», perguntará imediatamente: «Como?» O que memore a tua!

Se disser: «O Tao esta aqui e agora: não precisa praticar nada, simplesmente dá um salto e te entregue», dirá: «Como? Como posso me entregar?». Se te der uma técnica para responder a seu «como», sua mente dirá, «Mas não está um método, uma técnica, um caminho, contra *swabhav*, em contra do Tao? Se a divindade for minha natureza, então como vai ser obtida mediante uma técnica? Se já estiver aí, então a técnica é fútil, inútil. por que esbanjar o tempo com a técnica?» Observa esta mente!

Lembrança que aconteceu uma vez que um homem, o pai de uma menina, pediu-lhe ao compositor Leopold Godowsky que fora a sua casa e lhe desse uma audição a sua filha. Esta estava aprendendo a tocar o piano. Godowsky foi a sua casa; pacientemente, escutou tocar à garota. Quando terminou, o pai estava radiante, e gritava de felicidade, e perguntou ao Godowsky: «Não é maravilhosa?».

conta-se que Godowsky disse: “É maravilhosa. Tem uma técnica assombrosa. Nunca ouvi ninguém tocar peças tão singelas com tão grande dificuldade. Tem uma técnica assombrosa. Tocar peças tão simples com tão grande dificuldade, nunca o tinha visto antes!».

Isto é o que segue acontecendo em sua mente. Inclusive uma coisa singela a fará complicada, fará que te resulte difícil. E esta é uma forma de defesa, esta é uma medida de defesa, porque quando cria dificuldade, não precisa fazê-la, porque primeiro terá que solucionar o problema, e logo pode fazê-la.

Se te disser que te entregue, perguntas como. A não ser que responda a seu «como», como vais poder te entregar? Se te der uma técnica, imediatamente sua mente cria um novo problema. «por que uma técnica? Está *swabhav*, está o Tao, Deus está dentro de ti, assim por que este empenho, este esforço? A menos que se responda a isto, não há necessidade de fazer nada.»

Recorda, pode seguir em um círculo vicioso por sempre jamais. Terá que rompê-lo em alguma parte e sair dele. decidido-se, porque só com decisão nasce sua humanidade. Só com decisão te faz humano. decidido-se. Se pode te entregar, te entregue. Se não poder te entregar, então não crie problemas filosóficos; então usa alguma técnica.

De ambas as maneiras te acontecerá a entrega. Se pode te entregar agora mesmo, está bem. Se não poder te entregar, então passa pelas técnicas, é necessário esse adestramento. É necessário devido a ti, não devido a *swabhav*, não devido ao Tao. O Tao não necessita nenhum adestramento. É necessário devido a ti. E as técnicas lhe eliminarão. Morrerá por meio das técnicas, e se desenvolverá a natureza mais íntima. Você tem que ser completamente destroçado. Se pode destroçar o de um salto, te entregue. Se não poder, então faz-o pouco a pouco, trabalha com técnicas.

Mas recorda uma coisa, sua mente pode criar problemas que são truques..., truques para postergar, para postergar a decisão. Se a mente não tomou a resolução, não se sente culpado. Sente «O que posso fazer? A não ser que algo seja absoluto, claro, transparente, o que posso fazer?». Sua mente pode criar nuvens em torno de ti, e sua mente nunca te permitirá ser transparente..., a não ser que lhe ditas. Com a decisão, as nuvens desaparecem. A mente é muito diplomática, a mente é política, e segue politicando contigo. É muito trapaceira, arдилosa.

ouvi que uma vez Amacie Nasruddin foi visitar seu filho e sua cunhada. Tinha ido passar três dias, mas logo ficou uma semana. A semana passou, e ficou um mês. Então o jovem casal começou a preocupar-se: como desfazer do ancião? De maneira que se expuseram como desfazer-se dele, e deram com um plano.

O marido disse: «Esta noite prepara sopa, e eu direi que tem muita sal, que está indigesto, que é impossível comê-la. E você tem que dizer que não tem suficiente sal. Discutiremos e começaremos a brigamos, e então eu pedirei a meu pai sua opinião, a ver o que diz. Se estiver de acordo comigo, então te ponha furiosa e lhe diga que se vá. Se estiver de acordo contigo, eu me irritarei e lhe direi que se vá imediatamente.»

Preparou-lhe a sopa, e tal como tinham planejado, começaram a discutir já brigar. Então se chegou ao clímax. Estavam a ponto de pegar-se e Nasruddin estava sentado olhando em silêncio. E então o filho se voltou para ele e disse: «Papai, você o que diz? Tem muita salgo não?».

Assim Nasruddin colocou sua colher na sopa, provou-a, tomou um momento para saboreá-la, e logo disse: «Satisfaz-me plenamente.» Não tomou nenhum bando. Todo o plano resultou inútil.

Sua mente sempre funciona desta maneira.

Nunca tomará partido, porque no momento em que tomadas partido, tem que haver ação. Não tomará partido; seguirá discutindo. Nunca decidirá nada; sempre estará no

meio. Tudo o que se diga, discutirá-o, mas nunca se tomará uma decisão. E pode discutir eternamente; não tem fim. Só a decisão te dará ação, e só a ação se converterá em transformação.

Se estiver realmente interessado em uma profunda revolução dentro de ti, então te decida... e não siga postergando. Não seja muito filosófico; isso é perigoso. Para um buscador, é perigoso. Para alguém que não está procurando realmente, a não ser só passando o tempo, está bem, é um bom jogo. A filosofia é um bom jogo se lhe pode permitir isso. Mas não vejo que ninguém a possa permitir, porque é esbanjar o tempo.

Assim que se decidiu. Se pode te entregar, então te entregue. Então não há nenhum «como». Se não poder, pratica alguma técnica, porque só mediante a técnica chegará a um ponto em que acontecerá a entrega.

Segunda pergunta:

No curso natural, depois de milhões de anos e vidas, alguém se iluminará, mas pode que já tenhamos passado por milhões de anos e de vistas e ainda não estamos iluminados. por que?

Não pode perguntar por que. Só pode perguntar por que se está fazendo algo. Se a natureza está fazendo algo, não pode perguntar por que; depende da natureza. E a natureza não é responsável; não te vai responder. É completamente silenciosa. E para a natureza, milhões de vistas não são nada; para a natureza pode que sejam uns segundos. Para ti, milhões de vistas e anos é uma larga história; para a natureza não é nada. A natureza não está preocupada, e a natureza não está interessada em ti particularmente. A natureza segue trabalhando, algum dia acontecerá, mas não pode perguntar por que, porque a natureza é silenciosa.

Se está preocupado porque não aconteceu ainda, então tem que fazer algo. Se a preocupação tiver entrado em ti, então tem que fazer algo. Só sua ação te ajudará a chegar a um ponto no que possa acontecer a iluminação. Os modos da natureza são muito pacientes, lentos. Não há pressa, porque para a natureza não há limite de tempo. É eterna. Não há princípio e não há fim. Mas o homem chegou a um ponto, tornou-se consciente, começou a perguntar.

Uma árvore nunca pergunta; nem sequer a árvore *bodhi* sob o que se iluminou Buda. A árvore nunca perguntará: «por que não me iluminei? Eu também estive existindo tantos milhões de anos como você, Gautama. por que?» A árvore nunca perguntará. A árvore é absolutamente natural. Fazer perguntas faz ao homem não natural. O não natural entrou em ti, começaste a perguntar por que, por que não aconteceu ainda.

Fazer estas perguntas é bom, porque pode te levar a um momento decisivo no que possa começar a trabalhar contigo mesmo. E o homem não pode deixar-lhe à natureza, porque o homem se tornou consciente. Já não pode deixar-lhe à natureza. Por isso o homem criou as religiões. Nenhum animal tem nenhuma religião; não há necessidade, não estão perguntando, não têm pressa. Na natureza todo é pausado, movendo-se tão lentamente como se não se movesse absolutamente; repetindo continuamente a mesma pauta, repetindo imensamente o mesmo círculo.

O homem se tornou consciente. O homem se tornou consciente do tempo, e no momento em que te volta consciente do tempo, é expulso da eternidade. Então tem pressa. De modo que conforme evolui a consciencia do homem, este tem mais pressa, volta-se cada vez mais consciente do tempo. Vete a uma sociedade primitiva, não são conscientes do tempo. quanto mais civilizada é uma sociedade, mais consciente do tempo é. Uma sociedade primitiva está mas perto da natureza, sem pressa, move-se

lentamente. move-se igual ao faz a natureza. quanto mais civilizado te volta, mais consciente do tempo te volta. Em realidade, o tempo pode ser o critério, pode-se saber quão civilizada é uma sociedade pelo consciente do tempo que é. Então tem pressa, então não pode esperar, então não pode deixá-lo em mãos da natureza. Tem que te fazer carregar disso você mesmo.

E o homem pode fazer-se carregar ele mesmo, pode fazer algo e o processo pode acabar-se antes. Pode inclusive acabar-se em um só momento. O que todos esses milhões de anos não têm feito, não puderam fazer, você pode fazê-lo em um só momento. Nesse só momento, pode te voltar tão intenso que se percorram milhões de anos e milhões de vistas simultaneamente.

Isso é possível; e como é possível, está preocupado. Sua preocupação é um sintoma de que não está fazendo realidade o que é possível, essa é a preocupação, esse é o dilema humano. Pode fazê-lo e não está fazendo-o, isso cria uma preocupação, uma angústia interna. Quando não pode fazê-lo, a questão nunca surge, não há nenhuma preocupação. A preocupação demonstra que agora é possível, que pode dar o salto; pode passar de comprimento muitas vistas que são desnecessárias, e não o está fazendo.

Tornaste-te consciente, e te puseste por cima da natureza. A consciencia é um fenômeno novo. Está por cima da natureza e agora pode evoluir conscientemente. A evolução consciente é uma revolução. Pode fazer algo a respeito. Não é só uma vítima, uma marionete. Pode tomar as rédeas de seu próprio destino. Isso é possível, e como é possível e não está fazendo nada, cria-se ansiedade interna. E quanto mais consciente seja de que isto é possível, mais ansiedade sentirá.

Um buda está muito preocupado; você não está tão preocupado. Buda estava muito preocupado, profundamente angustiado, sofrendo. A não ser que o alcançasse, viveria em um inferno, porque era plenamente consciente de que algo era absolutamente possível, estava disponível, à volta da esquina; e sentia: «Ainda me estou perdendo isso. Se simplesmente alargar a mão, acontecerá..., e tenho a mão paralisada. Só um passo e sairei disso..., e não posso dar esse passo. Tenho medo de dar um salto.»

Quando está perto do objetivo, e o pode sentir e o pode ver e, entretanto, lhe segue perdendo isso então sente angústia. Quando está muito longe e não pode senti-lo, não pode vê-lo, nem sequer é consciente de que há um objetivo, é perfeitamente ignorante de qualquer destino, então não há ansiedade.

Os animais não estão angustiados. Parecem felizes, mais felizes que o homem. Qual é a razão? As árvores são inclusive mais felizes que os animais. São perfeitamente ignorantes do que pode acontecer, pelo que é possível, pelo que está disponível. São felizmente ignorantes. Não há ansiedade. Vão à deriva. O homem fica ansioso, e quanto mais desenvolvido esteja um homem, mais ansiedade terá.

Se simplesmente viver, está vivendo uma existência animal. A ansiedade religiosa surge no momento em que toma consciencia de que algo é possível. «A semente está aí e tenho que fazer algo. Tenho que fazer algo e a semente germinará.

As flores não estão muito longe, e posso as colher»; entretanto, não está acontecendo nada. Se sente um estado de muita impotência.

Esse era o estado da Buda antes de chegar a ser um buda. Estava ao bordo do suicídio. Você terá que acontecer. E não pode deixá-lo em mãos da natureza; você tem que fazer algo respeito a isso..., e pode fazê-lo. E o objetivo não está muito longe.

Assim não te deprima se sentir ansiedade. Se sentir uma profunda angústia dentro de ti, um sofrimento, agonia, não te deprima por isso, é um bom sinal. Isso demonstra que cada vez está tomando mais consciencia do que é possível, e já nunca estará a gosto a menos que se faça realidade.

O homem não pode deixá-lo em mãos da natureza, porque o homem se tornou consciente. Só uma parte muito pequena de seu ser é consciente, mas isso o troca tudo. E a não ser que seu ser total se volte consciente, não pode voltar a conhecer a felicidade singela do animal ou das árvores. Agora só há uma forma de conhecê-la, voltar-se cada vez mais alerta, mais consciente, e mais acordado. Não pode retroceder. Não há nenhum processo para dar marcha atrás; ninguém pode dar marcha atrás. Pode permanecer onde está e sofrer, ou tem que avançar e ir mais à frente do sofrimento. Não pode dar marcha atrás.

A inconsciência total é ditosa, a consciencia total é ditosa..., e você está no meio. Uma parte de ti se tornou consciente, e a maior parte de ti ainda é inconsciente. Está dividido. Tornaste-te dois, não é um. A integração se perdeu. Os animais estão integrados e, logo, os Santos estão integrados. O homem não está integrado, uma parte segue sendo animal e uma parte se tornou Santa. Há uma luta, conflito, e independentemente do que faça, nunca pode fazê-lo com um coração.

Assim há dois caminhos. A gente é te enganar a ti mesmo, isso é te voltar totalmente inconsciente de novo. Pode tomar drogas, pode beber álcool, pode tomar outros estupefacientes, recai ao mundo animal. Drogas a parte que se tornou consciente; volta-te totalmente inconsciente. Mas é um engano temporário; voltará a te elevar. O efeito da substância química se acabará e seu consciencia voltará a ser consciente. A parte que reprimiste à força com o álcool ou as drogas ou alguma outra coisa, voltará a emergir, e então sofrerá mais, porque então pode comparar. Sofrerá mais.

Pode seguir te drogando a ti mesmo. Há muitos métodos..., não só químicos. Há métodos religiosos. Pode usar um *japa*, um *mantra*: pode salmodiarlo e criar um efeito estupefaciente. Pode fazer muitas coisas que podem te voltar inconsciente de novo, mas isso será temporário, terá que sair disso; e sairá com um sofrimento mais profundo dentro de ti, porque então poderá comparar. Se isto for possível na inconsciência, o que será possível na consciencia total? Terá mais fome disso, sentirá-se mais faminto.

Recorda uma coisa: a totalidade é sorte. Se for inconsciente totalmente, isso também é sorte, mas não é consciente dela. Os animais são felizes, mas não são conscientes de sua felicidade. De modo que é fútil. É similar a que quando está dormido seja feliz, e quando está acordado seja infeliz. A totalidade é sorte.

Pode ser total também na consciencia. Então haverá sorte e será plenamente consciente dela. Isto é possível mediante *sadhana*, mediante métodos, mediante a prática de técnicas que aumentam seu consciencia. Não está iluminado porque não tem feito nada por isso, mas tomaste consciencia de que não está iluminado. Isto o tem feito a natureza; em milhões de anos, a natureza te tem feito consciente.

Pode que não seja consciente do fato de que o homem deixou que crescer no que respeita ao corpo. Temos esqueletos que têm milhões de anos, mas não há nenhuma mudança visível; são similares a nossos esqueletos. De modo que durante milhões de anos não houve nenhum desenvolvimento no corpo, permaneceu igual. Nem sequer o cérebro cresceu, permaneceu igual. No referente ao corpo, a evolução tem feito tudo o que se podia fazer. Em certo modo, agora o homem é responsável por seu próprio crescimento. E o crescimento não vai ser físico; o crescimento vai ser espiritual.

O esqueleto de um buda e seu esqueleto não são basicamente diferentes, mas você e Buda são absolutamente diferentes. A evolução está operando horizontalmente; os métodos, as técnicas, as religiões, operam verticalmente. Seu corpo se deteve, chegou a um ponto, um ponto omega. Já não há nenhum crescimento adicional para ele. Horizontalmente, a evolução se deteve; agora começa uma evolução vertical. Agora,

esteja onde esteja, tem que dar um salto verticalmente. Essa evolução vertical será da consciencia, não do corpo. E você é responsável por ela.

Não pode perguntar por que à natureza, mas a natureza sim pode te perguntar por que não está iluminado ainda, porque agora tudo está provido. Seu corpo tem tudo o que é necessário, tem o corpo de um buda; exatamente tudo o que é necessário para que te aconteça o buda o tem. Com apenas uma nova configuração, uma nova síntese de todos os elementos jogo de dados, o buda te acontecerá. A natureza pode te perguntar por que não está iluminado ainda, porque a natureza te há provido contudo.

E que a natureza te pergunte não será irrelevante, mas que você lhe pergunte à natureza é absurdo. Não te pode permitir perguntar. Agora é consciente e pode fazer algo. Todos os elementos lhe foram jogo de dados. Há hidrogênio, há oxigênio, há eletricidade; só tem que fazer certos esforços e experimentos, e a água acontecerá.

Tudo o que se requer para que te ilumine, tem-no, mas está disperso. Tem que combinado, sintetizá-lo, tem que harmonizá-lo, e de repente surgirá a chama que se volta a iluminação. Todas estas técnicas são para isso. Tem-no tudo; só é necessária alguma perícia, saber o que fazer, para que a iluminação te aconteça.

Terceira pergunta:

Diz que milhões de vistas e milhões de anos de evolução natural se podem evitar alcançando a consciencia total e a liberdade total. Não poderia argumentar-se que não se deveria interferir com esse carma, com suas forças naturais de causa e efeito, mediante atalhos? Ou é também o caminho da divindade pôr semelhante possibilidade ao alcance do mundo que evolui, da alma que evolui?

Tudo pode argumentar-se, mas os argumentos não conduzem a nenhuma parte. Pode argumentar, mas como vai ajudar te esse argumento? Pode argumentar que não se deveria interferir com o processo natural do *carma*; não interfira, então. Mas então se feliz em sua desdita; e não o é. Quer interferir. Se pode confiar no processo natural, isso é estupendo; mas então não te queixe. Não pergunte: «por que é isto assim?». É assim devido ao processo natural do *carma*. Está sofrendo? Está sofrendo devido ao processo natural do *carma*; se não, não é possível. Não interfira.

Esta é a doutrina do destino, do *kismet*, a doutrina de acreditar no destino. Então não está fazendo nada, tudo o que está acontecendo está acontecendo, e tem que aceitá-lo. Também então se volta uma entrega, e não precisa fazer nada. Mas é necessária a capacidade de aceitar totalmente. Em realidade, não há necessidade de interferir, mas pode estar em um estado no que não interfira? Está constantemente interferindo contudo. Não pode deixá-lo em mãos da natureza. Se pode deixá-lo, então não é necessário nada mais, e todo te acontecerá. Mas se não poder deixá-lo, então interfere. E pode interferir, mas terá que compreender o processo.

Em realidade, meditar não é interferir no processo do *carma*; mas bem é sair dele de um salto. Não é exatamente interferir; é sair de um salto da roda viciosa, do círculo vicioso. O círculo continuará, e o processo chegará a seu fim por si mesmo. Você não pode levá-lo a seu fim, mas pode estar fora dele, e uma vez que está fora dele, volta-se ilusório.

Por exemplo, Ramana Maharshi morreu de câncer. Seus discípulos tentaram lhe persuadir para que recebesse algum tratamento. O disse: «Muito bem. Se quiserem, e se lhes faz felizes, então me tratem. Mas pelo que a mim respeita, está bem». Os médicos estavam assombrados, porque seu corpo estava sofrendo, tinha muita dor, mas em seus

olhos não havia nenhuma dor. Seu corpo estava sofrendo muitíssimo, mas ele não estava sofrendo.

O corpo forma parte do *carma*, forma parte do círculo mecânico da causa e o efeito, mas a consciencia pode ir além dele, pode transcenderlo. Ele era tão somente uma testemunha. Estava vendo que o corpo estava sofrendo, que o corpo ia morrer, mas ele era uma testemunha. Ele não estava interferindo com isso, não estava interferindo absolutamente. Tão somente estava observando o que estava acontecendo, mas não estava no círculo vicioso, não estava identificado, não estava dentro desse círculo.

A meditação não é uma interferência. Em realidade, sem meditação está interferindo a cada momento. Com a meditação, vai mais à frente; volta-te um observador sobre uma colina. Abaixo, no vale, as coisas seguem, continuam, mas não lhe pertencem. É só um espectador. É como se lhe estivessem acontecendo a outro, ou como se estivessem acontecendo em um sonho, ou em um filme na tela. Não está interferindo. Não está dentro do drama mesmo; saíste. Já não é um ator; tornaste-te um espectador. Este é a única mudança.

E quando for só uma testemunha, o corpo completará imediatamente o que tenha que ser completado. Se tiver muitos *carmas* de sofrimento, e agora que te tornaste uma testemunha não vais voltar a nascer, o corpo terá que sofrer nesta vida todo o sofrimento que tivesse tido em muitas vidas. De modo que acontece muitas vezes que um homem iluminado tem que sofrer muitos padecimentos corporais, porque já não há nenhum nascimento futuro, nenhuma vida futura. Este vai ser o último corpo, de maneira que todos os *carmas* e todo o processo têm que ser completamente acabamentos.

De modo que ocorre que se miras a vida do Jesus com olhos orientais, então a crucificação é um fenômeno diferente. Para a mente ocidental não há uma sucessão de vidas, nenhum renascimento, nenhuma reencarnação, assim não têm realmente uma análise muito profunda da crucificação. Têm um mito de que Jesus sofreu por nós, de que seu sofrimento foi para nossa salvação. Mas isto é absurdo; e, além disso, não se ajusta aos fatos, porque se o sofrimento do Jesus foi por sua salvação, então, por que a humanidade está ainda sofrendo? Está sofrendo mais que nunca.

depois da crucificação do Jesus, a humanidade não entrou no reino de Deus. Se ele sofreu por nós, se sua crucificação foi uma penitência por nossa culpa e pego, então fracassou, porque a culpa continua, o pecado continua, o sofrimento continua. Então seu sofrimento foi em vão, então a crucificação não teve êxito.

O cristianismo tem simplesmente um mito. Mas a análise oriental da vida humana tem uma atitude diferente. A crucificação do Jesus foi todo seu sofrimento acumulado através de seus próprios *carmas*. E esta era sua última vida; não voltaria a entrar em corpo, de modo que todo o sofrimento tinha que ser cristalizado, concentrado em um só ponto. Esse único ponto se converteu na crucificação.

Não sofreu por ninguém mais; ninguém pode sofrer por ninguém mais. Sofreu por si mesmo, por seus *carmas* passados. Ninguém pode te liberar, porque está em cativeiro devido a seus *carmas*; assim que como vai poder te liberar Jesus? Ele pode fazer um escravo, pode fazer um homem livre, pode liberar-se. Mediante a crucificação, fechou-se a conta de seus próprios *carmas*. acabou-se, a cadeia tinha chegado a seu fim. A causa e o efeito tinham chegado a seu fim. Este corpo não voltaria a nascer; ele não voltaria a entrar em outro útero. Se não tivesse sido uma pessoa iluminada, teria que ter sofrido tudo isto em muitas vidas. concentrou-se em um ponto, em uma vida.

Não pode interferir, e se interfere criará mais desdita para ti. Não interfira com os *carmas*, vete além deles, se uma testemunha deles. Considera-os um sonho, não reais; observa-os e se indiferente. Não te envolva. Seu corpo sofre, observa o sofrimento. Seu corpo é feliz, observa a felicidade. Não te identifique, isso é o que significa a meditação.

E não encontre limitadas, não encontre desculpas. Não diga que isto pode argumentar-se. Pode argumentar algo, é livre de fazê-lo, mas recorda que pode que seu argumento seja suicida. Pode argumentar contra ti mesmo, e pode criar um argumento que não te ajude, que não te transforme; mas bem, que se converta em um obstáculo. Seguimos argumentando...

Justo hoje veio para ver-me uma garota. Perguntou-me: «me diga, existe realmente um Deus?». Estava lista para argumentar que não há Deus. Olhei-a à cara, aos olhos. Estava tensa, cheia de argumentos; queria lutar por essa idéia. Em realidade, no fundo queria que não houvesse Deus, porque se Deus existe, tem problemas. Se Deus existir, então não pode seguir sendo o que é; então há um desafio. Deus é um desafio. Significa que não pode estar satisfeito de ti mesmo; é possível algo mais elevado. É possível um estado mais elevado, um estado absoluto de consciencia. Isso é o que significa Deus.

De modo que estava lista para argumentar, e disse: «Sou atéia e não acredito em Deus.»

Eu lhe disse: «Se não haver Deus, como pode não acreditar nele? E Deus é irrelevante. Sua crença e seu descreencia, seus argumentos a favor e seus argumentos em contra têm que ver contigo, não com Deus. por que se preocupa? Se não haver Deus, por que viajaste tanto e por que vieste a mim a discutir sobre algo que não existe? te esqueça dele e lhe perdoe. Vete a sua casa, não perca o tempo. Se não existir, por que está tão preocupada? por que este esforço para provar que não existe? Este esforço mostra algo a respeito de ti. Tem medo. Se Deus existir, então é um desafio. Se Deus não existir, então pode seguir sendo o que é; não há desafio a sua vida.»

Uma pessoa que tem medo aos desafios, os riscos, os perigos de trocar-se a si mesmo, da mutação, sempre negará que Deus existe. A negação é sua mente; a negação põe de manifesto algo a respeito dele, não a respeito de Deus.

Disse-lhe que Deus não é algo que possa ser demonstrado ou refutado. Deus não é um objeto sobre o que podemos adotar alguma opinião a favor ou em contra. Deus é uma possibilidade dentro de ti. Não é algo que esteja fora; é uma possibilidade dentro de ti.

Se for até essa possibilidade, volta-se real. Se não ir até esse ponto, então é irreal. E se argumentas contra ele, então não tem sentido ir a nenhum sítio; segue sendo o mesmo. E isto se volta um círculo vicioso.

Argumentas que Deus não existe, e devido a isso, nunca vai para ele..., porque é uma viagem interna, um percurso interno. Alguma vez te move, porque como vai para um ponto que não existe? De modo que segue sendo o mesmo, nunca encontra a Deus.

Nunca chega a nenhuma sensação, a nenhuma vibração dele. Então fica ainda mais demonstrado que não existe. E quanto mais se demonstra, mais longe está, mais está caindo, mais cresce a distância.

De modo que não é questão de se Deus existir ou não, disse-lhe. É questão de se quer te desenvolver ou não. Se te desenvolver, seu desenvolvimento total será o encontro, seu desenvolvimento total será a comunhão, seu desenvolvimento total será o achado. Conte-lhe uma anedota.

Uma manhã de muito vento, quando acabava a primavera, um caracol começou a subir por uma cerejeira. Alguns pardais que estavam em um carvalho próximo começaram a rir, porque não era a estação e não havia cerejas na árvore, e este pobre caracol estava esforçando-se tanto por chegar à parte superior. riram a costa dele.

Então um pardal baixou voando, aproximou-se do caracol e disse: «Onde vai, querido? Ainda não há cerejas na árvore.»

Mas o caracol nem sequer fez uma pausa; continuou sua viagem para cima. Sem deter-se, o caracol disse: «Mas as haverá quando chegar. Haverá-as quando chegar

acima. Demorarei muito em chegar até acima, e para então haverá cerejas.» Não há Deus, mas o haverá quando chegar. Não é algo que já está aí; nunca o está. É um desenvolvimento. É seu próprio desenvolvimento. Quando chega a um ponto em que é totalmente consciente, Deus existe. Mas não argumente. Melhor que esbanjar sua energia argumentando, usa sua energia te transformando a ti mesmo.

E a energia não é tanta. Se puser sua energia em argumentar, pode te voltar um gênio da argumentação; mas então a está esbanjando; é a um preço muito alto, porque a mesma energia pode voltar-se meditativa. Pode te voltar um lógico, pode formular argumentos muito lógicos, pode encontrar provas ou refutações muito convincentes, mas seguirá sendo o mesmo. Seus argumentos não vão trocar te.

Recorda uma coisa, tudo o que te troque é bom. O que te proporcione desenvolvimento, expansão, aumento de consciencia, é bom. Tudo o que te faça estático e tudo o que proteja seu statu que não é bom; é letal, suicida.

Última pergunta:

Às vezes me sinto em um estado de não-fazer, muito passivo, mas meu consciencia do que está acontecendo a meu redor parece menos. De fato, sinto-me desligado das coisas que me rodeiam. De alguma forma, isto denota uma passividade falsa, já que imagino que não-fazer deveria ser sinônimo de maior consciencia. Poderia definir este estado, por favor?

Normalmente estamos em um estado febril, ativos, mas febrilmente. Se te voltar passivo, a febre se perderá. Se te voltar passivo, se te relaxar dentro de ti, a atividade se perderá, a febre se perderá, e não haverá a intensidade que vem com a febre. Sentirá-se um pouco embotado, parecerá-te que seu consciencia está diminuindo. Não está diminuindo; só está diminuindo o fulgor febril.

E isto é bom, assim não te assuste disso, e não pense que esta passividade não é real. Isso o diz sua mente, que necessita e quer a atividade febril e o fulgor que vem com a febre. A febre não é consciencia, mas com a febre pode ter uma consciencia, uma alerta, muito insalubre. É mórbida; não a deseje. Deixa que se vá; cai na passividade.

Ao princípio parecerá que seu consciencia está diminuindo em vez de aumentando. Deixa que diminua, porque tudo o que diminui com a passividade era febril; por isso diminui. Deixa que diminua. Chegará um momento em que obterá um equilíbrio. Nesse ponto de equilíbrio não haverá nem aumento nem diminuição. Esse é um ponto são; a febre já se foi.

Nesse ponto de equilíbrio, a consciencia que tenha será real, não será febril. E se pode esperar a que chegue esse momento... É difícil, porque ao princípio sente que está perdendo o controle, que te está ficando realmente adormecido; sua atividade, seu alerta, tudo se foi, está te relaxando à morte. Parece que é assim porque tudo o que conhece da vida é febril. Não é realmente a vida, a não ser só uma febre; só um estado de tensão, só um estado de hiperactividad. De modo que ao princípio... E só conhece um estado, este estado de febre. Não conhece nada mais, assim que como vais comparar?

Quando te voltar passivo, depravado, sentirá que algo se perdeu. Deixa que se perca. Permanece com a passividade. Logo chegará um ponto de equilíbrio no que estará justo no ponto em que não há febre. Simplesmente será seu próprio ser, não empurrado à atividade por outra pessoa, não miserável à atividade por outra pessoa. Agora a atividade começará a te acontecer, mas será espontânea, será natural. Fará algo, mas não será empurrado nem miserável.

E qual é o critério pelo que saber se esta atividade não te está sendo forçada, não é febril? Isto é o que conta, se a atividade for espontânea, não sentirá nenhuma tensão com ela, não sentirá nenhuma carga. Desfrutará-a. E a atividade se voltará um fim em si mesmo; não haverá outro fim. Não será um fato para alcançar outra coisa; será um transbordamento de sua própria energia. E este transbordamento acontecerá aqui e agora; não será para algo no futuro. Desfrutará-o.

Seja o que seja que esteja fazendo -cavando um fossa no jardim, ou podando as árvores, ou simplesmente estando sentado, ou andando, ou comendo-, voltará-se absoluto em si mesmo, uma ação total. E depois não estará cansado; mas bem se sentirá renovado. Uma atividade febril te cansa; é mórbida. Uma atividade natural te nutre; sente-se com mais energia, com mais vitalidade depois dela. Sente-se mais vivo depois dela. Dá-te mais vida.

Mas ao princípio, quando começa a te voltar passivo e entra no não-fazer, terá que parecer que está perdendo consciencia. Não, não está perdendo consciencia. Simplesmente está perdendo um tipo febril de atividade mental, um tipo febril de alerta. Assentará-te na passividade e acontecerá uma consciencia natural.

Esta é a diferença entre uma alerta febril e a consciencia natural. Esta é a diferença, na alerta febril há concentração; exclui-o tudo. Pode-te concentrar em uma coisa. Está-me escutando. Se for uma alerta febril, então me escuta e é totalmente inconsciente de todo o resto. Mas se for uma consciencia passiva, não febril, a não ser equilibrada, natural, então, se passar um carro, também ouve o carro. Simplesmente está consciente. Está consciente de tudo, de tudo o que está acontecendo a seu redor. E esta é sua beleza, que passa o carro e ouve o ruído, mas não é uma perturbação.

Se estiver atento febrilmente e ouve o carro, deixará de me escutar; será uma perturbação, porque não sabe estar totalmente, simplesmente consciente de tudo o que está acontecendo. Só conhece uma maneira, como estar alerta de uma coisa a costa de todo o resto. Se passas a outra coisa, então perde o contato com a primeira. Se está me escutando com uma mente febril, então algo pode te incomodar. Como seu alerta se vai ali, desconecta-te de mim. Só tem um foco; não é total.

Uma consciencia natural, passiva, é total; nada a perturba. Não é concentração, a não ser meditação.

A concentração sempre é febril, porque está forçando sua energia a ir a um ponto. A energia por si mesmo flui em todas direções. Não tem nenhuma direção em que mover-se; simplesmente desfruta fluindo por toda parte. Criamos conflito porque dizemos: «É bom escutar isto; escutar isso é mau.» Se está rezando e um menino começa rir, é uma perturbação..., porque não pode conceber uma simples consciencia em que a oração continua e o menino segue renda-se e não há nenhum conflito entre as duas coisas; ambas formam parte de um todo maior.

isto prova: permanece totalmente alerta, totalmente consciente. Não te concentre. Toda concentração cansa, sente-se cansado porque está forçando sua energia de uma maneira não natural. A simples consciencia o abrange tudo. Quando está passivo e em um estado de não-fazer, tudo acontece a seu redor. Nada te perturba e nada te passa desapercibido. Tudo acontece e sabe; é testemunha disso.

Há um ruído, acontece-te, entra em ti, logo passa, e você permanece tal como estava. Igual a em uma habitação vazia, se não houvesse ninguém aqui, o tráfico seguiria passando, o ruído seguiria entrando nesta habitação, logo passaria..., e a habitação permaneceria sem afetar, como se não tivesse acontecido nada. Na consciencia passiva permanece sem afetar. Tudo segue acontecendo, simplesmente passa por ti, mas nunca te toca. Permanece ileso. Na concentração febril, tudo te toca, você afeta.

Uma coisa mais com respeito a isto. Na psicologia oriental temos uma palavra, *sanskar*: condicionamento. Se te está concentrando em algo, será condicionado, terá um *sanskar*, ficará afetado por algo. Se simplesmente for consciente –passivamente consciente, sem te concentrar, sem te focar, simplesmente estando aí-, nada te condiciona. Então não acumula nenhum *sanskar*, não acumula nenhuma impressão. Segue permanecendo virgem, puro, ileso; nada te toca. Se a gente pode ser passivamente consciente, passa pelo mundo, mas o mundo nunca passa por ele.

Um monge Zen, Bokuju, estava acostumado a dizer: «Vê e cruzamento o arroio, mas não deixe que a água te toque.» E não havia nenhuma ponte sobre o arroio perto de seu monastério.

Muitos o tentavam, mas quando cruzavam, é obvio, a água lhes tocava. De modo que um dia um monge foi e disse: «Dá-nos adivinhações. Tentamos cruzar esse arroio; não há ponte. Se houvesse uma ponte, é obvio que poderíamos ter cruzado o arroio e a água não nos haveria meio doido. Mas temos que acontecer o arroio, a água nos toca.»

Assim Bokuju disse: «Irei e cruzarei, e você observa.» E Bokuju cruzou. É obvio, a água lhe tocou os pés, e disseram: «Olhe, a água te há meio doido!».

Bokuju disse: «A meu entender, não me há meio doido. Só fui uma testemunha. A água tocava meus pés, mas não a mim. Eu estava simplesmente sendo uma testemunha.»

Com a alerta passiva, sendo uma testemunha, passa pelo mundo. Está no mundo, mas o mundo não esta em ti.

Capítulo 59

Observa Da Colina

Os Sutras

86 Supón que contempla algo além da percepção além da compreensão, além de não ser você.

87 Estou existindo. Isto é meu. Isto é isto. OH, amada, inclusive nisto, conhece ilimitavelmente.

O homem tem duas caras: é animal e divino. O animal pertence a seu passado, o divino pertence ao seu futuro; e isto cria a dificuldade. O passado passou, já não existe; só permanece uma sombra dele. E o futuro ainda é o futuro, ainda não chegou; é só um sonho, só uma possibilidade. E entre estes dois existe o homem, entre a sombra do passado e o sonho do futuro. Não é nenhuma das duas coisas e é ambas.

É ambas porque o passado é dele, foi um animal. É ambas porque o futuro é dele, pode ser divino. E não é nenhuma das duas coisas, porque o passado já não existe e o futuro está ainda por vir.

O homem existe como uma tensão entre estas duas coisas, o que foi e o que pode ser. Isto cria um conflito, uma luta constante por realizar-se, por ser algo. Em certo sentido, o homem não existe. O homem é só um passo do animal ao divino..., e um passo não está em nenhuma parte. Esteve em alguma parte e estará em alguma parte, mas agora mesmo não está em nenhuma parte, só pendurando no ar.

De modo que, faça o que faça, o homem -faça o que faça, digo- nunca está satisfeito, nunca está contente, porque dois estoque diametralmente opostas se encontram nele. Se

o animal estiver satisfeito, então o divino está descontente. Se o divino estiver satisfeito, então o animal está descontente. Uma parte sempre está descontente.

Se for ao animal, em certo modo satisfaz parte de seu ser, mas nessa satisfação surge imediatamente a insatisfação, porque a parte oposta, seu futuro, é contrária a isso. A satisfação do animal é a insatisfação da possibilidade de seu futuro. Se satisfizer sua possibilidade divina, o animal se rebela; sente-se ferido. Surge em ti um claro descontente. Não pode satisfazer aos dois, e ao satisfazer a um, o outro está insatisfeito.

Lembrança uma anedota. Um entusiasta dos carros esportivos chegou às portas do céu, e São Pedro lhe deu a bem-vinda. Tinha vindo com seu Jaguar, e o primeiro que perguntou a São Pedro foi isto: «Há belas auto-estradas no céu?».

São Pedro disse: «Sim, há as mais belas auto-estradas, mas há uma dificuldade, no céu não se permitem os automóveis.»

O fanático da velocidade disse: «Então isto não é para mim. Então, por favor, faz que me enviem ao outro sítio. Eu gostaria de ir ao inferno. Não posso deixar meu Jaguar.»

E assim se fez. Chegou ao inferno, foi às portas, e Satanás lhe deu a bem-vinda e lhe disse que se sentia muito feliz de lhe ver. Disse-lhe: «Você é como eu; também eu adoro os Jaguar.»

O fanático da velocidade disse: «Estupendo, me dê o mapa de suas auto-estradas.»

Satanás ficou triste. Disse: «Senhor, não temos nenhuma auto-estrada aqui embaixo, por isso é o inferno!».

Esta é a situação do homem. O homem é um ser de duas caras, é um ser dobro, dividido em dois. Se satisfizer uma coisa, então algo se volta lhe frustrar para sua outra parte. Se fizer o contrário; então a outra parte está insatisfeita. Sempre falta algo. E não pode satisfazer a ambas, porque são diametralmente opostas.

E todo mundo está tentando este impossível, tratando de fazer isto, chegar a um acerto em alguma parte para que o céu e o inferno se possam juntar; para que o corpo e a alma, o baixo e o alto, o passado e o futuro, possam-se juntar em alguma parte e cheguem a um acerto. estivemos fazendo isto durante muitas vidas. Não aconteceu, e não vai acontecer. Todo o empenho é absurdo, impossível.

Estas técnicas não tratam de criar um acerto dentro de ti. Estas técnicas são para te dar uma transcendência. Estas técnicas não são para satisfazer o divino contra o animal. Isso é impossível. Isso criará mais agitação dentro de ti, mais violência, mais luta. Estas técnicas não são para satisfazer a seu animal contra o divino. Estas técnicas são para transcender a dualidade. Não estão nem a favor do animal nem a favor do divino.

Recorda, essa é a diferença básica entre as demais religiões e o tantra. O tantra não é uma religião, porque religião significa basicamente estar *a favor* do divino *contra* o animal, de modo que toda religião forma parte do conflito. O tantra não é uma técnica de luta, a não ser uma técnica de transcendência. Não é para lutar com o animal, não está a favor do divino. Está contra toda dualidade. Em realidade não está nem a favor nem em contra, simplesmente está criando uma terceira força dentro de ti, um terceiro centro de existência no que não é nem animal nem divino. Para o tantra esse terceiro ponto é *advaita*, esse terceiro ponto é não-dualidade.

O tantra diz que não pode alcançar o um lutando por meio da dualidade. Não pode chegar a um ponto não dual escolhendo uma coisa. Escolher não conduzirá ao um; só ser uma testemunha que não escolhe.

Isto é muito fundamental para o tantra, e devido a isto o tantra nunca foi bem compreendido realmente. Padeceu uma incompreensão prolongada, de séculos, porque no momento em que o tantra diz que não está contra o animal, começa-te a parecer que

o tantra está a favor do animal. E no momento em que o tantra diz que não está a favor do divino, começa a pensar que o tantra está contra o divino.

Em realidade, o tantra é uma observação sem eleição. Não esteja de parte do animal, não esteja de parte do divino, e não crie um conflito.

Simplesmente dá um passo atrás, te afaste, cria um espaço entre você e esta dualidade, e te volte uma terceira força, uma observação, da que pode ver tanto o animal como o divino.

Pinjente que o animal é o passado e o divino é o futuro, e o passado e o futuro são opostos. O tantra está no presente. Não é nem passado nem futuro. Neste mesmo momento, não pertença ao passado e não deseje o futuro. Não anseie o futuro e não esteja condicionado pelo passado. Não deixe que o passado se volte uma ressaca e não crie projeções ao futuro. Permanece fiel a este mesmo momento, aqui e agora..., e transcendes. Então não é nem animal nem divino.

Para o tantra, ser assim é ser Deus. Sendo assim, nesta presença do momento, em que o passado está desligado e o futuro não está criado, é livre, é liberdade.

Estas técnicas, não são religiosas neste sentido, porque a religião sempre se opõe ao animal. A religião cria um conflito. De modo que se for realmente religioso, voltará-te esquizofrênico, estará dividido. Todas as civilizações religiosas são civilizações divididas. Criam neurose, porque criam um conflito interno. Dividem-lhe em dois, e uma parte de seu ser se volta o inimigo. Então toda sua energia se dissipa lutando contigo mesmo.

O tantra não é religioso nesse sentido, porque o tantra não acredita em nenhum conflito, em nenhuma violência. E o tantra diz que não lute contigo mesmo. Simplesmente se consciente. Não seja agressivo e violento contigo mesmo. Simplesmente se uma testemunha, um observador. Quando está sendo uma testemunha, não é nenhuma das duas; ambas as caras desaparecem. Quando está sendo uma testemunha, não és humano. Simplesmente é. Existe sem nenhuma etiqueta, existe sem nenhum nome. Existe sem nenhuma categoria. É, sem ser ninguém em particular, um ser; um puro ser. Estas técnicas são para esse puro ser.

Agora me ocuparei das técnicas.

86 Imagina o inimaginável.

Primeira técnica: *Supón que contempla algo além da percepção; além da compreensão, além de não ser: você.*

Supón que contempla algo além da percepção..., o que não se pode ver, o que não se pode perceber. Mas pode imaginar algo que não se pode ver? A imaginação é sempre do que se pode ver. Como vais imaginar algo, como vais supor algo que não se pode perceber?

O que pode perceber o pode imaginar. Nem sequer pode sonhar algo que não pode ser visto e percebido. Por isso, inclusive seus sonhos são sombras da realidade. Nem sequer sua imaginação é pura imaginação, porque tudo o que pode imaginar conhecestes que alguma forma. Pode criar novas combinações, mas todos os elementos da combinação são conhecidos e percebidos.

Pode imaginar uma montanha de ouro voando pelo céu como uma nuvem. Nunca percebeste uma coisa semelhante, mas percebeste uma nuvem, percebeste uma montanha, percebeste ouro. Estes três elementos podem ser combinados. A imaginação não é original; é sempre uma combinação de algo que percebeste.

Esta técnica diz: *Supón que contempla algo além da percepção...*

É impossível, mas é por isso pelo que merece a pena fazer-se, porque no esforço mesmo te acontecerá algo. Não é que te vás voltar capaz de perceber, se tenta perceber algo que não pode ser percebido, toda a percepção se perderá. No esforço mesmo, se tenta ver algo que nunca viu, tudo o que viu desaparecerá.

Se perseverar no esforço, chegarão-lhe muitas imagens, terá que as descartar, porque sabe que isso o viu; isso pode ser percebido. Pode que não o tenha visto realmente tal como é, mas inclusive se pode imaginá-lo, pode ser percebido. Descarta-o. Segue descartando. Esta técnica diz que persevere pelo que não pode ser percebido.

O que acontecerá? Se segue descartando, vai ser um esforço árduo, porque aflorarão muitas imagens. Sua mente subministrará muitas imagens, muitos sonhos; virão muitas concepções, muitos símbolos. Sua mente criará novas combinações, mas você segue descartando a menos que aconteça algo que não pode ser percebido. O que é isso?

Se segue descartando, não te acontecerá nada como objeto; só haverá a tela da mente sem nenhuma imagem, sem nenhum *símbolo!* sem nenhum sonho nela, nenhum filme nela. Nesse momento, acontece uma metamorfose. Quando a tela está simplesmente aí, sem nenhuma imagem, toma consciencia de ti mesmo. Toma consciencia de que percebe. Quando não há nada que perceber, toda a atenção troca. Toda a consciencia se reflete. Quando não tem nada que ver, por primeira vez tomadas consciencia de seu próprio ser. Começa a verte a ti mesmo.

Este sutra diz: *Supón que contempla algo além da percepção, além da compreensão, além de não ser: você.*

Então acontece a ti mesmo. Pela primeira vez toma consciencia de que esteve percebendo, que esteve compreendendo, que esteve sabendo. Mas este sujeito sempre está oculto nos objetos. Conhece certas coisas, mas nunca conhece que conhece. que conhece se perde no conhecimento.

Vejo-te, logo vejo outra pessoa, e esta procissão continua. Do nascimento à morte, verei isto e isso e aquilo, e seguirei vendo e vendo. E o que vê, que esteve vendo esta procissão, é esquecido; perde-se na multidão. A multidão é de objetos, e o sujeito se perde.

Este sutra diz que se tenta *contemplar algo além da percepção, além da compreensão* -que não pode compreender com a mente-, *além de não ser...*, imediatamente a mente dirá que se houver algo que não se pode ver e que não se pode compreender, não existe. Lamente reagirá imediatamente dizendo que se algo não for visível, percibible, compreensível, então não existe. A mente dirá que não existe. Não seja vítima da mente.

Este sutra diz: *...além da percepção, além da compreensão, além de não ser.* A mente dirá que isso não é nada, que isso não pode existir, que isso é um não-ser. O sutra diz: não o cria. Há algo que é ser além de não-ser, que existe e que não pode ser percebido, que não é compreensível: você.

Não pode te perceber a ti mesmo. *Ou sim?* É capaz de imaginar alguma situação em que possa te encontrar contigo mesmo, em que possa te conhecer ti mesmo? Pode seguir usando a palavra «autoconocimiento», que é absolutamente absurda, porque não pode conhecer ser. O ser sempre é o que conhece. Não pode ser reduzido ao conhecido, não pode ser reduzido a um objeto.

Por exemplo, se pensar que pode conhecer ser, então o ser que conheça não será seu ser, mas sim o que esteja conhecendo ser será o ser. Sempre seguirá sendo o que conhece; não pode te voltar o que é conhecido. Não pode te pôr em frente de ti mesmo; sempre te retraindo.

Algo que conheça não pode ser você mesmo; isto significa que não pode conhecê-lo. Não pode conhecer o da forma em que conhece outras coisas.

Não posso lombriga a mim mesmo da forma em que te vejo ti. Quem verá? Porque toda relação de conhecimento, de ver, de percepção, significa que há ao menos duas coisas: conhecida-a e a que conhece. O autoconhecimento não é possível neste sentido, porque só há uma. Aí a conhecida e a que conhece são uma só coisa. Não pode te converter a ti mesmo em um objeto.

De modo que a palavra «autoconhecimento» é errônea, mas denota algo, diz algo que é verdade. Pode te conhecer ti mesmo em um sentido muito diferente, em um sentido inteiramente diferente de como conhece outras coisas. Quando não há nada que conhecer, quando todos os objetos desapareceram, quando tudo o que pode ser percebido e compreendido já não está, quando o descartaste tudo, de repente toma consciencia de ti mesmo. E esta consciencia não é dual, não há objeto e não há sujeito. Há simplesmente subjetividade.

Esta consciencia é um tipo diferente de saber. Esta consciencia te dá uma nova dimensão de existência. Não está dividido em dois. É consciente de ti mesmo. Não está percebendo, não pode compreendê-lo, e, entretanto, é existencial..., o mais existencial.

Tenta pensar desta forma. Temos energia; essa energia segue indo-se aos objetos. A energia não pode ser estática. Recorda-o como uma das leis supremas: a energia não pode ser estática, a não ser dinâmica. Não pode ser de outra forma. O dinamismo é sua natureza mesma, a energia se move. Quando te vejo, minha energia vai para ti.

Quando te percebo, cria-se um círculo. Minha energia vai para ti; logo volta para mim, cria-se um círculo.

Se minha energia for para ti e não volta, não te conhecerei. É necessário um círculo, a energia deve ir e logo voltar para mim. Ao voltar, traz-te para mim. Conheço-te. Conhecimento significa que a energia tem feito um círculo. foi que sujeito ao objeto, e logo tornou a mover-se e retornou à fonte original. Se sigo vivendo desta maneira - fazendo círculos com outros-, nunca me conhecerei mesmo, porque minha energia está cheia de energias de outros. Traz-me essas imagens, subministra-me essas imagens. Assim é como acumula conhecimentos.

Esta técnica diz que deixe que o objeto desapareça. Deixa que sua energia entre em um espaço vazio, no vazio. Sai de ti, mas não tem nenhum objeto que agarrar, nenhum objeto que perceber. move-se e volta para ti através do vazio; não há nenhum objeto. Não te traz nenhum conhecimento. Volta vacante, vazia, pura. Não traz nada. Só se traz para si mesmo. Vem virgem, não entrou nada nela, permanece pura.

Este é todo o processo da meditação. Está sentado em silêncio, sua energia está movendo-se. Não há nenhum objeto com o que possa ser poluída, com o que se possa enredar, com o que se possa impressionar, com o que se possa fundir.

Então a traz de volta a ti mesmo. Não há nenhum objeto, nenhum pensamento, nenhuma imagem. A energia se move, o movimento é puro, então volta para ti..., virgem. Volta como se foi; não traz nada. Um veículo vazio volta para ti, impacta-te. Não traz nenhum conhecimento; volta simplesmente sozinha. Nessa penetração de energia pura toma consciencia de ti mesmo.

Se sua energia está trazendo alguma outra coisa, então tomará consciencia dessa coisa. Miras uma flor. A energia te está trazendo a flor, a imagem da flor, o aroma da flor, a cor da flor. A energia te está trazendo a flor. Está-te apresentando à flor. Então te relaciona com a flor. A energia está coberta pela flor. Nunca te relaciona com a energia; a energia pura que é você. Vai ao outro e volta para a fonte.

Se não haver nada que a afete, se vier sem condicionar, se vier tal como se foi, se se trouxe para si mesmo e nada mais, toma consciencia de ti mesmo. Este é um círculo

puro de energia, energia que não se move a outra coisa, a não ser dentro de ti, criando um círculo dentro de ti. Então não há ninguém mais; só você te movendo dentro de ti mesmo. Este movimento se volta autoconhecimento, autoiluminación. Basicamente, todas as técnicas de meditação, todas elas, são variações diferentes desta.

Supón que contempla algo além da percepção, além da compreensão, além de não ser: você..

Se pode acontecer isto, então por *primeira vez* tomadas consciencia de ti mesmo, de seu ser, de sua existência, a subjetividade.

O conhecimento é de dois tipos, conhecimento de objetos e conhecimento da subjetividade. Conhecimento do conhecido, do conhecível, e conhecimento de que conhece. E um homem pode conhecer milhões e milhões de coisas, pode chegar a conhecer o mundo inteiro, mas se não ser consciente de que conhece, é ignorante. Pode que seja erudito, mas não é sábio. Pode que tenha acumulado muita informação, muitos conhecimentos, mas lhe falta quão básico faz que alguém saiba, não tem consciencia de si mesmo.

Nos Upanishads há uma história. Svetketu, um moço, voltou para casa detrás estar com seu professor. Tinha passado todos os exames, e os tinha passado com boas qualificações. Tinha provisionado tudo o que o professor podia lhe dar. E havia se tornado muito egotista.

Quando chegou a casa de seu pai, o primeiro que o pai perguntou ao Svetketu foi isto: «Parece estar muito cheio de conhecimentos, e seus conhecimentos lhe estão voltando muito egotista, sua maneira de andar, a forma em que entraste em casa... Só tenho uma pergunta que te fazer: conheceste o que o conhece tudo, conheceste o que conhecendo conhece tudo, conheceste a ti mesmo?».

Svetketu disse: «Mas não havia nenhum curso para isso na escola, e o professor nunca falou disso. aprendi tudo o que se pode saber. me pergunte algo, responderei-te. Mas que tipo de pergunta está expondo? Nunca se falou que isso.»

O pai disse: «Então retorna, e a menos que conheça o que conhecendo conhece tudo, e sem conhecer-se não se conhece nada, não volte aqui. Primeiro te conheça ti mesmo.»

Svetketu retornou. Perguntou-lhe ao professor: «Meu pai diz que não me pode deixar voltar para casa, não posso ser bem-vindo ali, porque diz que em nossa família fomos *brahmines* não só de nascimento. conhecemos, conhecemos a Brahma, somos *brahmines*; não só de nascimento, mas também por autêntico conhecimento real. De modo que há dito: "A não ser que te volte um *brahmín* real, não de nascimento, mas sim por conhecer brahma, por conhecer o supremo, não entre em casa. Não é digno de nós." Assim agora me ensine isso.»

O professor disse: «Ensinei-te tudo o que pode acostumar-se. Isso é algo que não se pode ensinar. Assim faz uma coisa, simplesmente estate disponível a isso. Não pode acostumar-se diretamente. Simplesmente se receptivo; algum dia acontecerá.

Leva todas as vacas do *ashram*» -o *ashram* tinha muitas vacas; dizem que quatrocentas-, «leva todas as vacas ao bosque. Fica com as vacas; deixa de pensar, deixa de verbalizar, te volte uma vaca. Permanece com as vacas, as ame, e se silencioso como o são as vacas. Quando as vacas chegarem a ser mil, volta.»

De modo que Svetketu foi ao bosque com quatrocentas vacas. Era inútil pensar; não havia ninguém com quem falar. Pouco a pouco, sua mente se voltou como a de uma vaca. sentava-se em silencio sob as árvores, e teve que esperar muitos anos, porque só quando as vacas chegassem a ser mil poderia voltar. Pouco a pouco, a linguagem

desapareceu de sua mente. Pouco a pouco, a sociedade desapareceu de sua mente. Pouco a pouco, deixou de ser um ser humano. Seus olhos se voltaram como os das vacas.

E a história é muito formosa. A história diz que esqueceu como contar; porque se a linguagem desaparece e as verbalizações desaparecem... Esqueceu como contar, esqueceu quando tinha que voltar. A história é formosa. As vacas disseram: «Svetketu, já somos mil. Voltemos para a casa do professor. Deve estar esperando.»

Svetketu voltou, e o professor disse a outros discípulos: «Contem as vacas.»

Contaram as vacas e os discípulos disseram:

«Sim, há mil vacas.»

E se conta que o professor disse: «Não há mil, há mil e uma, Svetketu.»

Ele estava entre as vacas, silencioso, simplesmente sendo, sem nenhum pensamento, sem mente, como uma vaca, puro, simples, inocente. E o professor disse: «Não precisa entrar. Volta para casa de seu pai. conheceste; aconteceu-te. por que voltaste para mim? Aconteceu-te.»

Acontece, quando não há na mente nenhum objeto que conhecer, acontece-te o que conhece. Quando a mente não está cheia de pensamentos, quando não há um sozinho ondulação, quando não há nenhuma só onda, está sozinho. Não há nada mais que você. Obviamente, toma consciência de seu ser; pela primeira vez, lhe cheias de ti mesmo. Acontece uma autoiluminación.

Este sutra é um dos fundamentais. Prova-o. É árduo, porque o hábito de pensar, o hábito de aferrar-se aos objetos, ao que pode ser percebido e o que pode ser compreendido, está tão enraizado, tão inculcado, que se necessitará tempo e um esforço muito persistente para não envolver-se com os objetos, para não envolver-se com os pensamentos, a não ser simplesmente voltar-se uma testemunha e desprezá-los, e dizer: «Não, não é isto, não é isto.»

Toda a técnica dos Upanishads se condensa em duas palavras: *neti, neti*: não é isto, não é isto. Independentemente do que venha à mente, dava: «Não é isto.» Segue dizendo-o e desprezando e te desfazendo de todos os móveis. A habitação tem que estar vazia, totalmente vazia. Quando há vazio, então acontece. Se houver alguma outra coisa, segue sendo impressionado por ela, e não pode te conhecer ti mesmo. Sua inocência se perde nos objetos. Uma mente infestada de pensamentos vai para fora. Não pode te relacionar contigo mesmo.

87 Sente «Eu existo».

Segunda técnica: *Estou existindo. Isto é meu. Isto é isto. OH, amada, inclusive nisto, conhece ilimitavelmente.*

Estou existindo. Nunca entra profundamente nesta sensação. *Estou existindo.* Está existindo, mas nunca aprofunda neste fenômeno. Shiva diz: *Estou existindo. Isto é meu. Isto é isto. OH, amada, inclusive nisto, conhece ilimitavelmente.*

Contarei-te uma anedota Zen. Foram três amigos por um caminho. Caía a tarde e o Sol se estava pondo, quando se deram conta de que havia um monge de pé em uma colina próxima. Começaram a falar do monge, perguntando-se o que estaria fazendo ali. Um deles disse: «Deve estar esperando a seus amigos. Deve ter ido dar um passeio desde sua ermida e seus amigos se ficaram atrás, e está esperando a que cheguem.»

O outro refutou isto e disse: Isso não é correto, porque se uma pessoa espera a alguém, às vezes olhará para trás. Mas ele não está olhando para trás absolutamente.

Assim que minha conjectura é esta: que não está esperando a ninguém. Mas bem, deve ter perdido sua vaca. O entardecer se aproxima, e o Sol está ficando, e logo estará escuro, assim está procurando sua vaca. Está aí, de pé no topo da colina, e olhando a ver onde está a vaca no bosque.»

O terceiro disse: «Isso não pode ser certo, porque está de pé tão silenciosamente, sem mover-se absolutamente, e parece que não está olhando absolutamente; tem os olhos fechados. Deve estar em oração. Não está procurando nenhuma vaca perdida ou esperando aos amigos que se ficaram atrás.»

Não puderam ficar de acordo. Discutiram e discutiram, e logo disseram: «Devemos ir ao topo da colina e lhe perguntar a ele mesmo o que está fazendo.»

De modo que chegaram até o monge. O primeiro disse: «Está esperando a que cheguem seus amigos que se ficaram atrás?»

O monge abriu os olhos e disse: «Não estou esperando a ninguém. Não tenho nenhum amigo nem nenhum inimigo aos que esperar.» Voltou a fechar os olhos.

O outro disse: «Então eu devo ter razão. Está procurando sua vaca, que se perdeu no bosque?».

O disse: «Não, não estou procurando a ninguém; nem a nenhuma vaca nem a ninguém. O único que me interessa sou eu mesmo.»

De modo que o terceiro disse: “Então, certamente, definitivamente, está fazendo alguma oração ou alguma meditação.”

O monge abriu os olhos e disse: «Não estou fazendo nada absolutamente. Simplesmente estou aqui. Estou estando aqui sem fazer nada absolutamente. Simplesmente estou estando aqui.»

Isto é o que os budistas dizem que é a meditação. Se fizer algo, não é meditação, foste-te. Se rezar, não é meditação, começaste a charlotear. Se usar alguma palavra, não é oração, não é meditação, entrou a mente. O homem disse o correto. Disse: «Simplesmente estou aqui, sem fazer nada.»

Este sutra diz isto: *Estou existindo*. Aprofunda nesta sensação. Sentado simplesmente, aprofunda nesta sensação, «Estou existindo, existo.» Sente-o, não o pense, porque pode dizê-lo na mente - «eu existo»- e é fútil. Sua cabeça é sua perdição. Não vá repetindo na cabeça, «Existo, estou existindo.» Isso é fútil, é inútil. Desperdiça a oportunidade.

Sente-o profundamente nos ossos. Sente-o em todo o corpo. Sente-o como uma unidade total, não na cabeça. Simplesmente sente-o: «Eu existo.» Não use as palavras «eu existo». Eu estou usando as palavras «eu existo» porque estou falando contigo. E Shiva está lhe falando com o Parvati, de modo que tem que usar as palavras «eu estou existindo». Você não o faça. Não vá repetindo. Isto não é um mantra, não tem que repetir «estou existindo, estou existindo». Se o repete, dormirá, hipnotizará a ti mesmo.

Se segue repetindo uma certa coisa, hipnotiza a ti mesmo. Primeiro te aborrece, logo te entra sonho, e logo perde a consciencia. Sairá disso muito renovado, como se tivesse dormido profundamente. É bom para a saúde, mas não é meditação. Se padecer de insônia, pode usar o cantarolo, um mantra. É tão bom como qualquer tranquilizador, ou inclusive melhor. Pode seguir repetindo uma certa palavra, repetindo-a constantemente, em tom monótono, dormirá.

Algo que crie monotonia te fará dormir profundamente. De modo que os psicanalistas e os psicólogos seguem lhe dizendo às pessoas que padece de insônia que escute o tictac do relógio. Segue escutando-o e dormirá, porque o tictac se converte em um arrulho.

O menino dorme continuamente durante nove meses no útero da mãe, e o coração da mãe segue fazendo... tictac. Isso se volta um condicionamento, um profundo

condicionamento, a repetição contínua do coração. Por isso, quando alguém te põe junto a seu coração, sente-se bem. Tictac, sente-se adormecido, depravado. Algo que produz monotonia produz relaxação; pode-te dormir.

Em um povo pode dormir mais profundamente que em uma cidade, porque um povo é monótono. A cidade não é monótona. A cada momento está acontecendo algo novo; o ruído do tráfego segue trocando. Em um povo todo é monótono, igual. Em realidade, em um povo não há notícias, não acontece nada; tudo se move em círculo. De modo que os aldeãos dormem profundamente, porque a vida em torno deles é monótona. Em uma cidade é difícil dormir, porque a vida em torno de ti impressiona continuamente; tudo troca.

Pode usar qualquer mantra: «Ramo, Ramo», «aum, aum»... Algo. Pode usar «Jesucristo»; pode usar «Ave María». Pode usar qualquer palavra e cantarolá-la monótonamente, e te fará dormir profundamente. Inclusive pode fazer isto, Ramana Maharshi estava acostumado a dar a técnica «Quem sou eu?», e a gente começava a usá-la como um mantra. sentavam-se com os olhos fechados e foram repetindo: «Quem sou? Quem sou? Quem sou?» converteu-se em um mantra.. Esse não era o propósito.

Assim não o converta em um mantra e, sentado, não diga, «Estou existindo.» Não é necessário. Todo mundo sabe, e você já sabe que está existindo; não há necessidade, é fútil. Sente-o: «Estou existindo.» Sentir é algo diferente, totalmente diferente. Pensar é um truque para escapar de sentir. Não só é diferente; é um engano.

A que me refiro quando digo que sinta «estou existindo»? Estou sentado nesta cadeira. Se começar a sentir «estou existindo», tomarei consciencia de muitas coisas, a pressão da cadeira, o tato do veludo, o ar passando pela habitação, o ruído tocando meu corpo, o sangue circulando em silêncio, o coração, a respiração contínua, e a sutil sensação vibrante do corpo. Como o corpo é dinamismo, não é algo estático, está vibrando. Há continuamente um sutil tremor, e continuará enquanto esteja vivo. Há um tremor.

Tomará consciencia de todas estas coisas multidimensionales. E quanto mais consciencia tira das muitas coisas que estão acontecendo... Que tome consciencia agora mesmo de tudo o que está acontecendo dentro e fora de ti, isto é o que significa «estou existindo». Se tomadas consciencia desta maneira, o pensamento se deterá, porque quando sente que está existindo, é um fenômeno tão total que o pensamento não pode continuar.

Ao princípio sentirá pensamentos fluuando.

Pouco a pouco, quanto mais te arraigue na existência, conforme vá te assentando mais e mais na sensação de ser, os pensamentos estarão longe, sentirá uma distância, como se esses pensamentos já não lhe estivessem acontecendo a ti, mas sim lhe estivessem acontecendo a outra pessoa, muito, muito longe. Há uma distância. E logo, quando estiver realmente enraizado, situado no ser, a mente desaparecerá. Existirá sem uma só palavra, sem uma só imagem mental.

por que acontece isto? Porque a mente é uma atividade específica para relacionar-se com outros. Se tiver que me relacionar contigo, terei que usar minha mente, a linguagem, palavras. É um fenômeno social; é uma atividade de grupo. De modo que, inclusive se está falando estando sozinho, não está sozinho, está-lhe falando a alguém. Inclusive quando está sozinho, quando está falando lhe está falando com alguém; não está sozinho. Como vais falar sozinho? Alguém está presente na mente, e lhe está falando.

Estive lendo a autobiografia de um professor de filosofia. Conta que um dia ia levar a sua filha, que tinha cinco anos, à escola, e detrás deixar a na escola ia à universidade a dar sua aula. De modo que estava preparando sua classe pelo caminho, e se esqueceu

completamente de sua filha, que estava sentada a seu lado no carro, e começou a dar a aula em voz alta. A menina escutou durante vários momentos e logo perguntou: «Papai, está falando comigo ou sem mim?».

Inclusive quando está pensando, nunca é «sem», sempre é «com»..., com alguém. Pode que não esteja presente, mas para ti está presente; para sua mente está presente. Todo pensamento é um diálogo. Pensar é, em si, um diálogo, é uma atividade social. Por isso, se um menino é criado sem nenhuma sociedade, não conhecerá nenhuma linguagem. Não poderá verbalizar. É a sociedade a que te dá a linguagem; sem a sociedade não há linguagem. A linguagem é um fenômeno social.

Quando te assentir dentro de ti mesmo, não há sociedade, não há ninguém. Existe você sozinho. A mente desaparece. Não está te relacionando com ninguém, nem sequer na imaginação, de modo que a mente desaparece. Existe sem a mente, e isto é o que é a meditação, existir sem a mente. Estando perfeitamente alerta e consciente, não inconsciente, sentindo a existência em sua totalidade, em sua multidimensionalidade; mas a mente desapareceu de repente.

E com a mente desaparecem muitas coisas. Com a mente, seu nome; com a mente, sua forma; com a mente, que é hindu, ou muçulmano ou parsi; com a mente, que é bom ou mau; com a mente, que é um santo ou um pecador; com a mente, que é feio ou bonito, tudo desaparece. Todas as etiquetas que lhe puseram, de repente já não estão aí. Existe em sua pureza antiga. Existe em sua inocência total; em sua virgindade, situado, não flutuando, enraizado no que é.

Com a mente pode ir ao passado. Com a mente pode ir ao futuro. Sem a mente não pode ir ao passado ou ao futuro. Sem a mente está aqui e agora, este momento é toda a eternidade. Não existe nada mais que este momento. Acontece a sorte. Não precisa ir em nenhuma busca. Enraizado neste momento, enraizado no ser, é ditoso. E esta sorte não é realmente algo que te esteja acontecendo a ti, você é ela.

Estou existindo. Prova-o. E pode fazê-lo em qualquer parte. Indo em ônibus, ou viajando de trem, ou simplesmente sentado, ou convexo em sua cama, tenta sentir a existência tal como é; não pense nela. de repente tomará consciência de que não conheceu muitas coisas que lhe estão acontecendo continuamente. Não há sentido seu corpo. Tem sua mão, mas nunca a há sentido, o que diz, e a informação que te está dando continuamente; o que sente.

Às vezes está pesada e triste, às vezes está feliz e ligeira. Às vezes tudo flui nela, às vezes tudo está morto. Às vezes a sente viva, dançando; às vezes não há vida nela, transida, morta, pendurando de ti, mas não viva.

Quando começar a sentir seu ser, chegará a conhecer os estados de ânimo de suas mãos, de seus olhos, de seu nariz, de seu corpo. É um grande fenômeno; há matizes sutis. O corpo segue te falando, e você não está presente para lhe ouvir. E a existência em torno de ti segue penetrando em ti em formas sutis, de muitas maneiras, de maneiras diferentes, mas você não é consciente. Não está presente para recebê-la, para lhe dar a bem-vinda.

Quando começa a sentir a existência, o mundo inteiro cobra vida para ti de uma forma totalmente nova, que nunca conheceu. Então passa pela mesma rua e a rua não é a mesma, porque agora está situado na existência. Encontra-te com os mesmos amigos, mas não são os mesmos, porque você é diferente. Volta para sua casa e a mulher com a que viveste durante anos não é a mesma.

Agora que é consciente de seu próprio ser, toma consciência do ser do outro. Quando sua mulher se zanga, pode desfrutar inclusive sua ira, porque agora pode sentir o que está acontecendo. E se o pode sentir, pode que a ira não pareça ira; pode que se volte amor. Se pode senti-la muito profundamente, então a ira mostra que ela ainda te

ama; do contrário não estaria zangada, não se tomaria a moléstia. Ela ainda te espera todo o dia. Está zangada porque te ama. Não lhe é indiferente.

Recorda, a ira ou o ódio não são os verdadeiros opostos do amor, a indiferença é o oposto verdadeiro. Quando lhe é indiferente a alguém, o amor se perdeu. Se alguém nem sequer estiver disposto a zangar-se contigo, então todo se perdeu. Mas, normalmente, se sua mulher está zangada, reage mais violentamente, fica agressivo. Não compreende o significado simbólico disto. Não está situado em ti mesmo. Não conhecestes realmente sua própria ira; por isso não pode compreender a ira de outros.

Se conhecer sua própria ira, se pode senti-la em seu estado total, então conhece também a ira de outros. Só te zanga quando ama a alguém; do contrário, não há necessidade. Mediante a ira, sua mulher está dizendo que ainda te ama, que não lhe é indiferente. esteve esperando e esperando, e agora toda essa espera se converteu em ira.

Pode que não o diga diretamente, porque a linguagem do sentimento não é direto. E isso se tornou um grande problema hoje em dia, porque não pode compreender a linguagem do sentimento, porque não conhece seus próprios sentimentos. Não está situado em seu próprio ser. Só pode compreender as palavras; não pode compreender os sentimentos. Os sentimentos têm sua própria forma de expressão, e são mais básicos, mais reais.

Uma vez que te familiarize com sua própria existência, tomará também consciência da existência de outros. E todo mundo é tão misterioso, e todo mundo é um abismo tão profundo que conhecer..., uma infinita possibilidade de ser penetrado e conhecido. E todo mundo está esperando que alguém penetre nele, entre profundamente, e sinta seu coração. Mas como não conhecestes seu próprio coração, não pode conhecer o de ninguém mais. O coração mais próximo permanece desconhecido, assim que como vais poder conhecer os corações de outros?

Atua como um zombi, e está em uma multidão de zombis. Todo mundo está profundamente dormido. Só tem um tanto assim de alerta, que aconteceres gente profundamente dormida e chega a sua casa sem ter nenhum acidente; isso é tudo.

Esta é a alerta que tem. Isto o mínimo que lhe é possível ao homem; por isso está tão aborrecido, tão embotado. A vida é só uma larga pesadez, e no fundo todo mundo está esperando a morte, para ser resgatado da vida. A morte parece ser a única esperança.

por que está acontecendo isto? A vida pode ser uma sorte infinita. por que é tão aborrecida? Não está situada nela. Está desarraigado, desarraigado e vivendo ao mínimo. E a vida acontece realmente quando vive ao máximo.

Este sutra te dará um máximo de existência. O pensamento só pode te dar um mínimo; sentir pode te dar o máximo. Por meio da mente não há nenhum caminho à existência; o único caminho é por meio do coração.

Estou existindo. Sente-o com o coração. E sente que «esta existência é minha». *Isto é meu. Isto é isto.* Isto é muito belo. *Estou existindo.* Sente-o, te assenta nisso; logo sabe que *isto é meu:* esta existência, este ser transbordante é meu.

Segue dizendo que «esta casa é minha, estes móveis são meus». Segue falando de suas posses, e nunca sabe o que poses realmente. Poses o ser total. Poses a possibilidade mais profunda, o núcleo mais central da existência em ti. Shiva diz: *Estou existindo.* Sente-o. *Isto é meu.* Tampouco isto terá que convertê-lo em um pensamento; recorda isso continuamente. Sente-o -isto é meu, esta existência-, e então sentirá gratidão. Como pode lhe dar as graças a Deus? Sua gratidão é superficial, formal. E olhe que desdita..., é formal inclusive com Deus. Como vais estar agradecido? Não conhecestes nada do que estar agradecido.

Se pode te sentir a ti mesmo enraizado na existência, fundido nela, transbordando dela, e permite inclusive dançar com ela, então sentirá: «Isto é meu. Esta existência te

pertence. Todo este misterioso universo me pertence. Toda esta existência esteve existindo para mim. Criou-me. Sou sua flor.»

Esta consciencia que te aconteceu é a maior flor que lhe aconteceu ao universo. E durante milhões e milhões de anos esta Terra esteve preparando-se para que você existisse.

Isto é meu. Isto é isto. Sentir: «Isto é a vida, *isto é isto*, esta entidade. Estava preocupado innesesariamente. Era um mendigo innesesariamente, pensava innesesariamente do ponto de vista de mendigar. Sou o amo e senhor.»

Quando está enraizado, é um com a totalidade, e a existência existe para ti. Não é um mendigo; de repente te volta um imperador. *Isto é isto.*

OH, amada, inclusive nisto, conhece ilimitavelmente.

E enquanto esteja sentindo isto, não lhe ponha um limite. Sente-o ilimitavelmente. Não lhe ponha nenhum confine. Não há nenhum; não acaba em nenhuma parte. O mundo não começa em nenhuma parte; o mundo não acaba em nenhuma parte. A existência não tem princípio nem fim. Você tampouco tem princípio; você tampouco tem fim.

O princípio e o fim existem devido à mente, a mente tem um princípio e a mente tem um fim. Retrocede, volta a vista atrás em sua vida, chega um momento em que tudo cessa; há um princípio. Pode recordar até quando tinha três anos, ou, como muito, dois anos -isso é pouco comum-, mas então a memória cessa. Pode voltar a vista atrás até quando tinha dois anos. O que significa isto? E não pode recordar nada anterior a isso, anterior a essa idade de dois anos. De repente há um espaço em branco, não sabe nada.

Recorda algo de seu nascimento? Sabe algo dos nove meses que passou no útero de sua mãe? Você esteve ali, mas a mente não. A mente começou quando tinha uns dois anos; por isso só pode recordar até essa idade. Logo não há mente, a memória cessa. A mente tem um princípio, a mente tem um final, mas você não tem nenhum princípio.

Na meditação profunda, em semelhante meditação pode chegar ti sentir a existência; então há no-mente, um fluxo sem princípio nem fim de energia, de força cósmica, um oceano infinito em torno de ti, e você é uma onda nele. A onda tem princípio e fim; o oceano, não. E uma vez que sabe que não é a onda a não ser o oceano, toda a desdita desapareceu.

O que há no mais profundo de sua desdita? No mais profundo há morte. Tem medo a algum final que vai haver. É absolutamente seguro; nada é tão certo como a morte, o medo, o tremor. Faça o que faça, está necessitado.

Não se pode fazer nada, vai haver morte. E isso segue sem parar na mente consciente e inconsciente. Às vezes surge na mente consciente, assusta-te da morte. Empurra-o para baixo, e então continua no inconsciente. A cada momento tem medo à morte, ao fim.

A mente vai morrer, você não vais morrer; mas não te conhece ti mesmo. Conhece algo que é uma coisa criada, tem um princípio, vai ter um final. O que começa tem que terminar. Se encontrar dentro de seu ser algo que nunca começa, que simplesmente é, que não pode terminar, então o medo à morte desaparece. E quando o medo à morte desaparece, o amor flui por ti; não antes.

Como vai fluir o amor quando vai haver morte? Pode te aferrar a alguém, mas não pode amar. Pode usar a alguém; mas não pode amar. Pode explorar a alguém, mas não pode amar.

O amor não é possível se houver medo. O medo é o veneno. O amor não pode florescer com medo no fundo de ti. Todo mundo vai morrer. Todo mundo está em uma

cauda esperando sua vez. Como vais poder amar? Tudo parece uma tolice. O amor parece uma tolice se houver morte, porque a morte o destruirá tudo. Nem sequer o amor é eterno. Faça o que faça por sua amada, por seu amante, não pode fazer nada, porque não pode evitar a morte, está esperando detrás de tudo.

Pode esquecê-la, pode criar uma fachada, e pode seguir acreditando que não vai acontecer, mas sua crença é meramente superficial, no fundo sabe que vai acontecer. E se houver morte, então a vida não tem sentido. Pode criar sentidos artificiais, mas não servirão de muito. Temporalmente, durante alguns momentos, podem ajudar, mas a realidade volta a surgir e o sentido se vai. Pode te enganar a ti mesmo continuamente, isso é tudo; a não ser que chegue a conhecer algo que não tem princípio nem fim, que está além da morte...

Uma vez que chega a conhecê-lo, então é possível o amor, porque então não há morte. O amor é possível. Buda te ama, Jesus te ama, mas esse amor é absolutamente desconhecido para ti. Esse amor nasceu porque desapareceu o medo. Seu amor é só um mecanismo para evitar o medo. De modo que sempre que amas se sente sem temor. Alguém te dá fortaleza.

E este é um fenômeno mútuo, você lhe dá fortaleza a alguém, e alguém te dá fortaleza a ti. Os dois são débeis, mas ambos estão procurando a alguém, e então duas pessoas débeis se juntam e se ajudam mutuamente a ser fortes, isto é maravilhoso! Como acontece? É tão somente uma ficção. Sente que há alguém detrás de ti, contigo, mas sabe que ninguém pode estar contigo na morte. E se alguém não pode estar contigo na morte, como vai estar contigo na vida? Então é só um adiamento, uma fugida da morte. E como tem medo, necessita que alguém lhe de valor.

há-se dito, Emerson tem escrito em alguma parte, que inclusive o major dos guerreiros é um covarde ante sua esposa. Inclusive um Napoleón é um covarde, porque a esposa sabe que ele necessita sua fortaleza, ele a necessita a ela para poder ser ele mesmo. Ele está sujeito a ela. Quando volta da guerra, de lutar, está tremendo, assustado. Ele descansa nela, relaxa-se nela. Lhe consola; ele se volta como um menino. Todo marido é um menino ante sua esposa. E a esposa? Ela está sujeita ao marido. Ela vive através dele. Não pode viver sem ele; ele é sua vida.

Isto é um engano mútuo. Ambos têm medo, existe a morte. Ambos tentam amar-se mutuamente e esquecer a morte. Os amantes se voltam, ou parecem ser, valentes. Às vezes os amantes podem inclusive enfrentar-se à morte muito intrépidamente, mas isso é só uma aparência.

Nosso amor é parte do medo, para escapamos dele. O amor autêntico acontece quando não há medo, quando a morte desapareceu, quando sabe que não começa nunca e que nunca vais acabar. Não o pense. Pode pensá-lo, devido ao medo. Pode pensar: «Sim, se que não vou ter fim, não há morte, a alma é imortal.» Pode pensá-lo devido ao medo; isso não ajudará.

Se aprofundar na meditação, acontecerá. O medo desaparecerá, porque te conhece ti mesmo interminavelmente. Segue te expandindo interminavelmente, de volta ao passado, para o futuro, e neste mesmo momento, neste momento presente, está no profundo dele. Simplesmente é, nunca começa, nunca vais ter fim. Sente isto ilimitavelmente..., imensamente.

Capítulo 60

te libere a Ti Mesmo: de Ti Mesmo

Perguntas

Não são a liberdade e a entrega contradictor{as?}

Não é isto isso, Brahma?

Terá que transcender o desejo de divindade?

Como livrar do medo?

O que é o som de água fluindo?

Primeira pergunta:

Diz que a religião é liberdade total ou moksha, e recalca, também a importância da entrega na religião. Mas, não são a liberdade e a entrega termos contraditórios?

Parecem contraditórios, mas não o são. E o parecem devido à linguagem; existencialmente não o são. Tenta compreender duas coisas. Primeiro, não pode ser livre permanecendo tal como é, porque ser como é a escravidão. Seu ego é a escravidão. Só pode ser livre quando este ponto do ego desaparece; este ponto do ego é a escravidão.

Quando não há ego, faz-te um com a existência, e só essa unidade pode ser liberdade. Quando existe separadamente, esta separação é falsa. Em realidade não está separado, não pode está-lo; forma parte da existência..., e não é uma parte mecânica, a não ser uma parte orgânica. Não pode existir nem um só momento separado da existência. Respira-a a cada momento; respira-te a cada momento. Vive em uma totalidade cósmica.

Seu ego te dá a falsa sensação de uma existência separada. devido a essa falsa sensação, começa a lutar com a existência. Quando luta, é escravo. Quando luta, terá que ser derrotado, porque a parte não pode vencer ao tudo. E devido a esta luta com o tudo, sente-se escravo, limitado por toda parte. Em qualquer lugar que vai surge um muro. Esse muro não está em nenhuma parte da existência, move-se com seu ego, forma parte de sua sensação de estar separado. Então luta contra a existência. Nessa luta será derrotado constantemente; nessa derrota sente escravidão, limitação.

Entrega quer dizer que entrega você ego, entregas o muro separador, de modo que tudo o que está entregando é só um sonho, um conceito, uma idéia falsa. Não está entregando a realidade; só está entregando uma atitude falsa. No momento em que entregas esta atitude falsa, faz-te um com a existência. Então não há conflito.

E se não haver conflito, não tem nenhuma limitação; não há nenhuma sujeição, não há nenhum confine em nenhuma parte. Não está separado. Não pode ser derrotado, porque não há ninguém para poder ser derrotado. Não pode morrer, porque não há ninguém para poder morrer. Não pode ser desventurado, porque não há ninguém para poder ser desventurado. No momento em que entregas o ego, entregas todas as tolices -a desdita, a escravidão, *dukkha*, o inferno-, tudo é entregue. Faz-te um com a existência. Esta unidade é a liberdade.

A separação é a escravidão. A unidade é a liberdade. Não é que te libere. Recorda isto, já não está. De modo que não é que te libere, já não está. Em realidade, quando você não está, está a liberdade. Como expressá-lo é um problema. Quando você não está, está a liberdade. conta-se que Buda há dito: «Você não vais ser ditoso. Quando você não está, está a sorte. Você não vais estar liberado. vais estar liberado de ti mesmo.»

De modo que a liberdade não é a liberdade do ego; a liberdade é ser *livre do* ego. E se puder compreender isto -que a liberdade é ser livre do ego-, então a entrega e a liberdade se voltam o mesmo, então significam o mesmo. Mas se tomadas o ego como o ponto de vista do que pensar, então o ego dirá: «por que entregar-se? Porque se te entrega, não pode ser livre. Então te volta um escravo. Quando te entrega, volta-te um escravo.»

Mas, em realidade, não te está entregando a alguém. Isto é o segundo que terá que compreender, não está te entregando a alguém; simplesmente te está entregando. Não há ninguém que vá tomar sua entrega. Se houver alguém, e entrega a ele, então é um tipo de escravidão. Em realidade, nem sequer há um Deus ao que te está entregando. E quando falamos de um Deus, isso é só para encontrar algo que te ajude a te entregar.

Nos *Ioga Sutras* do Patanjali, fala-se de Deus só para te ajudar a te entregar. Não há nenhum Deus. Patanjali diz que não há nenhum Deus, mas te resultará difícil te entregar a ninguém; resultará-te difícil simplesmente te entregar. Para te ajudar a te entregar, fala-se de Deus. De modo que Deus é só um método. Isto é pouco comum, muito cientista, Deus é só um método para te ajudar a te entregar. Não há ninguém que vá tomar sua entrega. Se houver alguém, e te entrega, então é uma escravidão, uma submissão. Isto é muito sutil e muito profundo, não há nenhum Deus assim que pessoa; Deus é só um caminho, um método, uma técnica.

Patanjali descreve muitas técnicas. Uma delas é *ishwara pranidhan*: a idéia de Deus. Há muitos métodos para alcançar a entrega; um método é a idéia de Deus. Isso ajudará a sua mente a entregar-se, porque se disser: «te entregue», perguntará: «A quem?». Se disser: «Simplesmente te entregue», resultará-te difícil concebê-lo. Trata de compreender de outra maneira. Se te disser: «Simplesmente ama», perguntará: «A quem? O que quer dizer com "Simplesmente ama"? Se não haver ninguém a quem amar, como vou amar?». Se disser: «Ora», então perguntará: «A quem? Adorar a quem?». Sua mente não pode conceber a não-dualidade. Perguntará, expor a pergunta: «A quem?».

Só para ajudar à mente, para satisfazer a pergunta da mente, Patanjali diz que Deus é só um caminho, uma técnica. Veneração, amor, entrega... a quem? Patanjali diz: «A Deus.» Porque se te entrega, então chegará ou seja que não há nenhum Deus, ou que você mesmo é isso ao que te entregaste. Mas isto acontecerá quando te tiver entregue. Deus é só um truque.

diz-se que inclusive é difícil entregar-se a um Deus que não se vê em nenhum sítio, que é invisível, de modo que as Escrituras dizem: «te entregue ao gurú, ao professor.» O professor é visível e é uma pessoa, de modo que então a pergunta se volta relevante, se entregar a um professor, então é uma escravidão, porque há uma pessoa e te está entregando a ela. mas também então terá que voltar a compreender algo muito sutil, inclusive mais sutil que a idéia de Deus. Um professor só é um professor quando não existe. Se existir, então não é um professor. Um professor só se volta um professor quando não existe. alcançou o não-ser; não há ninguém.

Se houver alguém sentado aqui nesta cadeira, então não há nenhum professor; então vai se converter em uma escravidão. Mas se não haver ninguém sentado nesta cadeira, um não-ser, alguém que não está centrado em nenhuma parte, alguém que se entregou -não a alguém, mas sim simplesmente se entregou e alcançou o não-ser, tornou-se uma não-pessoa-, que simplesmente está aí, sem estar concentrado em um ego, difuso, não concentrado em nenhuma parte, então se converteu em um professor. De modo que quando está te entregando a um professor, está de novo te entregando a ninguém.

Esta é uma questão profunda para ti. Quando está te entregando, se pode compreender que isto é simplesmente entregar-se, não uma entrega...; entregar-se, não

uma entrega... Uma entrega é a alguém. Entregar-se é algo por sua parte. Assim que o básico é entregar-se, o ato, não o objeto. O objeto não deveria ser importante, mas sim o importante é o que se está entregando. O objeto é só uma desculpa..., só uma desculpa.

Se pode compreender, então não há necessidade de que entregue a alguém, pode simplesmente te entregar. Então não há necessidade de amar a alguém, pode simplesmente amar. Você é significativo, não o objeto. Se o objeto for significativo, criará uma escravidão com isso. De modo que inclusive um Deus que não existe se voltará uma escravidão; inclusive um professor que não existe se voltará uma escravidão. Mas essa escravidão a cria você; é um mal-entendido. De outra forma, entregar-se é a liberdade. Não são contraditórios.

Segunda pergunta:

Enquanto que «isto é isto» inclui também «isto é isso» e «isso é Brahma», como é que o sutra só enfatiza «isto é isto»?

Por uma razão muito concreta, porque o tantra, no mais profundo, só está interessado no aqui e agora. «Isto é isto» significa o que está aqui e agora. «Isso» vai um pouco mais longe.

Em segundo lugar, para o tantra não há divisão entre isto e isso. O tantra é não-dualista -isto é o mundo, e isso é Brahma; isto é o mundano, o material, e isso é consciencia, o espiritual-; para o tantra não há nenhuma distinção deste tipo. «Isto» é tudo, «isso» está incluído nisso. Este mundo mesmo é divino.

E o tantra não faz nenhuma distinção nem categorização do alto e o baixo, «isto» significa o baixo, e «isso» significa o alto; «isto» significa o que pode ver e tocar e conhecer, e «isso» significa quão invisível não pode ver e não pode tocar; só pode inferir. Para o tantra não há distinção entre o alto e o baixo, o visível e o invisível, a matéria e a mente, a vida e a morte, o mundo e Brahma, nenhuma distinção.

O tantra diz: «Isto é isto» e «isso» está incluído nisso. Mas a ênfase nisto é bela. Diz que, aqui e agora, o que há, isso é tudo. E tudo está nisso; nada está excluído. O próximo, o íntimo, o corrente, é tudo.

É um dito muito conhecido do misticismo Zen, que se pode te voltar normal e corrente, tornaste-te extraordinário. Só a pessoa que está a gosto com sua normalidade é extraordinária. Porque todo mundo anseia ser extraordinário, de modo que o desejo de ser extraordinário é muito corrente. Todo mundo, não se pode encontrar uma pessoa que não esteja tratando de ser extraordinária de alguma forma; de modo que o desejo, o desejo de ser extraordinário, é uma parte, uma parte básica, da mente corrente. Os professores Zen dizem: «De maneira que ser corrente é o mais extraordinário do mundo. Ser simplesmente corrente é muito excepcional. Muito raramente acontece que alguém seja simplesmente corrente.»

Um imperador japonês andava em busca de um professor, assim foi de um professor a outro, mas nenhum pôde lhe satisfazer. devido a que um ancião havia dito que o professor autêntico seria extremamente corrente, seguiu procurando, mas não pôde encontrar um homem corrente. Voltou para ancião, que estava em seu leito de morte, e lhe disse: «Puseste-me em um grande apuro. A maneira em que definiu ao professor - que será simples, corrente- converteu-se em um problema para mim. estive procurando por todo o país, e ninguém me satisfaz. Assim me dê alguma pista de como encontrar ao professor.»

O moribundo disse: «estiveste procurando nos lugares errôneos. estiveste procurando nos lugares errôneos! estiveste indo a pessoas que eram extraordinárias de alguma

forma, e então trata de encontrar o corrente. Entra no mundo corrente. E, em realidade, ainda está tratando de encontrar o extraordinário. Agora o define como corrente, mas ainda está procurando o extraordinário. Agora a definição trocou.

Agora o define como o mais corrente, mas o pouco comum, o excepcional. Ainda está procurando isto. Não faça isso, e no momento em que esteja preparado e não esteja procurando desta forma, o professor virá a ti.»

À manhã seguinte, enquanto estava sentando, tentou compreender o que havia dito o ancião, e sentiu que tinha razão. O desejar se foi dele. Apareceu um mendigo..., e era o professor. E tinha conhecido ao mendigo toda sua vida. Sempre tinha vindo; esse mendigo tinha vindo todos os dias ao palácio, de modo que o imperador lhe perguntou ao mendigo: «Como é que não pude te reconhecer antes?».

O mendigo disse: «Porque estava procurando o extraordinário. Eu estava aqui, mas você estava procurando aí. Não te precaveu de mim em nenhum momento.»

O tantra diz «isto», não «isso», especialmente nesta técnica. Há técnicas nas que se fala disso», mas «isto» é o mais tântrico: isto, aqui e agora, o mais íntimo. Sua mulher, seu marido

-isto-, seu amigo, o mendigo, pode ser o professor. Mas não está olhando isto; está olhando isso, aí, entre as nuvens. Nem sequer pode conceber que perto de ti possa estar essa qualidade de ser; não pode concebê-lo. Pensa que já conhece o próximo, de modo que o busca longe. Já te parece que conhece «isto», assim agora quão único terá que encontrar é «isso».

Isto não é verdade. Não conhece «isto», não conhece o próximo. O próximo é tão desconhecido como o longínquo. Olhe a seu redor. Não está familiarizado com ninguém, não conhece ninguém. Conhece a árvore junta ao que passas todos os dias? Conhece seu amigo, com o que viveste toda sua vida? Ou te conhece ti mesmo, que é o mais próximo? Conhece seu corpo, a respiração que vem e vai continuamente? Conhece-a? Não conhece nada. Não conhece nem sequer «isto», assimpor que desejar «isso»?

Esta técnica diz: se se conhecer «isto», automaticamente se conhecerá «isso», porque «isso» esta incluído nisto». O longínquo está oculto no próximo, no íntimo. Mas a mente humana anseia o longínquo. Isto é um escapamento. É um escapamento pensar no longínquo, porque então pode seguir pensando eternamente, e pode seguir postergando viver, porque a vida é «isto». Se pensar nisso e o considera, terá que trocar a ti mesmo.

Lembrança uma anedota. Aconteceu uma vez que um professor Zen foi renomado pregador de um templo. Ninguém sabia que era um professor Zen. A congregação se reuniu e se deu o primeiro sermão.

Todo mundo estava emocionado; era formoso. Ninguém tinha ouvido nunca uma coisa semelhante. Ao dia seguinte, foi ao templo uma multidão ainda maior, mas o professor repetiu o mesmo sermão. De modo que se aborreceram: «Que tipo de homem é este.»

Então voltaram o terceiro dia, não tanta gente, mas o professor voltou a repetir o mesmo sermão. De modo que muitos se foram na metade; só ficaram uns poucos, e esses poucos se ficaram só para perguntar: «Só tem um sermão? E vai dá-lo todos as dias?». Um porta-voz espetou ao pregador, «Que tipo de predicación é esta? Ouvimo-lhe três vezes, e segue repetindo exatamente o mesmo, exatamente com as mesmas palavras. Não tem outros bate-papos, outros sermões?».

O pregador disse: “Tenho muitos, mas não pusestes em ação, nada referente ao primeiro. A menos que ponham em ação algo referente ao primeiro, não vou dar o segundo. É desnecessário.”

A multidão deixou de vir. Ninguém se aproximava do templo, porque assim que vinha alguém, o monge Zen começava a dar o primeiro sermão. diz-se que a gente deixou de passar por ali, por esse templo. «Esse monge está aí, e se acertar a estar ali, voltará-te a dar o mesmo sermão.»

Deve ter sido um conhecedor muito profundo da mente humana. A mente humana quer pensar, mas nunca quer fazer nada, a ação é perigosa. Pensar é bom, porque segue sendo o mesmo. Se pensar no longínquo, o distante, não há necessidade de te trocar a ti mesmo. O Brahma, o absoluto, não pode te trocar, mas o vizinho, o amigo, a esposa, o marido..., se os miras, terá que te trocar a ti mesmo. E é um truque não lhes olhar.

isso miras» para esquecer «isto»..., e «isto» é a vida, e «isso» é simplesmente um sonho. Pode pensar em Deus, porque esse pensar é impotente; não vai fazer nada. Continuará pensando em Deus e seguirá sendo o mesmo. Isto é um truque para seguir sendo o mesmo. Se pensar em sua mulher, se pensar em seu filho, se pode penetrar profundamente no íntimo e próximo, não pode seguir sendo o mesmo, disso resultará a ação.

O tantra diz: «Não vá longe. Está aqui, este mesmo momento, perto de ti. Permanece aberto, e olhe "isto", e "isso" resolverá sozinho.»

Terceira pergunta:

Há dito que o tantra ensina ao homem a transcender o desejo de seu passado animal e também seu desejo do divino. Significa isto que a divindade forma parte do mundo, e que também terá que transcender isso? E o que é o que vai além de ambos?

Terá que compreender muitas coisas. A primeira, a natureza do desejo. A divindade não é o que você chama divindade. O Deus do que falas não é o Deus da realidade; é o Deus de seu desejo. De modo que não é questão de se o divino formar parte do mundo; essa não é a questão. A verdadeira questão é: pode desejar o divino sem fazê-lo parte do mundo?

Considera o desta forma. foi dito uma e outra vez que a não ser que deixe de desejar, não pode chegar ao supremo. Não pode alcançar o divino se não deixar de desejar. Deixa de desejar e pode alcançá-lo. Ouviste-o muitas vezes, mas me pergunto se o compreendeste ou não. Mais ou menos, estará-o malentendiendo. Para ouvir isto, começa a desejar o divino..., e isso é não entender nada.

Se deixar de desejar, o divino te acontecerá. Então começa a desejar o divino, de modo que seu divino formará parte do mundo. O que pode ser desejado é o mundo. Assim é como eu o defino, o que pode ser desejado é o mundo. De maneira que o divino não pode ser desejado, e se o deseja, se há voltado parte do mundo.

Quando o desejo cessa, acontece o divino. Quando não está desejando nada, está o divino, então todo mundo é divino. Não encontrará o divino em alguma parte em contradição, em oposição ao mundo, contrário ao mundo. Quando não está desejando, tudo é divino; quando está desejando, tudo é o mundo. Seu desejo cria o mundo, tudo o que desejas se volta o mundo. Isto que vê não é o mundo: as árvores e o céu e o mar e os rios e a terra e as estrelas. Isto não é o mundo; o que desejas é o mundo.

Há uma flor no jardim. Quando passar junto à árvore e olhe a flor, e te chegue o aroma da flor, olhe dentro de ti. Se não estar desejando essa flor, se não haver nem o mais ligeiro afã de possui-la, nem a mais ligeira onda de desejo de tê-la, essa flor se volta divina. Terá o rosto divino através dela. Mas se se apresenta o desejo de possui-la, ou se surgir a inveja do dono da árvore, criaste um mundo; o divino desapareceu. É seu

desejo o que troca a qualidade da existência; seu desejo a faz o mundo. Quando está sem desejar, o mundo inteiro se volta divino.

Agora voltarei a ler a pergunta: *Há dito que o tantra ensina ao homem a transcender o desejo de seu passado animal e também seu desejo do divino.*

O tantra só ensina a transcender o desejo. É irrelevante *o que* deseje; o importante é que deseje. Pode seguir trocando de objeto. Deseja dinheiro, deseja poder, deseja prestígio..., deseja o mundo. Então troca. Farta-te disso, está aborrecido. Ou conseguiste o que desejava, e não está satisfeito; sente-se frustrado.

Começa um novo desejo. Agora deseja o divino. Deseja *moksha*. O *nirvana*, a liberação... Agora deseja deus. O objeto trocou; você não trocasse seu desejo segue sendo o mesmo. Antes perseguia o prestígio e o poder e o dinheiro. Agora persegue o poder divino. Persegue o supremo, *moksha*, a liberdade absoluta, mas o desejo segue aí.

Normalmente, a gente religiosa vai trocando seus objetos de desejo. O desejo permanece igual, sem trocar. E não são os objetos os que criam o problema; é o desejo, o desejo, o que cria o problema. O tantra diz que é fútil seguir trocando de objeto. É perder o tempo e a vida e a energia. Trocar de objeto não ajudará, deixa o desejo. Não deseje. Não deseje a liberdade, porque desejar é a escravidão. Não deseje o divino, porque desejar é o mundo. Não deseje o interno, porque desejar é o externo. De modo que não é questão de transcender este desejo ou aquele; simplesmente deixa de desejar. Não deseje, não deseje. Simplesmente se você mesmo.

Quando não deseja, o que acontece? Quando não deseja, o que acontece? Está imóvel, todo movimento cessa. Não tem pressa por chegar a nenhuma parte. Não está sério. Não há esperança e não há frustração. Não espera nada; nada pode te frustrar. Não há desejo; não pode fracassar. É óbvio, tampouco vai haver nenhum êxito.

Quando não está desejando, o que acontece? Simplesmente fica sozinho, sem ir a nenhuma parte. Não há meta, porque o desejo cria a meta. Não há futuro, porque o desejo cria o futuro. Não há tempo, porque o desejo requer tempo. O tempo cessa. O futuro cessa. E quando não há nenhum desejo, a mente cessa, porque a mente não é mais que desejo, e devido a esse desejo tem que planejar e pensar e sonhar e projetar.

Quando não há desejo, tudo cessa. Simplesmente existe em sua pureza. Existe sem ir a nenhuma parte; dentro, todos os escarcéus desaparecem. O oceano permanece, mas não há ondas. Isto é a divindade para o tantra.

De modo que considera o desta maneira, o desejo é a barreira. Não pense no objeto; do contrário enganará a ti mesmo. Trocará um objeto por outro, e então se esbanjará o tempo. Voltará a te frustrar, e então voltará a trocar de objeto. Pode seguir trocando de objeto imensamente, a menos que caia na conta de que não é o objeto o que cria o problema, a não ser seu desejo. Mas o desejo é sutil e o objeto é áspero. O objeto se pode ver, e o desejo só pode ver-se quando aprofunda e medita sobre ele; se não, o desejo não se vê.

Pode te casar com uma mulher ou um homem com grandes sonhos e esperança, e quanto maiores sejam os sonhos, quanto maior seja a esperança, maior será a frustração. Um matrimônio consertado, corrente não pode ser um fracasso tal como o será um matrimônio por amor, porque com um matrimônio consertado, corrente não há muita esperança, não há muitos sonhos. É algo formal; não há romance, não há poesia. Não tem nenhum topo; está movendo-se em terreno plano. De modo que os matrimônios consertados nunca fracassam. Não podem fracassar, porque não há questão. Como vais fracassar em um matrimônio consertado? Nunca estive nas alturas, de modo que não pode cair. Os matrimônios por amor fracassam. Só os matrimônios por amor podem fracassar, porque com grande poesia, com grande força sonhadora, elevam-se. Tocam as alturas, sobe com as ondas, e então terão que cair.

De modo que os países antigos, os que têm conhecimento, experiência, chegaram a contentar-se com os matrimônios consertados. Não falam de matrimônios por amor. Na Índia nunca se fala de matrimônios por amor. Também os provaram no passado, e então sentiram que um matrimônio por amor seria um fracasso. Como esperas muito, frustrará-te, e a proporção de frustração será a mesma. Tudo o que desejas e sonha te dá expectativas, não podem ser satisfeitas.

Casa-te com uma mulher; se for um matrimônio por amor, esperas muito dele. Então te frustra. No momento em que te frustra, imediatamente começa a pensar em outra mulher. De modo que se diz a sua esposa: «Não estou interessado em nenhuma outra mulher», e ela sente que te tornaste indiferente a ela, não pode convencê-la, é impossível, é antinatural, mas quanto te volta indiferente a sua mulher, ela sabe instintivamente que te interessaste por outra pessoa.

Assim é como funciona a mente. Toma consciencia da mulher com a que te casaste, e te parece que a frustração chega devido a ela, «Esta mulher não foi a eleição apropriada.»

Esta é a lógica corrente. «Esta não foi a eleição apropriada. Esta mulher não é para mim. escolhi um casal equivocado; por isso surgiu o conflito.» Agora tentará encontrar outro casal.

Pode seguir assim até o infinito. Pode te casar com todas as mulheres do mundo, e ainda pensará da mesma forma, *que* «esta mulher não é apropriada para mim». E não se vê o desejo sutil que está criando todo o problema. Não é a mulher ou o homem quem te está frustrando; é seu desejo, seu desejo, o que te está frustrando.

Se pode chegar a compreender isto, tornaste-te sábio. Se segue trocando de objeto, é ignorante. Se pode chegar te sentir a ti mesmo e o desejo que está criando todo o assunto, tornaste-te sábio. Então não segue trocando um objeto por outro; simplesmente abandona o esforço mesmo por possuir, por desejar, por desejar.

No momento em que já não há este desejo, o mundo inteiro se volta divino. Sempre o foi, só que seus olhos não estavam abertos para vê-lo. Seus olhos estavam cheios de desejo. Com os olhos cheios de desejo, o divino parece o mundo. Com os olhos vazios, sem encher, livres de desejo, o mundo surge à vista como o divino.

O mundo e o divino não são duas coisas, não são dois estoques, a não ser duas formas de olhar o mesmo, dois enfoques do mesmo, dois pontos de vista, dois tipos de percepção. Uma percepção nublada pelo desejo, outra percepção sem nublar pelo desejo. Se pode olhar sem estar nublado, e seus olhos não estão cheios de lágrimas de frustração e sonhos de esperança, não há nada como o mundo; só existe o divino, a existência é divina. Isto é o que significa o tantra. E quando o tantra diz que transcenda ambos, ao tantra não lhe interessa nem «isto» nem «isso»; ao tantra só lhe interessa a transcendência, para que não haja desejo.

E o que é o que vai além de ambos? Isso não se pode dizer, porque no momento em que se diz algo sobre isso, está dentro dos dois. Tudo o que se possa dizer sobre Deus será falso, simplesmente porque se há dito.

A linguagem é dualista. Não há nenhuma linguagem não dual, não pode havê-lo. A linguagem só é significativa devida ao dualismo. Digo «luz»; imediatamente em sua mente aflora a palavra «escuridão» ou «negro». Digo «dia», e imediatamente em sua mente surge «noite». Digo «amor», e justo detrás está escondido «ódio». Se disser «luz» e não há «escuridão», como vais definir a?

Só podemos definir as palavras devido a seus términos opostos. Digo «luz», e se me pergunta o que é a luz, digo que o que não é escuridão. Se alguém te perguntar o que é a mente, diz que o que não é corpo. Se alguém perguntar o que é o corpo, tem que dizer que o que não é mente. Todos os términos são circulares, de modo que basicamente não

têm sentido, porque nem pode saber nada sobre a mente, nem pode saber nada sobre o corpo. Quando te pergunto sobre a mente, define-a com o corpo, e o corpo está sem definir. Quando te pergunto sobre o corpo, define-o com a mente, que está sem definir.

Isto é bom como jogo. A linguagem é boa como jogo, a linguagem é um jogo. Mas nunca advertimos que todo isso é absurdo, circular; e que nada está definido, assim que como vais poder definir algo? Quando pergunto sobre a mente, introduz o corpo; e o corpo está sem definir. Com um término sem definir, define a mente. E quando logo pergunto: «O que quer dizer com "corpo"?, tem que defini-lo com a mente.

Isto é absurdo, mas não há outra maneira.

A linguagem existe mediante o oposto, de maneira que a linguagem é dualista. Não pode ser de outra forma. De modo que não se pode dizer nada sobre a experiência não dual. Tudo o que se diga será errôneo. Pode ser indicado, podem-se usar símbolos para isso, mas o silêncio é o melhor. O que se pode dizer sobre isso é o silêncio. Todo o resto se pode definir, pode-se falar disso; não o supremo. Pode conhecê-lo, saboreá-lo, pode sê-lo, mas não se pode dizer nada sobre isso. Só negativamente se pode dizer algo, mas só negativamente. Não podemos dizer o que é; só podemos dizer o que não é.

Toda a tradição mística está usando simplesmente termos negativos para isso. Se perguntas o que for o supremo, dirão: «O supremo não é isto, não é isso. Não é nem a vida nem a morte. Não é nem a luz nem a escuridão. Não está nem perto nem longe. Não é nem eu nem você.» Falarão desta maneira..., mas isto tem pouco sentido.

Deixa de desejar e chega a conhecê-lo cara a cara. E a experiência é tão profunda e individual, não verbal, não lingüística, que inclusive quando chega a conhecê-lo, não pode dizer nada sobre isso. Ficarà em silêncio, como muito, pode dizer o que estou dizendo; pode dizer: «Não se pode dizer nada sobre isso.»

Então, do que serve falar tanto? Então, por que sigo te dizendo algo se não se pode dizer nada? Tão somente para te levar a ponto em que não se pode dizer nada. Tão somente para te empurrar ao abismo no que pode sair de um salto da linguagem. Até chegar a esse ponto, a linguagem pode ser útil. Até chegar ao ponto no que possa dar o salto, a linguagem pode ser útil, mas no momento em que tem que dar o salto, é silêncio, está mais à frente da linguagem.

De modo que posso te empurrar ao mesmo fim do mundo com a linguagem -ao mesmo fim do mundo-, mas nem um só centímetro no divino com a linguagem. Mas te empurrar até o mesmo fim do mundo será útil, porque então pode ver com seus próprios olhos que há este abismo ditoso mais à frente. E então esse mais à frente te chamará por si mesmo; então o mais à frente te atrairá; então o mais à frente se voltará um ímã, uma atração. Então te resulta impossível voltar, te jogar para atrás. O abismo é tão atraente -o abismo do silêncio-, que antes de te dar conta terá saltado.

Por isso sigo falando, sabendo muito bem que tudo o que estou dizendo não te ajudará a conhecê-lo. Mas te ajudará a dar um salto. É metodológico. Parecerá contraditório, paradoxal, se disser que toda a linguagem que estou usando ou que todos os místicos usaram é para te levar a templo do silêncio, para te introduzir no silêncio, para te chamar ao silêncio. Parece paradoxal. Então, por que usar a linguagem? Também posso usar o silêncio, mas então não compreenderá.

Quando tenho que falar com loucos, tenho que usar uma linguagem louca. É devido a ti que estou usando a linguagem. Não é que se possa expressar algo com ele; só se pode destruir seu charloteo interno com ele. É como se tem um espinho no pé, outro espinho pode tirá-la. O outro também é um espinho. Sua mente está cheia de palavras, de espinhos. O que estou tentando fazer é tirar de ti essas palavras. O que estou usando são também palavras. Está cheio de veneno. O que te estou dando é de novo uma dose

de veneno, só como antídoto, também é um veneno. Mas um espinho pode tirar outro espinho; então se podem desprezar as duas.

Quando te tiver falado até o ponto em que esteja preparado para estar em silêncio, despreza tudo o que te hei dito; é inútil, é inclusive perigoso carregar com isso. Quando tiver chegado a te dar conta de que a linguagem é inútil, perigoso, que a verbalização interna é a única barreira, e quando estiver preparado para estar em silêncio, então recorda bem, não carregue com nada do que te hei dito. Porque a verdade não pode dizer-se, e tudo o que pode dizer-se não pode ser verdade. te descarregue disso.

Quão último Zaratustra disse a seus discípulos é muito formoso. Tinha-lhes ensinado, tinha-lhes dado vislumbres, tinha avivado suas almas, tinha-lhes desafiado à aventura suprema. O último que lhes disse foi: «Agora lhes estou deixando. Agora tomem cuidado com a Zaratustra.»

Assim que lhe perguntaram: «O que está dizendo? Cuidado com a Zaratustra? É nosso professor, nosso professor, nossa única esperança.»

E Zaratustra disse: «Tudo o que lhes hei dito, agora tomem cuidado com isso. Não lhes aferrem para mim; do contrário me converterei em uma escravidão para vós.»

Quando um espinho tenha tirado seu espinho, tira também a outra com ela. Quando te tiver preparado para entrar no silêncio, então tome cuidado comigo. Então, tudo o que hei dito terá que desprezá-lo; é uma tolice, não serve para nada. Só tem utilidade até chegar ao ponto em que está preparado para dar um salto ao silêncio. Não se pode dizer nada sobre o que transcende a ambos. Só se pode dizer isto..., e isto não é muito, verdadeiramente. Se pode compreender, isto é suficiente para lhe assinalar isso

Estou dizendo isto, que se sua mente fica totalmente vazia de palavras, conhecerá-o. Quando não estiver carregado de pensamentos, cairá na conta disso, porque já está aí. Não é algo que vai acontecer; já aconteceu dentro de ti. Você é só uma expressão disso. Mas está tão absorto, tão envolto com pensamentos, com nuvens, que te perde a chave. Está muito concentrado nas nuvens; esqueceste o céu. Deixa que as nuvens se dispersem, e o céu sempre esteve aí te esperando. O mais à frente te está esperando. Simplesmente deixa a dualidade, e está aqui.

Quarta pergunta:

Há dito que a alguém que tem medo não lhe é possível amar, nem pode alcançar a divindade. Mas como livrar do medo segundo o tantra?

por que quer te liberar do medo? Ou é que lhe agarraste medo ao medo? Se lhe agarraste medo ao medo, este é um novo medo. Assim é como a mente vai criando a mesma pauta uma e outra vez. Digo: «Não deseje e então alcançará o divino.» .Então pergunta: «De verdade? Se não desejarmos, alcançaremos o divino?». começaste a desejar o divino.

Digo-te: «Se houver medo, não pode haver amor», de modo que lhe agarra medo ao medo. Perguntas: «Como pode um livrar do medo?». Isto é, de novo, um medo, e mais perigoso que o primeiro, porque o primeiro era natural; o segundo não é natural. E é tão sutil, que não é consciente do que está perguntando, Como livrar do medo?

Não se trata de livrar-se de nada; trata-se só de compreender. Compreende o medo, o que é, e não tente te liberar dele, porque no momento em que começa a tentar te liberar de algo, não está disposto a compreendê-la, porque a mente que pensa em livrar-se disso já está fechada. Não está aberta a compreender, não é pormenorizada. Não pode considerar calmadamente; já decidiu. Agora o medo se tornou o mal, o pecado, assim libra lhe dele.

Não tenta te liberar de nada. Tenta compreender o que é o medo. E se tiver medo, então aceita-o. Não tente ocultá-lo. Não tente criar o oposto. Se tiver medo, então tenha medo. Aceita-o como parte de seu ser. Se pode aceitá-lo, já desapareceu. Mediante a aceitação, o medo desaparece; mediante a negativa, o medo aumenta.

Chega a um ponto em que sabe que tem medo, e chega a compreender: «devido a este medo, não pode me acontecer o amor. Assim, muito bem, o que posso fazer? Tenho medo, de modo que só acontecerá uma coisa, não fingirei que amo, ou direi a minha amada ou meu amante que é devido ao medo que me estou aferrando a ti. No fundo tenho medo. Serei franco a respeito disso; não enganarei a ninguém, nem a mim mesmo. Não fingirei que isto é amor. Direi que isto é simplesmente medo. Devido ao medo, aferro a ti. Devido ao medo, vou ao templo, ou à igreja, e reza. Devido ao medo, lembro-me de Deus. Mas então se que isto não é oração, isto não é amor; isto é só medo. Sou medo, de maneira que, faça o que faça, está aí. Aceitarei esta verdade.»

Acontece um milagre quando aceita uma verdade. A aceitação mesma te troca. Quando sabe que há medo em seu ser e não pode fazer nada a respeito, o que pode fazer? Quão único pode fazer é fingir, e os fingimentos podem ir ao extremo mesmo, ao outro extremo.

Um homem muito atemorizado pode voltar um homem muito valente. Pode criar uma couraça em volto dele. Pode voltar um temerário, só para demonstrar que não tem medo, só para demonstrar a outros que não tem medo. E pode aventurar-se no perigo, pode enganar-se a si mesmo com que não tem medo. Mas inclusive o homem mais valente tem medo. Todo seu valor está simplesmente em torno dele; no fundo, treme. Para não tomar consciencia disso, salta ao perigo. envolve-se com o perigo para não tomar consciencia do medo; mas o medo está aí.

Pode criar o oposto, mas isso não vai trocar nada. Pode fingir que não tem medo; isso tampouco troca nada. A única transformação que pode acontecer é que simplesmente tome consciencia de que «sou medo. Todo meu ser está tremendo, e tudo o que faço é devido ao medo». Te tornaste fiel a ti mesmo.

Então não lhe tem medo ao medo. Está aí, forma parte de ti; não se pode fazer nada a respeito. Aceitaste-o. Já não finge, já não engana a ninguém, nem a ti mesmo. A verdade está aí, e não lhe tem medo. O medo começa a desaparecer, porque uma pessoa que não tem medo a aceitar seu medo se tornou valente; essa é a valentia mais profunda que é possível. Não criou o oposto, de modo que não há dualidade nela. aceitou o fato. tornou-se humilde ante ele. Não sabe o que fazer -ninguém sabe-, e não se pode fazer nada, mas deixou que fingir; deixou que usar máscaras, rostos. tornou-se autêntica em seu medo.

Esta autenticidade, e esta valentia para aceitar a verdade, troca-te. E quando não finge, quando não cria um amor falso, quando não cria um engano em torno de ti, quando não te volta uma pessoa falsa, tornaste-te autêntico. Nesta autenticidade, surge o amor; o medo desaparece, surge o amor. Esta é a alquimia interna de como surge o amor.

Agora pode amar, agora pode ter compaixão, compreensão. Agora não depende de ninguém, porque não há necessidade. aceitaste a verdade. Não há necessidade de depender de ninguém; não há necessidade de possuir e ser poseído. Não há nenhum desejo do outro. Aceita a ti mesmo; mediante esta aceitação, surge o amor. Enche seu ser. Não lhe tem medo ao medo, não está tentando te liberar dele. Simplesmente desaparece quando é aceito.

Aceita seu ser autêntico e será transformado. Recorda, a habilidade de aceitar, uma aceitação total, é a chave mais secreta do tantra. Não rechace nada. Mediante o rechaço ficará aleijado.

Aceita-o tudo, tudo o que é. Não o condene, e não tente te liberar disso. Isto suporta muitas coisas. Se tenta te liberar disso, terá que cortar seu ser em seções, fragmentos, partes. Ficará aleijado. Quando despreza algo, outra coisa fica também desprezada com isso -sua outra parte-, e fica aleijado. Então não é total. E não pode ser feliz a menos que seja total e esteja inteiro. Estar inteiro é ser sagrado. Estar em fragmentos é estar doente e adoentado.

De modo que direi, tenta compreender o medo. A existência lhe deu isso. Deve ter algum significado profundo, deve ter algum tesouro escondido, assim não o despreze. Não se dá nada sem algum sentido. Não existe nada dentro de ti que não possa ser usado em uma sinfonia mais elevada, em uma síntese mais elevada.

Tudo o que existe em ti, compreenda-o ou não, pode converter-se em um passo. Não o considere um obstáculo; deixa que se converta em um passo. Pode assumir que está obstaculizando o caminho; não está obstaculizando. Se pode te montar nisso, se pode usá-lo, te pôr sobre isso, será-te revelada uma nova vista do caminho em um nível mais alto. Poderá olhar em profundidade a possibilidade, o futuro, a potencialidade.

O medo está aí com certos propósitos. Tenta compreender isto. Um: se não haver medo, voltará-te muito egoísta, e não haverá forma de voltar atrás. Se não haver medo, tal como é nunca tentará te fundir na existência, no cosmos. Em realidade, se não haver medo, não poderá sobreviver absolutamente. De modo que está fazendo algo por ti. Independentemente do que seja, está desempenhando um papel nisso.

Mas se tráficos de ocultá-lo, eliminá-lo, criar seu oposto, dividirá-te e te voltará fragmentário, desintegrado. Aceita-o e usa-o. E no momento em que sabe que o aceitaste, desaparece. Tão somente tenta pensar, se aceitar seu medo, onde está?

Veio para mim um homem e disse: «Tenho muito medo à morte.» Tinha câncer, e a morte estava muito perto; podia acontecer qualquer dia. E não podia postergá-la. Sabia que ia acontecer. Viria em questão de meses, ou inclusive de semanas.

Estava realmente, fisicamente, literalmente, tremendo, e disse: «me dê tão somente uma coisa: como posso me liberar deste medo à morte? me dê algum mantra, ou algo que possa me proteger ou me dar valor para confrontar a morte. Não quero morrer tremendo de medo.» O homem disse: «fui a muitos Santos. Deram-me muitas coisas; foram muito amáveis. Alguém me deu um mantra, alguém me deu algumas cinzas sagradas, alguém me deu esta imagem, alguém me deu alguma outra coisa, mas nada serve. Tudo é em vão. Agora vim a ti como último recurso. Já não irei a ninguém mais. me dê algo.»

Assim que lhe disse: «Ainda não é consciente. por que está pedindo algo? Para te liberar do medo? Nada servirá. Não posso te dar nada; se não, igual a outros fracassaram, eu também fracassarei. E lhe deram algo porque não sabem o que fazem. Só posso te dizer uma coisa: Aceita-o. Treme se houver tremor... O que pode fazer? Vem a morte, e sente um tremor, assim treme. Não o rechace, não o reprima. Não tente ser valente. Não há necessidade. Vem a morte. É natural. Tenha medo totalmente.»

Ele disse: «O que está dizendo? Não me deste nada. Mas bem. pelo contrário, diz que o aceite.»

Disse-lhe: «Sim, aceita. Vete e morre em paz com total aceitação.»

depois de três ou quatro dias, voltou e disse: «Funciona. Não podia dormir durante muitíssimos dias, mas estes quatro dias dormi profundamente, porque é assim, tem razão.» Disse-me: «Tem razão. O medo está aí, a morte está aí, não se pode fazer nada. Todos os mantras são enganações; não se pode fazer nada.»

Nenhum doutor pode ajudar, nenhum santo pode ajudar. A morte está aí, é um fato, e está tremendo. É natural. Chega uma tormenta e toda a árvore treme. Nunca vai a

nenhum santo a perguntar *como* não tremer quando está acontecendo uma tormenta. Nunca vai a por um *mantra* para trocar, para proteger-se. Treme. É natural; é assim.

E o homem disse: «Mas aconteceu um milagre. Já não tenho medo.» Se aceitar, o medo começa a desaparecer. Se o rechaçar, resiste, lutas, dá-lhe energia ao medo. Esse homem morreu em paz, sem medo, sem temor, porque pôde aceitar o medo. Aceita o medo e este desaparece.

Última pergunta:

Usando técnicas similares à segunda técnica da que falou ontem, ouço sons como o fluir de um rio ou de uma corrente. Posso saber que som é este? Se tiver compreendido corretamente, não deveria haver pensamentos ou som, e deveria ter completo silêncio. Então, o que é este som?

Ao princípio, antes de que te aconteça o silêncio, acontecerá o som. De modo que é um bom sinal. As palavras, a linguagem, a verbalización desaparecem; a segunda capa é de som. Mas não lute com ele; desfruta-o. Voltará-se musical, belo.

Encherá-te de sua música, e cobrará nova vida com isso.

Quando a mente desaparece, aparece um som natural interno. Deixa que aconteça. Medita com ele. Não lute com ele; se simplesmente uma testemunha dele; fará-se mais profundo. E se não lutar com ele e não cria nenhuma conflito, desaparecerá por si só, e quando desaparecer, cairá no silêncio. Palavras, som, silêncio. As palavras são humano, os sons são naturais, o silêncio é cósmico.

De modo que é um bom sinal. Isto é o que se chama *nada*, o som interno. Ouça, desfruta-o, se uma testemunha dele. Desaparecerá. E não se preocupe e pense que não deveria estar aí. Se disser que não deveria estar aí, ou se te apressa a te liberar dele de algum jeito, voltará para a primeira capa, às palavras. Recorda isto. Se lutas com esta segunda capa de som, começaste a pensar nela e entraram as palavras. Se disser algo sobre este som, perdeste a segunda capa, mais profunda, e tornaste a cair na primeira. foste à mente.

Não diga nada, não pense nisso. Nem sequer diga que isto é som. Simplesmente escuta-o. Não crie nenhuma palavra em torno dele. Não lhe dê nenhum nome ou forma. Deixa que seja *como* é. Deixa que flua, e se uma testemunha. A corrente flui, e está sentado na borda; só uma testemunha..., sem nem sequer saber o nome da corrente, sem saber onde vai, sem saber de onde vem.

Simplesmente sente-se junto ao som, e cedo ou tarde desaparecerá; e quando desaparecer, haverá silêncio. Isto é um bom sinal. Há meio doido uma segunda capa. Mas se tenta pensar nela, perderá-a; voltará a cair à primeira, Se não pensar nela e pode desfrutá-la sendo uma testemunha, irá ainda mais profundo, à terceira capa.

GRUPO PROVISÃO, ESTUDA MECÂNICA
QUÂNTICA
VENHA PARTICIPAR , VC TAMBÉM
65 9 9632 0674